

DONNA GRANT

The background of the cover features a romantic scene between a man and a woman. The man, with dark hair and a beard, is leaning over the woman, who is lying down and looking up at him. They are in a dreamlike, ethereal setting with a soft, blue and green color palette. In the background, there is a silhouette of a city skyline under a starry night sky. The overall mood is romantic and magical.

SHADOW
MAGIC

SISTERS OF MAGIC

DG





POISON BOOKS

DISPONIBILIZAÇÃO: MERLIN CAT

TRADUÇÃO: FREYJA E CAILLEACH

REVISÃO: FREYJA E CIRCE

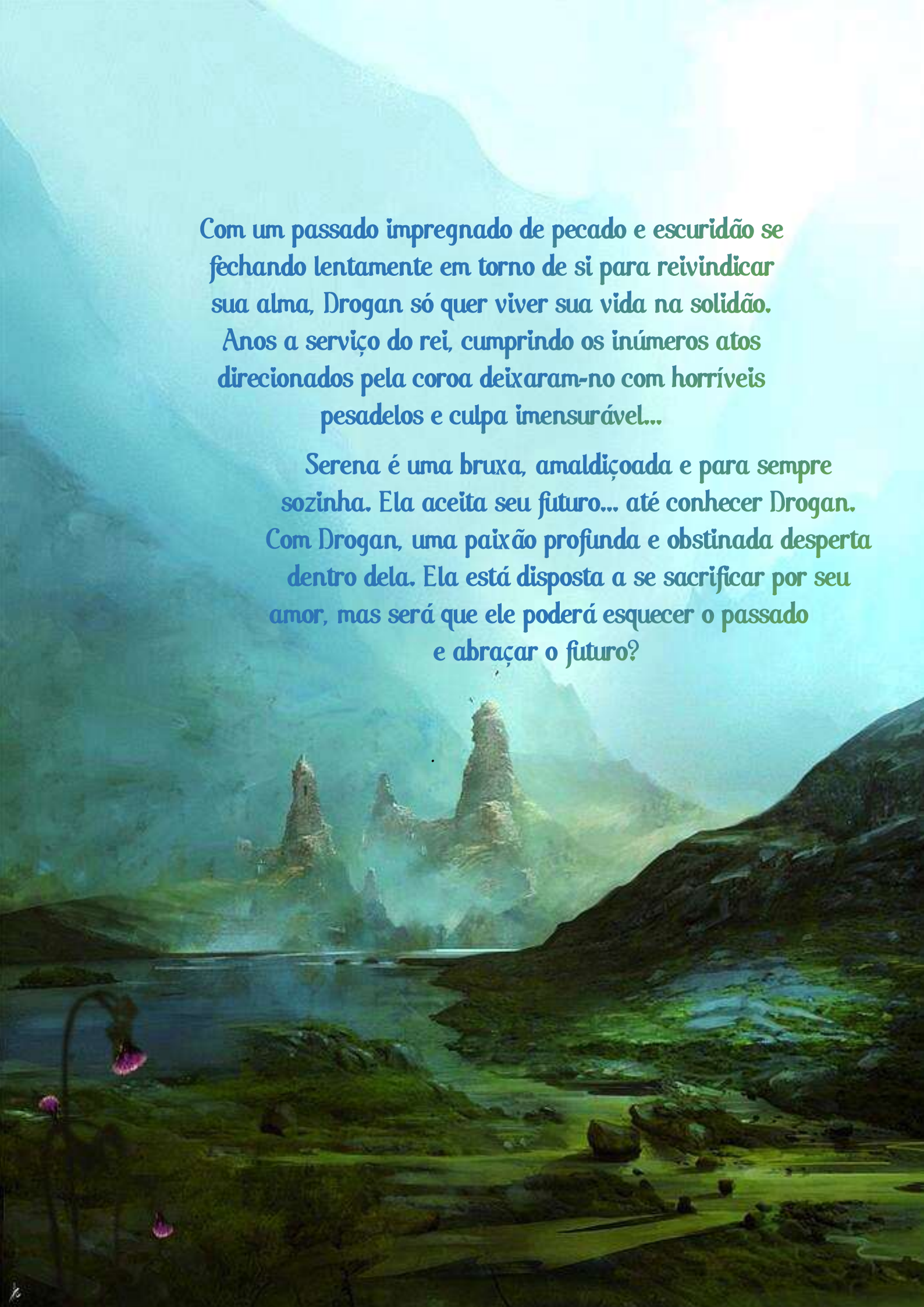
LEITURA FINAL: HÉCATE

FORMATAÇÃO: CIRCE

SISTERS OF MAGIC

Donna Grant





Com um passado impregnado de pecado e escuridão se fechando lentamente em torno de si para reivindicar sua alma, Drogan só quer viver sua vida na solidão. Anos a serviço do rei, cumprindo os inúmeros atos direcionados pela coroa deixaram-no com horríveis pesadelos e culpa imensurável...

Serena é uma bruxa, amaldiçoada e para sempre sozinha. Ela aceita seu futuro... até conhecer Drogan. Com Drogan, uma paixão profunda e obstinada desperta dentro dela. Ela está disposta a se sacrificar por seu amor, mas será que ele poderá esquecer o passado e abraçar o futuro?

CONTÉM

BENOS DE
CAVALEIRO
MEDIEVAL

Apaixone-se
sem medo



CAPÍTULO UM

*Castelo de Hawthorne
Centro da Inglaterra, 1127*

Ciúme descontrolado pode tornar uma boa alma tão negra quanto Satanás.

E foi isso que aconteceu na primeira vez que Serena de Hawthorne viu o Senhor Droган de Wolfglynn com uma mulher formosa em seus braços. O ciúme foi instantâneo e mais afiado que qualquer agulha que pudesse perfurar sua pele. Serena nem deveria tê-lo notado.

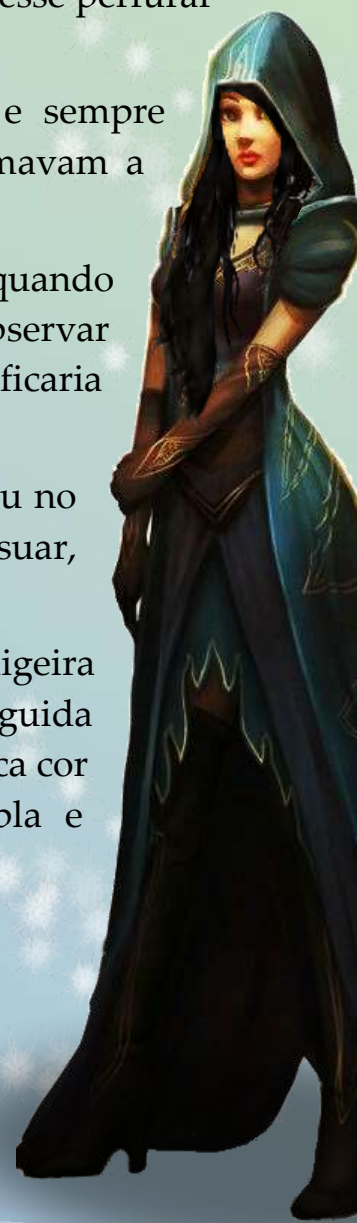
Ela era uma *bhuidseach bana*¹, uma bruxa, amaldiçoada e sempre sozinha. Por causa do que era, os homens raramente lhe chamavam a atenção. Exceto Droган.

Seu modo firme de andar vacilou, e ela logo se deteve quando parte do público no grande salão se abriu para lhe permitir observar Droган por um instante. A partir desse momento, a imagem dele ficaria gravada em sua memória para sempre.

Estava cheio de pessoas ao seu redor, mas seu olhar se fixou no Senhor Droган de Wolfglynn, e o que viu a fez começar a suar, agitando sua alma pela primeira vez.

Seu cabelo castanho escuro caía grosso e reto com uma ligeira curvatura nas bordas de seus ombros largos. Ele tinha a cabeça erguida e sobrancelhas ligeiramente arqueadas sobre os olhos com uma rica cor dourada. Seu nariz era reto e aristocrático, e sua boca ampla e abrangente.

¹ Feiticeira em gaélico



Levava um casaco de couro marrom sobre uma grande túnica verde, que não fazia nada para ocultar os músculos em seus braços e peito. Seu olhar se moveu mais abaixo, para suas pernas grossas de pele firme. Botas usadas, mas bem cuidadas, fechavam seus pés e as panturrilhas.

Serena conseguiu ver algo brilhante na parte superior da bota esquerda, o que sugeria uma adaga oculta. Já a espada e a adaga presas em sua cintura permitiam a todos saber que ele era um guerreiro.

Ela levantou o olhar para encontrar a Drogan a olhando. Por um breve instante, Serena se encontrou andando na direção dele. Mas então alguém tropeçou nela, e isso bastou para detê-la. Ela deu as costas a Drogan e ao desejo em seu coração.

O dever chamava.



Drogan ficou paralisado enquanto examinava a multidão, procurando outro vislumbre da beleza esquiva que tinha capturado sua atenção, e quanto mais tempo observava sem vê-la, mais irritado ficava.

Havia algo nela que era... diferente de qualquer mulher que tinha existido antes - e ele tinha estado ao redor de muitas.

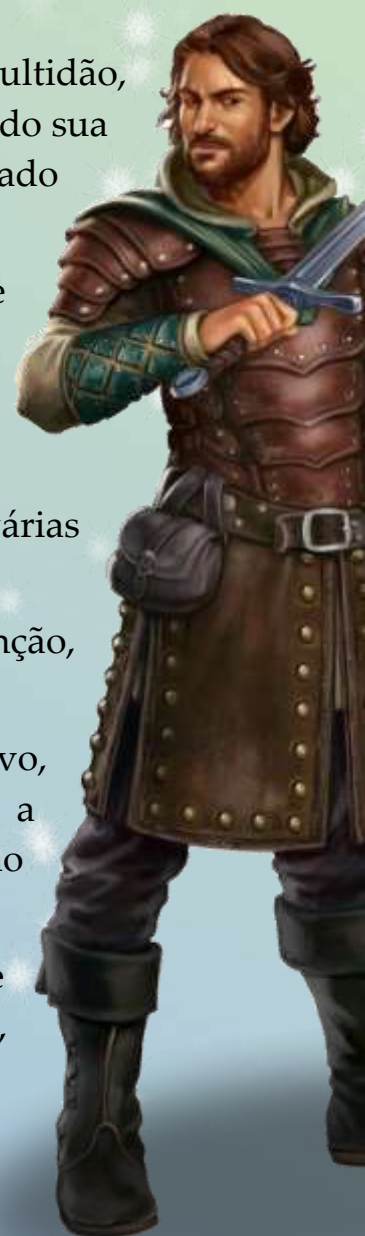
— Drogan, para quem está olhando? — Perguntou Penélope, com sua habitual voz estridente.

Ele quase gemeu. — Ninguém. — Falou, observando as várias outras garotas seguindo seus caminhos.

— Acredito que as garotas estão tentando ganhar sua atenção, — disse Penélope, antes de se afastar.

Penélope era sua prima e, embora tivesse um rosto atrativo, suas choradeiras e reclamações constantes acabariam com a paciência de um santo. Ele não queria trazê-la esta noite, mas não tinha encontrado nenhuma forma de evitar.

Eventualmente, uma forte comoção agitou à enorme multidão: as pessoas se separaram quando Gerard e sua esposa,



Maris, entraram no grande salão. Drogan riu ao ver seu amigo com um sorriso bobo na cara. Naquele momento, Gerard tinha muito para ser feliz. Ele tinha encontrado à mulher de seu coração, e agora tinha uma formosa filha.

Sim, Gerard tinha muito para estar satisfeito.

Drogan deixou de lado suas dúvidas e temores quando seu amigo se aproximou dele. Ele agarrou o braço do Gerard, e eles se cumprimentaram. Era bom saber que Gerard não tinha deixado que seu corpo guerreiro ficasse fraco, o que significava que ainda treinava tão duro como estava acostumado a fazê-lo.

— Não sabia se viria, — Gerard disse enquanto alisava a barba.

Uma risada escapou de Drogan. — Nunca perderia isto, velho amigo. Deveria saber.

— Sim, — disse Gerard com um enorme sorriso. — Mas, como senhor de meu próprio domínio, sei o quão difícil é escapar, mesmo que seja por um dia. Quanto tempo poderá ficar?

— Sempre e quanto for necessário.

Gerard pareceu relaxar. — Bem. Sim, muito bem.

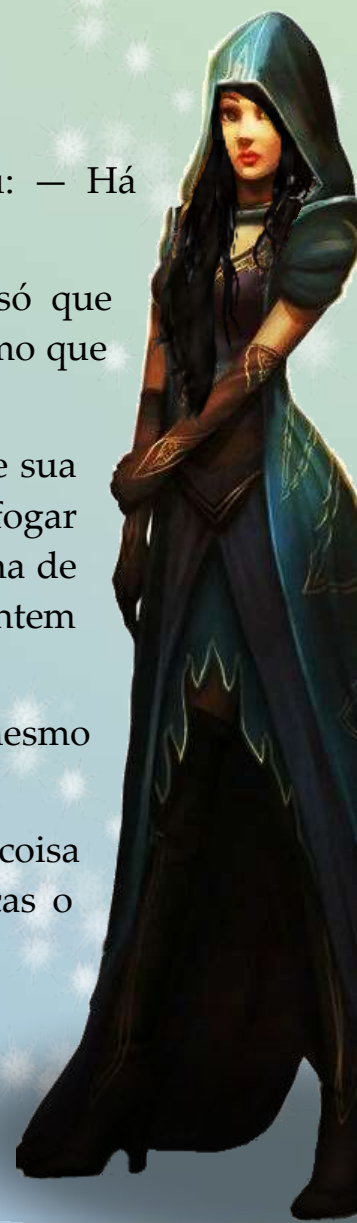
Percebendo algo em seu tom instável, Drogan perguntou: — Há algo errado?

— Não, absolutamente, — Gerard lhe assegurou. — É só que agora que tenho à pequena Jocelyn me preocupo muito mais. Temo que não vou ser capaz de protegê-la.

Drogan soltou um suspiro que não sabia estar segurando, e sua companheira sempre presente, a escuridão que ameaçava lhe afogar em suas profundezas, se agitou e rugiu a vida. Tomou cada grama de controle ignorá-la. — Estou seguro de que todos os pais se sentem como você.

— Meu maior desejo é que você descubra isso por si mesmo muito em breve.

Drogan riu com o Gerard, mas por dentro sabia que tal coisa nunca aconteceria. Muitas coisas foram feitas, muitas lembranças o perseguiram, especialmente uma...



— Escuridão domina seus pensamentos.

A voz suave e melódica o sacudiu até a medula. Ele moveu a cabeça para ver a beleza escorregadia que passava por perto, e poderia ter jurado que ela tinha falado, mesmo sem tê-la visto mover os lábios.

Drogan a seguiu com o olhar. — Quem é aquela?

— Quem? — Gerard perguntou.

Mas antes que Drogan pudesse explicar, Maris lhes fez sinal. Ele então arrastou Gerard até a esposa e sua pequena filha, embora seu olhar tivesse se detido no lugar onde a senhora tinha estado um segundo antes.

— Drogan, estou tão contente de que tenha vindo. — Maris lhe disse enquanto tomava sua mão em saudação.

Ele olhou à mulher de seu amigo com um sorriso. Maris não era uma grande beleza, mas seu cabelo castanho claro, olhos cinzas e rosto em forma de coração havia virado a cabeça de Gerard suficientemente rápido.

— Não teria perdido isso por nada.

Maris lhe deu um sorriso brilhante e o conduziu ao berço. — Isto é impressionante. Tem muito talento nessas tuas mãos, Drogan de Wolfglynn. É uma pena que as utilize para manejar uma espada.

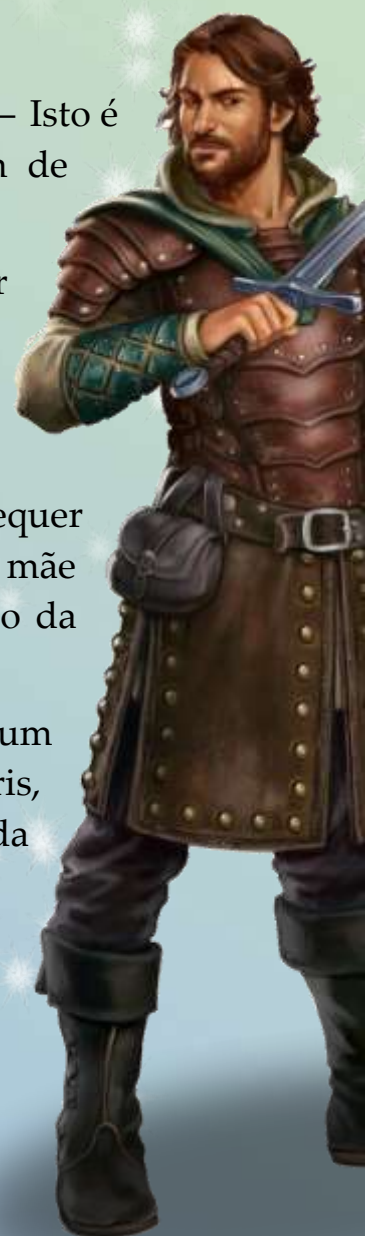
— Não me castigue, minha senhora. Um homem deve fazer o que puder para sobreviver a estes tempos.

Seus brilhantes olhos se nublaram. — Não me recorde disso.

Drogan odiava ter relembrado algo tão terrível sem sequer perceber. Será que estava se tornando tão rude quanto sua mãe sempre disse que seria? Era isso o que tinha feito ser um cavaleiro da coroa?

Um sino soou alto e claro no grande salão, tomando só um segundo para acalmar a multidão. Enquanto estava junto a Maris, Drogan tomou seu tempo para examinar a multidão, à procura da mulher. Ela estava aqui. Ele sabia.

— A quem procura? Lady Penélope? — Perguntou Maris.



— Céus, não, — disse Droган. — Deixei-a com um montão de outras jovens, onde espero que ela fique.

— Foi amável de sua parte trazê-la.

Droган encolheu os ombros. — Sei o que é estar preso em um lugar onde não se deseja estar.

— Quanto tempo falta para que seu pai retorne para buscá-la?

— Não estou seguro de que o fará.

— Oh.

Droган escutou a tristeza na voz de Maris. Ela saberia exatamente como se sentia Penélope, já que o mesmo aconteceu com ela.

Ao fundo, ele escutou como Gerard falava da lealdade de seu povo e das bênçãos que Deus lhe tinha dado com Maris e Jocelyn. Não houve menção do inferno pelo qual eles tinham passado, nem dos pecados que manchavam suas almas - e nem haveria. Droган duvidava inclusive que Maris conhecesse toda a história. Algumas coisas era melhor manter em segredo, pela segurança de todos os envolvidos.

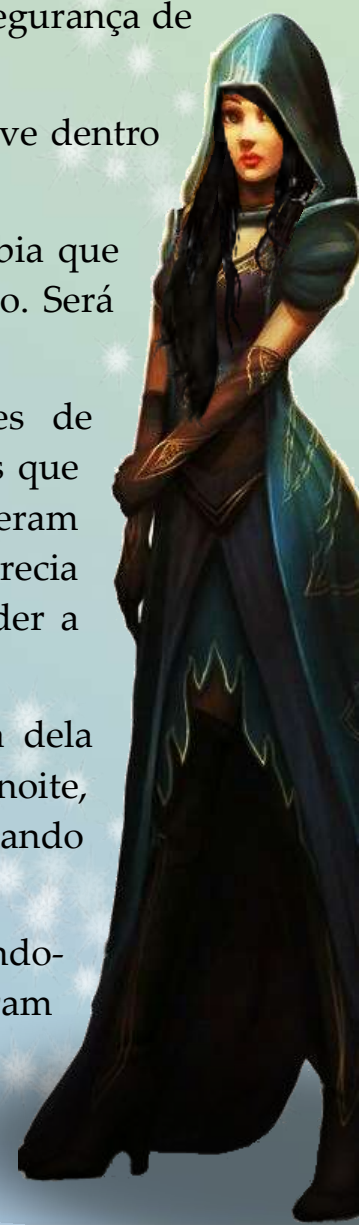
— E temos sorte, — disse Gerard, — de ter alguém que vive dentro de nossas fronteiras, e que se somará às bênçãos de minha filha.

Droган olhou para Gerard, sem saber a que se referia. Sabia que Gerard era religioso, mas não havia nenhum sacerdote por perto. Será que uma irmã estaria concedendo a tal bênção?

Após a fala de Gerard, Droган ouviu as exclamações de assombro dos presentes, e se voltou para encontrar nada menos que sua beleza esquiva andando em sua direção. Seus passos eram pausados e elegantes, como se ela flutuasse no ar. Também parecia haver um brilho etéreo nela, o que lhe dava vontade de estender a mão e tocá-la.

A primeira coisa que ele notou foi seu cabelo. A cabeça dela estava sem adornos, e seu cabelo era tão negro quanto à meia-noite, pendendo quase até a cintura em suaves ondas. Entretanto, quando ela o olhou nos olhos, ele viu o azul escuro deles.

Grandes e expressivos olhos dominavam seu rosto. Encarando-o, suas bochechas salientes e carnudos lábios rosados se detiveram



em um meio sorriso, o que sugeria que ela sabia de algo que outros desconheciam, o que só acrescentava a sua beleza delicada.

Ele pode fazer pouco mais que olhar enquanto ela subia a bancada e caminhava para junto dele para olhar sobre o berço. Eventualmente, porém, seus pés se moveram por vontade própria e o levaram mais perto dela.

— É um formoso berço, meu senhor, — ela disse a Gerard.

Ele sorriu. — Foi um presente do Senhor Drogan de Wolfglynn. — E se voltando para Drogan, acrescentou. — Drogan, esta é Lady Serena.

A atenção dela se centrou em Drogan. — Por favor, diga a seu carpinteiro que fez uma excelente peça, meu senhor.

— Você acabou de dizer a ele.

Seus olhos se arregalaram. — Você fez isto?

Ele assentiu com a cabeça.

Ela retornou à base e passou as mãos sobre a madeira esculpida. — É magnífico, meu senhor. Tem um dom especial.

Ele lhe dirigiu um sorriso, mas não foi capaz de dizer mais enquanto se voltava para ficar do outro lado de Maris, inalando e apanhando um sopro de lilás no caminho. Instintivamente, ele sabia que o perfume vinha de Serena.

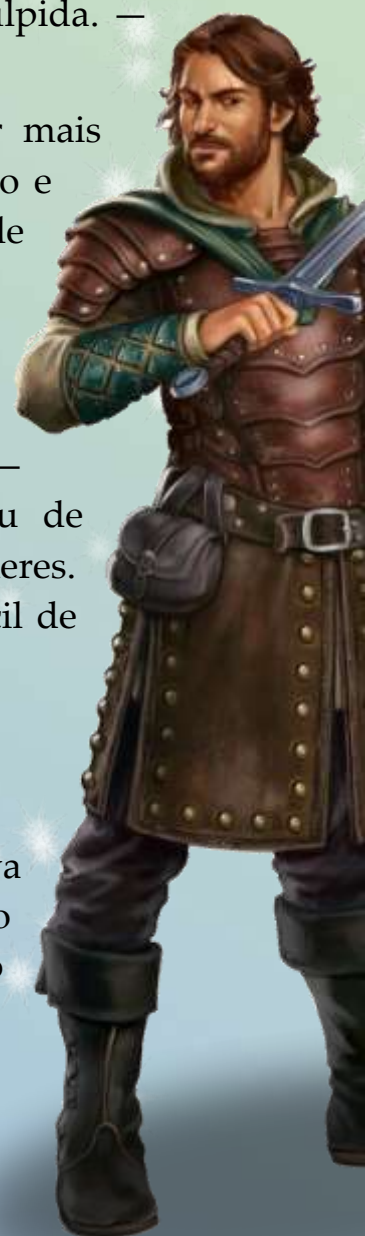
Serena. O nome lhe convinha. Era igualmente imponente, elegante e formoso como ela.

— Então, quer dizer que ela chamou a sua atenção, — Gerard sussurrou enquanto se aproximava. Drogan encolheu de ombros, e Gerard continuou: — Ela não é como as outras mulheres. — A advertência nas palavras do amigo, porém, não foi tão fácil de ignorar.

— Como assim?

— Isso é dela para compartilhar.

Drogan assentiu e desviou o olhar para Serena. Ela estava junto a Maris, já que elas olhavam o bebê dormir. As pessoas no grande salão rastejavam para perto e sussurravam enquanto esperavam.



Eventualmente, Serena levantou as mãos e inclinou a cabeça para trás enquanto fechava os olhos. Drogan viu que seus lábios se moviam, mas não pôde distinguir as palavras, não importava o quanto se esforçava. Entretanto, ao observar Gerard e Maris, percebeu que eles pareciam contentes pelo que Serena estava dizendo sobre o bebê.

Acabou tão rápido como começou. Serena logo se separou do berço, e os aldeãos de Hawthorne começaram a se apresentar e oferecer seus presentes à nova filha do Gerard.

Quando Drogan se aproximou e olhou para cima, Serena tinha desaparecido mais uma vez. Ele começou a se afastar para procurá-la, mas Maris o pegou pelo braço e o levou a uma cadeira junto a Gerard. Ela o empurrou na cadeira antes de sorrir a seu marido, que aceitava os presentes.

— Está perdendo seu tempo com Serena, — disse Maris.

Drogan lutou contra o impulso de revirar os olhos. — O que te faz pensar que sequer estou interessado?

— Quer dizer além do fato de que não tirou seus olhos dela? — Maris suspirou e se sentou na outra cadeira perto de Gerard. — Quero que seja feliz, Drogan. Que encontre uma esposa e tenha uma família em Wolfglynn. Mas não poderá encontrar nenhuma dessas coisas com Serena.

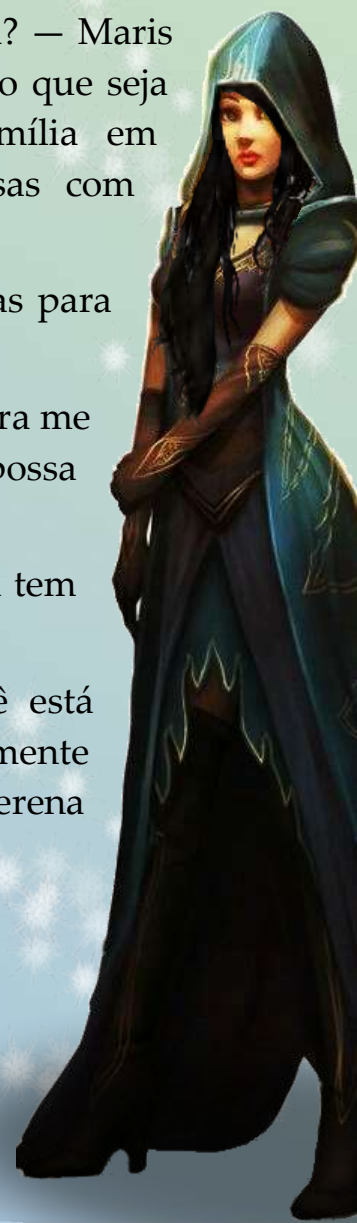
— Não quero nenhuma dessas coisas, — disse. — São boas para alguns, mas não para mim. Deveria saber disso.

— Gerard superou seus pesadelos, ao menos o suficiente para me aceitar em sua vida. Não há nenhuma razão para que você não possa fazer o mesmo.

Drogan a olhou, encarando seus olhos cinzentos. — Gerard tem sorte de te você.

Ela riu e inclinou a cabeça para um lado. — Ah, você está tentando mudar de assunto. — E então seu sorriso simplesmente desapareceu. — Quero te alertar, porém, que não veremos Serena sofrer. Ela é especial para nós, e para Hawthorne.

— Quem é ela? — Ele tinha que saber.



Um lento sorriso apareceu no rosto de Maris. — Algo extraordinário.

— Quer dizer que não sou o suficientemente bom para ela, — brincou.

— Não é isso. Se eu não lhe conhecesse como conheço, tentaria arduamente emparelhar os dois, na verdade.

Drogan riu. — Me alegro por sua felicidade, Maris, mas, como disse antes, isso não é para todo mundo. — Ele se levantou. — Agora, vou procurar Penélope e me assegurar de que ela não esteja dando um espetáculo.



CAPÍTULO DOIS

Serena inclinou a cabeça para trás e deixou que o vento a envolvesse. O frio da brisa lhe fez desejar ter pensado em trazer sua capa, mas ela tinha necessitado escapar rapidamente da grande sala, já que Drogan e seus olhos marrons a procuravam. Ela se aventurou pelas muralhas então, encontrando ali uma possibilidade de ficar sozinha. Não era ruim que também amasse a vista sobre Hawthorne e seu povo.

Levantou o olhar e ficou olhando o céu manchado de tinta enquanto as estrelas brilhavam acima. Era noite de lua cheia, e a luz brilhante iluminava tudo com seu suave resplendor.

Mas, ela não teria precisado de luz para ver quando Drogan se aproximou. Ela o sentiu. Ela baixou a cabeça para olhar à terra de Gerard, dele por direito de nascimento, mas dela aos olhos de Deus.

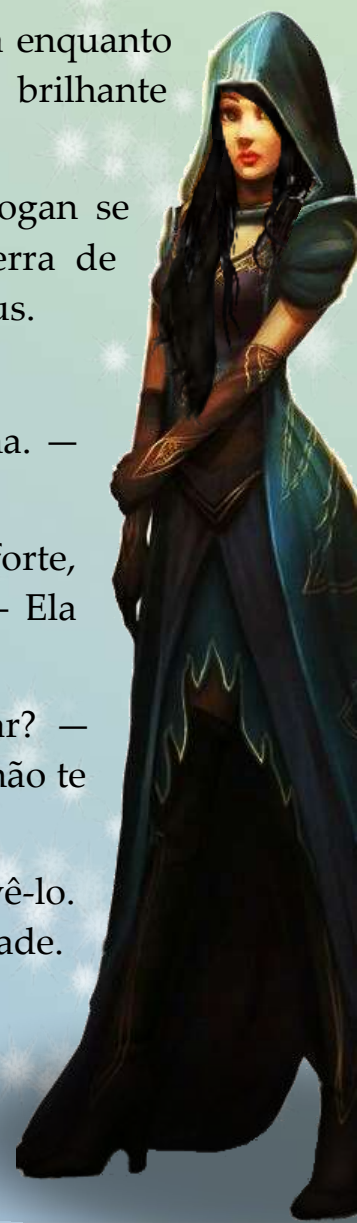
— Olá, Senhor Drogan, — Ela disse sem se virar.

Ele se aproximou e pôs as mãos sobre a parede da muralha. — Como soube que era eu?

— Você tem um aroma muito especial. O sândalo é muito forte, mas também cheira a traços de pinheiro e um toque de canela. — Ela manteve os olhos à frente, com medo de olhá-lo.

— Isso é um pouco assustador. Tenho que me preocupar? — Perguntou ele em voz baixa. — Porque tenho a sensação de que não te importo muito para que perceba tanto a meu respeito.

Sua declaração a surpreendeu, e ela girou a cabeça para vê-lo. Observou seu perfil por um momento antes de dizer: — É a verdade.



Você me inquieta, mas não pela razão que está pensando. Você é um homem bom, meu senhor.

— O diz como se soubesse que é verdade.

— É porque eu sei que é verdade.

Seus olhos dourados a encararam. — E como sabe? Devido ao que Gerard e Maris lhe disseram...

— Em realidade, sei mais do que aquilo que me foi dito. E sei porque o sinto. — Ela se aproximou e pôs a mão sobre o coração. — Aqui.

— O que é você? — Ele sussurrou, seus olhos entrecerrados em perplexidade.

— Sou uma mulher.

Ele resmungou. — É muito mais que isso, — disse, antes de se virar e olhar sobre a muralha.

Serena suspirou e se apoiou contra a parede da muralha. Não gostava de se afastar de Droghan, embora devesse fazê-lo. — Sou uma bana-bhuidseach.

— O que é isso? — Ele perguntou enquanto seu olhar retornava a ela.

— É a palavra gaélica para... bruxa.

Durante uns momentos, ele a olhou fixamente. Ela apenas lhe devolveu o olhar, o assistindo enquanto a estudava.

— Uma bruxa? — Repetiu.

— Sim. Gerard e Maris, junto com o povo do Hawthorne, me protegem.

— E por que me diria isso? Eu poderia sair daqui e contar a todos o que você é... — disse, com sua postura agora tensa.

Por um breve segundo, ela apenas fechou os olhos. — Você não vai fazer isso, Senhor Droghan. Você se preocupa muito com Gerard e Maris para simplesmente lhes trazer qualquer tipo de desgosto, e considerando o quanto eles se preocupam comigo...



— É isso que não entendo, — ele disse, elevando a voz ao vento antes de se afastar e cruzar os braços sobre o peito. Quando voltou a falar, porém, tinha recuperado o controle. — Conheço Gerard há muitos anos, e ele nunca me falou sobre ti. Nós compartilhamos horrores que não se podem imaginar, então porque ele iria esconder isto de mim?

— Você o está culpando pelo que não devia. Atua como se estivesse zangado porque ele nunca falou sobre mim, quando em realidade está zangado porque não pode considerar que Gerard acreditaria em algo como eu.

Ela não teve que esperar muito tempo para sua reação. Ele deu um passo na direção dela, e perguntou em voz baixa. — Como soube?

Ela respirou fundo. — Eu sou uma bruxa, meu senhor. Mas não no sentido que se pode pensar. Não sou má.

— Me conte mais sobre isso. — Drogan falava em voz baixa, mas ela sabia que ele estava à beira da insanidade.

— Certo. Eu venho de uma linha de mulheres abençoadas com certas habilidades.

— Como o que? — Ele apoiou o cotovelo na muralha enquanto escutava.

— Sinto as coisas mais profundamente que você. Por exemplo, o vento que sopra. Sente-o?

— Sim, — ele respondeu. — Logo que toca minha pele.

— Faz frio?

— É o suficientemente fresco neste calor do verão. Por que?

— Para mim, sinto como os dedos gelados do inverno. O calor do sol pode te fazer suar, mas pode às vezes criar bolhas em minha pele.

— Todas estas coisas lhe afetam tanto?

— Sim.

Ele assentiu com a cabeça ao pensar sobre suas palavras. — Que outras habilidades?



— Algumas, — respondeu ela. Sabia que ele tinha aprendido o suficiente esta noite. Não havia necessidade de entrar nas muitas outras coisas que ela podia fazer.

O silêncio encheu o ar, e ela ficou contente com ele. Embora gostasse de estar sozinha na muralha, não lhe importava que Droган estivesse ali. E isso a assustava como nada mais podia.

— Você vem de uma linha de mulheres, pelo que disse, — ele continuou.

— Sim. Durante muitas gerações foi assim, mas estamos em vias de desaparecimento. Há só um punhado de nós nesta terra agora.

— Suas habilidades não passam a seus filhos? — Ele perguntou, com o cenho franzido.

— Só passa às mulheres, mas essa não é a razão.

— E qual é a razão?

— Fomos amaldiçoadas. Por um dos nossos.

Droган permaneceu em silêncio surpreso quando as palavras de Serena penetraram seu cérebro. Amaldiçoadas? Por um dos seus? Mas, por que? Estava a ponto de perguntar quando um guarda chamou Serena da entrada da torre.

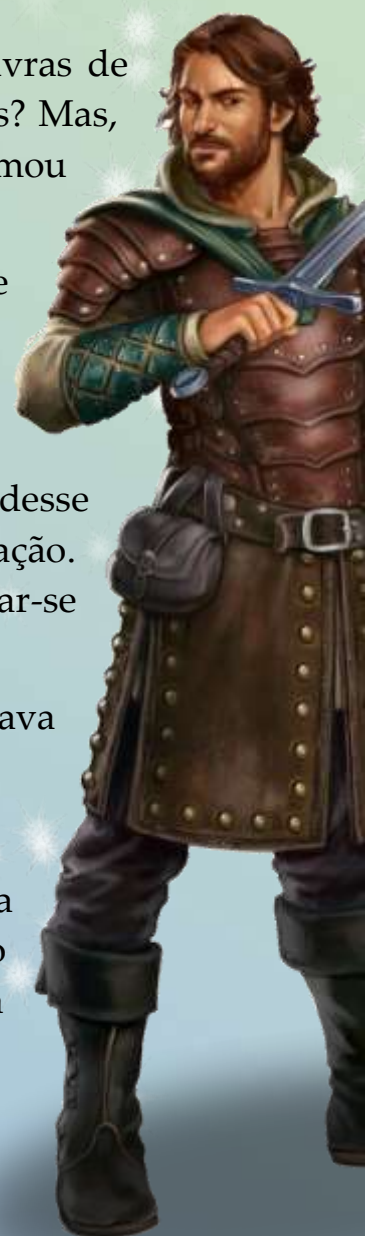
— Lady Serena, o Senhor Gerard e Lady Maris desejam que você os encontre no solar.

Havia tantas perguntas que ele queria fazer a Serena, embora soubesse que teria que esperar. Ele também sabia que deveria ficar nas muralhas, porque o que quer que Gerard pudesse querer com Serena, certamente que não era de sua preocupação. Entretanto, ele a seguiu ao solar, com toda a intenção de afastar-se uma vez que ela estivesse com o amigo.

— Boa noite, — Serena ofereceu a Droган enquanto passava pela porta que Gerard mantinha aberta para ela.

— Droган, — disse Gerard. — Entre.

Curiosidade pesava sobre ele. Então ele assentiu com a cabeça e entrou no amplo solar, encontrando Maris de pé junto ao berço. Lançando mais uma olhada à câmara, encontrou Serena



de pé debaixo de uma janela, seu vestido azul escuro inundado pela luz da lua e sua pálida pele brilhando intensamente.

Apesar do que tinha ouvido, ainda queria conhecê-la. Ele não era o tipo de homem que acreditava em nada do que se falava, mas havia algo diferente nela. E ele conhecia Gerard por muito tempo para não acreditar que ele também confiava em Serena.

— Reconsideraste-o? — Gerard perguntou a Serena.

Ela negou com a cabeça, movimentando seu cabelo negro. — Não.

Maris deu um passo para ela. — Eu sei que nos deu suas razões, mas me faria sentir muito melhor.

Drogan observou enquanto Serena deixava cair a cabeça para frente, fechando os olhos.

— Rogo-lhe isso. Não me peça isso.

— Não lhe pediria se não fora importante, — disse Gerard.

Drogan não se moveu de seu lugar ao lado da porta. O que quer que estivesse acontecendo, ele sabia que machucava Serena. Ele viu como ela virou seus olhos azuis na direção dele, e também viu um breve brilho de dor atravessá-los antes de renúncia os encher.

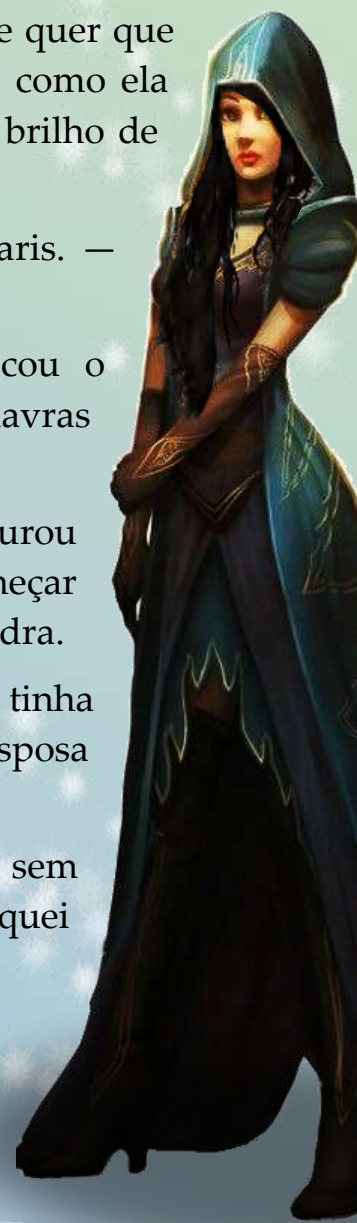
Ela se aproximou do berço e logo se virou a Gerard e Maris. — Não volte a me pedir isto de novo.

Gerard assentiu. Serena colocou a mão no berço e tocou o pequeno braço do Jocelyn. Drogan ouviu um canto suave, as palavras em um idioma que não entendia.

Por um momento não aconteceu nada, mas logo Serena segurou o fôlego enquanto seu rosto se contorcia de dor. Drogan a viu começar a cair, mas a pegou um momento antes que atingisse o chão de pedra.

E então sentou-se ali, com a mulher mais sedutora que já tinha encontrado em seus braços enquanto seu melhor amigo e sua esposa os observavam.

— O que aconteceu com ela? — Perguntou a Gerard, sem incomodar-se em dissimular a irritação em sua voz. — Nunca fiquei



sabendo de você prejudicando intencionalmente uma mulher. Ela está tão fria quanto gelo.

— Lhe dê um momento, — foi tudo o que Gerard disse.

Mas, quanto mais tempo Drogan passava sentado ali, mais furioso ficava. Como Gerard podia ter pedido a Serena para passar por esse tipo de dor, e logo sequer se preocupava por ela ter desmaiado? Possivelmente Gerard não era o homem que Drogan acreditava conhecer.

E isso era algo no que teria que pensar.

Eventualmente Serena se agitou em seus braços, e seu fôlego quente abanou seu pescoço enquanto ela movia a cabeça, abrindo os olhos.

— Você está bem? — Perguntou.

— Estarei em um momento. — Ela olhou a seu redor, com os lábios apertados em uma linha fina e o cenho franzido pela confusão. — O que estou fazendo em seus braços?

— Eu te segurei.

Um pequeno sorriso puxou um canto dos lábios dela. — Ninguém nunca se atreveu. Obrigada. — Ele lhe devolveu o sorriso, sem saber por que alguém não a ajudaria.

— Serena, — Gerard começou, mas Drogan levantou a mão.

— Lhe dê um momento. — Drogan repetiu as palavras de Gerard com inflexão ácida. — Não vê que ela está fraca?

Os olhos do Gerard brilharam em surpresa antes dele assentir.

Logo em seguida Serena começou a se levantar, e Drogan a ajudou a sentar-se em uma cadeira. Uma vez que estava seguro de que ela estava bem, confrontou o amigo.

— Agora você pode falar.

Gerard não perdeu o tempo. — O que você viu?

— Por favor, compreendam que só vejo vislumbres. — Serena cruzou as mãos sobre o colo e olhou para o piso. — Ela vai viver uma vida muito longa e terá muitos filhos e netos.



— Está segura?

Ela assentiu. — Terminamos?

— Sim, — disse Maris.

Drogan ficou ao lado de Serena enquanto ela tremulamente levantava.
— Te levarei a seu quarto.

— Isso não é necessário. Eu não vivo no castelo.

— Então vou acompanhá-la a sua casa.

Pensando que ela iria discutir, se surpreendeu quando ela assentiu com a cabeça. — Certo.

Drogan segurava seu braço enquanto saíam do solar. Entretanto, esperou que se afastassem do castelo e chegassem ao pátio antes de falar.

— O que aconteceu lá?

Ela sacudiu a cabeça. — Espere. Agora não.

Ele mordeu a língua enquanto caminhavam pelo atalho sinuoso, tropeçando nas pedras até que chegaram a uma casa de campo.

Estava escuro no lado de dentro quando ela abriu a porta e entrou. Aromas de lilases, de cevada e de pinheiro o invadiram.

— Fique ali enquanto acendo o fogo, — ela disse antes de se afastar dele.

Pouco depois, um fogo ardia na chaminé, com o qual ela acendeu algumas velas. Ele então observou à casa de campo, encontrando vários lotes de flores e outras ervas pendurados em uma viga no teto para secar, e filas e mais filas de frascos alinhados em uma parte da parede junto à chaminé.

A casa era pequena, mas acolhedora. Uma cortina dividia a sala principal de outra câmara, onde havia uma cama. Uma pequena mesa com duas cadeiras se interpunha entre ele e a chaminé. Outra cadeira estava colocada junto a uma janela no lado oposto.

— Por favor, sente-se. — Ela assinalou a mesa. — É tarde, e você ainda não comeu. Quer que lhe prepare algo?



Drogan negou com a cabeça. — Não se incomode. Vou comer quando retornar ao castelo.

Serena se aproximou do fogo e esfregou as mãos em busca de calor. Ela ainda tremia, mas parecia muito melhor do que tinha estado depois de despertar em seus braços.

— Suponho que queira saber o que Gerard me pediu para fazer, — disse.

— Sim. Eu nunca pensei que ele seria tão inflexível a respeito de algo que poderia ferir outra pessoa. É algo de que não gosto.

Ela suspirou e o encarou. — Ele me pediu para ver o futuro de Jocelyn.

— E você pode fazer isso?

— Se olhar o suficientemente profundo. O que ele não entende é que eu sempre vejo o mesmo. Morte.

Drogan se sentou ante suas palavras, e observou o desagrado que distorcia seu formoso rosto. — Toda vez?

Ela assentiu. — É uma parte da vida de todos. Não importa se forem morrer em uma hora, ou em outro local daqui a três anos. Eu sempre vejo suas mortes.

— Vê algo mais?

— Às vezes, — admitiu. — Embora seja muito estranho.

Ele semicerrou os olhos ao dar-se conta do que tinha feito.

— Você mentiu a Gerard e Maris.

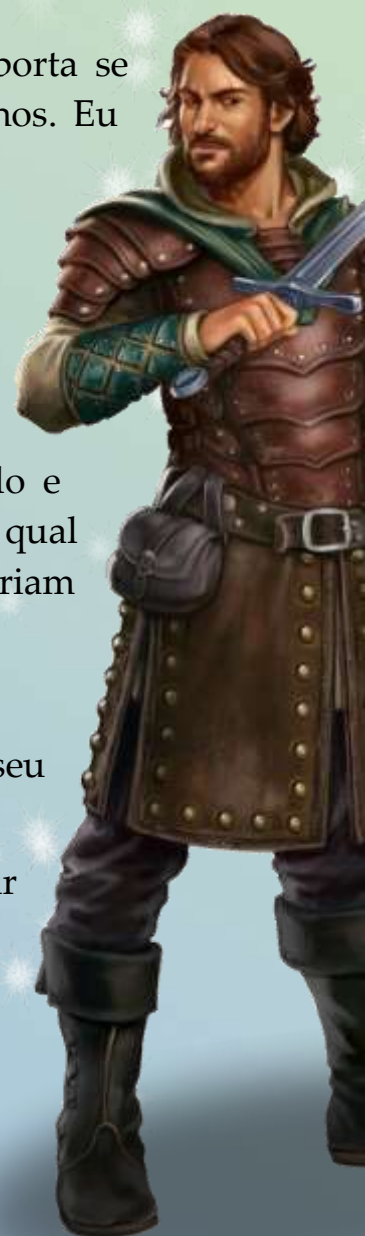
Serena deu a volta e passou a mão pelo cabelo comprido e negro, empurrando-o longe do rosto. — Há uma razão pela qual menti. Se eu tivesse contado o que vi, não estou segura do que teriam feito.

— O que você viu?

Pouco a pouco, ela o enfrentou. — Ela vai morrer antes de seu quinto ano.

— O que? — Drogan trovejou enquanto se apressava a ficar em pé. — E não crê que eles mereciam saber de algo assim?

— Como já disse, há uma razão para não ter dito a verdade.



Serena esperou-o recuperar a compostura antes de continuar. A princípio, ela não queria lhe dizer o que sabia, mas logo se deu conta de que ele poderia ser capaz de ajudar a mudar a sorte de Jocelyn.

Uma vez que Drogan voltou a se sentar, ela se aproximou da mesa e sentou na outra cadeira. Apoiando os braços sobre a mesa, sussurrou: — Não sei o que aconteceu, mas Gerard fez algo, ou presenciou algo em seu passado, algo que reclama não só a vida de Jocelyn, mas também a dele e a de Maris. Mas, às vezes as coisas podem mudar, alterando o destino de alguém, que é o que estou esperando que aconteça com todos eles.

— O que você viu quando tocou Jocelyn?

Ela continuou. — A pessoa que vai mata-los vai fazê-lo para silenciar Gerard.

— Mas por que matar Maris e Jocelyn?

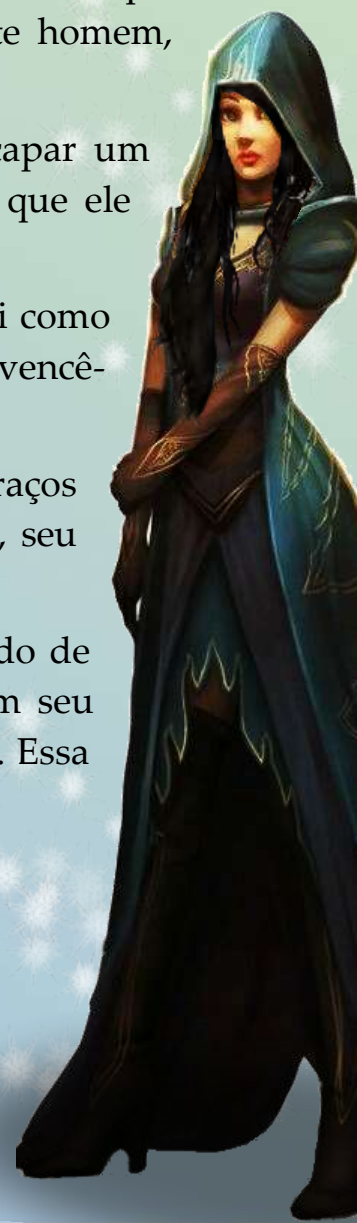
Serena encolheu os ombros antes de responder. — Não sei. Suponho que pensa que Gerard falou sobre isso com Maris, e não pode permitir que a informação seja transmitida à Jocelyn. Quem quer que seja este homem, tenho a sensação de que é uma pessoa de grande importância.

Ela mediu a reação de Drogan, e quando ele deixou escapar um grande suspiro e passou as mãos pelo rosto, estava segura de que ele sabia o que Gerard fez.

— Preciso da sua ajuda, — ela disse. — Gerard pensa em ti como um irmão, alguém em quem pode confiar. Deve me ajudar a convencê-lo.

— A fazer o que? — Perguntou Drogan com os braços estendidos. — O que você quer que ele faça? Deixe Hawthorne, seu lugar de nascimento e seu lar por direito?

— Eu nunca lhe pediria para partir, — disse Serena, ficando de pé. — O que quero que ele faça é encarar esse algo que há em seu passado, e que não o deixará em paz até que se encarregue disso. Essa é a única maneira dele e sua família ficarem seguros.



CAPÍTULO TRÊS

Serena não baixou a guarda até Drogan sair de sua casa de campo. Só então ela se deixou cair na cadeira, levando as mãos à cabeça palpitante. Uma parte dela nunca perdoaria Gerard por fazê-la olhar o futuro de Jocelyn.

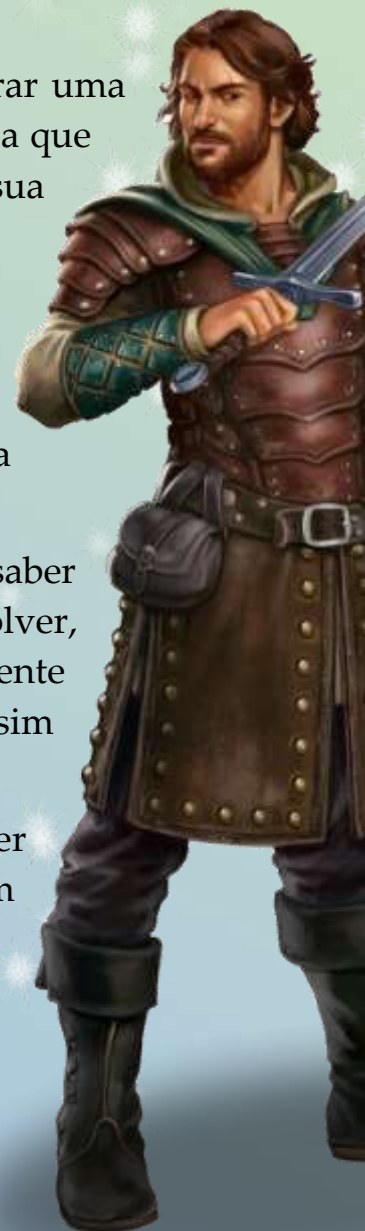
As imagens horríveis de morte e de almas em busca de um caminho no céu faziam seu estômago se revolver. Ela gostaria de conhecer uma maneira de conduzir as almas deste reino para aquele ao qual pertenciam.

Ela se apressou em esquentar um pouco de água e preparar uma mistura de ervas para aliviar a dor da cabeça, mas não havia nada que pudesse ajudar à dor em seu coração por saber que Gerard e sua família morreriam logo a menos que se fizesse algo.

E Gerard era tão teimoso. Ela também tinha a sensação de que Maris não sabia nada sobre parte perigosa do passado do marido, um passado que estava por alcançá-lo. E, se Serena estivesse correta, tinha a suspeita de que Drogan também era uma parte disso.

Entretanto, antes de poder fazer qualquer coisa, precisava saber o que tinham feito Gerard e Drogan. Isso seria fácil de resolver, entretanto. Tudo o que tinha que fazer era se aproximar o suficiente de Drogan para vasculhar seu passado. Nunca tinha feito algo assim antes, mas talvez fosse hora de tentar.

E, de algum jeito, de alguma forma, tinha que convencer Gerard. As coisas tinham que mudar, para que o destino também mudasse seu rumo.



Na verdade, ela sequer tinha mentido a Gerard e Maris, já que também tinha visto o resultado de impedir o avanço do mal que espreita o passado de Gerard.

O bule assobiou, lhe fazendo saber que a água fervia. Ela então esmagou canela e hortelã em uma caneca, e verteu a água fumegante sobre eles. Depois de mexer tudo muito bem, ela pegou a caneca e voltou com ela à mesa.

Sentou-se e aspirou o aroma antes de tomar um gole. Queimou a língua, mas valeu a pena para se desfazer da dor da cabeça. Ela precisava descansar para o amanhã, porque receava que este lhe traria um novo conjunto de preocupações.



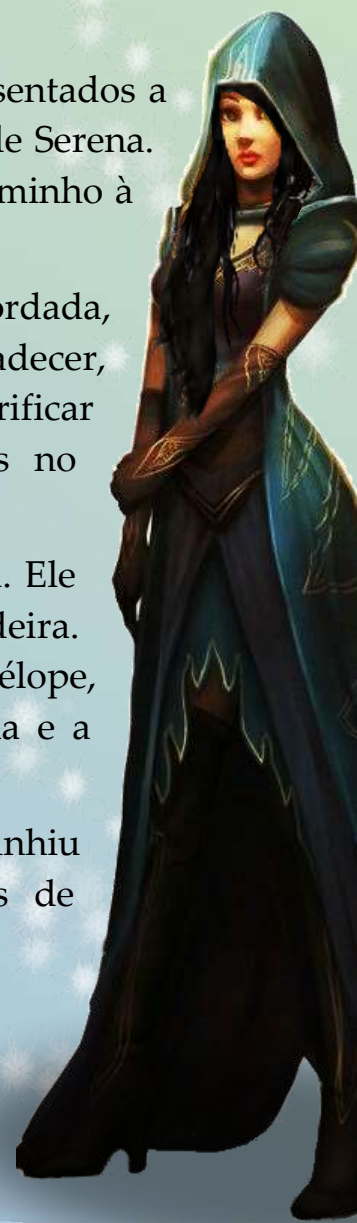
Drogan entrou no castelo e encontrou Gerard e Maris sentados juntos frente à chaminé. Se dirigiu para eles, mas quando percebeu que Gerard ria, pensou melhor.

Houve uma grande festa depois dos presentes serem apresentados a Gerard e Maris, algo que Drogan tinha perdido para ir à busca de Serena. Agora, porém, seu estômago grunhia de fome enquanto abria caminho à cozinha.

Ele teve a sorte de encontrar-se com uma criada ainda acordada, que disse que lhe traria uma pequena bandeja. Depois de lhe agradecer, caminhou pelas escadas até seu quarto. Supôs que deveria verificar Penélope, mas não tinha vontades de escutar seus gemidos no momento. Tinha coisas mais importantes no que concentrar-se.

Logo que chegou a seu quarto, a criada trouxe sua comida. Ele pôs a bandeja sobre a mesa diante da chaminé e se sentou na cadeira. O esgotamento o dominava depois de sua longa viagem com Penélope, a emoção de ver Gerard depois de tantos meses, e logo Serena e a notícia que ela compartilhou.

Ele agarrou um pedaço de carne quando seu estômago grunhiu de novo, mastigando-a enquanto pensava sobre as palavras de Serena.

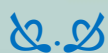


Não havia dúvida em sua mente sobre o que ela queria dizer com “um mal do passado de Gerard”. Era o mesmo mal que rondava os pesadelos de Drogan. O que ele não podia entender era por que devia lutar não só contra o passado, mas contra o futuro também. As más ações que tinham cometido em nome do rei era algo que só quatro homens deviam conhecer, o que significava que, se a ameaça não provinha dele ou de Gerard, devia vir de um dos outros.

Mas, certamente não. Cada um deles tinha algo a perder se viesse a público o que tinha ocorrido. Todos sabiam isso.

O estomago de Drogan se retorceu ao pensar em tudo que poderia acontecer a Jocelyn. Ele falaria com Gerard pela manhã. Talvez entre eles pudessem unir as peças e descobrir quem poderia ameaçar a família do amigo. De algum jeito, ele teria que omitir o que Serena sabia, e que ela tinha mentido sobre o futuro do Jocelyn.

Suspirou com cansaço. Haveria algum momento em que sua vida seria aborrecida e normal?



— Do que está falando? — Gerard perguntou enquanto cavalgavam pelas terras Hawthorne.

Drogan apertou os olhos e segurou as rédeas um pouco mais forte. Quando os abriu, encontrou Gerard observando-o.

— Estou simplesmente perguntando se algo estranho aconteceu ultimamente.

— Não. Por que?

— Preocupo-me contigo e Maris.

Gerard riu enquanto esfregava o pescoço de seu cavalo. — Não deveria. Sabe quão hábil sou com uma espada, meu amigo.

Um sorriso puxou os lábios de Drogan. — Sim, sei. Entretanto, também sei que há coisas em nosso passado que muito bem poderiam voltar a nos perseguir.



— Está morto e enterrado, Droган, — disse Gerard, sua voz baixa e perigosa enquanto olhava para frente. — Deixe isso em paz.

— Nunca estará morto e enterrado. Deve dar-se conta disso.

Gerard deteve seus arreios e olhou para Droган. — É por isso que você não quer se casar? Por causa das coisas que fez no passado? Não tínhamos outra opção, Droган, ou esqueceste essa parte? Era fazê-lo ou morrer!

— Eu sei. — Ele grunhiu quando preparou seus arreios. — Quanto ao por que não tomei uma esposa, não é teu assunto.

— E tampouco o é a segurança de minha família. — Gerard esporeio seu cavalo e se afastou.

Droган esfregou os olhos com o polegar e o indicador. A última coisa que queria era despertar a ira de Gerard, mas parece que era exatamente isso o que tinha feito.

— Merda.

Precisava falar com Serena outra vez. Talvez ela pudesse lhe dizer como aproximar-se de Gerard.



Serena acabava de trançar o cabelo quando um golpe soou em sua porta. Abriu-a, encontrando Droган do outro lado.

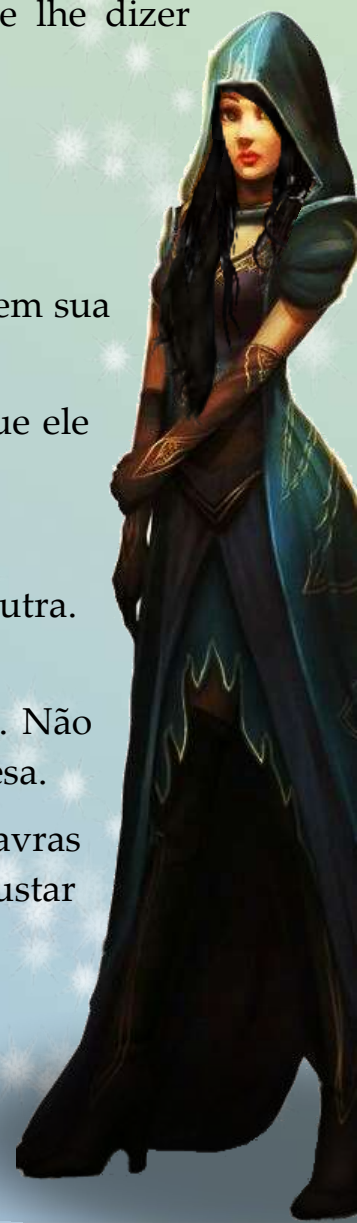
— Você não parece feliz. — Ela se colocou de lado para que ele pudesse entrar.

— Falei com Gerard.

Ela fez um gesto para uma cadeira enquanto sentava na outra. — E o que aconteceu?

— Ele pensa que o que está no passado ficará no passado. Não vai ouvir a razão. — Droган se sentou e jogou as luvas sobre a mesa.

Arranhando o queixo, ela pensou sobre suas próximas palavras antes de dizer: — Isso vai levar algum tempo, mas poderia custar muito mais não lhe fazer mudar de opinião.



— Você disse cinco anos.

— Não, eu disse que ela ia morrer antes de seu quinto ano. Nunca disse que todos vão morrer juntos.

— Pelo rei, — gritou enquanto ficava de pé e caminhava pela pequena habitação. — Está me dizendo que poderia acontecer a qualquer dia?

Ela assentiu. — É um milagre que eu tenha visto, na verdade. Temos um pouco de tempo, mas temos que atuar com rapidez antes de ser muito tarde.

Ele se aproximou e a agarrou pelo braço. — Vêm, — disse, levantando-a da cadeira. — Vamos falar com Maris.

Serena respirou fundo, dolorida pela forma bruta com que ele segurava seu braço; ela sabia que um enorme machucado se formaria quase imediatamente.

Drogan lhe soltou, arrependimento brilhando em seus olhos. — Machuquei-te?

Ela se sentou por um momento e piscou. Uma dor leve permanecia, mas nada do que normalmente se apoderava dela. Ela então levantou o braço e empurrou para trás suas largas mangas. Para sua surpresa, não estava ferida.

Ela a observou com o cenho franzido. — Machuquei você? Não foi minha intenção.

— Eu sei, — conseguiu dizer. — Estou... estou bem.

E isso é o que mais a assustava. Durante muitos anos, não teve quaisquer problemas para manter seu coração e corpo a salvo dos homens em Hawthorne. Mas agora enfrentaria a verdadeira prova: Drogan.

— Supõe-se que eu não deveria te tocar?

— Sim. O menor contato fere minha pele.

Mais suave do que podia ter imaginado, considerando suas grandes mãos, ele a segurou pelo braço e lhe levantou a manga. — Quanto tempo antes de aparecer o machucado?

— Normalmente aparece imediatamente.



Seus olhos dourados se encontraram com os dela. — Então por que não há nenhum machucado?

Seu olhar viajou sobre suas mãos bronzeadas pelo sol sustentando seu braço nu. Sua mente estava em um torvelinho sobre o que acabava de ocorrer. — Temos que encontrar Maris, — ela disse, procurando uma maneira de mudar de assunto.

Ela não queria falar até poder pensar sobre o que aconteceu.

Drogan assentiu e soltou seu braço. A perda repentina do calor de suas mãos trouxe um calafrio a ela.

— Estou segura de que está no castelo, — ele disse, dirigindo-se à porta e mantendo-a aberta, esperando.

Serena agarrou sua capa, vestindo-a enquanto se apressava para passar pela porta diante dele. Mas, por mais que tentasse, não conseguia concentrar-se em Maris e Gerard. Tudo que podia escutar eram as últimas palavras de sua mãe.

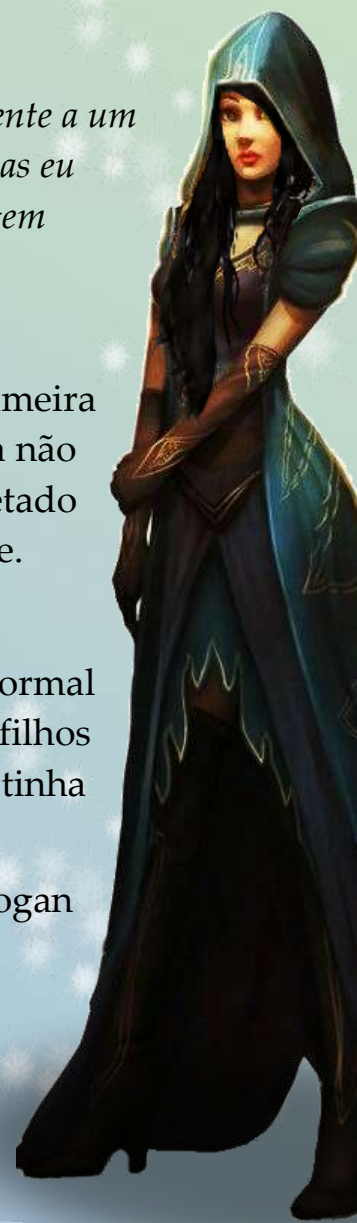
Proteja seu coração, Serena meu amor. Não seja parva ao dá-lo de presente a um homem que certamente te deixará. Estas amaldiçoada e morrendo, mas eu preferiria que não conhecesse a dor que suportei ao ver nossa linhagem continuar. Me prometa que vais considerar minhas palavras!

E Serena sempre as considerou. Tinha presenciado em primeira mão a agonia de sua mãe, vendo-a sofrer através dos anos. Serena não conheceu seu pai, já que ele se foi antes que ela tivesse completado seis dias de idade. Apenas tinha descoberto seu nome por acidente.

Era a maldição.

E Serena não mentia mais a si mesma. Sim, ela queria ser normal e ter um marido e uma família, ser amada e apreciada e ver seus filhos crescerem. Mas, isso não estava destinado a acontecer. E ela tinha aceitado seu destino.

Mas então, por que seu coração se acelerava quando Drogan estava a seu redor?



O rangido de passos atrás de si lhe chamou a atenção. Era Drogan, apressando-se para alcançá-la. — Está fugindo de mim? — Perguntou, com um brilho zombador nos olhos.

— O que faria se te dissesse que sim?

Ele encolheu seus ombros largos. — Iria querer saber a razão, já que sempre fui mais que um cavaleiro contigo.

— Inquieta-me, — ela soltou antes de poder deter-se.

— Bom. Porque você me inquieta também.

As palavras dele detiveram seus passos, e ela lhe enfrentou. — *Eu* te inquieto?

— Foi o que eu disse, — ele respondeu, cruzando seus braços. — É tão difícil de acreditar?

— Sim. Por que?

Ele deixou cair os braços e deu um passo na direção dela. — Porque eu não acredito no que é. Não acredito em coisas que não são normais. Entretanto, aqui está você, me mostrando coisas que nunca sonhei que poderiam ocorrer.

Ela ouviu-o baixar a voz, e percebeu que seu tom de voz ficava mais grosso, como se a persuadissem. Afastando a cabeça dele, ela inalou profundamente antes de dizer. — Não posso evitar o que sou.

— Assim como eu também não posso evitar o que sou, um senhor com título e cavaleiro do rei. É por isso que te inquieto?

Ela riu e negou com a cabeça enquanto o olhava. — É obvio que não. Gerard é tem os mesmos privilégios que você.

— Então porque eu sou diferente?

Ela abriu a boca para lhe dizer, mas mudou rapidamente de opinião. Ele não precisava saber tudo sobre ela. Ele iria embora em questão de dias.

Ela seguiu caminhando.



— Simplesmente não estou acostumada com homens ao meu redor tão frequentemente.

Um lado de sua boca se contraiu em um sorriso. — Tão linda como é, espera que eu acredite nisso?

— Sim, — disse.

Seu bate-papo cessou enquanto caminhavam através da porta de entrada da muralha, onde encontraram pessoas se congregando em torno de algo perto dos estábulos.

— O que é? — Perguntou Drogan.

— Não sei.

Ele então tomou-lhe a mão e caminhou entre as pessoas, abrindo caminho para ela. Serena também se deu conta de que ele mantinha um aperto muito ligeiro em sua mão, para não machucá-la.

Eles quase tinham chegado ao centro do grupo quando um menino se precipitou entre ela e Drogan, tropeçando e caindo com força contra sua perna.

Um grito escapou de seus lábios antes que pudesse detê-lo, calando a multidão enquanto todos se afastavam dela. Ela mordeu os lábios para tomar em sua mente a dor que ardia em sua perna.

— Sinto muito, Lady Serena, — disse o menino enquanto se levantava. — Eu não a vi. Por favor, não conte ao Senhor Gerard.

Ela assentiu com a cabeça, agradecida por Drogan ter mantido o controle sobre ela, evitando que caísse no chão. Com a diminuição da dor, ela levantou o rosto para vê-lo, mas seu olhar avistou primeiro o antebraço dele, onde ela tinha afundado as unhas em sua pele.



CAPÍTULO QUATRO

— Me perdoe, — sussurrou Serena, imediatamente soltando-o.

— Não, — disse Drogan, puxando-a para ele. — Vem comigo, vou protegê-la.

Quando chegaram ao centro do grupo, encontraram-se com Gerard, que estava sentado no chão com vários de seus cavaleiros a seu redor.

— Gerard, — Drogan chamou, sentindo-se aliviado ao ver que seu amigo lhe dava um sorriso, mesmo que tenso.

— Abram caminho para Serena, — Gerard gritou ao vê-la.

Os homens se apressaram a limpar o caminho enquanto Drogan e Serena avançavam.

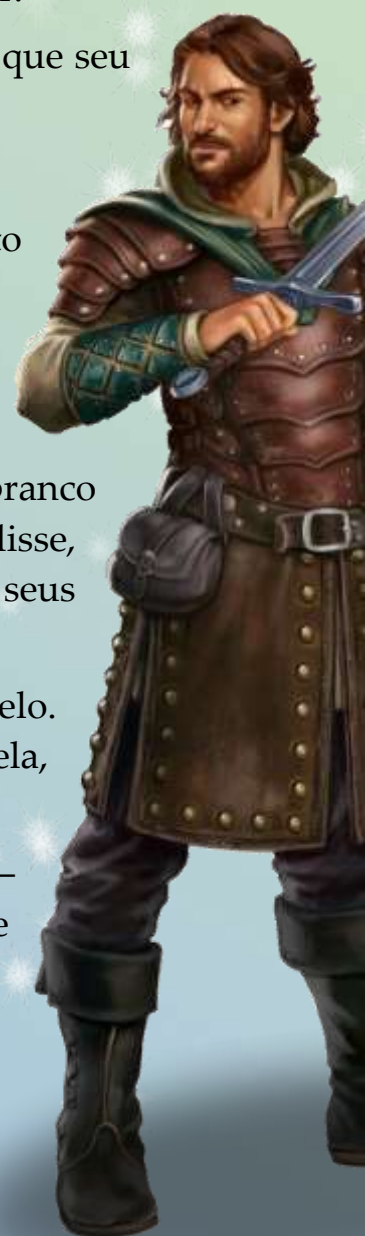
— O que aconteceu? — Perguntou Drogan.

— Eu... O que há de errado com Serena?

Drogan se virou para encontrar o rosto de Serena tão branco quanto o de um morto. — Vamos para dentro do castelo, — disse, enquanto se aproximava dela. Então perguntou apenas para seus ouvidos. — Pode caminhar?

Ela assentiu com a cabeça, e se dirigiu para a porta do castelo. Ele a seguiu, dando-se conta que Gerard estava do outro lado dela, ajudando-a subir as escadas também.

— Não esperava que você e Drogan voltassem tão... — Maris avançou até ter um vislumbre deles. Seu olhar passou de um a outro. — O que aconteceu?



— Vamos explicar uma vez que Serena estiver sentada, — disse Drogan.

— No solar. — Maris correu em frente a eles.

Mas Drogan não concordava em fazer Serena caminhar tanto, então inclinou-se e a embalou em seus braços. Os magros braços dela envolveram seu pescoço enquanto ela apoiava a cabeça em seu ombro.

— Devia ter me dito, — repreendeu-lhe.

Maris indicou uma cadeira quando ele entrou no solar. — Deixa-a ali.

Uma vez que Serena estava numa grande e confortável cadeira, Drogan se distanciou para Maris poder vê-la, embora não tenha ido muito longe. Ele apenas ficou ali de pé enquanto explicava a Maris o que tinha acontecido.

Maris então levantou a barra da túnica de Serena até o joelho, e desceu-lhe as meias. Drogan sequer teve a oportunidade de desfrutar da breve vista de sua perna torneada antes de seus olhos verem o que Maris estava procurando. Ele engoliu em seco ao ver o hematoma enorme, escuro e roxo que cobria a maior parte da perna de Serena.

— Aquele menino te fez isto? — Perguntou-lhe.

Ela assentiu. — É o que tentei te explicar em minha casa.

Agora ele compreendia, mas ainda assim era difícil acreditar.

Maris cobriu a perna de Serena e se voltou para o marido. — E o que foi que aconteceu com você?

Drogan então conseguiu dar sua primeira boa olhada em Gerard. Ele estava cheio de pó, e vegetação se agarrava a sua roupa como se ele tivesse rolado por uma colina.

— Fui atacado.

— Atacado? — Perguntaram Drogan e Maris ao mesmo tempo.

Gerard assentiu. — Foi apenas um homem. Eu fui capaz de impedir seu ataque.

— Não antes de ser ferido, — Serena murmurou da cadeira.

Gerard a olhou. — O ponto é que escapei.

— O ponto, — disse Serena, ficando de pé, — é que isto é apenas o começo.



— O que? — Perguntou Maris, tomando a mão do Gerard. — Do que você está falando, Serena?

Serena juntou as mãos e girou seus polegares, um ao redor do outro. — Eu não lhes contei tudo quando vi o futuro de Jocelyn.

O olhar do Gerard se reduziu. — E o que deixou de fora?

— Quando olho o futuro de alguém, vejo dois caminhos que podem ser seguidos...

— E você viu ambos os caminhos de Jocelyn?

Serena assentiu a Maris. — Sim. — Ela então engoliu em seco e deixou suas mãos caírem aos lados do corpo. — Mas escolhi lhes falar apenas sobre um deles.

— E o outro? — Gerard solicitou. — Por que não nos falou dele? Eu nunca ouvi dizer que havia dois caminhos.

Irritação explodiu nos olhos azuis de Serena. — Se você tivesse visto as coisas que vi, também nunca falaria delas. E é apenas porque considero a sua família como se fosse a minha própria que estou pondo minha vida em perigo.

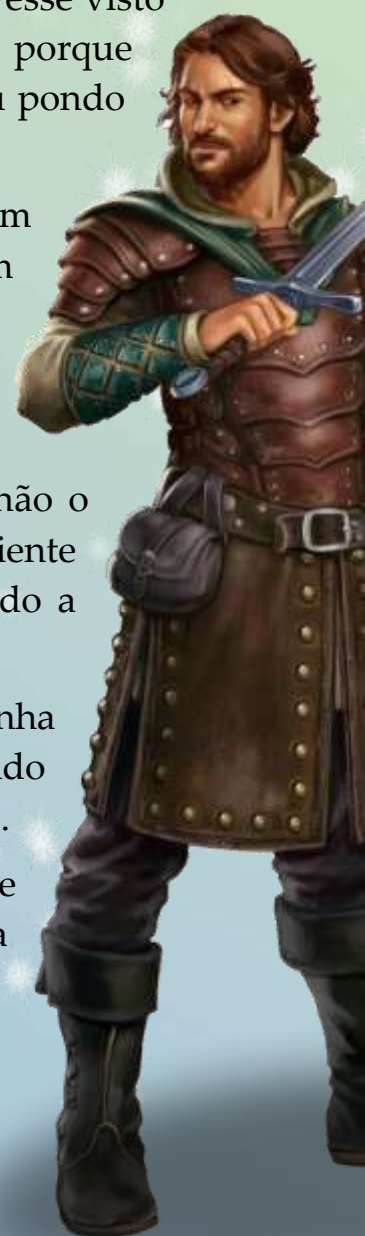
— O que? — Drogan perguntou enquanto caminhava em direção a Serena. — O que quer dizer com por sua vida em perigo? Não havia dito nada sobre isso antes.

— Acredito que é hora de nos contar tudo, Serena, — disse Gerard.

Ela não queria fazer nada que a colocasse em perigo, e não o faria. Afinal, tudo o que eles precisavam era de tempo o suficiente para manterem-se vivos. O resto... bom, o resto estava destinado a ser.

— Muito bem, — disse, virando-se para a janela — não tinha forças para ver a angústia nos olhos de Maris. — No segundo caminho que vi para Jocelyn ela morreria antes de seu quinto ano.

Serena ouviu Maris ofegar, e seu próprio coração se encolheu. Mas, ela tinha que terminar. — Não é só a pequena



Jocelyn que vai morrer, entretanto. Tanto você quanto Maris também morriam, Gerard.

— Por quê? — Perguntou Gerard, sua voz tensa pela emoção.

Serena se virou e observou Maris envolvendo os braços ao redor de Gerard, e apoiando a cabeça em seu peito enquanto chorava lágrimas silenciosas.

— É algo em seu passado. Algo que você fez no passado está instigando um homem a destruí-lo.

Seu estômago se revirou quando o rosto de Gerard ficou branco. Ele então olhou para Drogan, o que era justamente o que ela esperava que fizesse. Drogan era parte disso, e ela ia fazer com que ele vivesse também.

— Se deseja proteger sua família, tem que sair de Hawthorne antes que seja muito tarde. — Ela olhou novamente pela janela. — Temo que já possa ser muito tarde, inclusive.

Jocelyn escolheu esse momento para deixar escapar um gemido, o que Serena acreditou ser bastante apropriado. Se ela pudesse fazer o mesmo, também o teria feito. O futuro se via muito triste para todos eles - Drogan incluso. Mas ela também tinha visto uma pequena esperança no futuro de Jocelyn, e ia se agarrar a isso com as duas mãos.

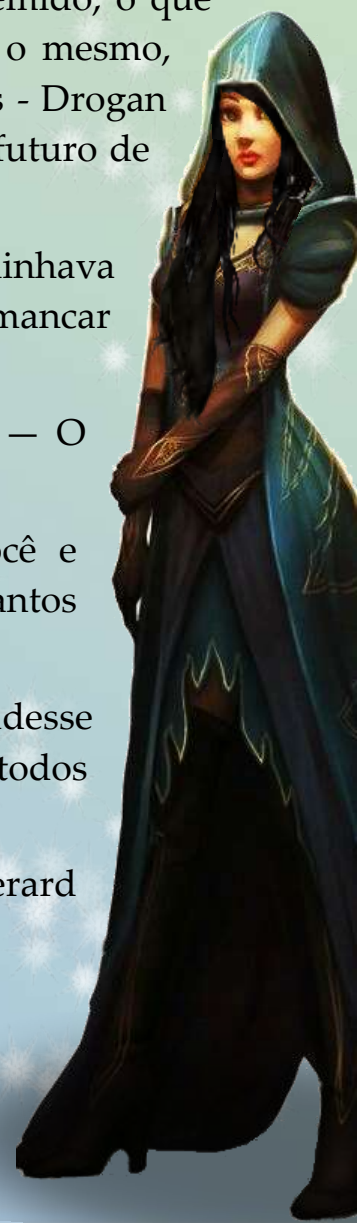
— Tome sua decisão, Gerard, — Serena disse enquanto caminhava para a porta do solar, fazendo todo o possível para esconder o mancar devido a lesão em sua perna. — Não tem muito tempo.

— Espera, — disse Maris quando Serena chegou à porta. — O que sugere que façamos?

Antes que ela pudesse responder, Gerard falou. — Você e Jocelyn sairão de Hawthorne imediatamente. Vou enviar tantos cavalheiros quanto possível para te protegi-las.

— Isso não é nada bom, — disse Serena antes de que ele pudesse continuar. — Se você, sua esposa e sua filha não se forem, todos morrerão.

— Meus cavalheiros são os melhores da Inglaterra, — Gerard trovejou.



Mas sua explosão não assustou Serena. — Este homem que vem atrás de ti vai te matar, Gerard. E mesmo que possa demorar anos, encontrará Maris e a matará também. E embora Jocelyn seja pequena e não saiba nada a respeito do por que seus pais foram assassinados, este homem não vai correr nenhum risco. Ele vai matá-la também.

Maris desmoronou em lágrimas contra seu marido. — Justo quando te encontrei, Gerard. Acabamos de começar nossa família. Não posso perder nenhum de vocês agora.

— Não o fará, — disse Drogan.

Serena deslizou seu olhar para ele. Ela sabia que Drogan faria o que fosse necessário para manter a seu amigo com vida.

Gerard passou a mão pelas costas de Maris. — O que tenho que fazer, Serena?

— Deve apanhar Maris e Jocelyn, e partir. Ir a um lugar seguro, algum lugar onde este homem não possa te encontrar.

— Se for quem acredito que é, ele nos encontrará.

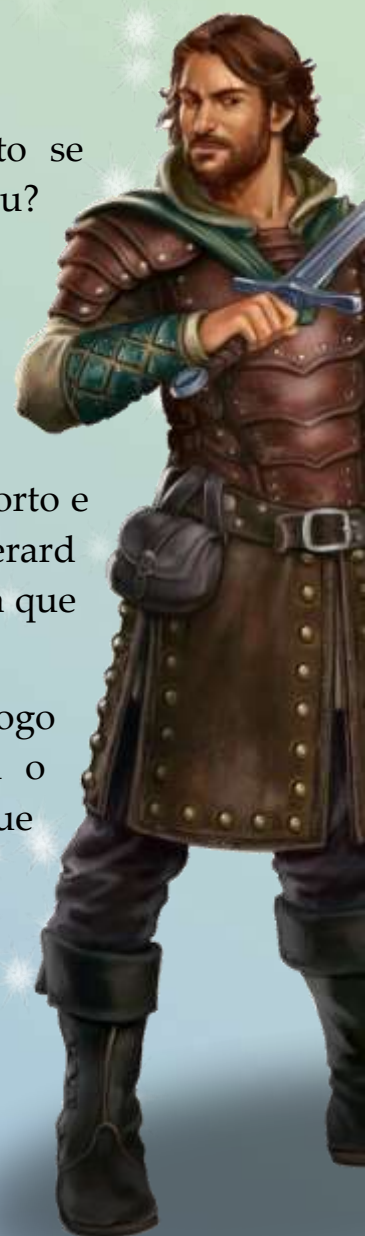
— Quem é este homem? — Maris perguntou enquanto se separava de seu marido. — O que foi que você não me contou? Pensei que compartilhávamos tudo.

— Há algumas coisas que é melhor deixar enterradas. Ocorreu muito antes de te conhecer.

— Então como sabe do que Serena está falando?

Serena se aproximou da amiga. — Mesmo que algo seja morto e enterrado, sabe-se que o mal realmente não morre. Embora Gerard esperasse nunca mais se deparar com esse assunto, também sabia que havia uma possibilidade disso acontecer.

Maris olhou de Serena para Gerard, e então a Drogan, e logo depois de volta a Gerard. — E você não confiou em mim o suficiente para compartilhar isto comigo? Depois de tudo o que passamos?



Serena observou Maris pegar Jocelyn e sair do solar. Sua amiga precisava de tempo para digerir tudo o que lhe haviam dito antes que pudesse seguir em frente.

— Precisa contar a ela, — Serena disse a Gerard.

— Não, — ele disse enquanto observava sua esposa se afastar. — Eu poderia perdê-la.

— Se não contar pode perdê-la também, — Serena advertiu. — Não deve haver segredos entre um homem e uma mulher se houver amor entre eles.

Gerard a olhou. — Você viu o segredo que escondi da minha esposa?

— Não. Eu nem sequer vi o rosto do homem que está atrás de ti, embora tenha a sensação de que é uma pessoa de grande importância. Também é uma pessoa que carrega um grande mal consigo.

Ela levantou o olhar, encontrando Droган olhando para chão. Foi então que percebeu que, sejam quais forem os segredos que Gerard esconde, não eram nada em comparação com os trancados dentro de Droган.

— Toma sua decisão, Gerard. O mal se aproxima. — E então esperou até que Droган a olhasse antes de sair do aposento.

Serena tinha feito tudo o que podia. O resto dependia de Droган.



CAPÍTULO CINCO

Drogan esperou até que a porta se fechar atrás de Serena antes de falar.
— Sabe que ela tem razão.

— Sim, — disse Gerard enquanto se afundava em uma cadeira. — Mas eu pensei que depois de todos estes anos... tinha terminado.

— Sim, eu também, — Drogan admitiu, arrastando a ponta da bota no chão de pedra. — Que estúpidos fomos.

— Quem você acha que é?

Drogan encolheu os ombros enquanto levantava os olhos para encarar Gerard. — Não estou seguro. Ambos são homens muito capitalistas agora. Acredito que teremos que nos preparar para qualquer um deles.

— Ou ambos.

— Serena viu só um, e só um te atacou.

— Sim, mas somos cavaleiros, Drogan. Por que lutar só se há uma possibilidade de formar uma equipe?

— Você viu o rosto do homem? Reconheceu seus movimentos ou algo familiar? — Gerard negou com a cabeça.

Drogan passou a mão pelo cabelo, frustrado. — Serena tem razão. Você e sua família devem ir.

— Não vou deixar meu lar e correr como um covarde, — disse Gerard, ficando de pé.

— Salvar sua família não é ser covarde, — Drogan gritou. Então respirou fundo e voltou a falar. — Você tem o que a



maioria dos homens inveja. Não atire tudo pela janela por causa de seu orgulho. Vamos encontrar este filho da puta, mas a nossa maneira. Não assim.

Gerard assentiu. — Quero aos dois mortos. Depois disto, quero viver minha vida em paz.

— E paz é o que vai ter, meu amigo.

— Vai me ajudar a tirar minha família de Hawthorne a salvo?

— Deveria saber que nem sequer precisaria pedir.

Gerard baixou a cabeça. — Nunca conheci o medo real até que tomei Maris como minha esposa, e com a chegada de Jocelyn, o medo duplicou. Não posso perde-las.

— Não vai perde-las. Eu conheço um lugar seguro para elas.

Gerard levantou a cabeça. — Onde?

— Wolfglynn.

— Não acha muito previsível?

Drogan deu de ombros. — Espero que pensem exatamente isso. E você e eu realmente estaremos em Wolfglynn, mas vou enviar Maris e Jocelyn com meu tio para o outro lado do mar.

Pela primeira vez desde que entraram no solar, o fantasma de um sorriso se desenhcou nos lábios de Gerard. — Não há ninguém capaz de passar por aquele velho ardiloso.

— Exatamente, — disse Drogan com um sorriso.



Serena se sentou, embalando Jocelyn enquanto Gerard e Maris discutiam. A grande sala estava quase deserta depois do jantar, já que todos sabiam que algo estava acontecendo entre seu senhor e senhora - e também porque Gerard tinha requerido privacidade.

— Você poderia me escutar? — Gerard suplicou a Maris.

— Não. Não até que saiba a verdade do por que este homem está atrás de ti.



— Saber não fará com que seja mais fácil para ti, — Drogan disse enquanto caminhava para a bancada.

— Acredito que sei o que é melhor para o meu casamento, — disse Maris enquanto olhava a Drogan.

Drogan levantou as mãos. — Sinto muito, Gerard. Pensei que poderia ajudar.

Gerard o ignorou e se aproximou de Maris, que o esquivou. — Maldita seja, mulher, — trovejou.

— Não se atreva a usar esse tom comigo!

Serena escondeu seu sorriso ao inclinar-se para beijar a suave cabeça de Jocelyn.

— Eu vi isso, — Drogan disse enquanto se inclinava para perto dela.

Ela o olhou por debaixo de suas pestanas. — Cale-se. Vai piorar as coisas se me fizer rir.

— Muito bem, — Gerard gritou ali perto. — Vou lhe contar tudo. Só, por favor, sente-se para que possamos conversar direito.

— Me conte agora, — Maris exigiu.

Serena ficou de pé e caminhou até o casal. Enfrentando Maris, disse: — Sua filha precisa de você, mas mais importante que isso, seu marido precisa de você. Ele prometeu lhe contar, então console-se com isso por agora, enquanto formulamos um plano para tirá-los de Hawthorne.

Quando retornou a seu assento, Serena viu a admiração que brilhava nos olhos marrons dourado de Drogan.

— Isso foi muito bom, — ele disse. — Como soube o que fazer?

— Sou mulher também. Sei como Maris pensa.

Ele riu entre dentes. — Me alegro que alguém saiba.

Gerard suspirou enquanto se sentava junto a esposa. — Certo. Drogan e eu bolamos um plano.

— É melhor que ele implique em Jocelyn e eu lhe acompanhando, — disse Maris.



— Claro. Você, Jocelyn, Drogan, e eu sairemos de Wolfglynn com quarenta de meus cavaleiros.

— Não, — Serena interrompeu.

— Crê que vamos precisar de mais cavaleiros? — Perguntou Drogan, sua testa franzida em confusão.

Serena sacudiu a cabeça. — Não, menos. Ou melhor, nenhum.

— Está louca? — Perguntou Gerard, seu tom implicando que ele pensava que ela sim, ela estava louca.

— Não, absolutamente, — disse com tanta calma quanto pôde depois de ter a sanidade questionada. — Este homem estará procurando por um grupo grande. É necessário sair de forma a fazer todo mundo pensar que ainda estão aqui.

— Um disfarce, — Drogan assentiu em acordo antes de olhar para Gerard.

— Exatamente. Nós temos que sair ao entardecer, quando a maioria dos habitantes do povoado está em suas casas comendo o jantar e se preparando para ir à cama, — Serena continuou.

— Nós? — Drogan perguntou.

— Sim, nós. Eu vou com vocês. Confiem em mim, vão precisar de minha ajuda.

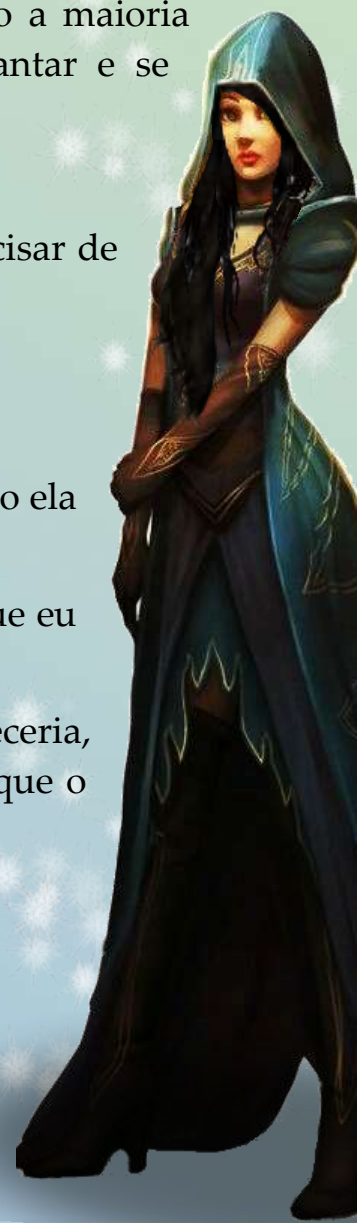
— Não, — Drogan e Gerard disseram em uníssono.

— É muito perigoso, — acrescentou Drogan.

Maris bufou. — Se Serena diz que vamos precisar dela, então ela vem. — Ela encarou Gerard. — Certo, senhor meu marido?

Gerard assentiu, mas olhou para Serena e disse: — Saiba que eu preferiria que você ficasse aqui. Sabe o que vai acontecer se sair.

— Sei, — respondeu Serena. E ela sabia. A morte aconteceria, embora nenhum dos outros soubesse. Também lhe preocupava que o mundo descobrisse o que ela era.



— Já que está tudo combinado, — disse Gerard, — vou terminar de explicar o plano, supondo que seja seguro nós aventuramos até Wolfglynn.

Serena mudou seu olhar para Drogan. — Wolfglynn é aonde temos que ir.

Ela deu-se conta de que os olhos de Drogan se estreitaram, mas seus segredos ficariam consigo mesma. Pelo menos por agora.

— Por que Wolfglynn? — Perguntou Maris. — Se este homem conhece Gerard, também não saberá que Gerard e Drogan são como irmãos?

— É com isso que estamos contando, amor, — disse Gerard.

Drogan assentiu a Maris. — Temos a intenção de lutar contra ele ali.

Maris fechou os olhos por um momento. — Me diga por que Wolfglynn é mais seguro que Hawthorne.

— Você nunca esteve no castelo de Drogan, por isso pode não entender agora, mas é mais seguro lá, — explicou Gerard.

— Serena? — Perguntou Maris. — Tem certeza?

Serena assentiu e sorriu a sua amiga. — É onde temos que estar.

— Mas você, Jocelyn e Serena não ficarão lá, — disse Gerard a Maris.

— Não vou me separar de ti, — advertiu Maris.

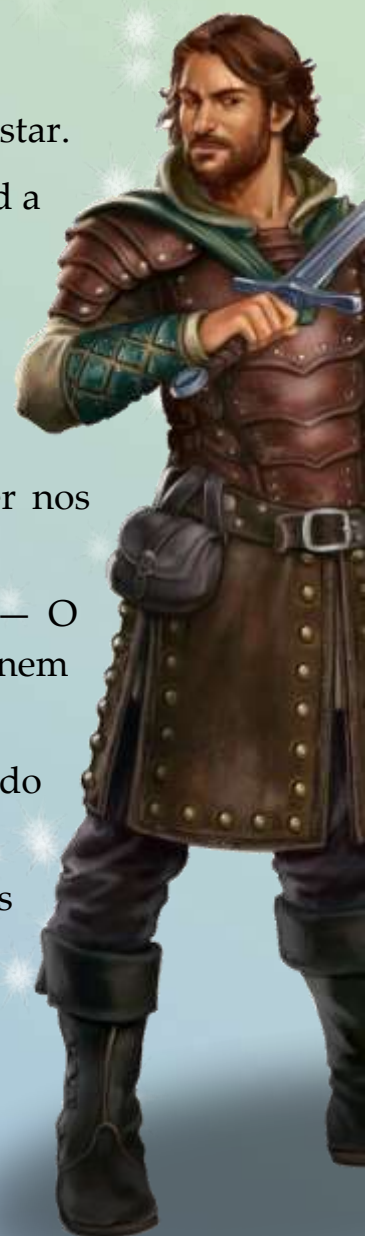
— Não temos outra opção até livrarmos a Inglaterra do monstro que ameaça nosso mundo, — Gerard lhe assegurou.

Serena se inclinou para frente. — Exatamente aonde quer nos enviar?

— Com meu tio, através do mar, — respondeu Drogan. — O único caminho para o castelo dele é pela água. Se nem Gerard nem eu retornarmos por vocês, então meu tio saberá o que fazer.

Serena assentiu. — É um bom plano. Bem pensado. Quando vamos?

— Não antes de um par de semanas. Tenho alguns hóspedes chegando, — disse Gerard.



Serena ficou de pé. — Não ouviu nada do que eu lhe disse antes? Não podemos esperar. Se saíssemos essa noite teríamos uma chance.

— Serena...

— Não, — disse ela. — Isso não é um jogo, Gerard. É sobre a vida de sua esposa e filha, e de seus futuros filhos. Não ignore o que eu vi.

— Vamos sair em dois dias, — disse Maris. — Isso nos dará tempo de sobra para juntar algumas coisas.

— E os convidados? — Perguntou Gerard. — Podemos ser capazes de enganar os habitantes do povoado lhes fazendo pensar que ainda estamos aqui, mas essa artimanha fracassará em duas semanas.

— Se tudo correr segundo o previsto, pode ser que estejam de volta antes que cheguem os convidados, — disse Drogan.

Serena mordeu a língua para permanecer calada.

— Não diremos a ninguém que vamos? — Gerard perguntou.

— Ninguém, — respondeu Serena.

— O que vão pensar?

— Vamos dizer a todos amanhã pela manhã que Jocelyn adoeceu, e, portanto, você e Maris permanecerão no quarto com ela. Drogan e eu vamos nos assegurar de que tudo esteja preparado antes de sairmos. Logo viremos por vocês, e então todos partiremos.

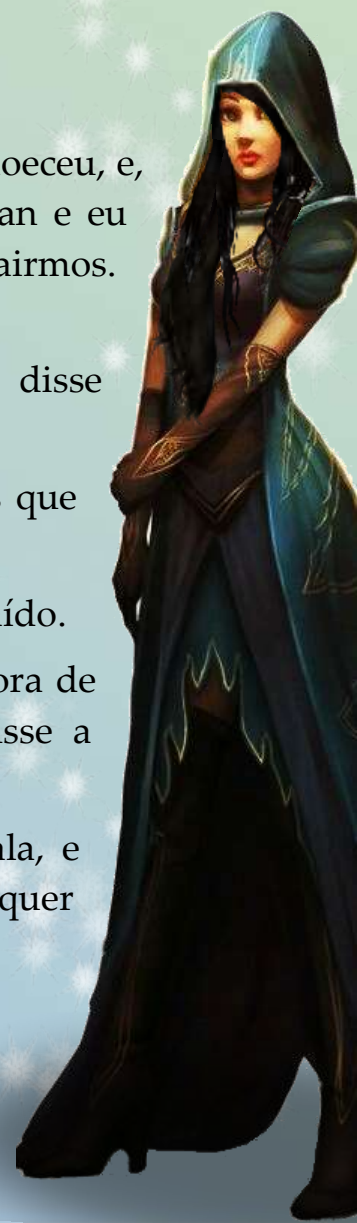
— Todo mundo vai pensar que estamos com Jocelyn, — disse Maris. — Eu gosto disso. Não terei que mentir para ninguém.

— Isso apenas os enganará durante um par de dias, antes que investiguem, — Drogan assinalou.

Serena assentiu. — Certo. Entretanto, até então já teremos saído.

Jocelyn começou a queixar-se, e Maris ficou em pé. — É hora de alimentá-la e pô-la na cama. Os verei amanhã à tarde, — disse a Drogan e Serena.

Serena assistiu seus amigos enquanto eles deixavam a sala, e então deu a volta para encontrar Drogan a seu lado. — Você não quer que eu vá.



— Não.

— Por que?

— Temo por ti. É tão delicada quanto uma flor, Serena.

Seu queixo levantou-se orgulhosamente. — Não vou mudar de ideia. Eu sei como cuidar de mim mesma.

Um canto da boca dele se levantou em um sorriso. — Tenho certeza que sim. Mas vamos ter que viajar lentamente por causa de Jocelyn.

— Não tão lentamente, — disse ela antes de se dirigir à porta, só para sentir a mão dele em seu cotovelo.

— Me deixe te acompanhar até sua casa.

— Estou a salvo aqui, Drogan. Ninguém se atreveria a me fazer nenhum mal.

Ele encolheu os ombros. — Eu gosto de caminhar.



CAPÍTULO SEIS

Drogan sabia que deveria ter ficado no castelo, mas não pôde resistir a estar a sós com Serena. Podia não acreditar no que ela era, mas o fato de Gerard confiar nela ajudou a aliviar a maior parte dos receios de Drogan.

Ele não tinha mentido quando disse que não acreditava em bruxas. E tinha havido ainda umas quantas outras pessoas durante suas viagens que tinham mostrado outros sinais estranhos, diferentes do normal. Talvez fosse porque ele não entendia realmente o que essas pessoas eram, mas o que quer se fossem, não gostava de ficar perto deles.

Até Serena.

Podia mentir e dizer que a atração que sentia era por causa da beleza dela, mas sabia que havia muito mais do que isso.

— Está calado, — ela disse enquanto caminhavam até sua casa.

— Estou pensando nos próximos dias.

— Tem medo de não conseguirmos chegar a Wolfglynn?

Ele sacudiu a cabeça. — Estou mais preocupado em ter que conduzir duas mulheres e um bebê pelas selvas da Inglaterra. Muitos perigos, não só este homem atrás de Gerard, espera-nos.

— Você sabe quem é este homem.

Não era uma pergunta. — Sim, eu sei.

— Bom.



Chegaram à casa de Serena. Droган queria passar mais tempo com ela, embora não pudesse entender por que. Gostava de estar com mulheres, mas não para conversar. Gostava de tê-las em sua cama.

— Obrigada por me acompanhar de novo, — ela disse. — Mas parece que ainda não está preparado para voltar ao castelo. Quer entrar?

Ele sorriu enquanto inclinava seu rosto para ela, observando-a ser iluminada pela luz da lua. — Me agradaria.

Ela abriu mais a porta, mas ele esperou até que ela acendesse as velas e o fogo antes de entrar, inspirando o delicioso aroma de ervas enquanto caminhava até a mesa.

Ele tomou uma cadeira da mesa e observou os movimentos dela ao redor da cozinha. A trança grossa que segurava sua juba negra passava por cima de seu ombro e descansava sobre seu peito. A respiração de Droган se acelerou enquanto ele admirava a suave curva dos seios de Serena. Seus olhos então a percorreram toda, prestando especial atenção a sua pequena cintura, ao balanço de seus quadris e a forma como ela se movimentava. A luxúria se apoderou dele, tão potente que o fez ofegar. Nunca antes havia sentido uma atração tão física por uma mulher.

Sim, ele tinha querido e tido muitas mulheres durante sua vida, mas havia algo diferente a respeito de Serena, e não era o fato dela ser uma bruxa.

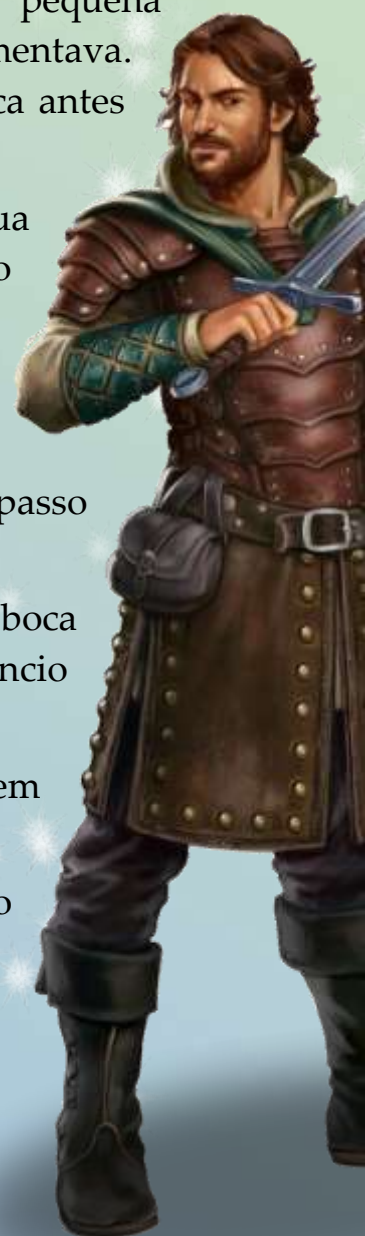
Quando ele finalmente levantou o olhar para o rosto dela, a encontrou olhando-o.

— Você está bem? — Ela perguntou enquanto dava um passo em sua direção.

Droган tratou de engolir a saliva, mas se encontrou com a boca seca, o que só lhe fez pensar na boca *dela*. Ele amaldiçoou em silêncio enquanto seu olhar se desviava de seus lábios cheios.

Com as palmas das mãos apertadas contra os olhos, tratou em vão de tirar a imagem de Serena de sua mente.

— Droган, — ela sussurrou perto de seu ouvido, sua mão sobre seu ombro. — O que você tem?



Ele não podia lhe dizer que estava desconfortável devido ao vulto entre suas pernas, então apertou a mandíbula com força e baixou as mãos, encontrando seu rosto a meras polegadas do dela.

Seu olhar se alimentou das profundidades dos olhos claros dela. Não eram tão azuis quanto o mar de Wolfglynn, mas eram turbulentos e fascinantes, e o olhavam como se pudessem ler seus pensamentos.

— Não deveria ficar de pé tão perto de um homem a menos que queira ser beijada.

Ela se afastou como se as palavras a queimassem. Eles então apenas olharam um para o outro durante vários minutos, até que um golpe soou à porta. Drogan suspirou e deixou cair o queixo sobre o peito enquanto ela ia ver quem era.

Um casal entrou na casa, a mãe sustentando algo em seus braços. E a alegria no rosto de Serena deixou Drogan sem fôlego enquanto ela tomava o pacote em suas mãos. Um pequeno e agitado pacote, o que lhe fez saber que ela sustentava um bebê.

— Sente-se, Fanny, — disse Serena, gesticulando para a cadeira. — Você não deveria estar fora da cama.

Fanny se deixou cair na cadeira que Drogan desocupou, contendo o estômago e se movendo de forma vacilante. — Não podia esperar, senhora. Tivemos que vir.

— Poderiam ter vindo à primeira hora da manhã, — disse Serena enquanto balançava a criança.

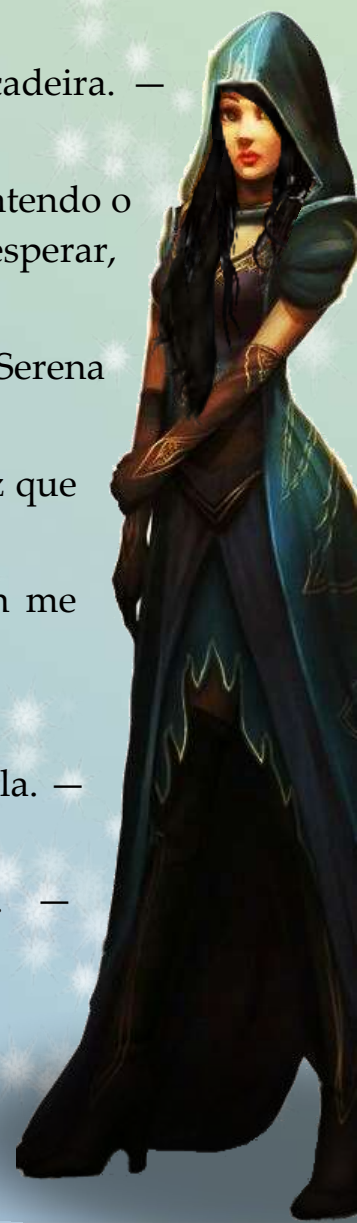
O olhar dela se encontrava sobre o bebê, e Drogan viu a luz que brilhava em seus olhos. Seria felicidade pelo bebê ou pelo casal?

— Senhor Drogan, esta é Fanny, e este é Thomas. Vieram me mostrar sua nova filha.

Fanny ficou sem fôlego. — Como sabe, senhora?

Serena sorriu e sussurrou ao bebê. — Só sei, — respondeu ela. — Qual é nome dela?

— Bom, — disse Thomas, olhando para a esposa. — Esperávamos que você a nomeasse.



A cabeça de Serena se sacudiu. Era uma grande honra e privilégio que lhe pedissem para nomear um bebê, mas era algo que não queria. Voltou a olhar à menina adormecida, tão inocente e formosa.

— Há muitos nomes que me vêm à mente, — murmurou.

— Por favor, senhora, — Fanny rogou. — Se não fosse por você, eu não a teria.

Serena levantou a vista para encontrar Drogan apoiado na parede junto à chaminé, estudando-a. Desejou poder ler seus pensamentos, mas esse infelizmente era um dom que não tinha.

— Eu não fiz nada.

— Sim, fez, — disse Fanny, assentindo com a cabeça antes de se virar para Drogan. — Durante seis anos tentamos ter um bebe, até que eu finalmente vim falar com Lady Serena, e ela me ajudou. Sem ela, não teria este bebe precioso em meus braços. — Fanny secou os olhos.

Todos os olhares se voltaram para Serena então. Ela olhou o bebê, mas não muito perto — não tinha nenhum desejo de ver a morte da criança.

Depois de um momento, levantou o olhar para Fanny — Qual é o seu nome favorito?

— María, — disse Fanny. — Era o nome da minha mãe.

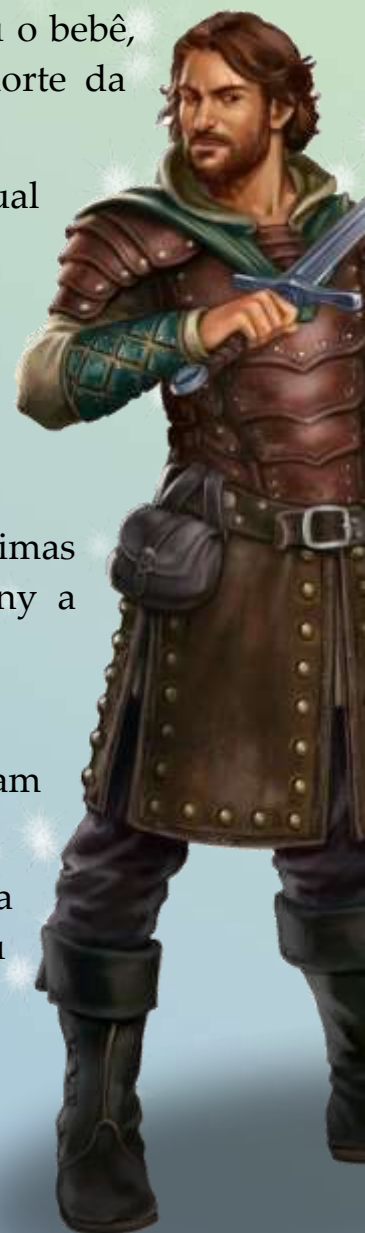
Serena sorriu e beijou a cabeça da bebê. — Olá María. Bem-vinda a Hawthorne. — Disse, antes de entregar a bebê à mãe. — Agora vai e descansa um pouco, Fanny.

— Graças a você, minha senhora, — disse Fanny com lágrimas escorrendo pelo rosto. Serena apenas sorriu e ajudou a Fanny a levantar-se.

— Cuida da sua família, Thomas, — advertiu-lhe.

— Farei isso, senhora, — ele disse enquanto caminhavam para a porta.

Serena suspirou. Quando se afastou da porta, Drogan a estava olhando fixamente. — Você faz muito isso, — observou ela.



— O que?

— Me olhar, — disse, movendo a panela sobre o fogo para ferver água.

— É porque você é muito interessante, — Ele se afastou da parede e parou ao lado dela. — Não tinha ideia de que poderia ajudar uma mulher a conceber.

— Eu não fiz nada, — confessou. — Fanny e Thomas estavam muito desesperados. Eu apenas senti que havia uma criança no futuro deles, o que os acalmou.

Viu-o assentir com a extremidade do olho. — Bem, o que quer que tenha feito, agradeceram-lhe por isso. Tem certeza que quer deixar Hawthorne?

— Não. Não quero voltar a sair de Hawthorne, mas sei que devo.

Ele a segurou e a obrigou a encara-lo. — E você me diria por quê?

Ela sacudiu sua cabeça. — Não há nada a dizer. Apenas quero me assegurar de que Jocelyn, Maris e Gerard vivam. É tão simples assim.

Drogan suspirou. — Não há nada simples sobre você, Lady Serena. Parece-me que há muitas coisas que mantém em segredo.

Suas mãos, grandes e quentes, estavam envoltas ao redor de seus braços, mas não lhe faziam mal. De fato, seu tato era reconfortante, algo que estranhou uma vez que era algo que não tinha sentido desde a morte de sua mãe, há quase seis anos.

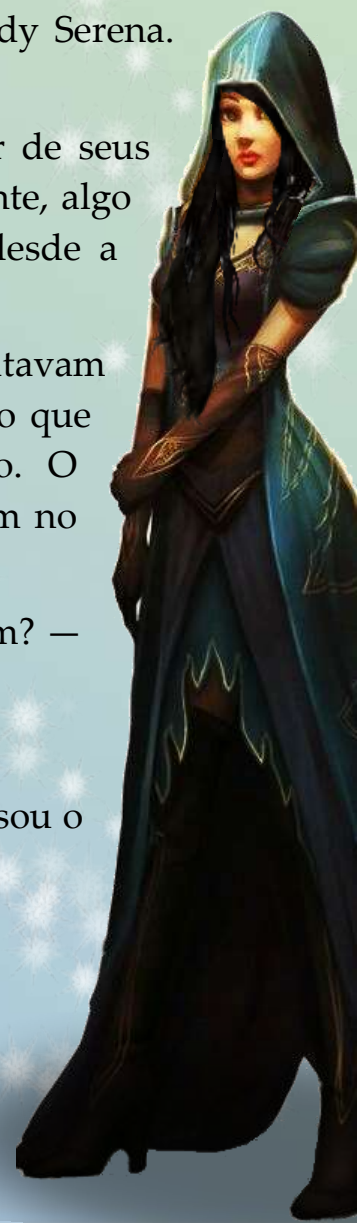
E seus olhos, eles a cativavam. Sombras e segredos se ocultavam por trás das profundidades marrons dourado, e ela sentiu que o que quer que representassem, o destruiriam ao longo do tempo. O pensamento a entristeceu, pois ele era um grande cavalheiro, um no qual Gerard confiava e honrava.

— Já não te disse para não se aproximar tanto de um homem? — Sua voz profunda era baixa, apenas um sussurro.

— Não fui eu quem chegou tão perto.

Um pequeno sorriso curvou os lábios dele. — Portanto, eu sou o culpado?

— Assim parece, meu senhor.



— Entretanto, você não se afasta. Não tem medo de mim?

Ela inclinou a cabeça para um lado enquanto seus olhos se moviam até sua boca larga. Ele gemeu. — Não faça isso, Serena.

— Fazer o que?

— Me olhar assim.

Os olhos dela piscaram lentamente, apenas para encontrar os dele outra vez. Ela sabia que deveria se afastar, mas por sua vida, não conseguia.

Calor atravessou seu corpo, e não era por causa do fogo ardendo na lareira. Mas então as palavras de advertência de sua mãe soaram em sua cabeça.

Cuida de seu coração, Serena.

Ela se afastou de seu alcance. Pesar brilhou em seus olhos escuros, mas ela devia usar todo seu poder para proteger seu coração, não importando quão tentador fosse Drogan.

— Eu nunca te faria mal, — ele disse enquanto baixava os braços.

— Não é isso.

Com uma ligeira inclinação da cabeça, ele se dirigiu à porta, mas deteve-se quando chegou no batente, olhando por cima do ombro. — Eu gostaria que você ficasse aqui, Serena.

— Eu vou com o Maris e Jocelyn, — E então ela esperou ele fechar a porta antes de completar: — Suas vidas dependem disso.



CAPÍTULO SETE

Drogan afastou os olhos do olhar assustado do outro. Ele já tinha estado tão aterrorizado uma vez em sua vida também. A diferença era que Drogan ainda vivia com medo.

— Por favor, — o menino pronunciou.

Drogan tinha cumprido suas tarefas sem dúvidas e sem remorsos, porque ele tinha acreditado que esses homens tinham traído a Inglaterra e à coroa. Mas também sabia que algumas coisas não estavam certas, e na boca do estômago sentia que arderia no inferno por isso.

— Não podemos fazer isto, — disse Cade.

Drogan olhou de Cade a Gerard. Cade estava certo. Independentemente do que os ameaçava, não podiam levar a cabo esta tarefa.

— Não vamos fazê-lo, — disse Drogan.

A risada malvada que seguiu sua declaração fez calafrios subirem por sua espinha dorsal. Foi então que Drogan soube que eles estavam a ponto de cruzar a linha que tinham prometido nunca atravessar.



Drogan parou na muralha ao nascer do sol. Tinha dormido pouco na noite anterior, já que o que estava em primeiro lugar em sua mente era tudo o que deviam reunir para a viagem.

Espada na mão, dirigiu-se para o pátio para começar seu treinamento diário. Esforço físico era tudo o que precisava para



aliviar sua mente de uma certa sedutora de cabelos negros que não queria nada com ele.

Mas, depois de duas horas de atividade vigorosa, Serena ainda ocupava seus pensamentos. Não ajudou ela estar caminhando entre os aldeãos, que chamavam o nome dela e o distraíam. Por três vezes ele quase tinha se lesionado porque se virou ao ouvir seu nome.

Em nome de São Pedro, como se supunha que conseguiria viajar com ela quando a queria tanto? Ele não era mais que um homem, depois de tudo.

Não foi até que terminou seu banho e retornou ao seu quarto que começou a empacotar suas coisas, porém. E ele tinha acabado de calçar suas botas quando se deu conta que tinha esquecido de algo: Penélope.

Deixou-se cair sobre a cama e afundou a cabeça entre as mãos. Ele não a levaria tão longe, portanto, teria que pensar em algo. Talvez ela pudesse ficar ali até que ele e Gerard tivessem completado seu negócio. Seria o lugar mais seguro para ela.

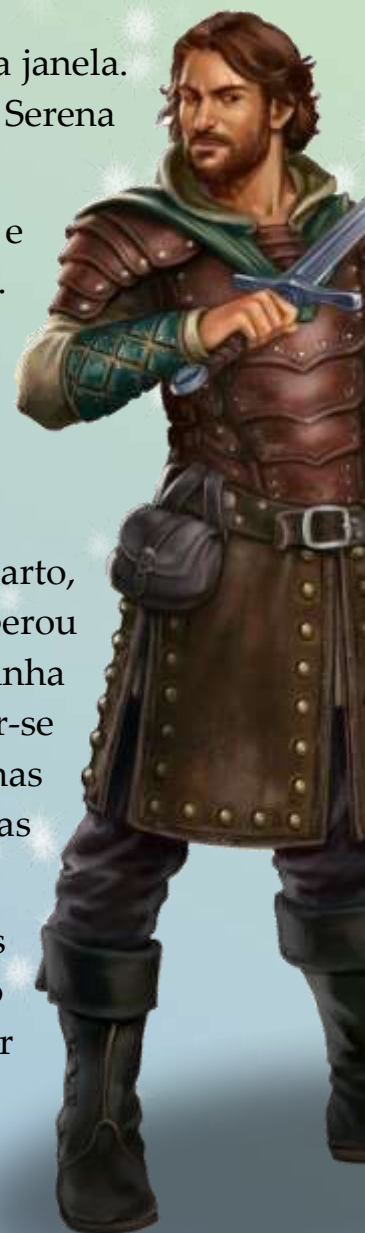
Uma ligeira névoa começou a cair enquanto ele olhava pela janela. O tempo não estava adequado para viajar, mas sabia que Serena insistiria nisso.

Drogan já tinha viajado com reis e rainhas, cavaleiros e criados, mas nunca tinha viajado com um bebê ou uma bruxa. Sem dúvida seria uma aventura.



Tal como estava previsto, Gerard e Maris ficaram no quarto, saindo dali apenas em raras ocasiões. Serena, por sua vez, esperou quanto pôde antes de se aventurar outra vez ao castelo. Tinha passeado pelo povoado pela manhã, pensando em manter-se afastada de Drogan, mas onde quer que fosse ela o via de pé nas muralhas, treinando com os cavaleiros ou falando com as pessoas. Ele estava em todas as partes.

Ela também tinha procurado a segurança de sua casa, mas isso também não tinha ajudado. Embora ela tenha se entretido empacotando roupas e ervas que não seria capaz de encontrar



fora de Hawthorne, a atividade não fez nada para deter seus pensamentos de retornarem à Droган.

Quando já não pôde aguentar mais, dirigiu-se ao castelo. Para sua surpresa, porém, Droган não estava em lugar algum. Ela ficou um pouco decepcionada, mas depois repreendeu a si mesma, dando-se conta de que assim era melhor.

— Olá, — alguém chamou atrás dela.

Ela deu meia volta e encontrou a loira que tinha estado nos braços de Droган na outra noite, e sentiu ciúmes tomar conta de si. — Olá. Meu nome é Serena.

— Eu sei, — a garota riu. — Ouvi tudo sobre você, de todo mundo. Não acredito que já tenha conhecido alguém tão amado quanto você parece ser.

Serena se perguntou se ela iria parar de rir em algum momento. — Você veio com Lorde Droган?

A garota assentiu com a cabeça tão forte que Serena temeu que a crespina² da garota saísse voando. — Sou Penélope, prima de Lorde Droган.

— Sério? — Serena não pôde ocultar o sorriso de seus lábios. Penélope era prima dele, repetiu mentalmente, agradecida por não ter feito papel de boba perguntando a Droган ou a Gerard quem era esta mulher.

Penélope voltou a assentir. — Roguei a Droган que me deixasse vir, e não me detive até que ele estivesse de acordo.

Serena riu, perguntando-se quanto tempo Penélope teve que insistir antes que Droган tivesse concordado. — Estás se divertindo?



2



— Deliciosamente, — disse ela, e seus olhos marrons se ampliaram em deleite. — Espero que não tenhamos que voltar tão cedo.

Serena se perguntou se Droган tinha esquecido de Penélope de propósito ou se era sua intenção deixá-la aí. De qualquer maneira, ninguém havia dito nada sobre ela acompanhá-los a Wolfglynn. — Não acredito que tenha que preocupar-se por isso.

— Maravilhoso, — ela gritou antes de sair correndo.

Ela sentiu-se esgotada depois de falar com ela. A garota não se detinha, e seu entusiasmo sufocava a todos. Com um suspiro, Serena começou a subir as escadas, dirigindo-se ao quarto de Gerard e Maris. Após uma leve batida à porta, Maris deixou-a entrar, e foi então que ela viu Droган sentado junto a Gerard, falando em voz baixa.

— Eles estão repassando mais detalhes de última hora, — disse Maris enquanto fechava a porta atrás de Serena. — Eu estava começando a me perguntar se você viria.

Serena sorriu. — Está preocupada?

— Extremamente, — Maris retorceu as mãos. — Não quero levar Jocelyn para longe de sua casa.

— Logo vocês estarão de volta.

Maris assentiu, mas Serena viu que a dúvida seguia nublando seus olhos cinzas.

— Deve manter a calma, — Serena lhe disse. — Se não Jocelyn se queixará por todo o caminho. Sei que está preocupada, mas Gerard e Droган lhe protegerão.

— Assim como a você, — Droган disse enquanto se aproximava.

— Posso me proteger sozinha.

Ele levantou uma sobrancelha castanho avermelhada. — Da mesma forma que se protegeu contra o moço que bateu na sua perna?

— Eu sei o que fazer para que o hematoma suma suficientemente rápido, — replicou ela.



Gerard riu, batendo nas costas de Droган. — Muito bem, vocês dois. Passaremos vários dias juntos. Vocês vão discutir como crianças?

Serena escolheu não responder. — Quanto tempo demoraremos para chegar a Wolfglynn?

— A cavalo, é uma viagem de três dias, — respondeu Droган.

— Não vamos estar viajando a cavalo.

Todos eles a olharam. — Não te expliquei bem ontem à noite? Não podemos chamar nenhuma atenção. Todos deverão nos ver como camponeses e nada mais.

Gerard não parecia muito convencido.

— Acredita que as pessoas não vão questionar pessoas vestidas como camponeses montando grandes garanhões, Gerard? Temos apenas uma oportunidade para chegar ao castelo de Droган.

— Ela tem razão, — disse Droган. — Sem cavalos. Vamos ter que ir a pé.

Gerard e Maris se olharam, seus olhos cheios de medo e dúvida. Serena olhou para Droган. Ele tinha visto o intercâmbio, também.

— Há alguma maneira de conseguirmos uma carroça e um cavalo? Dessa maneira, Maris e Jocelyn poderiam sentar.

— Verei o que posso fazer, — disse Gerard, antes de se dirigir à porta só para ser detido por Droган.

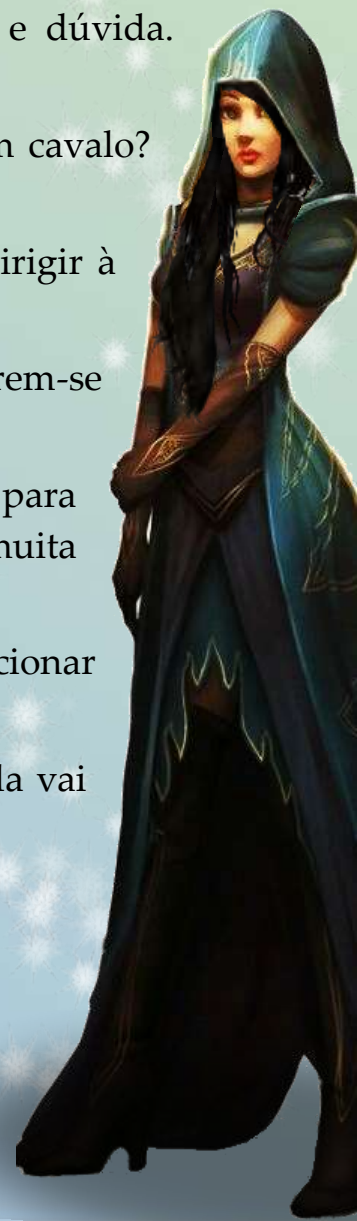
— Não, — disse Droган. — Eu me encarrego disso. Assegurem-se de que tenham tudo o que precisam.

Serena suspirou enquanto Droган saía da câmara, e rezou para que ele pudesse localizar uma carroça e um cavalo sem levantar muita suspeita.

De repente, deu-se conta de que tinha se esquecido de mencionar sua prima. — E quanto a Lady Penélope?

— Droган já falou comigo sobre ela, — disse Gerard. — Ela vai ficar aqui enquanto estamos fora.

— E nossa ausência?



Gerard sorriu. — Levará um tempo para que Penélope perceba que não estamos aqui, lhe asseguro. Ela está mais interessada em si mesma.

Serena sabia que ele estava certo.

— Consegui juntar um pouco de roupa, — Maris disse enquanto se aproximava da cama. — Ainda não estou preparada, mas pela manhã vou estar.

Serena alcançou os artigos que Maris já tinha amontado. — Seria melhor que eu levasse tudo isso até minha casa. As pessoas já estão acostumadas a me ver caminhar ao redor em meus momentos livres. Vou continuar vindo para recolher um pouco por vez.

O sorriso de Maris foi forçado. — Estou assustada, Serena.

Serena olhou por cima do ombro de sua amiga para Gerard. Sua cara estava cheia de preocupação também, mas havia determinação em seus olhos. — Não se preocupe. Tens o mais forte e mais valente cavaleiro da Inglaterra como marido. Nada vai acontecer contigo ou com Jocelyn enquanto ele estiver por perto.

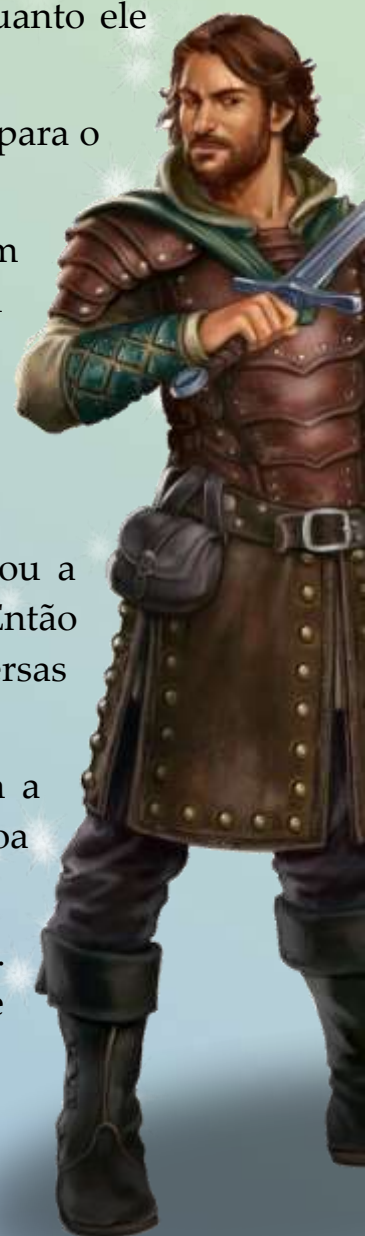
Um sorriso curvou os lábios de Maris enquanto ela olhava para o marido. — Ele é forte e valente.

Serena lhes deixou então, sabendo que necessitavam de um tempo a sós para prepararem-se para a longa viagem. Ninguém se deu conta dela ou a deteve para lhe perguntar por que estava segurando uma braçada de roupa. Exatamente como já havia dito a Gerard e Maris, o povo de Hawthorne estava acostumado a vê-la fazer coisas estranhas, o que trabalhava a seu favor agora.

Quando chegou, ela fechou a porta de sua casa e arrumou a roupa em sua cama. Teria que ser dobrada e empacotada logo. Então ela voltou para a cozinha e encontrou sua mesa cheia de diversas armas.

Apesar de não ter desejo de tocá-las, seus pés a levaram a mesa para observá-las melhor. E ela sabia que só uma pessoa poderia ter deixado essas armas em sua casa. Drogan.

Ela tocou a espada que descansava sobre a borda da mesa. Havia uma cruz intrincada gravada em seu punho, bastante



formosa à vista, e a lamina estava envolta em couro suave. Com certeza era uma espada que já tinha visto muitas batalhas.

— Você gosta?

Ela deu a volta ao ouvir a voz de Drogan. — Da espada?

Com um movimento de cabeça ele confirmou: — Aye.

— É simples e não tão ricamente adornada quanto a de Gerard. Entretanto, parece que está espada é... — Ela encolheu os ombros enquanto lutava para encontrar a palavra adequada. — ...formosa.

— Obrigado, — Drogan então recolheu a espada e a deslizou em sua bainha.

— É tua? — Ela se surpreendeu, embora não devesse. A espada se ajustava a ele.

— Sim. Tenho uma espada como a de Gerard, mas prefiro mantê-la apenas como adorno.

— E com razão, — ela disse com uma risada. Não podia imaginar Drogan em combate com uma espada com um grande rubi incrustado no punho. — Continuo perguntando a Gerard o que ele fará quando aquela enorme pedra cair.

— E o que ele disse?

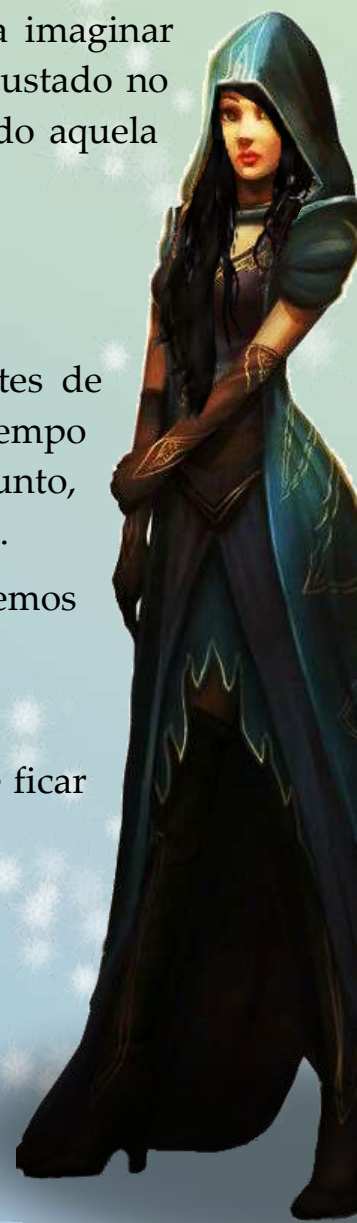
Ela revirou os olhos. — Ele jura que nunca cairá.

— Isso realmente parece com Gerard, — Drogan riu antes de começar a examinar cuidadosamente suas armas. — Durante o tempo que o conheço, porém, sempre usei essa espada. Mudando de assunto, espero que não se importe de nos encontrarmos aqui antes de sair.

— Não. Acredito que sairmos daqui é o melhor que podemos fazer.

Ele pegou uma balestra, examinando-a. — Estou de acordo.

— Surpreende-me, porém, que Penélope não se importe de ficar para trás.



Ele riu. — Ela saiu-se com a sua, pois poderá permanecer na corte. Como sou um homem do rei, ela não entende por que não passo mais tempo com ele.

— E por que não?

Ele encolheu os ombros. — Eu prefiro minha casa, embora Penélope não se preocupe com Wolfglynn.

— Por que não?

Drogan apoiou o quadril contra a mesa e cruzou os braços sobre o peito largo. — Ela diz que é sombrio.

— É?

Ele pensou nisso por um momento antes de dar de ombros. — Suponho que para alguns possa ser, mas se adapta a mim.

— Portanto pensa em si mesmo como sombrio, meu senhor?

Um lento sorriso curvou sua boca. — Às vezes, sim.

— Com pensamentos escuros sempre tão perto de ti, posso entender por que.

O sorriso caiu de seu rosto, e ele se endireitou em toda sua estatura antes de perguntar. — Pensamentos escuros?

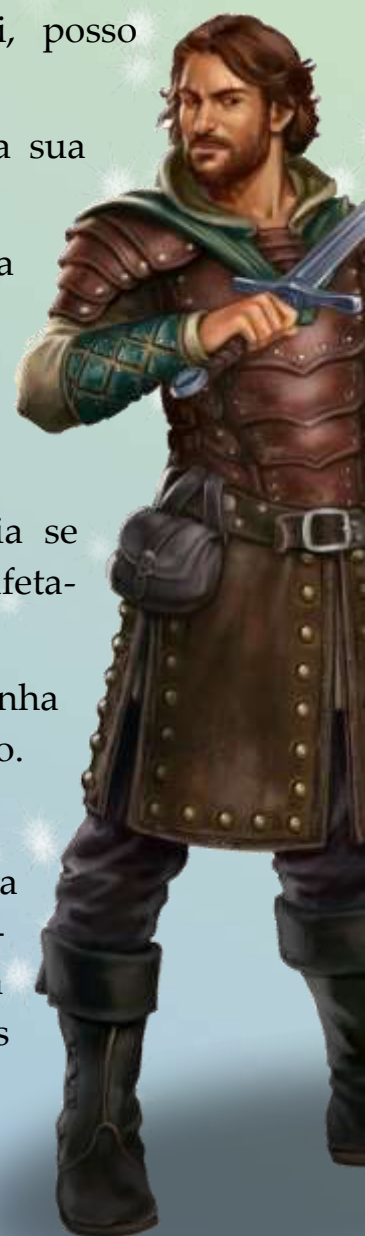
— Relaxe, meu senhor, — ela disse enquanto caminhava para longe dele. Ela não quis dizer nada sobre sua escuridão, mas não conseguiu evitar. — Não sei o que pensa. Só posso sentir que há uma escuridão em seu interior, como se você estivesse preocupado por algo que não vai desaparecer.

Serena olhou por cima do ombro para ver se ele havia se acalmado. Não tinha nem ideia de que suas palavras poderiam afetá-lo, mas sua reação confirmou que estava preocupado por algo.

Sua atenção então se centrou em dobrar a roupa que tinha tirado do castelo, e por isso ela não ouviu Drogan se aproximando.

— É injusta, esta vantagem que tem sobre mim.

Sua presença tão próxima a sobressaltou, mas ela estava determinada a não deixá-lo perceber o quanto a inquietava. — Não é uma vantagem, — ela disse enquanto continuava com sua tarefa. — É simplesmente minha percepção. A maioria das



peessoas poderia sentir as coisas da mesma forma, caso se abrissem para a possibilidade.

— Entretanto, vamos simplificar as coisas.

Ela endireitou-se e o enfrentou. — E como será isso?

— Me diga algo sobre você.

Drogan esperou para ver o que ela ia dizer, se ela iria, de fato, contar-lhe algo sobre si mesma. Suas sobrancelhas negras se levantaram em questionamento.

— Já te disse muito a meu respeito na noite que nos conhecemos.

— Sim, — ele disse enquanto se apoiava no marco da porta. — Entretanto, você sabe muito mais de mim do que eu sei de ti.

— Muito bem, — ela disse depois de um momento. — Direi-te algo. Quando era uma menina, costumava fingir que era uma dama em um grande castelo.

Agora, isso era algo que ele não tinha esperado dela. — Sêrio? Acredito que é algo como que a maioria das meninas sonham, porém.

— Talvez seja, — ela disse, voltando-se de novo para a roupa.

— Então, o que aconteceu para fazê-la desistir dessa hipótese?

Drogan sabia que não devia ter perguntado. Tinha conseguido que ela falasse um pouco sobre si mesma, e era muito pouco provável que ganharia mais alguma coisa por hora.

Ele então voltou para a cozinha e começou a selecionar as armas que poderiam ser armazenadas junto com a roupa. Quando retornou ao quarto, Serena já estava esperando-o. Ele entregou-lhe as armas e a observou enquanto, de forma perita, as deslizava entre as capas de tecido para que não pudessem ser vistas.

— Isto vai funcionar, — disse ela.

— É obvio que sim.

Ela negou com a cabeça para ele. — Estou falando de tudo. Tudo nesta cruzada funcionará bem, desde que Jocelyn, Maris e Gerard permaneçam juntos e cheguem em segurança a Wolfglynn.



— E quanto a mim? — Drogan perguntou, pois algo nas palavras dela havia levantado algumas suspeitas. Seus olhos azuis o encararam, e ela parecia frágil e inocente. Mas ele sabia que as aparências poderiam ser enganosas.

— Todo mundo tem segredos, meu senhor.

— Não todo mundo, parece, — ele disse enquanto a observava começar a recolher sua roupa. — Gerard contou a Maris seu segredo ontem à noite.

— Como deve ser, — ela disse. — Nada deve ser mantido em segredo entre um homem e uma mulher. O que compartilham os aproxima mais.

— Você sabe do que se trata? — Ele tinha que saber se o escuro segredo dele e de Gerard ainda permanecia oculto dela. Francamente, esperava que o fizesse, porque não queria que ela averiguasse seu passado. Ela o via como um homem de honra, mas se descobrisse a verdade, haveria medo e repulsa em seus belos olhos azuis.

— Não. E não tenho nenhuma necessidade de estar a par dessa informação.

Alívio o atravessou. Era tolo, na verdade, já que a opinião dessa mulher — ou melhor dizendo, bruxa — não deveria importar para ele. Era tudo muito estranho, na verdade, já que ele nunca tinha se importado com o que as pessoas pensavam antes. Os únicos cujas opiniões lhe preocupavam eram Gerard e Cade.

Eles três tinham sido inseparáveis e compartilhavam tudo. Pode ser que não compartilhassem o mesmo sangue, mas tinham chamado a si mesmos de irmãos.

Agora, porém, um havia mudado.

— Esses pensamentos escuros estão tomando conta de você mais uma vez agora.

Drogan levantou o olhar para ela. — A escuridão é parte da minha vida. Tentei uma vez afugentá-la, mas aprendi a duras penas que ela sempre estará ali.

Com uma enorme carga que agora pesava sobre ele, despediu-se de Serena com um movimento de cabeça e saiu de sua casa.



Ainda tinha muito que fazer. Tanto ele quanto Serena tinham que providenciar mantimentos, o suficiente para manter quatro pessoas durante uma semana ou mais, que era em média o quanto demorariam a chegar em Wolfglynn.

— Se tivéssemos os malditos cavalos, — ele murmurou ao passar junto aos estábulos.



CAPÍTULO OITO

Drogan secou a barba em seu rosto. Tudo estava em seu lugar.

A carroça estava escondida não muito longe da casa de Serena, e ele ficou novamente agradecido por ela viver separada dos outros. Também foi um golpe de sorte para o seu pequeno grupo que vários comerciantes se detiveram no castelo no dia anterior. Com tantos aldeãos e visitantes que iam e vinham pelas portas do castelo, ninguém pensaria duas vezes ao passar por outra carroça esta tarde.

— Vejo que tem nosso transporte, — disse Serena enquanto caminhava em sua direção.

— Tomei emprestado de Fanny e Thomas.

— Bem, — ela disse com um movimento de cabeça. — Eles vão dar um jeito de manter a si mesmos. Também ouvi que lhes emprestou seu cavalo.

Drogan se moveu, incômodo com seus penetrantes olhos azuis dirigidos a ele. — Sim. Já que peguei o deles, parecia justo que lhes emprestasse o meu, caso precisem.

— Foi muito amável de sua parte, Drogan. Obrigada.

Ele assentiu com a cabeça. — Está tudo preparado?

— Acredito que sim. Embalei toda a comida que você trouxe. Entre ontem e esta manhã, consegui terminar praticamente tudo.

Seu olhar se desviou de novo a ela. — Vou carregar tudo na carroça uma vez que estiver escuro e então atrelar o cavalo. Você perguntou a Maris e Gerard como vão sair do castelo?



— Essa será a parte fácil. É chegar a Wolfglynn que me preocupa.

— Gerard e eu vamos leva-los até lá. Isso eu posso prometer.

Ele então observou-a enquanto ela se dirigia ao castelo. O agudo grito de um falcão lhe chamou a atenção para o céu. O pássaro enorme sobrevoava a zona enquanto o sol descia no horizonte. Não demoraria muito.



— Muito bem, — disse Serena enquanto entrava no quarto principal, onde Maris e Gerard a esperavam. — Estão preparados?

Maris vestiu sua capa esfarrapada e assentiu. Serena tomou Jocelyn dos braços de Gerard, mal reconhecendo-o em seu traje de camponês, e passou a seu lado.

— Recordem, atrás de minha casa. Um por um.

Maris saiu primeiro, e logo Gerard. Serena contou até cinquenta, e logo acrescentou outros vinte, antes de também sair do quarto. Iriam todos tomar saídas separadas do castelo, para que ninguém os identificasse.

Porém, quando deram a volta no corredor próximo ao quarto, alguém bateu na porta e chamou por Maris ou Gerard. Obviamente não houve resposta, então Serena esperou para ver o que aconteceria.

Depois de uns momentos, abençoadamente, o criado partiu.

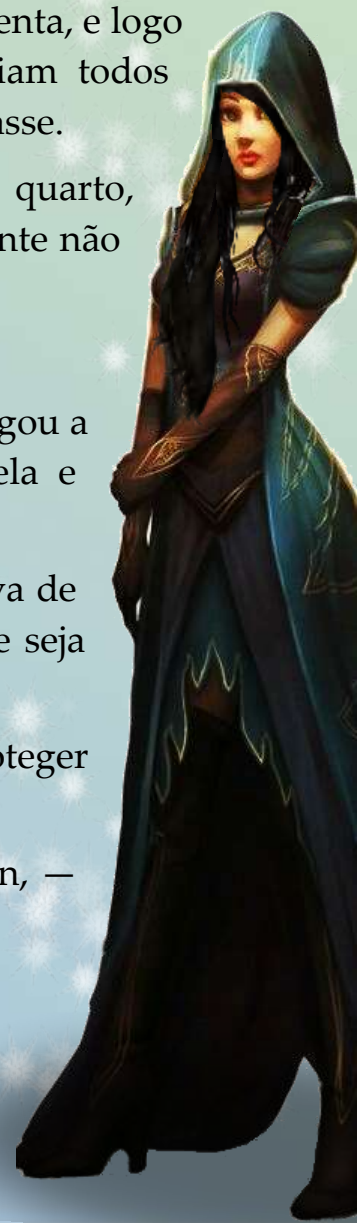
Serena suspirou com alívio e correu do castelo. Quando chegou a sua casa, todo mundo já estava ali. Gerard tomou Jocelyn dela e entregou a bebê a Maris, que estava sentada na carroça.

— A viagem será dura, — Drogan disse enquanto terminava de atrelar o cavalo, — mas vamos fazer o melhor possível para que seja minimamente confortável.

Drogan tinha disposto uma cobertura na carroça, para proteger Jocelyn do sol. Sua consideração surpreendeu Serena.

— Foi muito amável de sua parte pensar em Maris e Jocelyn, — disse ela quando parou a seu lado.

— E em ti, — disse ele.



Ela o olhou fixamente, incapaz de acreditar que tinha pensado nela. Ninguém o fazia. Todos supunham que podia cuidar de si mesma. E o fazia, mas era agradável ter alguém mais se preocupando com ela, para variar.

— Preparados? — Perguntou Gerard.

Serena sorriu a Maris antes que Gerard baixasse seu capuz e o prendesse. — Preparado.

Drogan fez uma pequena saudação e tomou outro caminho. Tinham concordado em deixar Hawthorne separados. Drogan iria primeiro, e se asseguraria de que ninguém estivesse no bosque esperando por eles.

Ele então enviaria um sinal a Gerard, que guiaria a carroça para encontrar-se com Drogan. Serena seria a última a partir, para averiguar se alguém já teria se dado por conta de que o Senhor e a Senhora de Hawthorne não estavam no castelo.

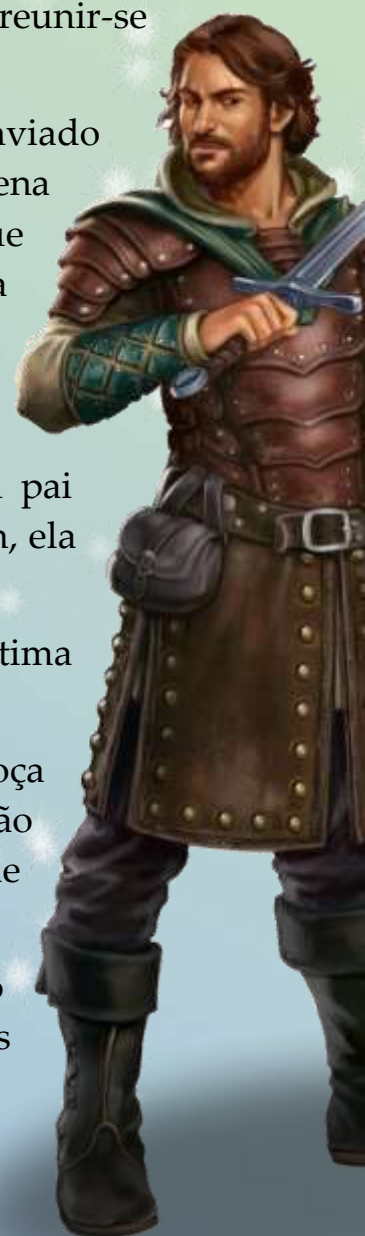
Ela fez um pequeno sinal a Gerard e se dirigiu a sua casa, para pegar sua bolsa. Acontece que ela não iria tomar o mesmo caminho para reunir-se com os outros: ela tinha outra rota para seguir.

Um assobio de Gerard lhe informou que Drogan tinha enviado seu sinal, e que ele e sua família agora saiam de Hawthorne. Serena se apressou a dar uma última olhada a sua casa, e foi então que viu o medalhão de prata pendurado em um gancho perto da chaminé. Era o último presente de sua mãe, embora ela nunca o tivesse tocado. Tinha pertencido a seu pai. Houve um tempo em que Serena tinha ficado hipnotizada pelos intrincados desenhos gravados no metal fino, mas a cada dia que passava sem seu pai retornar, a fascinação que sentia virou desespero. E mesmo assim, ela sabia que não podia deixá-lo para trás agora.

Ela guardou o medalhão em sua bolsa antes de apagar a última vela e sair do único lar que tinha conhecido.

Ela captou uma breve visão de Gerard enquanto a carroça desaparecia em uma curva do caminho. Seus olhos então percorreram as fileiras de casas de campo e o castelo, em busca de sinais de que alguém os houvesse reconhecido.

Depois de vários minutos, Serena abriu seu caminho através das pessoas, dirigindo-se ao castelo. Poucas pessoas



estavam do lado de fora das muralhas agora, já que a maioria estava comendo ou preparando-se para passar a noite.

O castelo estava em silêncio enquanto ela passava caminhando, denunciando que seus ocupantes ainda não sabiam que seu Senhor e sua Senhora tinham partido. Após sua ronda, ela encontrou a escotilha da porta e deslizou para o lado de fora da muralha.

Seus pés atingiram o chão, e ela se apressou a seu destino. A lua estava brilhante agora, e derramava sua luz sobre as lápides.

Não muito longe, separada do pequeno grupo de tumbas estava uma simples cruz, ao lado de um grande carvalho. Serena se dirigiu à cruz e se ajoelhou junto a ela.

— Estou indo embora, Mãe. Sei que você pensa que eu deveria ficar, mas vou salvar meus amigos. Não penso em voltar, embora você já saiba isso.

Ela olhou para a lua e segurou as lágrimas. — Mantereí meu coração a salvo, assim como lhe prometi que faria. Não sofrerei a dor de perder meu marido.

Nem a alegria de sustentar meu filho em meus braços.

— Não vai demorar muito tempo até eu me unir a ti, mãe. Espera por mim. — Serena então se inclinou e beijou a cruz antes de ficar de pé outra vez e se dirigir ao bosque.

Para sua surpresa, deixar Hawthorne não foi tão duro quanto ela tinha imaginado. Ajustou a bolsa que levava no ombro e acelerou o passo.

— Onde ela está? — Ouviu Droган dizer enquanto se aproximava deles.

— Ela tinha algo a fazer antes de sair, — disse-lhe Maris.

Serena entrou na pequena clareira onde seus amigos esperaram, e olhou a Droган, encerrando a discussão. — Estou aqui agora. Estamos preparados?

Ele assentiu e agarrou as rédeas do cavalo. Serena, por sua vez, sorriu para Maris enquanto caminhava ao lado da pequena carroça.

— Estão todos bem? — Perguntou à amiga.



Maris assentiu e beijou a pequena cabeça de Jocelyn. — Vamos ficar bem.

Depois de alguns passos, Gerard se deslocou para falar com Maris, e Serena não quis interferir. Lhe restava, portanto, andar atrás da carroça ou fechar a distância entre ela e Drogan.

Embora seu coração lhe advertisse do contrário, ela seguiu em frente até ficar junto a Drogan. Por um comprido momento, porém, nenhum dos dois disse nada, até que Drogan soltou: — Pensei que tivesse mudado de ideia. — Ela o olhou. Ele olhava para frente.

— Lhe disse que estaria aqui. Dei minha palavra. Mas havia algo que precisava fazer primeiro.

Ele assentiu com a cabeça, mas não disse nada. Quanto a ela, preocupava-se que ele pensasse que ela poderia faltar a sua palavra.

Continuaram em silêncio, porém. Serena eventualmente pôde escutar a risada de Maris em reação a algo que Gerard disse, e o som da felicidade dela reverberou em sua alma de uma maneira que nunca antes tinha acontecido.

Serena observou seus amigos. Embora Maris estivesse sentada na carroça e Gerard apenas caminhasse junto a ela, suas cabeças estavam muito juntas enquanto falavam e compartilhavam um sorriso, enquanto Maris calmamente sustentava sua filha nos braços.

Drogan viu Serena olhando sobre o ombro, e seguiu seu olhar até observar Gerard e Maris. — Eles formam uma bela família.

— Sim, — ela estava totalmente de acordo. — É uma pena que muitas pessoas não possam ter esse tipo de relação.

— Como era a relação de seus pais? — E Drogan soube, logo que a pergunta saiu de seus lábios, que essa era a coisa errada a perguntar.

O corpo de Serena se sacudiu em um calafrio. — Não me lembro.

Ele sabiamente manteve a boca fechada, apesar de estar morrendo de curiosidade para saber por que ela não podia



recordar a relação dos pais. Um deles deve ter morrido quando ela era muito jovem, pensou. Mas, ele duvidava que ela falasse sobre isso. Teria que perguntar a Gerard, embora nem sequer estivesse seguro de que Gerard lhe contaria o que aconteceu.

Irritava lhe perceber como os lábios de seu amigo se fechavam quando se tratava de Serena, embora compreendesse o porquê. O que Drogan não entendia era por que, uma vez que Serena tinha lhe contado o que era, Gerard continuava calado. Ele na verdade se converteu em seu amigo mais reservado no que se referia a Serena.

E no final, Drogan não era sequer o tipo de homem que se envolvia tão intimamente com uma senhora com o qual não tinha intenção de casar-se, e, portanto, o fato de querer saber tudo a respeito de Serena lhe incomodava mais do que queria admitir. A altas horas da noite, quando os sonhos ou pesadelos infestados de pessoas de seu passado mantinham-no acordado, ele continuava se perguntando sobre ela.

Mas a cada vez que se perguntava o motivo de tal obsessão, obrigava-se a rapidamente pensar em outra coisa. Durante muito tempo ele tinha guardado seus segredos escuros a salvo. Ele nunca iria compartilha-los, e não havia a menor possibilidade de que alguém se inteirasse a respeito deles. Nunca.



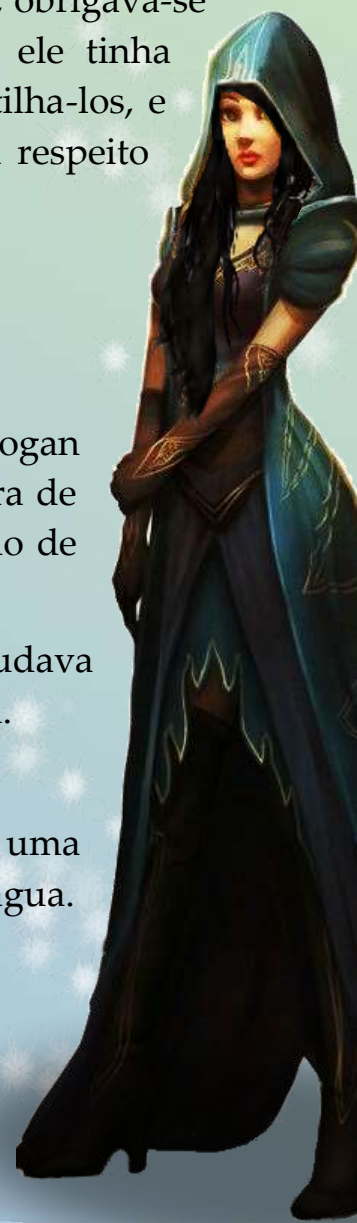
A lua estava alta quando decidiram parar e descansar. Drogan tinha tratado de empurrar os pensamentos sobre Serena para fora de sua mente, o que era bastante difícil com ela caminhando ao lado de seu cavalo.

Ele desatrelou o animal, já que essa atividade sempre lhe ajudava a manter sua mente longe dos pensamentos que lhe preocupavam.

— Precisa de ajuda? — Perguntou Gerard.

Drogan negou com a cabeça enquanto conduzia o cavalo a uma árvore e o atava ali para que pudesse pastar e acessar o balde de água.

— Eu cuido disso. Vá ver sua esposa e filha.



— Serena está com elas. Você está bem?

Drogan levantou a cabeça para olhar seu amigo. — Estou bem.

— Não, não está. Não está bem desde que...

— Não fale. — Grunhiu Drogan, antes de dar um passo atrás e tomar uma respiração profunda. — Não diga, Gerard. Juramos não falar disso, embora isso é de tudo o que temos feito desde que cheguei.

— E é por isso que estou agradecido por você ter vindo, — Gerard passou a mão pelo cabelo loiro escuro e suspirou. — Eu não queria contar a Maris. Fiz tudo que pude para evitar que ela soubesse, mas agora posso dizer que me sinto muito melhor por ter compartilhado tudo com ela.

— Fico feliz por você, — Drogan disse, sem levantar a vista enquanto terminava de preparar o arreio que usariam na manhã seguinte.

Mas uma mão em seu ombro o obrigou a levantar a cabeça. Quando se virou, o rosto de Gerard estava há polegadas de distância do seu, e seus olhos negros penetrantes o encaravam. — A escuridão pode te reclamar, Drogan.

Ele não respondeu, limitando-se a esperar até que Gerard encolhesse os ombros e se afastasse. — É muito tarde, meu amigo, — Drogan então sussurrou. — Ela já me reclamou.



CAPÍTULO NOVE

Drogan achava difícil dormir no castelo sabendo que Serena estava por perto, mas aquilo não era nada em comparação a descansar tendo-a há poucos passos de distância como agora.

Na verdade, precisar dormir tão próximo a ela era uma tortura.

Ele estava consciente de cada vez que ela respirava, de cada movimento que fazia, até ficar quase delirante com tudo isso. E o pior, não havia nenhuma razão para isto. Ele não tinha feito nada além de *falar* com ela.

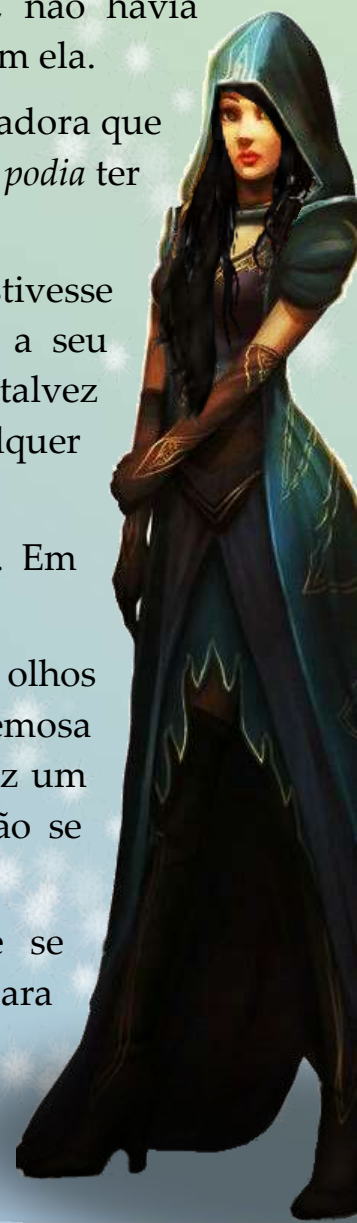
Embora ela fosse linda, e sem dúvida a mulher mais encantadora que já tinha conhecido, ele sabia que não queria uma mulher, que não *podia* ter uma mulher.

Entretanto, continuava curioso sobre ela. Ou talvez estivesse interessado apenas por Gerard e Maris serem tão reservados a seu respeito. Talvez estivesse intrigado porque ela era misteriosa. Ou talvez ainda ela tenha lhe chamado a atenção por ser uma bruxa. Qualquer que fosse a razão, Drogan *tinha* que saber mais a respeito dela.

Ele deitou de lado e fechou os olhos, lutando pelo sono. Em lugar disso, porém, foi a imagem de Serena que apareceu.

Seu comprido cabelo negro flutuava a seu redor, e seus olhos azuis brilhavam com sua risada. Uma extensão da pele cremosa apareceu quando seu vestido deslizou por seu ombro. Ela lhe fez um gesto com a mão, e ele foi a seu encontro com entusiasmo, não se detendo quando ela o puxou contra suas suaves curvas.

Seus olhos se obscureceram enquanto o olhava, e ele se perguntou que sabor teriam seus lábios. Estava se inclinado para



averiguar exatamente isso quando um gemido o arrancou de seu sonho fantasioso.

Quando abriu os olhos, Serena estava observando-o do outro lado da fogueira. Durante vários momentos eles permaneceram imóveis, estudando-se mutuamente até Jocelyn gemer outra vez.

Por mais que tenha tentado, porém, Drogan não pôde fazer seu corpo relaxar. Sua imaginação obviamente não estava ajudando - de fato, o sonho tinha piorado consideravelmente as coisas. Ele estava completamente excitado e precisava de liberação, algo que sabia que não aconteceria até que chegassem a Wolfglynn.

Levantou-se e foi procurar Gerard, que estava de guarda. — Vá se deitar, vou substituí-lo, — Drogan disse enquanto se apoiava contra uma árvore.

— Não consegue dormir? — Perguntou Gerard enquanto ficava de pé.

Drogan negou com a cabeça. — Vá ficar com sua esposa e filha. Vou terminar a guarda esta noite.

Ele ficou agradecido por Gerard não pedir mais detalhes sobre sua repentina insônia. Com um comprido suspiro, Drogan se preparou para a noite.

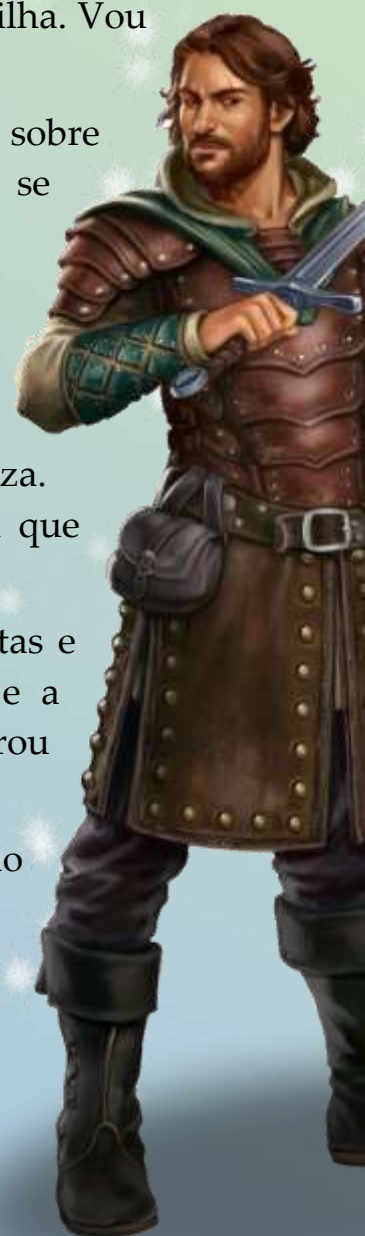


Quando Serena abriu os olhos novamente, o céu estava cinza. Névoa pesada perdurava ao seu redor, e o mais provável era que fosse chover antes do meio-dia.

Ela ficou de pé e se alongou para suavizar a dor nas costas e pescoço. Depois de enrolar a manta em que tinha dormido e a colocar na carroça, alcançou sua bolsa e procurou até que encontrou seu pente.

Com o pente na mão, foi até a provisão de água do acampamento improvisado e molhou um dedo.

— O que está fazendo? — Perguntou Drogan.



— É água.

— Eu sei.

Ela então estendeu a mão para o balde. Depois de lavar o rosto e se secar, o olhou. — Tenho que tomar cuidado para me assegurar de que a água não esteja muito quente ou muito fria.

A testa dele se enrugou enquanto olhava para o balde de água. — Como faz para viver, com todas as precauções que deve tomar?

— Todo mundo toma precauções, — ela disse. — Esta é só minha forma de vida. A gente se adapta.

— E isso não lhe deixa zangada?

A pergunta a surpreendeu. Ninguém tinha perguntado isso. Nunca. Ela levantou o olhar para ele. — Frequentemente me incomodava, quando era mais jovem. Uma vez que me dei conta de que não posso mudar essa realidade, aprendi a conviver com ela.

Ele se aproximou do balde e molhou seu próprio rosto. Quando tinha terminado, ela lhe entregou a toalha. — Por que você se preocupa tanto comigo?

Ele encolheu os ombros e atirou a toalha na carroça. — Tenho curiosidade.

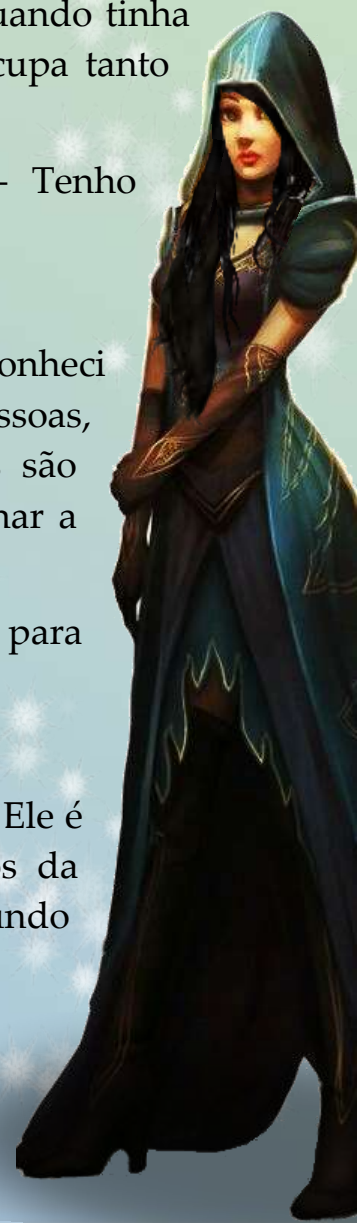
— Sobre mim? Por que? Porque sou uma *bana-bhuidseach*?

Ele sacudiu a cabeça. — Por ser quem é, porque nunca conheci ninguém como você. Não costumo bisbilhotar a vida das pessoas, Serena. Aprendi faz muito tempo que a maioria das pessoas são iguais. — E então aproximou-se do cavalo e começou a enganchar a carroça.

— Ele está dizendo a verdade, você sabe. — Ela deu a volta para encontrar Gerard atrás deles.

— Você ouviu toda nossa conversa?

— Só a última parte. Conheço Droган há um longo tempo. Ele é um homem em quem confio, um irmão em todos os sentidos da palavra, mas aprendeu em uma idade muito precoce que o mundo



não é um bom lugar. E cansei de ver mulheres se jogarem sobre ele, mesmo ele afastando todas elas.

— Por que faz isso? Não deseja se casar?

— Não, embora eu espere que mude de opinião, — Gerard desviou o olhar para Drogan. — Ele já viu muito, e eu sei que você pode sentir a escuridão dentro dele. Ela quase me *reclamou* também, e temo que já o tenha reclamado, — Seu olhar se voltou para ela. — Mas escutá-lo dizer que sente curiosidade a seu respeito põe um sorriso em meu rosto, já que Drogan não sente curiosidade. Nunca.

— Me alegro por ti, — disse Serena antes de começar a se afastar, sendo detida, entretanto, pela mão de Gerard em seu braço. Ela olhou para ele por cima do ombro, encarando seus preocupados olhos negros.

— Sei a posição em que isto te põe, mas lhe rogo: não o rechaçasse.

Ele não lhe deu tempo para responder antes de partir, mas suas palavras soaram em sua cabeça como um sino. Não conseguia entender como Gerard podia pedir algo assim a ela. Ele sabia dos riscos, e, entretanto, ainda se atreveu a pedir.

Ela agarrou-se ao lado da carroça enquanto sua mente nadava em ira e pesar. Apesar de Gerard e Maris serem o mais parecido com uma família que ela tinha, não podia, não faria o que ele pediu.

Serena penteou e trançou seu cabelo enquanto pensava sobre o que Drogan e Gerard haviam dito. Apressou-se a atar uma fita na base de seu pescoço para sustentar o cabelo para trás quando Maris lhe ofereceu um pouco de pão e queijo.

Ela comeu sozinha, observando Gerard, Maris e Drogan conversar sobre a viagem, assegurando-se que tinham planejado tudo. Não passou muito tempo antes de Gerard ajudar Maris a subir na carroça.

— Há suficiente espaço para ti, Serena, — disse Maris.

Serena sacudiu a cabeça. — Vou caminhar um pouco. — Ela não perdeu os olhares trocados entre Maris e Gerard, mas não



estava com humor para conversar, especialmente quando todos pareciam lhe falar sobre Drogan.

Quem ocupava muito seus pensamentos, de todos os modos.

Tela tomou cuidado de não caminhar muito perto da carroça, nem muito perto de Drogan enquanto este guiava o cavalo. Manteve-se longe de todos e se assegurou de que seus olhos permanecessem centrados a frente, sem se importar com quantas vezes apanhou Drogan olhando-a pelo canto de seus olhos.

Não foi até que pararam para o cavalo descansar e comer que se viu obrigada a falar.

— Estiveste muito silenciosa, — disse Maris.

Serena encolheu os ombros e pegou Jocelyn dos braços da mãe. — Tenho muitas coisas em minha mente.

— Gerard me contou o que te pediu.

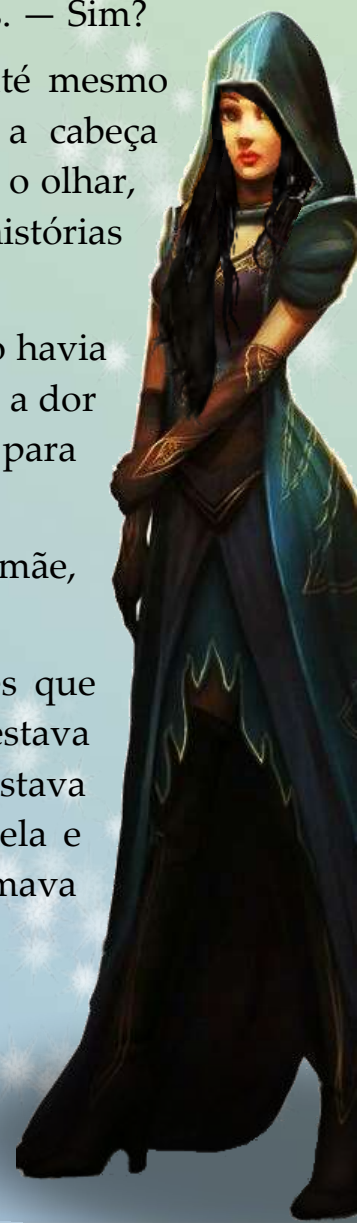
Pouco a pouco, Serena levantou os olhos em direção a Maris. — Sim?

— Eu lhe disse que não foi correto. Afinal, ele lembra até mesmo melhor que você o quanto sua mãe sofreu, — Ela inclinou a cabeça enquanto brincava com a saia de seu vestido, e quando levantou o olhar, seus olhos estavam cheios de tristeza. — Ele me contou muitas histórias sobre sua mãe e sua beleza. Me disse que você é igual a ela.

Serena embalou Jocelyn enquanto escutava Maris falar. Não havia muitas pessoas que falavam sobre a mãe de Serena, já que sabiam a dor que isso lhe causava. Ela engoliu suas lágrimas e empurrou para longe as lembranças que ameaçavam sair.

— Não tenho nenhum desejo de te ver terminar como sua mãe, Serena.

Desistindo, Serena tragou a saliva e deu meia volta antes que suas lágrimas se derramassem. Era agradável saber que Maris estava do seu lado, mas isso não resolvia nada. Não quando Gerard apostava seu coração em algo, o que certamente tinha feito a respeito dela e Drogan. Serena não era tola. Ela sabia o muito que Gerard amava Drogan. Se fosse necessário, ele morreria pelo amigo.



Durante muitos anos ela própria escutou histórias sobre Droган e as fugas que ele e Gerard realizaram. Várias vezes Gerard tinham pedido a Droган para visitá-lo, mas Droган tinha um castelo e terras próprias que requeriam sua atenção, e quando ele não estava em Wolfglynn, estava com o rei.

Mas então ele tinha vindo. E no momento em Serena pôs seus olhos nele e sentiu aquela pontada de ciúmes, soube que seu coração estava em perigo.

Ela caminhou ao redor com Jocelyn, sempre consciente de onde Droган estava. Era uma boa que Maris e Gerard viajassem com eles. Do contrário, ela estaria em sérios problemas.



Droган roubou um olhar de Serena enquanto ela embalava Jocelyn. Ele sabia que algo lhe incomodava. Ela tinha estado calada e reservada desde que tinham começado a viajar esta manhã. E pela forma como Gerard e Maris lhe jogaram olhares frequentes e conversavam entre si, ele sabia que era algo importante.

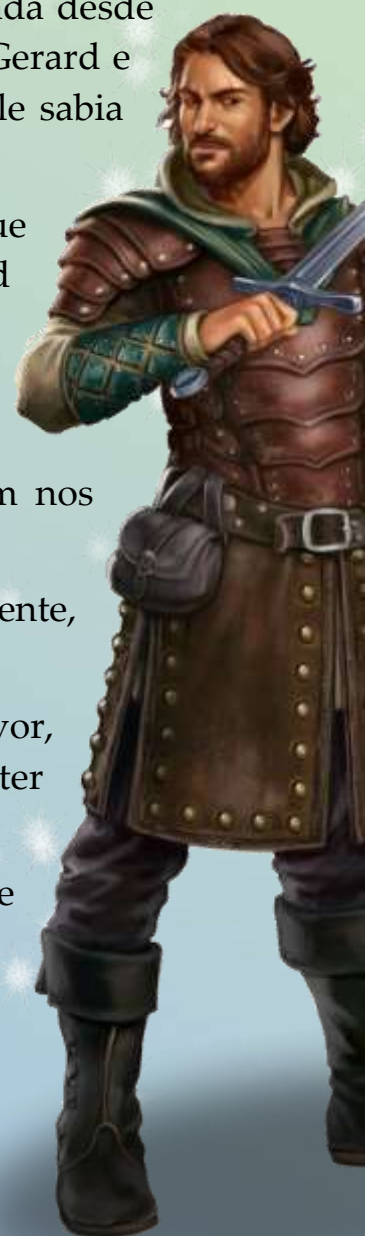
Também sabia que Maris não estava de acordo com o que Gerard queria. — Vejo que observa Serena, — disse Gerard enquanto se sentava ao lado de Droган para comer.

Droган gemeu. — Mantenha sua espada na bainha, Gerard. Estou observando-a para me assegurar de que não se afaste. Estes bosques são perigosos, especialmente se estiverem nos seguindo.

— Não me importa que esteja observando-a. Francamente, sinto-me tranquilo.

Droган esfregou a parte de trás de seu pescoço. — Por favor, me diga o que mudou. Em Hawthorne me advertiu para me manter afastado dela, mas agora atua como se nos quisesse juntos.

Gerard encolheu os ombros, mas não levantou o olhar de sua comida. — Quem sabe?



Algo estava acontecendo, e disso Drogan tinha certeza. Gerard nunca tinha sido muito bom em ocultar suas intenções, e se Drogan esperasse por tempo suficiente, descobriria do que se tratava.

— Vou assegurar-me de que não estão nos seguindo, — ele disse enquanto ficava de pé.

Entrou no bosque ao lado e encontrou Serena olhando para nada em particular, como se algo pesasse muito em sua mente. Desejou poder ajudá-la de algum jeito.

Com um profundo suspiro, porém, começou sua busca, e o que encontrou não melhorou seu estado de ânimo. Alguém permanecia o suficientemente longe para não ser visto, mas os seguia.

Drogan retornou à carroça e avançou pelo atalho pelo qual deveriam seguir. Não demoraria muito para saírem dos bosques, perdendo o amparo das árvores. Estariam à vista então, incapazes de se ocultar, o que não era algo que queria fazer levando duas mulheres e um bebê.

— O que? — Perguntou Gerard quando se deteve o lado de Drogan.

— Estão nos seguindo.

Gerard se esticou, e sua mão procurou o punho de sua espada. — Quão longe?

— O suficientemente longe para que eu não possa dizer quem é. É como se estivesse à espera de algo.

— Que seria?

— Isto, — disse Drogan, apontando o caminho. — Logo a cobertura das arvores vai desaparecer.

— Deixando-nos à vista de todos.

Drogan assentiu. — Vamos ser um alvo fácil nos movendo tão lentamente como o fazemos.

Gerard amaldiçoou. — Não quero que Maris saiba. Não há nenhuma razão para as assusta-la até que seja o momento.

— Certo.

— O que vamos fazer?



— Vou te dizer o que acho que *não* devemos fazer, e isso seria nos arriscar em campo aberto, — Drogan encarou seu amigo à espera de sua resposta, já que esta decisão afetava principalmente sua esposa e filha.

Gerard olhou para o bosque. — Se deixarmos o caminho, vamos nos atrasar ainda mais. Não podemos mudar o curso.

— Muito bem, — disse Drogan, retornando à carreta. Ele sabia que não poderia convencer o amigo a sair do caminho, mas podia fazer todo o possível para garantir sua segurança.

Serena tinha entregue Jocelyn de novo a Maris quando Drogan a encontrou. — Posso falar contigo um momento? — Ele pensou que ela poderia se negar, mas ela o seguiu. Ele continuou: — Vou viajar por último de agora em diante. Você consegue levar o cavalo e conduzir a carroça?

— É óbvio.

Não havia nenhuma dúvida do alívio que encheu seus olhos azuis, e Drogan admitiu internamente adoraria ser um leitor de mentes para saber o que ela pensou que ele gostaria de lhe falar.

Quando ela se virou para tomar a dianteira do grupo, porém, ele a deteve com uma mão em seu braço. — Mantenha-se alerta, — advertiu-lhe.

— Sinto inquietação em ti, — ela disse em murmúrio.

— Todos sabíamos que seria perigoso deixar Hawthorne.

— Mas seria mais perigoso ficar.

Ele remexeu os pés quando viu Gerard falar com Maris. — Gostaria de lhe pedir para não falar sobre isso com Maris.

— Não vou. Ela já tem suficientes preocupações por agora.

— Você está armada? — Ela sacudiu a cabeça, fazendo o cabelo negro se mover contra o azul de seu vestido. — Há uma adaga debaixo do assento da carroça. Utilize-a se for necessário.

Ela então olhou para baixo, e ele seguiu seu olhar até perceber sua mão no braço dela. Imediatamente a soltou e deu um passo para trás. Por um instante apenas, seus olhos beberam de sua beleza no meio do esplendor das árvores densas antes



dele virar as costas e se afastar.

— Tome cuidado, — ele ouviu que ela dizer, ocasionando-lhe uma estranha sensação no peito. Como se seu coração se movesse.



CAPÍTULO DEZ

Serena observou Droган até ele desaparecer entre as árvores. A ansiedade que sentia nele era forte. Ele estava preocupado.

Ela se moveu para a carroça, e encontrou Gerard checando suas armas. Sim, sem dúvida, algo preocupava os homens. Eles tomavam cuidado de não demonstrar, entretanto, e a surpreendia - e agradava - que Droган houvesse lhe contado o que estava acontecendo. Ele não tinha falado muito, mas era mais do que Gerard havia dito a Maris.

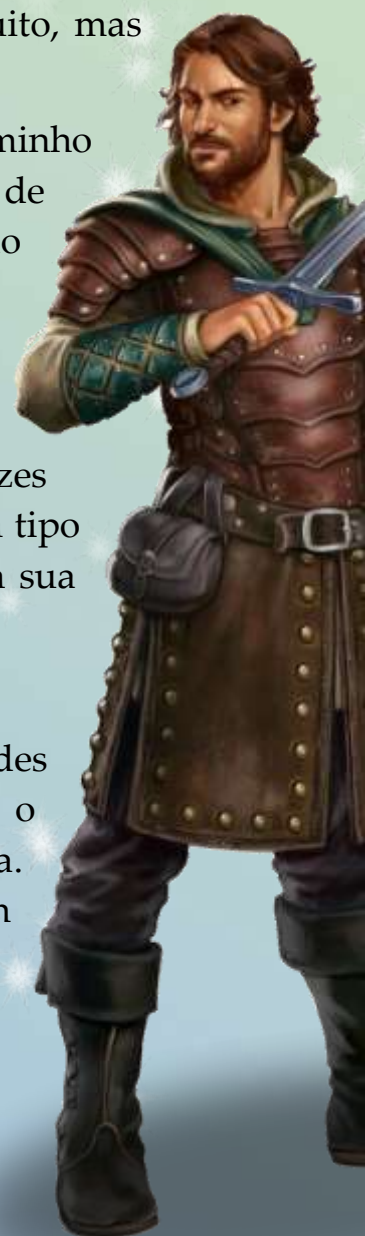
Serena andou até o cavalo e se preparou para partir. O caminho ante ela se estendia interminavelmente, contendo todo tipo de perigos, a fazendo consciente que desta vez Droган não estava ao seu lado. Agora ela enfrentaria o desconhecido sozinha.

— Não vou estar muito longe de ti, — disse Gerard ao passar junto a ela.

Ela tentou responder, mas tinha a boca seca. Muitas vezes tinha ouvido as jovens moças de Hawthorne pedindo por algum tipo de aventura, mas ela, ao contrário, sempre esteve satisfeita com sua rotina e a segurança de seu lar.

E agora não tinha nenhuma dessas coisas.

Ela suspirou e pôs cavalo em movimento. Tinha dificuldades para manter a calma, admitiu, com as rédeas balançando, o rangido da carroça e as rodas girando pelo caminho de terra. Apesar de seus olhos capturarem tudo pelo caminho, ela era um punhado de nervos.



Quando Gerard passou a frende deles, sentiu-se sozinha. E quando finalmente chegaram na parte mais elevada do terreno, Gerard andou ainda mais longe que antes.

Mais à frente da borda do bosque, uma paisagem estéril se estendia ante eles. Seu medo cresceu dez vezes mais, pois ela compreendeu que a ideia de deixar a segurança das árvores era o que tanto preocupava Gerard e Drogan.

Olhou por cima do ombro com a esperança de ver Drogan, mas não enxergou nada exceto árvores. Com seus dentes pressionando seu lábio inferior, ela seguiu adiante.

Quando saiu das sombras do bosque à luz do sol, um calafrio percorreu todo o seu corpo: o mal se aproximava deles rapidamente.

Ela tratou de fazer com que o cavalo se movesse mais rápido, mas o animal era velho e estava cansado. Em várias ocasiões, inclusive, Serena se sentiu tão impotente que esteve a ponto de pegar à adaga da qual Drogan tinha falado, mas de algum jeito conseguiu manter suas mãos fechadas ao redor das rédeas.

Duas horas mais tarde os ombros lhe doíam pela preocupação, inflamando-se até o ponto de impedi-la de virar a cabeça. Seu rosto e pescoço crepitavam pela exposição ao sol, do qual ela normalmente se escondia. Maris e Jocelyn tinham dormido, sem saber do temor que envolvia Serena.

Gerard seguia a frente deles, detendo-se de vez em quando para estudar o terreno. Ela soube que ele tinha encontrado algo quando se deteve e os esperou.

— O que está acontecendo? — Perguntou ela.

Ele sacudiu a cabeça. — Há algumas carroças viajando mais à frente, e um pequeno povoado não muito longe da estrada. Poderíamos ter sorte e chegar ali antes do anoitecer.

— Assim espero.

— Alguma notícia de Drogan?

Ela olhou para trás. — Não.



— Ele estará bem. Se alguém pode cuidar de si mesmo, esse é Drogan. Vou ver minha família.

Mas apenas alguns momentos depois Gerard passou junto a ela, lhe fazendo saber que era hora de começar a mover-se de novo. À medida que a carroça começou a rodar Jocelyn reclamou, fazendo Maris se movimentar na parte de trás - inclusive sem poder ver, Serena sabia que Maris estava alimentando-a.

Serena obrigou sua mente a afastar-se dos ombros doloridos e da pele machucada concentrando-se na noite a frente, quando então poderia descansar seus pés palpitantes e aplicar algumas ervas curativas na pele.

Quando finalmente levantou o olhar horas mais tarde, numa pequena pausa no caminho, percebeu que o sol se afundava no céu e que Drogan estava ao seu lado. — Serena, — disse ele antes de descansar uma mão em seu braço.

Apesar de seu toque ser suave, a pele dela parecia estar em chamas. Ela gritou e se separou dele.

Ele moveu-se até que parou frente a ela. — O que aconteceu com sua pele?

— O sol, — disse ela, apoiando-se no cavalo.

— Por que não fez algo para se proteger? — Ele quase gritou. — Você viu que estávamos deixando o bosque.

— Eu sei, — Ela ficou mais envergonhada de si mesma do que tinha estado em anos. — Mas eu estava tão preocupada em manter Maris e Jocelyn seguras que não pensei nisso.

— Mas sem dúvida algo do gênero passou pela sua cabeça quando sua pele começou a picar, — Ela levantou o olhar para ele e viu sua mandíbula apertada.

— Sabe que sim.

— Então me diga por que não parou.

Ela melhorou sua postura como pôde e levantou o queixo. — Porque as vidas delas são mais importantes que a minha. Não



queria correr o risco de parar e dar tempo para alguém nos alcançar.

Para sua surpresa, Droган deu um passo atrás e a olhou. — Nunca conheci uma mulher que pudesse me surpreender como você é capaz de fazê-lo.

— Se isso foi um elogio, é pobre, — ela espetou, com vontade apenas de sentar-se e descansar - nunca tinha estado tão esgotada em toda sua vida.

— Tem algo para passar na pele?

— Sim.

Droган moveu-se para mais perto dela. — Te levantaria eu mesmo e te acomodaria na carroça, mas temo que só vou te causar mais dor.

Apesar de suas dores e de sua pele ardente, ela sorriu. — Quanto falta até que possamos parar?

— Não estamos muito longe do povoado. Eu gostaria de chegar lá antes de pararmos, se possível.

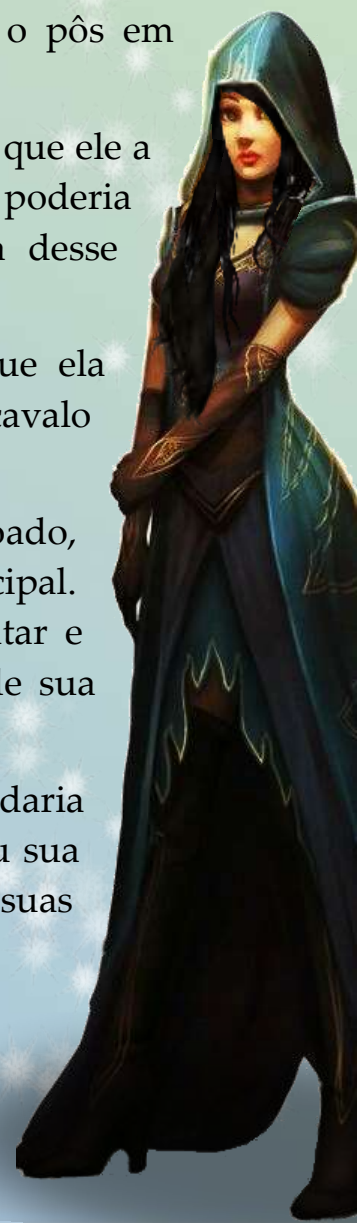
— Então vou conduzir até lá, — Ela tomou o cavalo e o pôs em movimento de novo.

Mas, apenas dois passos adiante ela já desejava ter deixado que ele a acomodasse na carroça. Ela nunca tinha percebido quão teimosa poderia ser, e rapidamente descobriu também que não gostava nada desse aspecto de sua personalidade.

Felizmente eles chegaram ao pequeno povoado antes que ela caísse no chão, embora estivesse bem perto disso. Ela usou o cavalo para se apoiar, porém, o que tinha ajudado.

Gerard e Droган tinham decidido não entrar no povoado, preferindo se alojar nos subúrbios, escondidos da estrada principal. Ela não se importava. Tudo o que Serena queria fazer era deitar e dormir. Mas, em vez disso, Droган insistiu que ela cuidasse de sua pele e comesse primeiro.

Ela queria lhe dizer para deixa-la sozinha, mas isso demandaria muito esforço de sua parte. Então ela não discutiu, apenas pegou sua bolsa, onde estavam as ervas que necessitava para tratar suas queimaduras.



Depois de remexe-la um pouco, encontrou o que precisava e começou a moer as ervas em um recipiente. Uma vez feito isto, adicionou um pouco de água sobre a mistura até formar uma massa, que logo alisou sobre a pele.

Ela sabia como parecia, sem mencionar como cheirava, mas isso não lhe importava. O efeito de resfriamento proporcionado pelo aloe-vera misturado com outras ervas aliviava instantaneamente a queimadura. Ela se jogou em sua manta, pensando em descansar um pouco antes de comer, mas o sono profundo a reclamou imediatamente.



Drogan observou Serena moer as ervas e aplicar a mescla em sua pele. Um pequeno sorriso curvou seus lábios, lhe fazendo saber que a mescla acalmava sua dor. Ele só esperava que a queimadura tivesse sumido pela manhã, e que então ela se cobrisse adequadamente.

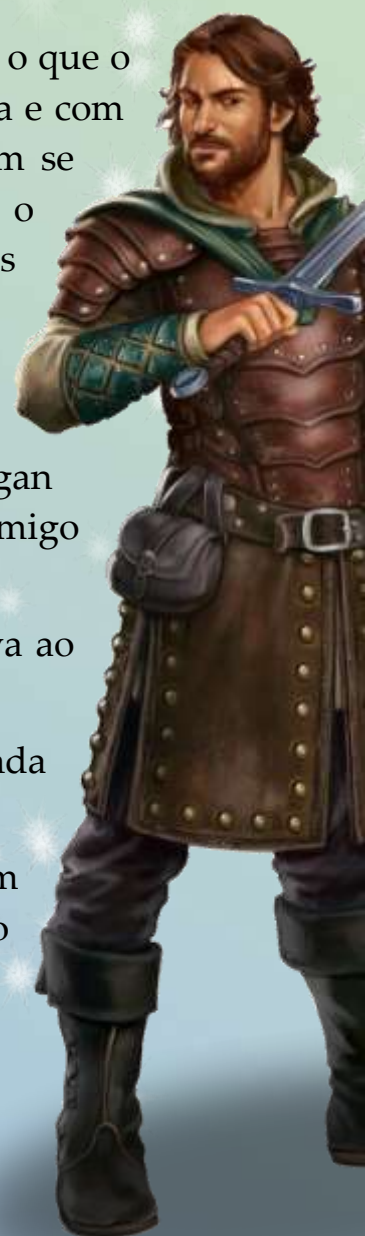
Não podia explicar a raiva que o tinha tomado quando viu o que o sol tinha feito a ela. Sua formosa e cremosa pele estava vermelha e com manchas, e se ele não estivesse errado, algumas bolhas estavam se formando. O esgotamento também tinha claramente afetado o corpo dela. Ele desejava que a viagem fosse mais fácil, mas eles tinham apenas dado os primeiros passos, mal conseguindo cobrir a distância necessária no primeiro dia.

Mas ao menos tinham chegado ao povoado. Aqueles que os seguiam ficaram para trás, por algum motivo. Drogan simplesmente desejava saber quem os deteve; conhecer o inimigo facilitava a luta.

— Ela está adormecida, — disse Maris enquanto se sentava ao lado de Gerard. — Nem sequer esperou para comer.

— Ela está desgastada pelo dia, — Drogan respondeu, ainda observando Serena.

Maris então olhou para Gerard. — Ambos parecem cansados também. Está tudo bem? — Drogan quase riu enquanto Gerard apenas se queixou.



— Foi só um longo dia, — respondeu Drogan.

Maris assentiu. — Há comida suficiente na carroça para umas poucas noites mais antes que tenhamos que caçar.

— Serena e eu embalamos tudo que pudemos. Não sei como ela conseguiu, mas preparou o dobro do que eu, — disse Drogan.

— Ela é bastante surpreendente.

Drogan continuou olhando Serena dormir. Ela era incrível. Ele nunca tinha conhecido outra mulher como ela e, se fosse honesto consigo mesmo, sabia que nunca conheceria. Ele sequer tinha ideia de que uma mulher como Serena pudesse existir. Uma bruxa, sim, mas ela também era muito mais do que isso.

Ela estava pondo sua vida em perigo para levar seus amigos a um lugar seguro. Drogan não conhecia nenhuma outra mulher que pensasse fazer isso, e, entretanto, Serena nunca duvidou em ser voluntária para acompanhá-los.

— Parece estar profundamente perdido em seus pensamentos, — disse Maris enquanto se movia para perto dele.

Drogan deu uma olhada em Gerard antes de responder a Maris. — Na verdade, não.

Maris riu e estendeu a mão para assegurar-se de que a pequena Jocelyn estava coberta no berço próximo. — Mesmo você sendo um bom mentiroso, Drogan, até mesmo eu posso ver além da sua desculpa agora.

— Estou pensando no dia seguinte, — mentiu.

— E olhando para Serena enquanto o faz?

Gerard dirigiu um sorriso a ele, e Drogan gemeu. — Estou preocupado com vocês. É uma viagem comprida e perigosa, e quero ver todos alcançando Wolfglynn com vida.

— Bom, — disse Maris, ficando de pé com um sorriso estampado em sua cara. — Lembre-se disto toda vez que olhar para Serena. Ela não deve ficar com ninguém, Drogan.

— Por que?



Maris suspirou e olhou para Serena por cima do ombro. — É uma maldição. Não a faça sofrer como sua mãe o fez.

Maris não lhe diria nada mais, ele sabia, e por isso se virou para Gerard. — O que ela quis dizer? — Gerard apenas encolheu os ombros e ficou olhando para frente.

— Você conhecia a mãe de Serena?

— Sim, — respondeu Gerard depois de uma respiração profunda.

Drogan passou os dedos pelo cabelo. — Você quer nos ver juntos?

— Sim.

— Inclusive se eu lhe trouxer dor?

— Sim.

Drogan soprou e sacudiu a cabeça. — Não te entendo. Por que quer lhe causar dor?

— Porque ela poderia ser capaz de te ajudar.

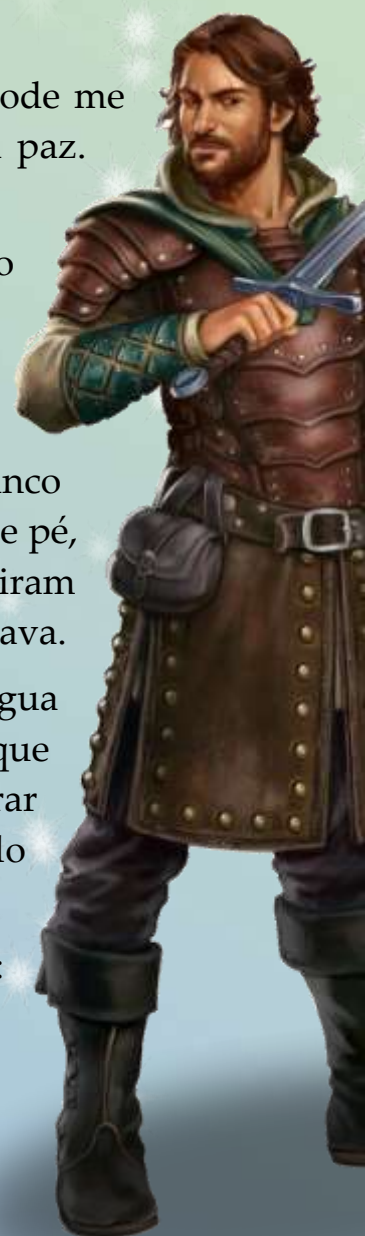
Drogan baixou a cabeça e riu. — Ah, Gerard. Ninguém pode me ajudar, — Então voltou a olhar para o amigo. — Me deixe em paz. Estou contente onde estou.

Drogan se virou e se dirigiu para o povoado. Quando encontrou um poço, agarrou um recipiente e foi pegar um pouco de água. Enquanto enchia o balde, deu-se conta de quão gelada estava a água. Muito fria para Serena.

Enquanto voltava silenciosamente ao acampamento, viu cinco vagões parados na entrada da cidadezinha. Havia uma mulher de pé, envolta em uma manta, o observando. As sombras lhe permitiram apenas vislumbrar sua silhueta, mas a presença dela lhe incomodava.

Quando finalmente retornou ao acampamento e verteu a água em um recipiente para esquentá-la sobre o fogo, deu-se conta que Maris o estudava. Suspirando, ele disse: — Só quero me assegurar de que Serena possa utilizar a água. É sempre muito fria ao sair do poço.

Durante uns momentos, Maris não disse nada. Mas então: — Você me surpreende, Drogan, e pouca gente faz isso.



Ele negou com a cabeça, já que não tinha ideia do que ela queria dizer. Ele estava apenas zelando pelo bem-estar das mulheres pelas quais era responsável.

Uma imagem de seus pais apareceu em sua mente. Fazia muito tempo que não pensava neles. Seu pai tinha sido um homem duro que conhecia somente uma coisa: como usar uma espada. E tinha passado essa habilidade a Drogan.

Já sua mãe tinha sido tranquila e dócil, governada sem piedade pelo pai de Drogan.

Quando Drogan viu Gerard e Maris juntos, entretanto, deu-se conta que nem todo mundo tinha uma relação como a de seus pais.

Era uma pena que tanta felicidade não tinha lugar em seu futuro.



CAPÍTULO ONZE

O estômago de Serena não a deixava dormir. Tanto quanto ela lutou para ignorar sua fome, ela a despertou de seu sono. Ela então abriu os olhos para ver as estrelas brilhando no céu. A lua em toda sua glória estava lá pendurada, derramando luz sobre tudo.

O cheiro de comida fez seu estômago grunhir. Não adiantava ir contra, ela teria que se levantar e comer antes de encontrar o sono novamente.

Ela se virou para o lado e sentou-se. Maris e Gerard dormiam juntos ao lado de Jocelyn, que estava aninhada nos braços de Maris. Era uma bela imagem, e Serena não pôde deixar de olhar para eles.

Uma coruja piou a distância, chamando novamente sua atenção para a fome que a atormentava. Ela ficou de pé e pegou a carne assando no fogo. O calor chamuscou um pouco seus dedos, mas valeu a pena para experimentar o sabor maravilhoso.

— Está muito quente?

Ela começou a falar quando Droган sentou-se não muito longe, a sua direita.

— Está um pouco quente, mas posso lidar. Por quanto tempo eu dormi?

— Algumas horas.

Ela assentiu enquanto sentou-se e voltou a comer, consciente de que estava sendo observada. Foi então que notou a tigela de água que ele havia colocado no tapete onde estavam



sentados. Ela a alcançou e sentiu a temperatura da água, encontrando-a perfeita. Não estava nem fria nem quente demais.

Seu olhar o encontrou. — Você fez isso?

Seu aceno de cabeça foi breve, mas ela o viu assim mesmo.

— Obrigada.

Ele encolheu os ombros. — A água do poço estava fria até mesmo para os meus dedos.

Uma pequena onda de alegria a atravessou. Ele pensou o suficiente nela não só para pegar a água, mas também para aquecê-la, para que não a machucasse.

Depois que ela terminou com a carne, tratou de enxaguar a pasta de ervas de sua pele. Nas poucas horas em que ficou aplicada, quase havia cicatrizado todas as bolhas.

— Você adicionou alguma magia a essas ervas.

Ela sorriu para Drogan. — Na verdade não. Só sei o que usar, e quando.

— Você aprendeu isso com sua mãe?

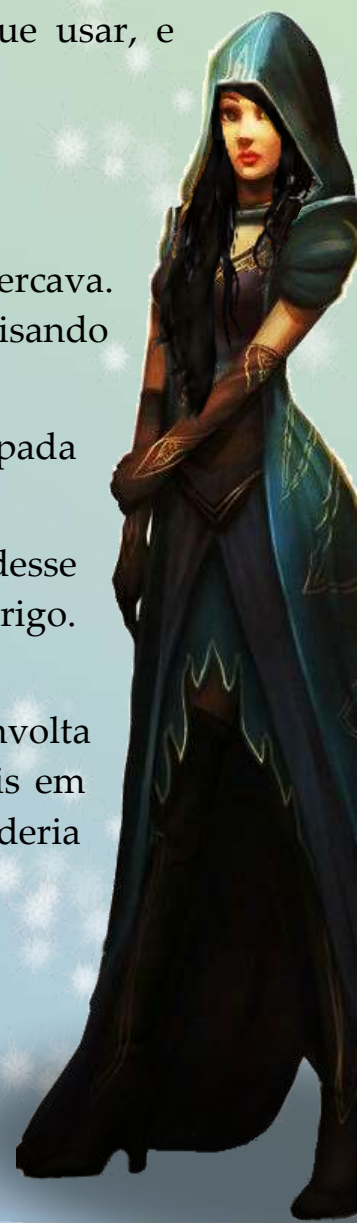
Serena apertou os dentes e assentiu. — Sim.

Mas de repente, sentiu que uma grande onda de energia a cercava. Ela ergueu-se e olhou para a escuridão, procurando a fonte, precisando saber o que poderia atraí-la de uma maneira tão fantástica.

— O que é isso? — Perguntou Drogan enquanto tirava a espada da bainha.

— Não sei, — ela sussurrou. Entretanto, embora não pudesse afirmar com certeza, não pensava que estivessem em perigo. Certamente ela sentiria se estivessem.

Então Serena a viu. Ela entrou na luz do acampamento envolta em um cobertor escuro, seu cabelo loiro caindo em seus quadris em ondas douradas. A mulher era tão linda que ninguém poderia competir com ela.



Elas se olharam por longos momentos até que os lábios da mulher se espalharam em um pequeno sorriso.

— Eu pensei ter sentido você.

Serena inclinou a cabeça para o lado e a olhou fixamente quando se deu conta do que era essa mulher. — Você é uma *bana-bhuidseach*?

— Sim. Faz muitos anos que encontrei a última do nosso tipo.

Serena engoliu em seco. — Eu não vi ninguém desde que minha mãe morreu.

— Há poucos de nós agora, acho. — A bela mulher olhou ao redor do acampamento até seu olhar descansar em Drogan.

Serena seguiu o olhar da outra mulher e a viu contempla-lo segurando sua espada. Ela estava prestes a dizer-lhe para baixar a arma quando a mulher falou: — Meu nome é Adrianna. — Ela então caminhou em direção a Drogan. Ele permaneceu parado enquanto Adrianna circulava ao seu redor, antes dela se virar e se dirigir novamente a Serena.

— Eu sou Serena de Hawthorne.

— Precisamos conversar, — Adrianna disse, afastando-se do acampamento.

Serena estava se movendo para segui-la quando a mão de Drogan em seu braço a deteve.

— Não vá longe, — disse ele. — Eu estarei aqui se você precisar de mim.

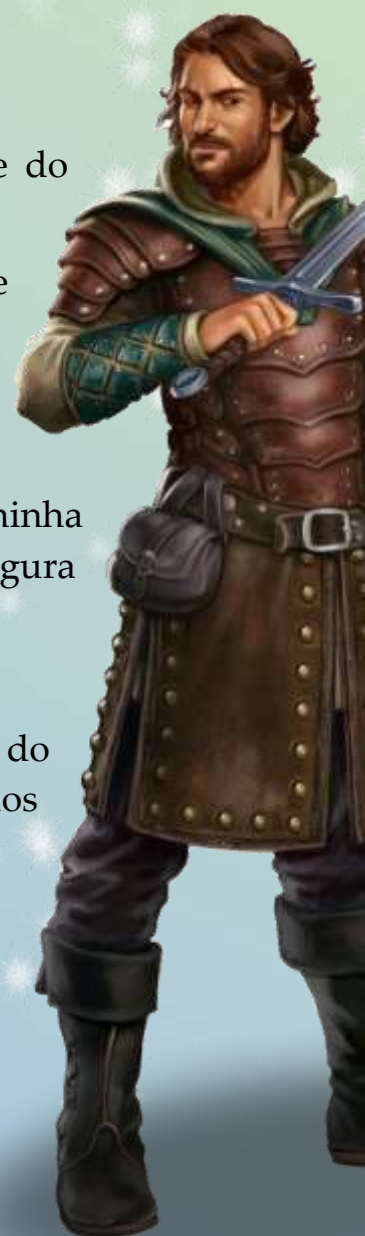
Ela sorriu e tocou sua mão. — É a primeira vez desde minha mãe que encontro uma do meu tipo. Confie em mim. Estou segura com ela.

— Espero que sim.

Serena seguiu Adrianna até um ponto perto da periferia do povoado. Adrianna observou a carroça, e os cobertores enrolados nela.

— Há uma escuridão que ameaça agarrá-lo.

Serena suspirou. — Eu sei. Posso sentir.



Adrianna olhou para ela então. — Você sabe da maldição?

— Sim. Destruíu minha mãe.

— No entanto, você se arriscaria para estar perto dele?

— Não tenho escolha. Um grande mal persegue meus amigos, e tenho de vê-los em segurança.

— O casal que dorme?

Serena assentiu. — Eu vi suas mortes, e um jeito para que possam sobreviver.

Adrianna suspirou e desviou o olhar. — Então você deve fazer o que viu.

Serena fechou os olhos e saboreou a companhia de um dos seus próprios, embora soubesse que isso terminaria em breve.

— A viagem à sua frente é traiçoeira, — Adrianna disse suavemente.

Serena abriu os olhos. — Será minha morte.

O olhar de Adrianna girou para encontrar o dela. — Você viu isto?

Serena assentiu. — É a única maneira de manter meus amigos vivos, e é imperativo que eles permaneçam vivos.

— Ah, — Adrianna disse, baixando a cabeça. — Nossa vida não é fácil na estrada, não é?

Naquele momento, um grupo de homens caminhou até as carroças, e um deles acenou para Adrianna. Eles estavam vestidos com cores vibrantes, seus cabelos escuros e longos. *Ciganos*.

— Você viaja com eles?

Adrianna assentiu e sorriu. — Sim.

— Um dos homens é seu?

O sorriso sumiu dos lábios de Adrianna. — Eu tentei manter meu coração seguro, mas não tive sucesso. É bastante assustador como o amor pode nos reivindicar rapidamente.

O estômago de Serena apertou-se com medo e tristeza. — Pelo menos você tem um filho.



— Eu o perdi dois meses depois do nascimento. Febre.

Lágrimas encheram os olhos de Serena. — Sinto muito, Adrianna. Ninguém deveria ter que sofrer assim.

Adrianna ergueu um canto do cobertor na carroça e limpou os olhos.

— Devemos viver com o que nos é dado. — Ela olhou para Serena. — Durma bem.

Quando Serena voltou para o acampamento, Drogan estava esperando por ela.

— Você está bem?

Ela assentiu e deslizou sob suas capas. — É estranho que eu tenha encontrado uma *bana-bhuidseach* quando restam tão poucas de nós.

— Sinto muito por não poder ficar com ela por mais tempo.

Ela olhou para Drogan. — Foi o suficiente ter os poucos momentos que tive. — Ela então rolou de lado e puxou o cobertor mais apertado enquanto o sono a reivindicava novamente.



O olhar azul claro de Cade encarou o de Drogan com força. — Você sabe o que ele planeja? — Ele sussurrou.

Drogan assentiu e se virou. Ele não podia continuar a olhar para os olhos de Cade, tão cheios de acusação e desgosto.

— Nós devemos fazer algo, — disse Cade, erguendo a voz.

— Não há nada que possamos fazer. — Gerard passou a mão por seus cabelos. — Nós temos nossas ordens.

Cade amaldiçoou na pequena câmara que eles compartilhavam.

— Nós já fizemos o suficiente para ele. Durante anos estamos a serviço do rei, fazendo o que ele e seus senhores mandam, nunca questionando o que eles pedem. Mas devemos questionar agora.

Drogan levantou-se e parou na frente de Cade. — Se o fizermos, nós morremos.



— *Eu não serei capaz de viver comigo mesmo se não fizermos nada, Drogan, — Cade disse.*

E pela primeira vez desde que Drogan conheceu Cade, viu medo e dúvida no olhar de seu amigo.

— *Nós vamos passar por isso, — prometeu Drogan.*



Drogan abriu os olhos para encontrar Gerard inclinado sobre ele. Gerard deu-lhe um último empurrão antes de se endireitar.

— Tudo tranquilo? — Drogan perguntou enquanto afastava o pesadelo de sua mente.

— Sim. — Gerard caminhou até Maris.

O céu ainda estava escuro, mas não demoraria muito para o sol aparecer no horizonte. Eles precisavam se mover.

Drogan levantou e se lavou antes de enrolar os cobertores e coloca-los na carroça. Ele ia justamente acordar Serena quando a encontrou escovando os cabelos.

— Sente-se melhor?

Ela sorriu, mostrando seus dentes brancos. — Muito.

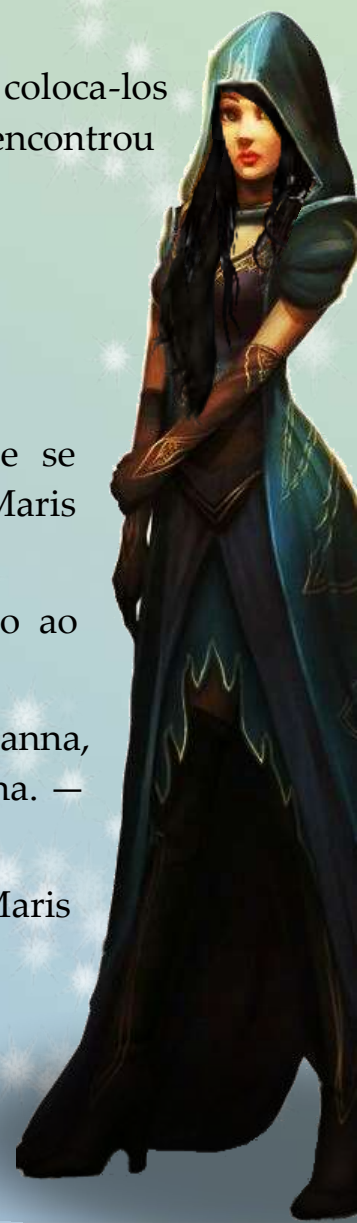
— Temos outro longo dia à nossa frente.

Ela assentiu e terminou de trançar seu cabelo antes de se levantar. Ele estava atrelando o cavalo na carroça quando ouviu Maris ofegar.

Quando ele girou, viu que Adrianna estava parada junto ao fogo.

— Vocês estão todos em grande perigo, — disse Adrianna, olhando em volta do acampamento até seu olhar pousar em Serena. — O mal que os persegue vai encontrá-los antes do fim deste dia.

Drogan apertou as mãos enquanto Gerard segurava uma Maris tremente e branca em seus braços.



— Eles poderiam ter nos alcançado ontem, mas não o fizeram, — Drogan observou.

O olhar de Adrianna se moveu para ele. Ela era linda, ele lhe daria isso, mas parecia quase insensível. Seus olhos azuis não possuíam nenhum calor como os de Serena.

— Eu sei o que vi. — Ela voltou-se para Serena. — Se você deseja continuar com o que tem que fazer, então vocês devem prestar atenção nas minhas palavras.

— O que você sugere? — Perguntou Serena.

— Vocês devem se dividir.

— Não, — disse Gerard.

Serena foi até ele. — Gerard, por favor. Ela é como eu. Ouça o que ela tem a dizer.

Uma vez que Serena disse a Gerard o que Adrianna era, toda sua atitude mudou. Drogan teve a sensação de que ele estava sendo deixado fora desse grupo, que lhe foi mostrado apenas o suficiente para aliviar sua curiosidade e evitar que fizesse muitas perguntas sobre o assunto.

— Meu povo está saindo esta manhã também, — disse Adrianna. Então ela apontou para Gerard e Maris. — Vocês dois e o bebê precisam vir conosco. Poderemos escondê-los em um dos nossos vagões. Um dos ciganos irá pegar a carroça de vocês e dirigir-se a uma direção diferente da que nós vamos.

Drogan viu a hesitação nos olhos de Gerard. Seu amigo olhou para ele, mas Drogan não tinha nenhuma resposta. Porém, era visível que Serena acreditava nessa mulher, e isso era quase o suficiente para convencê-lo.

— Vou levá-los para Wolfglynn, — disse Adrianna.

Drogan olhou para Serena, não acreditando que ela tinha dito para a mulher aonde eles estavam indo.

— Eu não contei nada a ela, — Serena respondeu, como se estivesse lendo sua mente.



Adrianna deu um passo mais perto. — Depois de conversar com Serena ontem à noite, voltei ao meu vagão e vi o que os ameaça. Serena está certa ao querer manter sua família viva, — disse ela à Gerard.

— E quanto a Serena e Drogan? — Maris perguntou, sua voz tremendo.

A testa de Drogan se franziu quando viu o olhar que Adrianna lançou sobre ele antes de virar seus olhos azuis pálidos novamente para Serena. — Eles devem continuar juntos. — Ela pegou as mãos de Serena na dela. — Tentei ver outra maneira, mas não existe uma.

Drogan sabia que havia cometido más ações em nome do rei em seu passado, mas poderia manter Serena segura. A menos que não fosse isso que estava em discussão.

Adrianna viu algo mais que poderia causar sofrimento a Serena por ficar a sós com ele? Ele olhou mais de perto para Serena e Adrianna, e viu um breve olhar de tristeza atravessar o rosto da loira.

Era óbvio que as duas compartilhavam algum tipo de segredo, algo que nem mesmo Gerard e Maris sabiam do que se tratava. E fosse o que fosse, não era bom.

— Não demorem para decidir, — Adrianna disse, olhando com cautela para Drogan. — Estarei no meu vagão quando o fizerem.

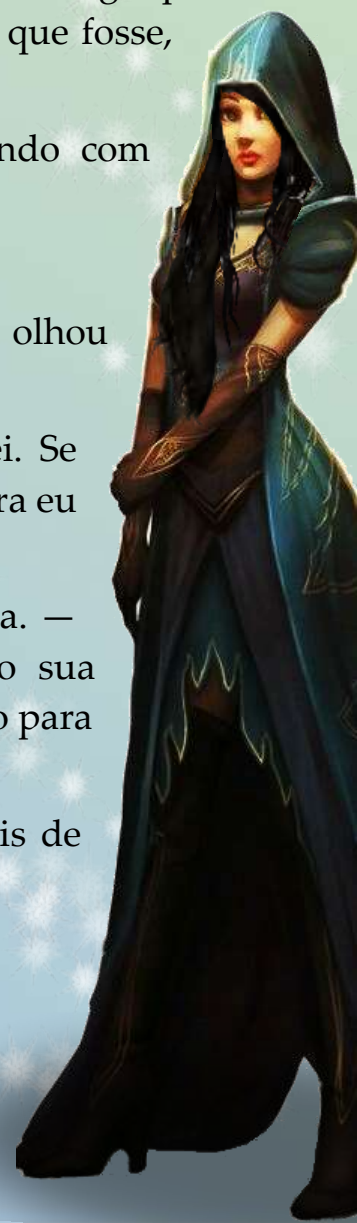
E com isso, ela se foi.

Drogan respirou fundo enquanto todos o observavam. Ele olhou para Gerard primeiro. — O que você acha?

Gerard balançou a cabeça e olhou para Maris. — Não sei. Se podemos mesmo acreditar nela, pode ser algo a considerar, embora eu prefira que fiquemos juntos.

Serena não podia aceitar que não acreditassem em Adrianna. — O que ela tem que dizer para provar a si mesma? Eu sinto sua preocupação e medo. Ela está se arriscando tanto quanto seu povo para nos ajudar.

— É verdade, — disse Gerard. — Você confia nela? Depois de conhecê-la apenas ontem à noite?



Serena mordeu a língua e orou por paciência. — Você me conhece a minha vida toda, Gerard. Será que alguma vez já o levei para o caminho errado?

— Não.

— E eu certamente não faria isso agora, com sua vida e as vidas da sua família em perigo, certo?

Quando ele não respondeu, ela se virou para Maris, que se curvou para pegar uma Jocelyn chorando. — Maris?

— Eu tenho medo, — disse ela. — Tenho medo desde que descobri que Gerard estava em perigo e tivemos que sair da nossa casa. Não sei o que fazer, mas se você confia nela... então eu também confio.

Serena alcançou e abraçou Maris. — Eu acredito que ela vai levar vocês com segurança para Wolfglynn. Ela não nos dividiria se não fosse de alguma forma dificultar o mal que está atrás de nós.

— Isso o confundirá, — admitiu Drogan. — Ele não terá certeza de para onde vocês foram.

— Provavelmente ele irá atrás de você então, — disse Gerard.

Serena olhou por cima do ombro para Drogan. Ele assentiu. — Espero que faça exatamente isso.

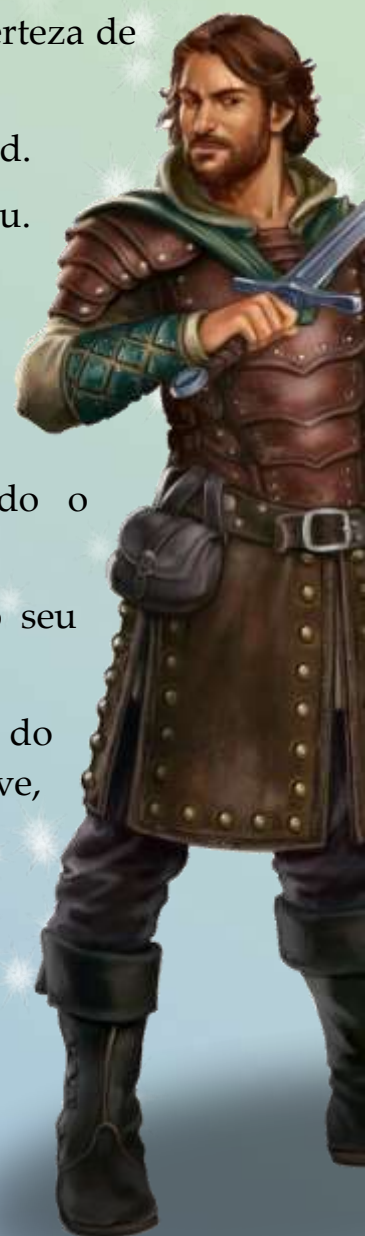
— Vamos ficar bem, — disse Serena a Gerard e Maris. — Apressem-se e tomem sua decisão, para que os ciganos possam sair em breve.

Em menos de trinta minutos eles haviam desmontado o acampamento e tomado uma decisão.

Maris abraçou Serena com força. — Mantenha seguro o seu coração.

— Eu vou, — prometeu Serena enquanto se afastava do abraço e se aproximava para beijar Jocelyn. — Vou te ver em breve, anjo, — ela sussurrou para a criança.

— Serena, — disse Gerard.



— Apenas mantenha-as seguras. Nós nos veremos em algum momento.
— Então ela recuou enquanto Gerard e Drogan trocavam algumas palavras.

— Desculpe, não consegui encontrar outro caminho, — disse Adrianna enquanto caminhava para Serena.

Serena encolheu os ombros. — Sou forte o suficiente para impedir que aconteça.

Adrianna olhou para ela.

— Eu sou, — insistiu Serena.

— Espero que sim. Tenha cuidado, Serena.

Ela caminhou até o lado de Drogan enquanto Gerard dirigia a carroça atrás dos ciganos. Tanto quanto ela tentava negar, sabia que a verdadeira aventura estava prestes a começar.



CAPÍTULO DOZE

— É melhor nos movermos. — Drogan levantou a bolsa de Serena sobre seu ombro. Ele desejava ter comprado alguns cavalos, mas era muito arriscado adquiri-los na mesma cidade onde eles se separaram de Gerard e Maris.

Teria que esperar por outra cidade ou casa que encontrassem pelo caminho.

— Qual caminho vamos tomar? — Serena perguntou.

Ele olhou para ela. Seu cabelo preto trançado pendia sobre seu ombro esquerdo, e ela se mantinha rígida e reta, como se enfrentasse os horrores do mundo.

— Não vou deixar que lhe façam mal.

Seus olhos azuis surpreendentes e vivos se deslocaram para ele. — Eu sei, ou nunca teria concordado com a sugestão de Adrianna. Gerard confia em você com sua vida, bem como com a vida de sua família. Eu também confio em você.

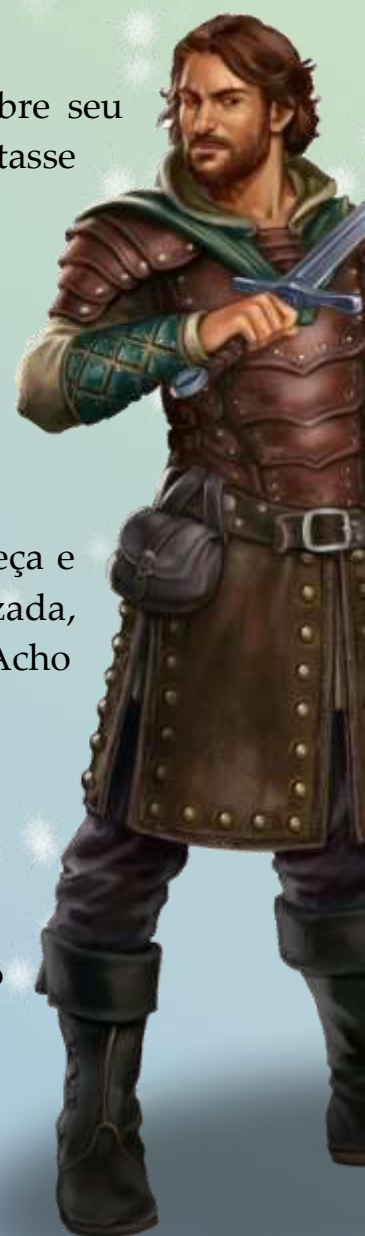
Sua fé nele o surpreendeu. Ele deu um leve aceno de cabeça e apontou para a floresta à distância. Estava densamente arborizada, dando-lhes muitos lugares para se esconder, se necessário. — Acho sábio ficar fora das estradas.

— Concordo. Quanto menos pessoas nos verem, melhor.

Ele sorriu pela ideia dela. — Exatamente.

— Bem, suponho que devemos pôr-nos a caminho.

Ele estendeu a mão para detê-la. — Vai demorar um pouco antes de encontrarmos mais bosques. Você deve cobrir sua pele.



— As luvas longas cuidarão dos meus braços.

— E o resto?

Com uma expressão peculiar no rosto, ela alcançou a bolsa que pendia do ombro dele e remexeu ali dentro. Então ela tirou algumas coisas e sorriu. — Luvas para as minhas mãos e um chapéu para ajudar a cobrir meu rosto.

Depois de vestir as roupas, ele acenou com a cabeça. — Pronta?

— Sim, — ela disse, tentando recuperar sua bolsa.

— Eu vou carregá-la.

Seu sorriso era o de uma mãe falando com uma criança lenta. — Você já está carregando a sua. O mínimo que posso fazer é carregar a minha.

Drogan consentiu. — Somente se você prometer me informar se tornar-se um fardo.

— Concordo, — ela disse, antes de começar a andar na direção que ele havia apontado.

Ele facilmente a alcançou. O ritmo que ela estabeleceu não era rápido, mas estável e muito mais veloz do que tinham conseguido no dia anterior.

— Você sabia que teríamos que nos separar de Gerard?

Ela balançou a cabeça enquanto caminhava em meio à grama alta. — Não. Isso foi algo que não vi antes de partir, mas tenho certeza que se tivesse olhado noite passada teria visto, exatamente como Adrianna.

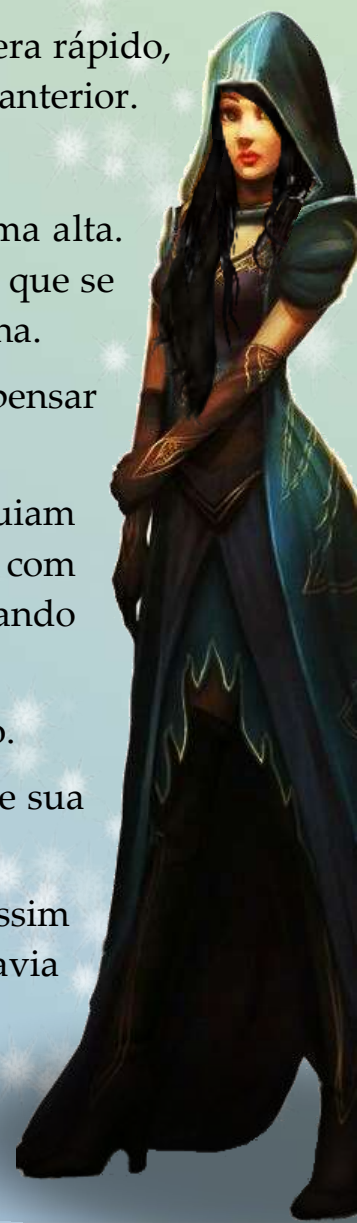
— Você quer dizer que algo mudou? — Era perturbador pensar no sentido para o qual sua mente estava viajando.

— Sim. Ou nós fizemos algo ou as pessoas que nos seguiam fizeram algo diferente da minha visão original. Isso ocorre com frequência. Eu deveria ter tentado olhar na noite passada quando chegamos à aldeia.

— Você estava exausta, Serena. Não pode esperar fazer tudo.

Ela parou e olhou para ele. — É meu dever manter Gerard e sua família viva. Eu levo isso a sério.

Ele parou ao lado dela. — Esse também é o meu dever, assim como manter *você* viva. E eu levo isso a sério. — Ele sabia que havia



mais do que ela o deixou saber, mas permitiu que ela guardasse seus segredos, já que ele tinha muitos deles também.

Ela levantou a cabeça por um momento e suspirou. — Desculpe, Drogan. Eu não queria soar rude. É só que isso é muito importante para mim.

— Eu entendo. — E ele entendia. Era tão importante para ela quanto para ele encontrar o mal que estava atrás de Gerard, para acabar de uma vez por todas com isso. Já passou do tempo para que esse mal morresse.

Ela lhe deu um pequeno sorriso e começou a andar outra vez. Ele a deixou ficar um passo à frente, então ela não o veria se virar periodicamente para observar o caminho atrás deles.

Depois de alguns momentos, ela correu até um galho longo do tamanho de seu pulso. Ela olhou por cima do ombro para ele e sorriu. — Aha! Uma bengala. Exatamente o que eu precisava.

Ele se viu rindo por seu entusiasmo. — Você nunca saiu de Hawthorne, não é?

— Não. Minha mãe nasceu e cresceu lá, assim como sua mãe e a mãe dela antes disso. Eu amo Hawthorne, e nunca tive vontade de sair.

— É algo que suas pessoas fazem, ficar em uma mesma aldeia por tanto tempo?

Ela riu então, o som fluindo ao redor dele como borboletas.

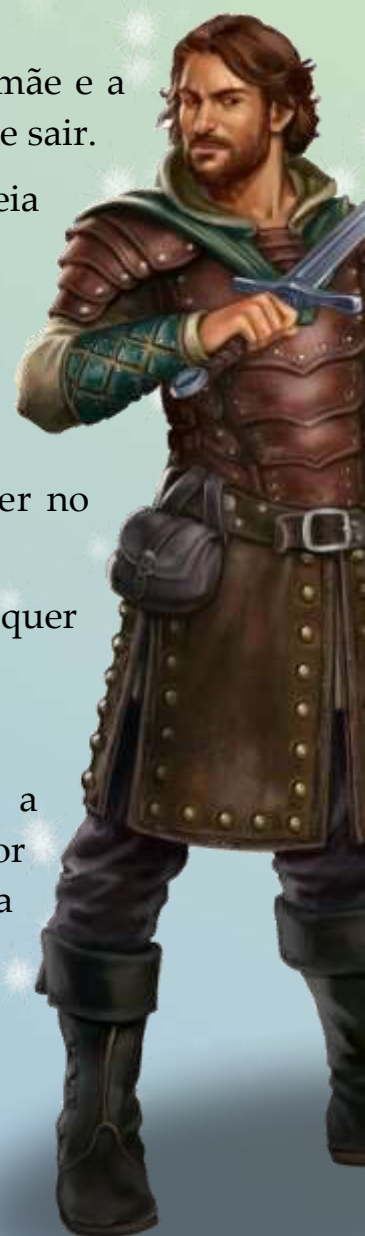
Borboletas? Bom Deus, no que ele estava pensando?

— Diga-me, Drogan. É algo que suas pessoas fazem, viver no mesmo castelo, geração após a geração?

Ele apertou os lábios. — Muito bem. Entendo o que você quer dizer.

— Eu posso ser uma bruxa, mas ainda sou uma mulher.

Isso era certo, pensou Drogan. *Toda mulher.* Ele limpou a garganta e afastou seu olhar do suave balanço de seus quadris. Por um momento ele teve um desejo quase incontável de deitá-la na grama grossa e fazer amor com ela.



Ele fechou os olhos, implorando a seu corpo para esfriar e se concentrar em chegar a Wolfglynn. Mas seu corpo, ao que parece, gostava de estar em um constante estado de excitação, especialmente agora que ele estava sozinho com Serena.

Quando eles parassem para descansar, Droган precisaria se afundar em água fria. Seriamente. Mas então seus pensamentos se concentraram em ter Serena nua em seus braços na água, para ouvir seus gemidos suaves implorando por mais.

Houve momentos em seu passado em que ele desejou uma mulher, mas não na extensão ou profundidade de sua fome por Serena. Ele a assistiu furtivamente enquanto tirava o chapéu de homem da cabeça. O sol tinha desaparecido por trás das nuvens grandes e ameaçadoras que se moviam.

— Parece chuva, — ela disse enquanto olhava para as nuvens.

Ele arrastou o olhar do dela e olhou para o céu. — Isso é verdade. Duvido que fiquemos secos por muito tempo.

Mas, de alguma forma, as nuvens e a chuva ficaram a leste deles, dando-lhes um adiamento. Droган fez uma breve oração de agradecimento quando eles atravessaram o campo. Ele preocupou-se que se afastar da estrada principal seria muito difícil para Serena, mas ela se provou notavelmente hábil, algo raro nas senhoras que conhecia - ou na maioria das mulheres, na verdade.

Sua admiração por ela cresceu a cada passo que eles deram. Ele esperava que eles fossem precisar fazer muitos intervalos, mas depois de um curto descanso que eles tomaram antes do meio dia, não pararam novamente até o momento de comer.

Mesmo assim, ela descansou um pouco os pés, comeu a comida e estava pronta para prosseguir em seguida. Nesse ritmo, eles poderiam chegar a Wolfglynn em questão de dias.



Não havia dúvida de que estar sozinha com Droган deixava Serena no limite, já que ela sabia bem o que estava escondido no fundo de sua alma. Ela continuou à frente dele para evitar ficar



muito próxima, o que tornaria ainda mais difícil proteger seu coração. Não havia como negar a atração que ele tinha sobre ela. Ela lutou por todo o caminho para manter os olhos em frente e não olhar para ele. Ela desejava tanto falar com ele, apenas para lhe dar uma razão para olhar profundamente em seus olhos dourados e, portanto, ela permaneceu em silêncio.

Isso não parecia incomodar Drogan, pelo que ela era mais do que grata. Eles mantiveram um silêncio confortável enquanto avançavam, ambos temendo e aguardando a chegada da noite.

Havia um medo real nela quando pensou nas próximas noites que eles gastariam juntos. Ela não tinha dúvidas de que ele nunca a tocaria, a menos que ela quisesse, mas essa era a verdadeira insensatez – ela queria seu toque.

Claro e quente, seu toque era algo raro, se não único, considerando que poucos podiam toca-la sem machuca-la, o que fez com que ela se perguntasse qual seria a sensação de ser beijada por ele.

Ah, um beijo. Era algo que nunca tinha compartilhado com um homem. Ela o tinha testemunhado várias vezes, e Maris certamente parecia que gostava, então devia ser bom.

— Você precisa descansar? — Drogan perguntou enquanto passavam por uma enorme rocha que parecia sair do centro da terra.

Ela parou depois de pisar em várias pedras menores e se inclinou contra a rocha. — Sim, seria muito apreciado.

— Você deveria ter me dito que estava ficando cansada.

Serena então riu. — Drogan, eu estive cansada desde que acordei essa manhã. Nada vai mudar isso, muito menos me queixar a respeito. Nós precisamos viajar, e viajar rápido.

A maneira como ele olhou para ela fez seu estômago borbulhar e sua pele aquecer.

— Você é uma mulher muito rara, Lady Serena.

— Em mais de uma maneira, — ela acrescentou.

— Conte-me sobre a maldição.



Ela aceitou a água que ele lhe entregou e bebeu profundamente.

Depois que enxugou a boca e entregou-a de volta para ele, ela pensou em seu pedido.

— Falar do meu povo e seus caminhos não é algo que eu faça com frequência.

— Eu sei, — disse ele depois de tomar um longo gole. — Mas estou curioso para saber mais sobre você e seu povo. No entanto, se você não quiser me contar, vou respeitar seu desejo.

Ela suspirou e tocou o chapéu que mantinha na mão, no caso de o sol sair de trás das nuvens onde estava escondido. — A maldição existe há séculos. Uma vez, em algum momento, houve muitos *bana-bhuidseachs* sobre essa terra.

— Eles estiveram sempre aqui?

Ela balançou a cabeça. — Nós viemos de uma terra distante cheia de areia e grandiosos monumentos que alcançavam o céu.

— O que trouxe seu povo para cá?

— Não tenho certeza. Se houve uma razão real, foi perdida ao longo do tempo e na narração da nossa história. Suspeito que eles queriam ver mais do mundo, — ela disse antes de se levantar. — Venha. Posso te contar mais enquanto caminhamos.

Ela pegou a bolsa, mas Drogan rapidamente a agarrou e a atirou no próprio ombro. Com um sorriso, ela agarrou sua bengala improvisada e começou a avançar.

— Como a nossa história coloca, — continuou ela, — os *bana-bhuidseach* foram felizes e prósperos por um tempo. Até Helen.

— Quem era ela?

— Aquela que causou a maldição. Ela era muito bonita, tão linda que diziam que fazia as flores chorarem.

Ele bufou. — Já vi beleza antes, Serena, mas só uma vez olhei para uma mulher que pudesse fazer as flores chorarem.



O ciúme dentro dela rugiu e, apesar de suas tentativas, ela não conseguiu evitar o desdém em sua voz quando perguntou: — Sério? Quem?

— Você.

Seus pés se recusaram a se mover depois que ela o ouviu. Quando ele se virou para olhar para ela, ela só pode encara-lo bobamente de volta. — Não há necessidade de me lisonjear, Droган.

— No caso de você não ter notado, não sou um homem que diz coisas que não quer dizer.

A alegria floresceu e se espalhou por seu corpo como ouro líquido. — Você me achou bonita?

— Sim. Mesmo um homem cego poderia ver sua beleza.

Ela lambeu os lábios quando um sorriso puxou sua boca. — Palavras dignas de poesia, meu senhor. Não esperava algo assim de um cavaleiro durão.

Ele riu e remexeu os pés. — Não pretendo escrever poesia ou frases douradas para deixar uma mulher de joelhos. Mas acredito na honestidade. É a maneira como tento viver minha vida.

— Tem feito um trabalho admirável. — Ela se perguntou sobre as sombras refletidas em seus olhos, em suas palavras, mas escolheu não falar sobre disso.

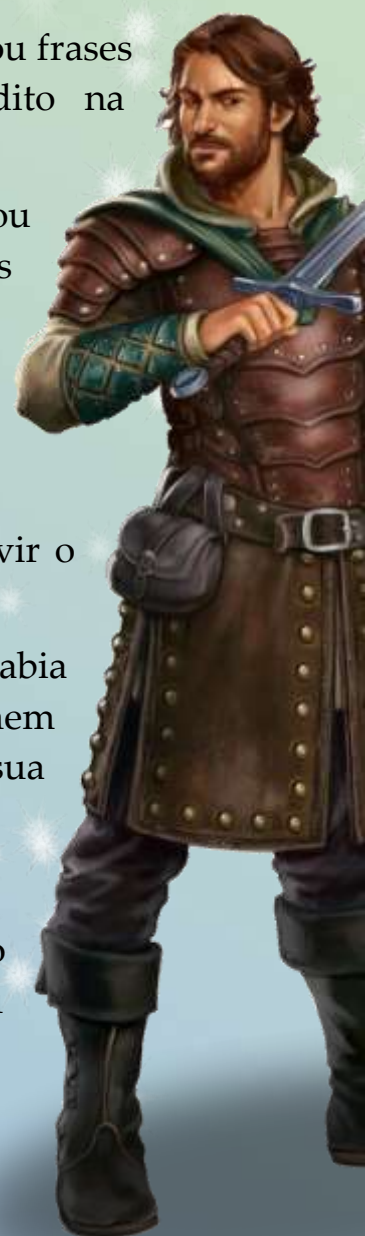
Ela continuou caminhando, pensando em seus antepassados e em como uma das suas poderia manter um homem como Droган à distância.

— Você vai terminar sua história? Estou ansioso para ouvir o final.

— Claro. Onde eu estava? Oh, Helen e sua beleza. Helen sabia que era a mulher mais linda que andava sobre a terra. Todo homem ou menino ia atrás dela, implorando-lhe para que se tornasse sua noiva. Era uma época em que meu povo vivia junto.

— Muitos de vocês?

— Sim. A partir dos registros, parece que fomos maiores do que a maioria das aldeias que você encontra hoje em dia. Eu



apostaria que talvez fossemos maiores em número do que as pessoas de Londres.

Drogan assobiou.

— Eu sei, — disse ela. — Havia algumas pessoas de fora também, não *bana-bhuidseach*, mas eles não se importavam com o que éramos.

— Estranho como os tempos mudam.

Ela assentiu. — Havia um jovem rapaz que estava apaixonado por Helen. Ele a queria desesperadamente, e eventualmente conseguiu ganhar sua estima e favor.

— Até que...

Ela sorriu quando viu seu olhar esperançoso. — Como você sabia que havia um 'até'?

— Sempre há. — Um lado de sua boca inclinou-se em um sorriso.

— Um homem veio à aldeia. Ele era um homem do rei com grande riqueza e um título para acompanhá-la. Helen gostou do que viu e abandonou o jovem rapaz pelo senhor intitulado. O jovem ficou tão devastado que se jogou no rio e se afogou.

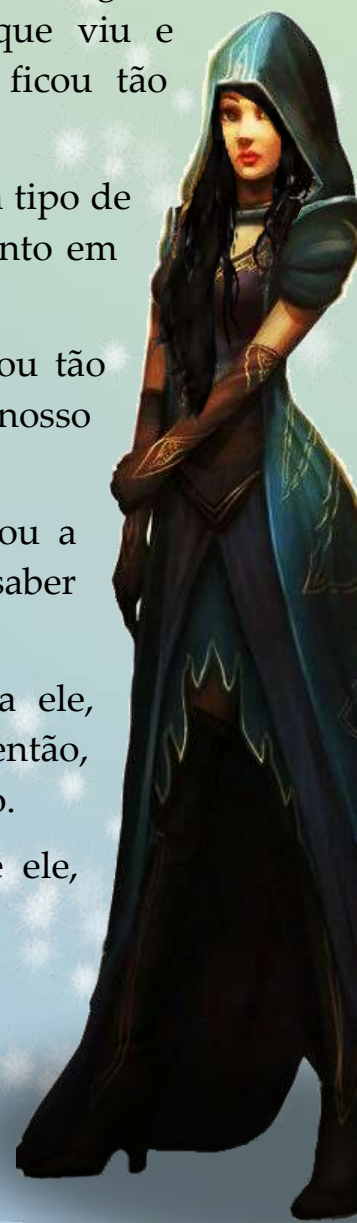
Drogan grunhiu. Só mesmo uma mulher para causar algum tipo de desastre, pensou consigo mesmo. — Acho que esse foi o momento em que foram amaldiçoados...?

— Oh, sim. A mãe do jovem era um dos anciãos. Ela ficou tão furiosa e desolada que, em vez de amaldiçoar Helen, amaldiçoou nosso povo todo.

— E qual é a maldição? — Curiosidade foi o que o levou a perguntar sobre a maldição mais cedo, mas agora ele tinha que saber o que isso implicava.

Ele esperou pacientemente enquanto Serena olhava para ele, como se decidisse se queria divulgar ou não o segredo. E então, quando ele estava prestes a desistir da resposta, ouviu seu suspiro.

E o som de cavalos se aproximando. — Corra, — disse ele, agarrando a mão de Serena.



CAPÍTULO TREZE

Drogan procurou um lugar para se esconder, mas havia apenas grama alta ao redor. Portanto, tudo que ele podia esperar era que os cavalos fossem poucos e não o atropelassem, ou a Serena.

Eles correram o máximo que puderam, com Drogan olhando por cima do ombro a cada poucos momentos. Quando pode avistar um cavalo, gritou para que Serena caísse no chão.

Ele a cobriu com seu corpo, colocando seus braços em volta de sua cabeça para ajudarem a protegê-la. Ela estremeceu debaixo dele, e ele desejou ter conseguido encontrar algum tipo de abrigo para se esconderem. A grama oferecia pouca proteção, mas era tudo o que tinham.

Eles tiveram a sorte dos cavaleiros apenas passarem por eles. Drogan ergueu a cabeça quando a movimentação diminuiu, e viu o último cavaleiro passar por eles.

- Eles se foram, — disse ele.
- Eles estavam nos procurando?
- Acho que não.

Ele olhou para baixo e encontrou Serena olhando para ele por cima do ombro, o rosto dela a poucas respirações do seu. As partes suaves dela estavam abraçando seu pênis, trazendo consciência instantânea da posição em que se encontravam. Seu corpo rugiu dolorosamente para a vida, e não importava quantas vezes disse a si mesmo para rolar de cima dela, ele não podia.



Seu sangue ferveu enquanto olhava para seus olhos azuis. Ele pensou poder ter observado seu desejo ser correspondido, mas não podia ter certeza. Mas então, quando ele estava prestes a abaixar a boca em direção a dela, ela se virou.

— Estou feliz por terem ido, — disse ela, sua voz sem fôlego e suave como um sussurro.

Drogan rapidamente se afastou e ficou de pé. — Sim. Eu também.

Enquanto ele fingia ajustar suas armas, ela ficou parada e escovou a sujeira de seu vestido, olhando ao redor nervosamente.

— Suponho que devemos seguir em frente?

Ele se endireitou e assentiu. — A noite vai cair logo, e não acho que teremos a sorte de encontrar abrigo ou bosques.

— E isso significa?

— Nenhum fogo.

— Oh, — ela disse, caminhando à frente dele. — Pelo menos temos alguma comida que Gerard e Maris compartilharam conosco.

Mais uma vez, Drogan permitiu que ela ficasse um pouco à frente. Ele precisava de tempo para esfriar o corpo dolorido antes de pararem para a noite, e não queria que ela visse o quão excitado ele estava.

Permaneceram silenciosos enquanto o sol continuava a descer, até que somente alguns raios vermelhos e dourados restaram no céu. Drogan então parou e olhou em volta. Como temia, eles não tinham chegado ao bosque.

— Será apenas uma noite ao ar livre, — disse Serena. — Podemos fazer isso.

Ele ficou maravilhado com a atitude dela. — Você sempre é assim quando confrontada com obstáculos?

Ela deu de ombros. — Suponho que sim. De que outra maneira você gostaria que eu fosse?

— A maioria das mulheres com quem tive contato iria gemer, resmungar e chorar sobre quão injusta a vida é.



— Que estranho. Maris não é assim, e também não conheço nenhuma mulher em Hawthorne que seja assim.

Drogan riu. — Você nunca sabe como uma pessoa irá reagir até que algo dê errado. As senhoras na corte causariam uma reviravolta se os lençóis não estivessem esticados corretamente em suas camas.

— Acho que essas mulheres são mimadas.

— E eu acho que você está certa.

Ela riu suavemente e ergueu o rosto para o céu.

— O que foi?

— Você não sente?

Ele olhou ao redor, esperando sentir... algo. — Não.

— É o vento.

Seu olhar a encontrou, e ele a observou fixamente. Apenas através do menor movimento em seu cabelo foi que ele soube que o vento soprava. O êxtase sobre o rosto dela era lindo de se ver, e ele sabia que nunca traria tal alegria a uma mulher.

Foi desconcertante, e trouxe a escuridão muito mais perto dele. Quem saberia que estar na companhia de uma bruxa o faria quase desejar que a escuridão fosse embora?

Incapaz de observar o prazer que a envolveu, ele se afastou. Ajustou as bolsas que carregava e olhou na direção que os cavalos tinham seguido. Eles viajavam no mesmo curso.

— Você não sentiu nada? — Serena perguntou suavemente de novo.

Drogan sacudiu a cabeça, recusando-se a olhar para ela.

— É uma das raras vezes em que o tempo não me machuca de alguma forma. — Ela respirou profundamente e ajustou seus ombros. — Me desculpe se te fiz esperar.

— Aproveite todo o prazer que puder encontrar, pois há pouca coisa para nos deixar feliz nesse mundo, — disse ele antes de recomeçar a andar.



Ele ouviu seu suspiro. — Esse cinismo. Você não aproveita os prazeres desta vida?

Drogan riu secamente. — Prazer, — ele murmurou enquanto se ajoelhava e estudava os rastros dos cavalos. — Eu costumava rezar para que encontrasse algum tipo de felicidade em minha vida, mas logo aprendi que homens como eu não recebem esse tipo de contentamento.

— Talvez você esteja errado, — ela disse, colocando uma mão em seu ombro.

Drogan olhou a mão dela e se virou para encará-la. — Havia seis deles.

As sobrancelhas dela franziram. — O que?

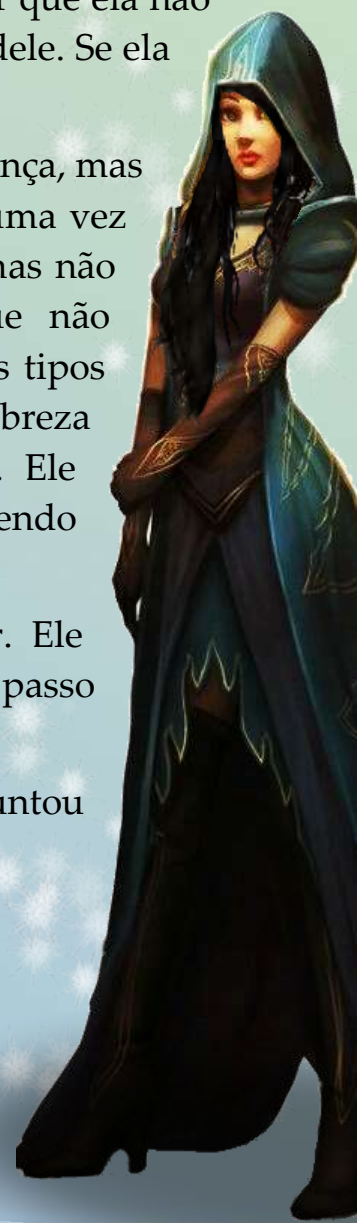
— Seis cavalos. Montando rápido. E estão no mesmo caminho que nós. — Ele se virou e olhou a distância. — Devemos ficar seguros viajando pelas principais estradas, e esse grupo de homens está se movendo muito mais rápido do que nós.

Quando ele olhou de volta para ela, ficou agradecido ao ver que ela não aprofundaria seus sentimentos e a escuridão que reinava dentro dele. Se ela visse isso, significaria que descobriria seu pecado.

Eles se moviam mais rápido agora. Drogan assumiu a liderança, mas encurtou o passo, para que Serena pudesse acompanhar. Nem uma vez ela se queixou. Ele, em parte, queria aprender a lidar com ela, mas não tinha certeza de como se comportar com uma mulher que não reclamava nem se queixava o tempo todo, já que só conhecia os tipos femininos mais comuns. As damas da realeza e da nobreza arranhavam seus nervos com suas intermináveis reclamações. Ele antecipou o mesmo comportamento de Serena, mas ela estava sendo algo completamente diferente do que ele imaginou.

A noite havia descido antes que Drogan decidisse parar. Ele tinha visto um carvalho gigante à distância, e eles apertaram o passo até chegarem a ele.

A conversa entre ele e Serena tinha morrido, e ele se perguntou como seria a primeira noite deles.



Ele entregou a Serena sua bolsa e remexeu na dele, procurando pela comida. Enquanto ela procurava o que precisariam, ela se sentou em um cobertor que colocou ao lado da árvore e esperou por ele.

— É tudo o que temos, — ele disse enquanto lhe entregava o pão e o queijo. — Talvez amanhã à noite possamos acender um fogo, e então eu vou caçar.

— Isso está bem, — ela disse, pegando a comida. — Se é mais seguro sem fogo, então você não vai me ouvir reclamar.

Ele assentiu e sentou-se para se apoiar na árvore ao lado dela. O céu estava iluminado de estrelas. Ele gostava de estudá-las e de assistir à lua mudar todas as noites. Era uma peculiaridade de sua natureza que ele tinha escondido de todos, incluindo Gerard.

— Ainda estão nos seguindo? — Perguntou Serena.

— Não tenho certeza. Eu teria que te deixar sozinha para verificar, e prefiro não fazer isso. Acho que precisamos continuar em movimento até finalmente chegarmos a Wolfglynn.

Ela ficou quieta por um momento, mastigando a comida. — Você acha que nós os confundimos nos dividindo? Preferiria que nos seguissem, ao invés de Gerard e Maris.

— Eu também, mas não tenho ideia se funcionou ou não.

Ela virou a cabeça em direção a ele. — Você teria caído em algo assim?

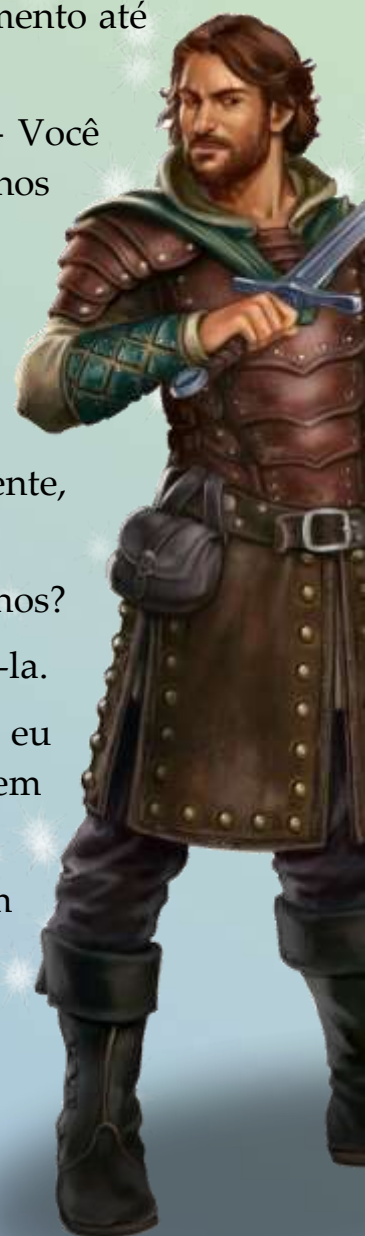
— É difícil dizer. Prefiro acreditar que não, mas, novamente, não posso a menos que me veja nessa situação.

— Você acha que vamos chegar a Wolfglynn antes dos ciganos?

Ele ouviu a preocupação em sua voz, e desejou poder retirá-la.

— É o meu plano. Nós cobrimos mais distância do que eu imaginava hoje. Se continuarmos nesse ritmo, podemos muito bem chegar em questão de dias.

Ela olhou para ele então. — Mas, você disse que sem um cavalo levaríamos quase uma semana para chegar lá.



— Isso era quando estávamos viajando com a carroça e pelas estradas, Serena. Podemos perfeitamente cobrir uma distância muito maior nos mantendo afastados das estradas. Isso nos impede de atravessar cidades, mas também nos mantém escondidos. Acho que podemos chegar a Wolfglynn em dois ou três dias.

— E se tivéssemos um cavalo?

— Ainda mais rápido.

Ela murmurou algo que ele não entendeu, e então disse mais alto: — Conte-me sobre sua casa.

O pedido dela o surpreendeu. — É um lugar selvagem.

— Por que se chama Wolfglynn?

— Nós temos lobos. Não são tantos quanto costumavam ser, mas ainda existem. O castelo fica na costa onde a terra cai para penhascos acidentados e para as águas azuis escuro do mar.

— Eu nunca vi o mar. É belo?

Ele encolheu os ombros, apesar dela não estar olhando para ele. — Eu acho que sim. Você pode sentir o cheiro de sal no ar, e o vento está sempre soprando.

— E o castelo?

Drogan sorriu para si mesmo. Ele amava sua casa imensamente, apesar de ter memórias ruins de seus pais. — É uma enorme massa de pedras construída perto da borda dos penhascos, mas eu acho isso é perfeito.

— Posso perceber, — ela disse, sorrindo. — Mal posso esperar para vê-lo. Tenho certeza que vou adora-lo tanto quanto você.

Por algum motivo, ele queria que ela visse suas terras, e que lhe contasse o que pensava sobre elas. Isso era estranho. Ele raramente convidou alguém para Wolfglynn. Era seu refúgio, onde se reorganizava e relaxava depois de semanas na corte.

— Boa noite, — disse ela antes de se virar para enterrar-se debaixo do cobertor.



— Boa noite. — Ele a observou por vários momentos antes de inclinar a cabeça para trás e fechar os olhos.



Serena se esticou, na manhã seguinte, dolorida, e estremeceu. Ela viu o olhar de questionamento de Drogan enquanto se levantava.

— Devo ter dormido sobre uma raiz.

— Elas podem ser uma ameaça.

Ela revirou os olhos para sua piada fraca. Muitas vezes acordava em um humor agradável, mas não dormiu bem devido à raiz e ao que tinha ocorrido no dia anterior, o que não a permitia ser ela mesma tão cedo de manhã.

Quando Drogan tinha se jogado em cima dela para protegê-la dos cavalos, tudo o que ela pode pensar foi na sensação de seu corpo duro sobre o dela. Ela pensou que ele iria beijá-la, mas então se preocupou por não saber beijar, e se virou para afastá-lo. Agora ela desejava ter ficado quieta apenas para ver o que ele teria feito.

Ela empurrou as mangas para espirrar um pouco de água nos braços, que foi quando Drogan viu os braços dela.

— O que há de errado? — Perguntou ele ao se aproximar.

— Não há nada aqui.

Ele olhou por cima do ombro dela. — Não, apenas seus braços. Você estava procurando por algo?

— Manchas, — ela disse, olhando por cima do ombro para ele.

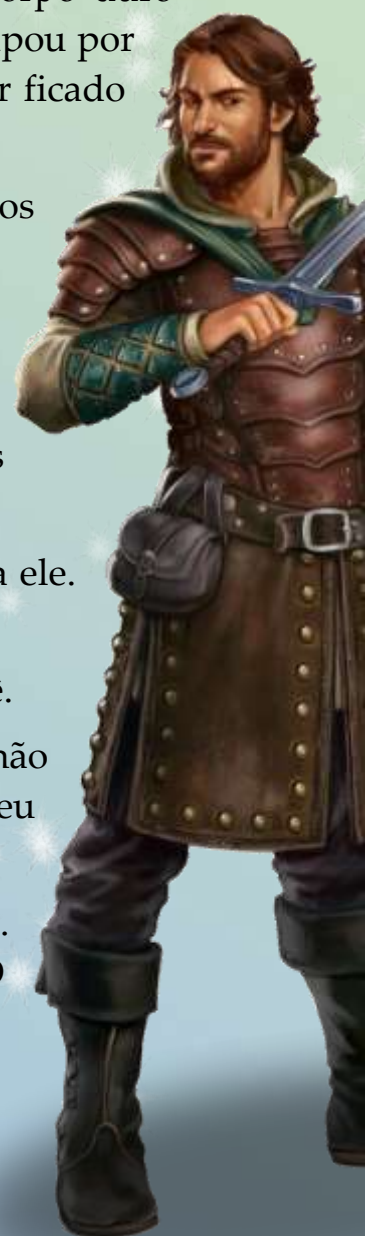
— De ontem, quando você caiu sobre mim.

Sua testa franziu. — Eu tentei não me apoiar muito em você.

— Não, — ela disse, ficando de pé para encará-lo. — Você não foi nenhum bruto, mas caímos duro o suficiente para que eu normalmente ficasse com hematomas.

Ele pegou o braço dela e o girou de um lado para o outro.

— Não estão machucados. — Então ergueu o olhar para ela. — O que isso significa?



— Não faço ideia. — Ela olhou para suas grandes mãos engolindo seu braço pequeno. Calor irradiou por de seu corpo, e sua consciência sobre ele aumentou.

Quando ela ergueu o rosto, percebeu quão perto eles estavam um do outro. Ele não se mexeu, então ela teve que diminuir a curta distância entre eles. Ele manteve seu olhar treinado sobre ela, esperando para ver o que faria.

Ela deveria se afastar, mas seus pés não a escutavam. Na verdade, eles lhe diziam para se aproximar. E ela estava achando realmente difícil olhar para qualquer lugar além dos olhos dourados que a encaravam.

Não havia como negar a escuridão que o cercava, embora ela pudesse sentir que ainda não tinha se enraizado permanente e completamente. E talvez fosse exatamente isso que a atraia para ele, sua escuridão. Independente do pudesse ser, ela sabia que iria ter um momento muito difícil mantendo seu coração seguro dele.

E, será que era isso o que ela realmente queria?



CAPÍTULO QUATORZE

O dia passou como um borrão para Serena. O sol ficou escondido atrás das nuvens sempre presentes, mas a chuva que ameaçava chegar até eles ainda não tinha caído. Eles eventualmente pararam e comeram, mas ela não conseguia lembrar o que colocou na boca. E houve pouca conversa entre eles, também.

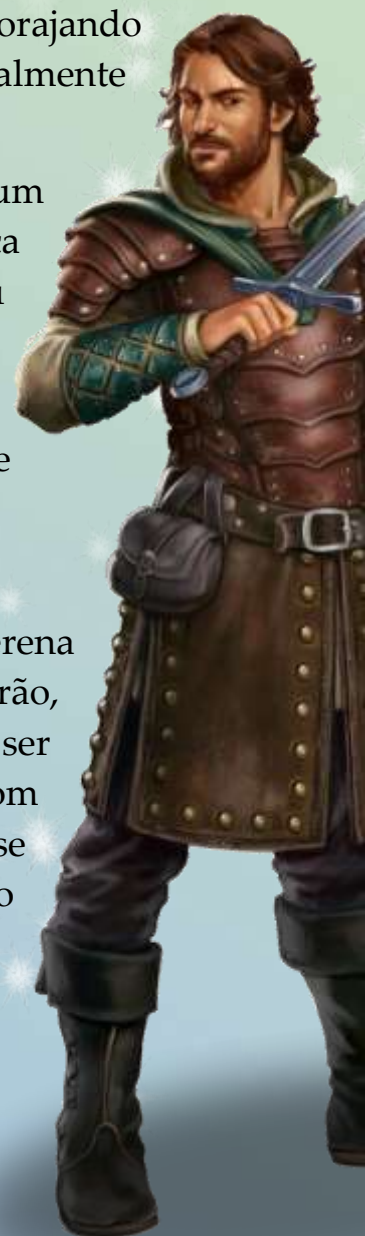
Ela gostaria de dizer que era porque ela sentia algo encorajando Drogan a avançar mais rápido, mas na verdade era principalmente porque ela estava cansada e com bolhas nos pés.

Quando eles pararam à noite, tudo o que ela queria era um banho e uma cama quente. Em vez disso, ela pegou água fresca para expirar no rosto e deitou no chão difícil de dormir. Seu único conforto era que eles tinham chego à outra floresta, e com o abrigo das árvores conseguiram fazer uma pequena fogueira.

— Eu estarei perto, à distância de um grito, — Drogan disse enquanto ele apanhava o arco e a flecha.

Ela acenou. — Eu vou ficar bem. Apenas vá. Estou faminta.

Ele lhe deu um aceno rápido e desapareceu nas árvores. Serena inclinou-se perto do pequeno fogo para aquecer as mãos. Era verão, mas as noites ainda eram frias. Ela se perguntou como seria ser normal, experimentar a neve sem ter que se preocupar com congelar até a morte, levantar o rosto para o sol sem ter que se preocupar com queimaduras, ou afundar em um bom banho quente em vez de água morna.



Ela soltou um longo suspiro enquanto arrumava seus cobertores e se sentava com as pernas cruzadas para desmanchar a trança e pentear os cabelos.

Em pouco tempo, Drogan voltou e começou a limpar o coelho que tinha capturado e, enquanto o colocava sobre o fogo para cozinhar, ela observou-o com fervor. Ele se movia como se tivesse feito essa tarefa milhares de vezes, como se pudesse executá-la dormindo.

— Por quanto tempo você esteve a serviço do rei? — Perguntou ela.

— Quase oito anos.

— Isso é muito tempo.

Ele encolheu os ombros e se sentou, olhando para ela. — Faz-se aquilo que o rei exige.

— Você não gostava de estar a serviço dele?

— Pode-se dizer que a vida na corte não servia para mim.

Ela sorriu, lembrando os tempos em que Gerard resmungava sobre a corte.

— Gerard também diz isso.

— Algumas pessoas vivem para a realeza, mas eu só queria voltar para Wolfglynn. É o único lugar ao qual pertencço.

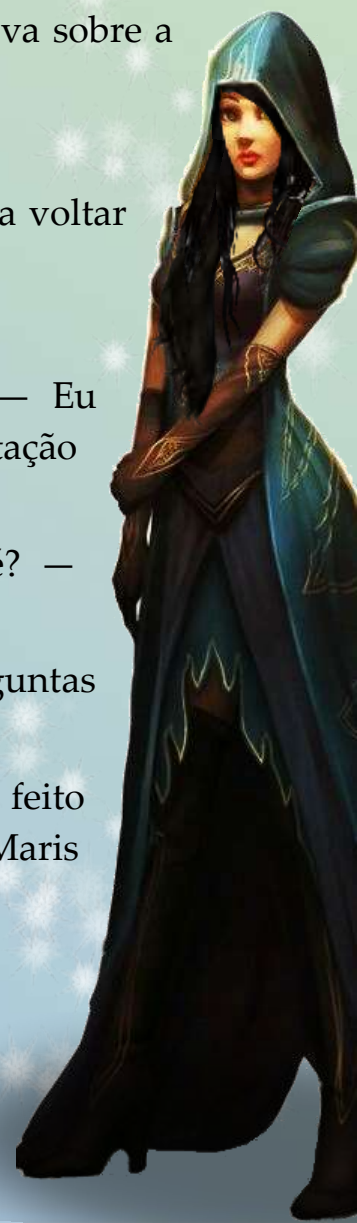
— Você conheceu bem o Rei Henry?

— Muito bem, — ele disse com um aceno de cabeça. — Eu gostava dele. Era os outros homens dele que faziam minha irritação disparar.

— É um desses homens que está atrás de Gerard, não é? — Perguntou ela, observando-o de perto.

Ele olhou para ela decididamente. — Não faça mais perguntas sobre isso, Serena, pois não lhe direi nada.

— Eu não acredito que você ou Gerard poderiam ter feito qualquer coisa que faria alguém virar as costas para vocês. Maris ainda ama Gerard depois que ele lhe contou.



— Sim, — disse Drogan enquanto se levantava. — Talvez sim, mas, você não obterá essas informações de mim.

Ela deixou o assunto morrer, embora desejasse cavar mais fundo. Normalmente sua curiosidade não era feroz, mas, por algum motivo, ela tinha que saber o que levou Drogan para a escuridão.

Quando ele voltou ao fogo, porém, algo mergulhou direto nele, e Serena não teve tempo para gritar um aviso antes que o atingisse. Ela apenas observou enquanto Drogan se abaixava e se levantava, proferindo uma série de maldições.

— *Merda*. O que foi isso? — Ele perguntou enquanto se apoiava em seu cotovelo.

Serena tentou se esforçar para não rir, mas sua alegria não seria tão facilmente soterrada. Logo ela estava gargalhando à medida que recordava como os olhos dele se arregalaram quando viu algo vindo em sua direção.

— Estou encantado que ache isso divertido, minha senhora, mas do que exatamente você está rindo? Fui atacado, — ele disse enquanto se levantava.

Sua grande e poderosa atitude a fez rir ainda mais.

— Serena, — ele disse, sua voz baixa e ameaçadora.

Ela apontou sobre o próprio ombro enquanto enxugava as lágrimas de riso de seus olhos. — Foi apenas Nicodemos.

— Nico... o quê?

— Minha coruja, Drogan.

Ele passou por ela. — Você tem uma coruja de estimação? — Ele perguntou, incrédulo.

— Não, — ela disse, virando-se para encarar a coruja. — Ele simplesmente apareceu na janela da minha cabana uma noite há vários anos e continuou a voltar depois disso. Eu imaginei que, já que tinha um visitante noturno, ele precisava de um nome.

Ela ouviu Drogan bufar enquanto se movia atrás dela. O riso ameaçou sair de novo, mas ela teve o cuidado de esconder o sorriso dele.



— Prazer em te ver, Nicodemos, — ela sussurrou para o pássaro, observando com o canto do olho Drogan franzindo o cenho para a coruja.

— Ele sempre ataca outras pessoas?

— Não. Essa é a primeira vez que o vejo fazer isso, embora ele não apareça há alguns meses. Ele é bastante amigável.

— Claro que é, — Drogan resmungou quando girou o coelho sobre o fogo. — A comida está quase pronta.

Serena voltou para seu cobertor, mal escondendo o sorriso em seus lábios. Ela esperou até que ele tirasse uma parte da carne e entregasse para ela antes de falar novamente. — Obrigada. Cheira maravilhosamente bem.

Ele grunhiu o que ela assumiu ser um agradecimento. Foi bastante engraçado vê-lo ser superado pela chegada prematura de Nicodemos. De alguma forma, o desconforto de Drogan o fazia parecer mais normal.

Antes, ele tinha mantido todas as suas emoções sob rigoroso controle, mas sua reação à coruja a deixou ter um vislumbre de como ele realmente era. Foi agradável, disse a si mesma.

— Você não precisa ficar carrancudo, — ela disse enquanto dava uma mordida na carne. — Nicodemos não vai incomodá-lo novamente.

— Isso é o que você diz, — replicou Drogan quando se sentou e começou a comer.

— Está tão bom, — disse ela depois de várias mordidas.

Um pequeno sorriso repuxou os lábios dele. — É só porque você está com muita fome e cansada.

Serena encolheu os ombros. — Não importa o porquê. É a melhor comida que já comi.

— E agora eu sei que você está realmente exausta.

Ela riu, e Nicodemos fez um barulho engraçado. Quando ela elevou seu olhar para Drogan, ele olhava a coruja como se fosse uma ameaça.

Eles terminaram a refeição em silêncio e, depois, Serena sentiu seus olhos ficarem pesados. Ela se cobriu com o cobertor e deitou, com toda a intenção de assistir Drogan afiar sua adaga.





Drogan enterrou os ossos do coelho e entrou na escuridão das árvores, de onde pretendia descansar e ainda vigiar Serena.

A coruja ainda estava empoleirada no ramo da árvore, não muito longe dela. Ele se perguntou se a coruja os seguiria até chegarem a Wolfglynn. Pelo menos ele não precisava alimentá-la, pensou consigo mesmo.

Drogan se estabeleceu contra uma árvore e inclinou a cabeça para trás. Ele não estava certo de quanto tempo ficou ali antes de ouvi-la gritar, porém, mas acordou imediatamente.

Ele correu para o lado de Serena, ao mesmo tempo em que ela se empurrou para ficar em pé.

— O que foi isso?

— Eu não sei, — ela disse, apoiando uma mão trêmula em sua testa. — Foi um sonho terrível.

— Todos têm sonhos.

— Havia algo diferente nesse, — disse ela antes de virar os olhos azuis assombrados para ele.

Apreensão cresceu em Drogan. — Como assim?

— Eu vi Gerard e Maris, e eles nunca chegaram a Wolfglynn.

— Você viu o que aconteceu com eles?

Ela balançou a cabeça. — Não me lembro.

Drogan sentou-se sobre os calcanhares e olhou para as brasas brilhantes do fogo. — Você tem sonhos assim muitas vezes?

— Eu só tive um ou dois antes, mas esse era muito mais intenso do que qualquer um que já tive.

Não era bem o que ele queria ouvir. — Existe alguma maneira de você descobrir algo sobre Gerard e Maris agora?

— Eu posso tentar. — Ela se moveu até ficar de joelhos.



Serena então colocou as palmas das mãos sobre as coxas e fechou os olhos. Ela não fez barulho, e, por um momento, ele pensou que ela poderia estar à deriva, dormindo. Mas de repente seus olhos se abriram, e ela ofegou e caiu no chão.

Drogan a pegou em seus braços e, ao segurá-la contra o peito, podia senti-la tremendo. — O que você viu?

— O mal sabe que você está ajudando Gerard. Ele quer matá-lo também.

— Eu já esperava por isso. E quanto a Gerard e Maris?

— Eles ainda estão seguros, a menos que ele os capture, óbvio. Devemos alcançar Wolfglynn logo. — Ela fechou os olhos e suspirou, sua voz se dirigindo para o nada.

E com isso, ele foi deixado segurando uma mulher bonita e adormecida.

Drogan então se inclinou para trás até deitar no chão, embalando-a com a cabeça em seu peito enquanto olhava para as estrelas acima deles.

Não era irônico ele ter ficado longe das mulheres nobres da corte para agora segurar uma dessas respeitáveis fêmeas em seus braços? E também o incomodava gostar de segurá-la. Ela se encaixa perfeitamente em seu corpo, e se não fosse pela missão perigosa, ele quase poderia encontrar-se querendo cortejá-la.

Quase.

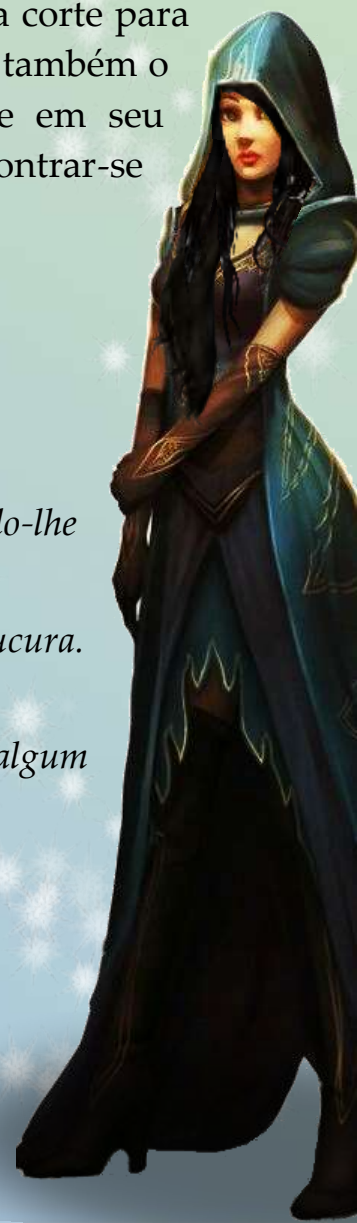


Grandes olhos escuros olharam para Drogan, implorando-lhe silenciosamente por ajuda.

Ele agarrou sua espada e orou para Deus intervir, para parar a loucura. Mas, parecia que Deus estava ocupado naquele dia.

Em frente a ele, Gerard parecia doente, e Drogan se perguntou se algum deles poderia acatar as ordens.

— Agora, — a voz de Nigel surgiu perto de Drogan.



Como Drogan queria mergulhar sua espada no estomago do bastardo, Mas isso significaria morte certa. A mente de Drogan correu por alguns planos para tirá-los desta situação, mas não encontrou nada.

Nigel esporeou o cavalo até que o animal cutucasse o braço de Drogan. — Faça, ou você esqueceu seu juramento ao rei, Lord Drogan?

— Não, — Drogan disse depois de finalmente encontrar sua voz.

— Então faça isso, — exigiu Nigel.

Drogan então olhou para Cade e Gerard, e assentiu.

Ele acordou com um sobressalto, seu corpo tremendo pelas lembranças que estavam sendo desenterradas. Ele estremeceu e segurou Serena mais apertado, precisando de seu calor e bondade para manter a escuridão à distância apenas por um momento mais, enquanto ele estava tão vulnerável.



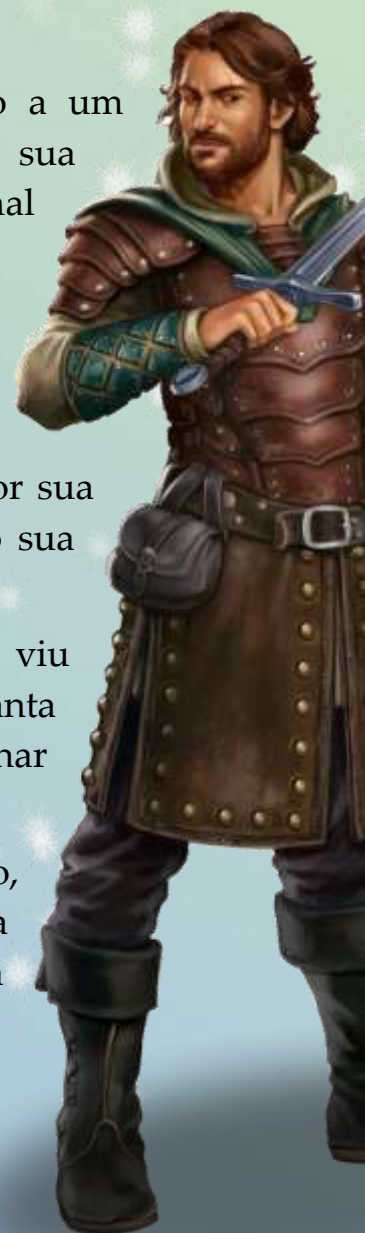
Serena acordou lentamente, como se estivesse em meio a um nevoeiro. Ela se lembrou de seu horrível pesadelo, depois de sua busca por Gerard e Maris, e também de encontrar o grande mal que ameaçava Drogan.

O tempo era essencial agora.

Naquele exato momento, ela percebeu que sua bochecha descansava sobre um tórax masculino. Também havia um braço forte enrolado em torno de sua cintura, e seu próprio braço, por sua vez, estava jogado sobre o peito largo de Drogan, assim como sua perna, que estava dobrada entre eles.

Ela tentou mover a perna, mas quando levantou o olhar, viu Drogan a observando. Sua respiração parou em sua garganta quando percebeu o calor irradiando dos olhos dele. Havia um olhar primitivo em seu rosto, e Deus a perdoasse, isso a excitava.

Nada poderia tê-la afastado dele naquele momento, então, quando seu outro braço se aproximou dela, ela não se opôs. Ele a segurou confortavelmente, mas não muito apertado. Se ela quisesse correr, sabia que ele a deixaria ir.



Mas, ela queria saber o que aconteceria agora.

Serena tentou engolir, mas sua boca estava seca. Em vez disso, ela lambeu os lábios secos e segurou um gemido quando o olhar de Drogan se moveu para a boca dela.

Sua respiração era irregular enquanto enchia seus pulmões, ela sentia seu coração martelar em seus ouvidos. Ela agarrou os largos ombros dele, na tentativa de se reestabelecer, mas isso só pareceu estimulá-los ainda mais.

Quando Drogan aproximou a cabeça da dela, ela vibrou em antecipação. Ela desviou os olhos de seu olhar castanho dourado para observar sua larga e carnuda boca, e o quis com tanta intensidade que se assustou.

Sim, ela ansiava por ele como as flores ansiavam pela primavera.

Eles permaneceram assim enquanto ela aguardava – e desejava – seu primeiro beijo. E então, os lábios dele finalmente tocaram os dela, suaves, mas insistentes. Ele mordiscou, beijou, sugou e provou de sua boca até que ela ficou ofegante e tonta.

Era tudo o que esperava e ainda mais. E então ele escorregou a língua em sua boca.

Uma necessidade ardente a superou quando ela se abriu para ele. Receoso, ele parou, mas ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço. O prazer a percorrendo era quente e espesso, fazendo-a implorar por mais.

Ela ficou surpresa e com medo de sua reação a ele, mas não havia mais como voltar atrás. Seu corpo tinha sido despertado, e queria mais.



CAPÍTULO QUINZE

Um gemido foi arrancado da garganta de Serena quando Drogan se afastou. Ela timidamente tocou seus lábios e olhou para ele com espanto, encantada com a maneira como ele a fazia se sentir. Ele parecia estar lutado contra algo dentro de si, mas ela acreditava que seria preciso apenas um empurrãozinho para deixá-lo no limite outra vez.

— Me desculpe, — ele disse intensamente, embora, pelo olhar em seus olhos, ela não acreditava que Drogan estivesse realmente arrependido.

E, francamente, nem ela.

— Eu nunca fui beijada antes, — ela disse, se perguntando quão sem fôlego soava. — Nunca soube que poderia ser tão bom.

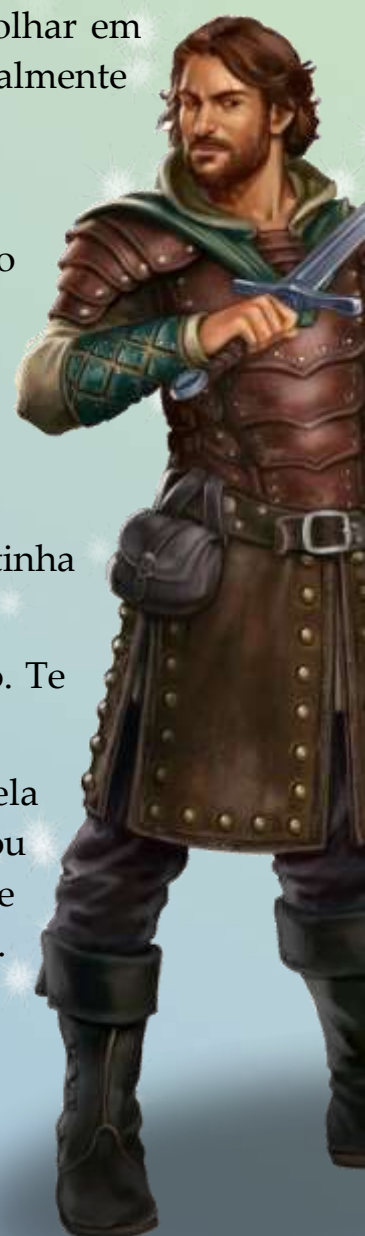
Ele gemeu e deitou de costas, com um braço jogado sobre os olhos.

— Não me tente, Serena. Você vai se arrepender mais tarde.

Arreponder? Não depois do sabor delicioso que ela tinha experimentado. — Eu não lamento o beijo.

Ele afastou o braço para olhar para ela. — Eu também não. Te quis desde a primeira vez que te vi em Hawthorne.

Ela sorriu para ele, e se levantou. Havia muitas coisas que ela queria dizer, mas não sabia como. Nenhum homem lhe prestou atenção antes de Drogan, e embora ela desejasse desesperadamente outro beijo, não sabia como pedir por isso.



Então, ela simplesmente se ocupou com a preparação para o dia, e até o momento em que partiram, nenhuma outra palavra foi dita.

Era perto do meio-dia quando Drogan finalmente olhou para ela. — Há um rio à frente. Vamos segui-lo até Wolfglynn.

Um banho foi tudo em que Serena pode pensar depois que ele mencionou o rio. Ela se manteve o mais limpa possível com a pouca água que tinham, mas se molhar e verdadeiramente limpar a terra e a sujeira de seu corpo seria maravilhoso.

— Você acha que teremos tempo para que eu possa tomar um banho?

Drogan mordeu o interior de sua boca pela imagem mental de Serena tomando banho à luz da lua que se formou em sua mente. Seu corpo rugiu dolorosamente, porém, e ele reacomodou seu pênis dolorido para aliviar a pressão.

— Se cobrimos bastante terreno hoje, — ele conseguiu dizer.

A lembrança de seu beijo sempre ficaria embutida em sua mente.

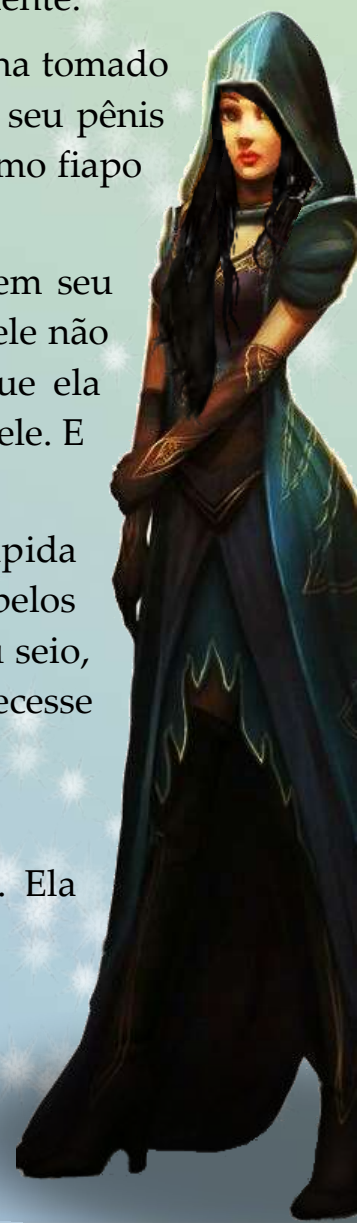
Seu gosto tinha sido doce, e ela, ardente por seu toque. Tinha tomado tudo de si não envolver seus os seios grandes ou puxá-la contra seu pênis latejante, mas, de alguma forma, ele conseguiu se segurar no último fiapo de controle que possuía. E como se arrependia disso agora.

Verdade seja dita, ele meio que esperava que ela batesse em seu rosto ou se afastasse quando ele se inclinou para beijá-la. O que ele não esperava, porém, era que os braços dela o envolvessem, ou que ela respondesse com tanta paixão. Ela quis aquele beijo tanto quanto ele. E esse pensamento sozinho quase o deixava de joelhos.

Ele a observou quando eles pararam para uma refeição rápida ao meio-dia. Ela tinha trançado novamente seus espessos cabelos pretos, acomodando a trança sobre o ombro esquerdo e sobre seu seio, e havia um pequeno sorriso em sua boca, como se ela conhecesse algum segredo.

Maris ia matá-lo quando descobrisse o que tinha feito.

— Nós temos que ir. Agora, — Serena disse de repente. Ela então se levantou, o sorriso sumindo de seus lábios.



Drogan olhou em volta. — Por quê?

— Eu sinto o mal, Drogan. Está se movendo rapidamente em nossa direção. É quase como se soubesse para onde vamos.

Drogan não fez mais perguntas. Ele se pôs de pé, e rapidamente pegou suas bolsas e a mão de Serena. Então, com a mão dela na sua, correu tão rápido quanto possível. Ele de repente ouviu o barulho da água, ao mesmo tempo em que Serena tropeçava e caía. Em um instante, ele estava ao lado dela, suas bolsas descartadas a seus pés.

— Você está machucada?

Ela levantou a palma da mão para mostrar-lhe vários pequenos cortes que atravessavam a palma da mão e os dedos. Ele amaldiçoou e olhou por cima do ombro.

— O rio do qual eu falei é logo ali.

— Eu vou ficar bem, — ela disse enquanto se levantava.

Drogan podia dizer que ela já tinha dado tudo o que tinha. Que já não haveria mais fuga nesse dia. Ele então olhou em volta das árvores, tentando lembrar se havia algum lugar onde pudessem se esconder.

— Drogan, estou bem.

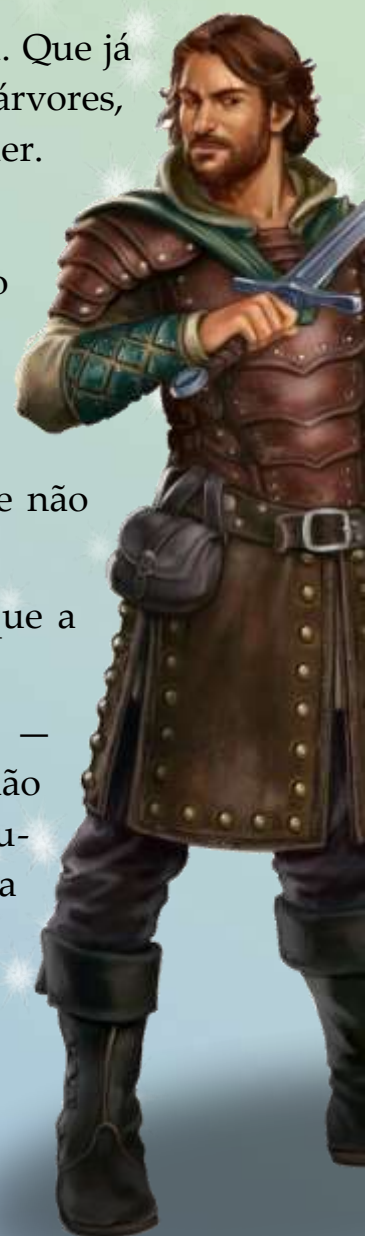
— Não, você não está, — ele disse, encarando-a. — Nós não vamos conseguir avançar mais antes de nos encontrarem. Precisamos nos esconder.

Ela balançou a cabeça com tanta força que sua trança caiu em suas costas. — Nós precisamos continuar nos movendo. Ele não pode te pegar.

Ele pegou seus ombros em suas mãos e se inclinou até que a olhou nos olhos. — Ele não vai me pegar, Serena.

Ela deu um breve aceno, e ele juntou as bolsas do chão. — Venha, — Drogan disse, estendendo a mão para ela. Com a mão machucada presa contra si, com a outra ela pegou a dele. Ele deu-lhe um sorriso reconfortante, e então partiu em uma caminhada rápida. Em pouco tempo eles chegaram ao rio.

— Devemos atravessá-lo?



— Não, — ele disse, olhando para as árvores. — Mas, vamos nos esconder nas árvores.

Ele olhou para Serena para ver sua boca aberta. — Você é louco? Não consigo escalar uma árvore nessas saias, — disse ela, dando um passo para trás.

— Você pode, e você vai. — Ele apertou sua mão. — É o único jeito.

Ela suspirou e assentiu, mas seu olhar ainda era duvidoso. — Tudo bem.

Drogan então olhou para as saias dela, e soube que, de alguma maneira, elas precisavam sair do caminho.

Ela notou seu olhar e curvou-se. — Eu costumava amarrar minhas saias quando era menina, para brincar na água.

Ele observou enquanto ela levantava a barra traseira entre as pernas e a amarrava, de modo a parecer que usava calças na altura dos joelhos.

Drogan engoliu em seco enquanto olhava para suas panturrilhas bem definidas através das meias.

— Drogan?

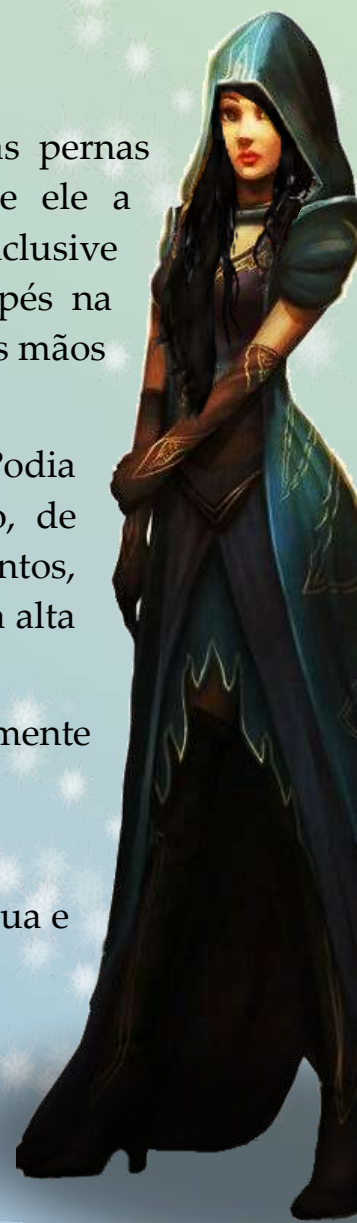
Ele desviou o olhar dela, e se recusou a olhar para suas pernas novamente. Entretanto, isso foi bastante difícil uma vez que ele a levantou em direção à árvore e a ajudou a subir. A mão dele inclusive roçou a perna dela quando ele lhe mostrou onde colocar os pés na árvore. E uma vez, quando ela quase caiu, seu traseiro pousou nas mãos dele.

Ela era bastante bonita de costas, ele tinha que admitir. Podia admitir inclusive que gostaria de explorar mais de seu corpo, de frente e de costas. Ele balançou a cabeça, afastando esses sentimentos, e escalou a árvore ao lado dela, para se certificar de que ela estava alta o suficiente para ficar escondida.

Pouco tempo depois, ele a tinha segura e razoavelmente confortável na árvore. — Fique aqui e não faça nenhum som.

— Pode demorar horas até que eles apareçam.

— Verdade, — ele disse, alcançando as bolsas e pegando água e comida.



Ela segurou os mantimentos que ele tinha lhe entregado e franziu a testa. — Onde você vai?

Ele apontou para o caminho de onde eles tinham vindo. — Vou voltar um pouco. Quero vê-lo quando ele aparecer.

— E ele não vai procurar nas árvores?

— Depende.

— De que?

De quem ele é. — Dele ser inteligente o suficiente. Mas não se preocupe, ele não te encontrará.

— Espero que você esteja certo.

Ele lhe deu um sorriso brilhante. — Estou sempre certo.

Então, para sua surpresa, ela estendeu a mão em direção a ele e agarrou seu rosto antes de colocar seus lábios nos dele, dando-lhe um beijo rápido que inflamou seus sentidos.

— Tenha cuidado, Droган de Wolfglynn.

Tudo que ele pode fazer foi acenar com a cabeça antes de saltar da árvore.

Uma vez no chão, ele olhou para ela. Ela estava bem escondida entre as folhas, embora tivesse uma boa visão de seu entorno. Ela ficaria segura.

Ela tinha que ficar segura.

Ele correu para selecionar outra árvore, encontrando exatamente aquilo que estava procurando não muito longe de Serena. Quando ele estava seguro em seu próprio lugar, olhou para cima e a encontrou observando-o.

Agora, não havia nada além de esperar.



Eles esperaram até o anoitecer antes de Droган ouvir o relinchar de um cavalo. Durante todo o dia, ele teve uma



sensação irritante de que ele estava sendo observado, mas a única pessoa que estava olhando para ele era Serena, e ela estava adormecida há várias horas.

Poderia ser a maldita coruja, embora ele não a tivesse visto essa manhã.

Ele puxou sua espada da bainha e certificou-se de que seu arco e flecha estavam acessíveis enquanto esperava ansiosamente que o cavaleiro aparecesse.

Finalmente, quando o cavalo apareceu, Drogan pousou num galho resistente e se inclinou. Ele quase amaldiçoou quando percebeu que não podia reconhecer o cavaleiro, vez que este usava armadura completa, como se realmente quisesse permanecer escondido. Não havia cores ou emblemas no escudo, outro sinal de que esse cavaleiro queria manter sua identidade em segredo.

Drogan observou enquanto o cavaleiro olhava para o chão em busca de suas pegadas. Ele se perguntou se o tolo cairia em seu truque e, quando o viu se virar para a montanha, soube que conquistara uma vitória, mesmo que pequena. Isso lhes daria um pouco de tempo para alcançar Wolfglynn.

Agora só precisavam encontrar um cavalo. E rápido.

Ele subiu ainda mais alto e observou enquanto o cavaleiro instigava seu cavalo a seguir a trilha falsa que ele havia feito. Em um instante, Drogan agarrou suas armas e pulou da árvore, e, quando chegou a Serena, encontrou-a já esperando por ele.

— Ele se foi?

— Sim. Por agora. Devemos viajar esta noite.

Ela assentiu e começou a descer da árvore pelo caminho que Drogan indicava.

— Você viu quem era?

Drogan sacudiu a cabeça. — Não.

Quando ela estava novamente no chão, ele notou que ela tinha embrulhado sua mão usando uma parte de sua saia como atadura. — Pronta?

Ela sorriu e assentiu. — Não. Estou cansada de viajar.



Ele riu e começou a seguir o rio. Mas eles só haviam caminhado por meia hora quando ouviram um grunhido.

— O que foi isso? — Serena perguntou em um sussurro.

Drogan empurrou-a para trás e encarou a floresta. — Algo que eu esperava que não encontrássemos.

— E o que poderia ser isso? — Ela perguntou, sua voz trêmula pelo medo.

— Um lobo.

Ela riu um pouco histericamente. — Você tem certeza?

— Eu reconheceria esse som em qualquer lugar, — ele disse, se apoiando enquanto preparava seu arco e flecha.

Ele levantou seu arco quando o primeiro lobo emergiu da floresta.

Mas, quando puxou a corda para trás para disparar a flecha, Serena ofegou e gritou.

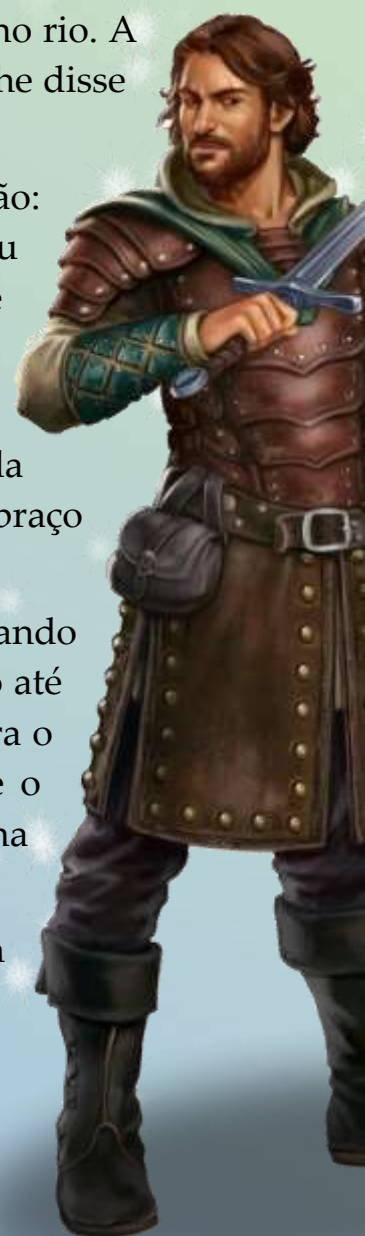
Ele deu um olhar sobre o ombro e viu que ela havia caído no rio. A água fluía mais rápido do que o normal, e sua expressão de dor lhe disse que estava muito frio para ela.

Drogan olhou para o lobo e soube que só tinha uma opção: ele pulou no rio e nadou atrás de Serena enquanto segurava seu arco e flecha. Ela tinha conseguido se apegar a um galho baixo, e isso permitiu que ele a alcançasse.

Ele teve tempo suficiente apenas para arrumar a flecha e lançar o arco sobre o ombro antes que a força dela cedesse e ela soltasse o galho. Afortunadamente ele a pegou, colocando o braço debaixo de suas pernas ao sair do rio.

Ele estava justamente se perguntando como a aqueceria quando viu algo através das árvores. Seus pés os levaram pela vegetação até ele foi capaz de ver o esboço de uma pequena casa de campo. Era o único lugar nos arredores de seu castelo, e ele rezou para que o dono não estivesse em casa. Ele não queria responder nenhuma pergunta.

— Olá, — ele gritou quando se aproximou. Ninguém respondeu, e ele logo percebeu que a casa estava abandonada.



Ele abriu a porta e espiou dentro. Estava limpo, o que significava que quem vivia aqui não tinha saído há muito tempo. Ele então andou até a cama e colocou Serena ali. Os lábios dela estavam azuis, e seus dentes rangiam.

O mais rápido que pôde, ele tirou a roupa dela e a cobriu com vários cobertores. Ele agradeceu que quem morou aqui tivesse deixado alguns, uma vez que os seus próprios foram molhados no rio.

Ele encontrou um pouco de madeira perto da lareira, acendeu um fogo e colocou as roupas para secar. Quando voltou para ela, porém, Serena ainda tremia, tanto que os cobertores tinham caído de cima dela.

— Bem, só há uma coisa a fazer, — Drokan murmurou antes de arrancar as botas, tirar suas roupas e deitar ao lado dela.

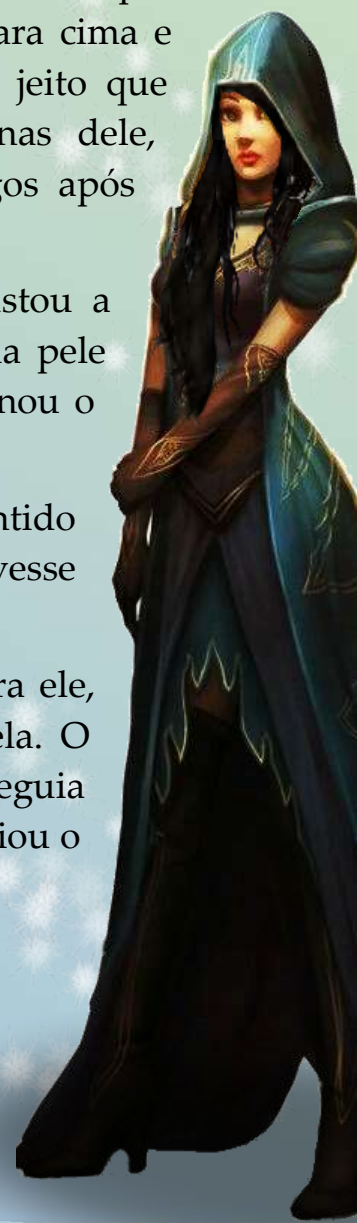
Ele puxou Serena contra seu peito e segurou uma respiração quando sentiu quão gelada estava sua pele. Ela, por sua vez, se agarrou a ele como se fosse à única coisa mantendo-a viva - e ele começou a temer que pudesse ser mesmo.

A temperatura da água tinha sido aceitável para ele, mas ele podia imaginar como se parecia para Serena. Ele esfregou as mãos para cima e para baixo pelos braços dela, tentando aquecê-la de qualquer jeito que pudesse. Ele até mesmo colocou os pés dela entre as pernas dele, apertando os dentes ao sentir seus pés gelados. Pareciam lagos após congelarem no inverno.

Ele afastou os cabelos molhados do próprio rosto e afastou a espessa trança dela, de modo que já não descansasse contra sua pele nua. Um sorriso insolente curvou seus lábios quando ele imaginou o que ela faria se percebesse que estava nua contra ele.

Esta era a única ocasião em que ele se lembrava de ter mantido uma mulher nua nos braços sem fazer amor com ela, embora estivesse estranhamente satisfeito apenas em abraça-la.

O corpo magro de Serena se aconchegou ainda mais contra ele, buscando seu calor, que ele ansiosamente compartilhou com ela. O fogo crepitava próximo, e os pensamentos do mal que os perseguia estavam distantes de sua mente quando ele fechou os olhos e apoiou o queixo no topo da cabeça dela.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Serena se aproximou do calor aconchegando-a. Sua pele doía pela queda na água. Gradualmente, enquanto sua mente se recuperava de seu trauma, ela recordou dos braços fortes a envolvendo e tirando-a das águas geladas.

Drogan.

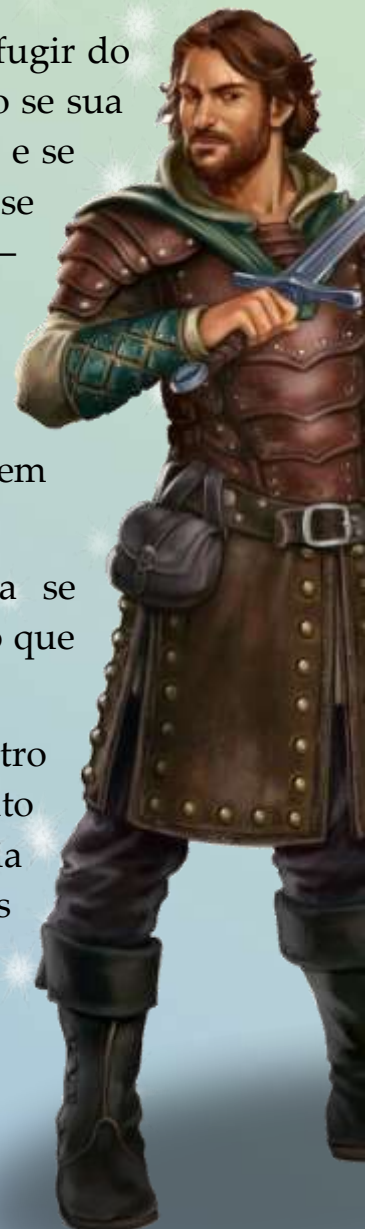
Ela não tinha dúvida de que ele tinha lhe salvado.

Algo fez cocegas em seu nariz, e ela moveu a cabeça para fugir do irritante incômodo. Músculos flexionaram e se moveram debaixo de sua cabeça e ao longo de seu corpo. Ela se acalmou e abriu os olhos, e se encontrou olhando para uma parede. Quando seus olhos se moveram mais para baixo, ela viu o subir e descer de um peito – um peito nu – cheio de músculos bem definidos e uma pitada de pelos escuros e encaracolados.

Ela tinha que admitir que gostava de estar nos braços de Drogan. Mas esse contentamento não durou muito, já que logo em seguida ela percebeu que estava nua.

Ela então fechou os olhos e perguntou-se como havia se colocado nesta situação. O que mais a assustou, porém, não foi o que ele poderia fazer com ela, mas o que ela *desejava* que ele fizesse.

O beijo que tinham compartilhado despertou algo dentro dela, algo escuro que agitou até as profundezas de sua alma. O fato de que ela e Drogan estavam deitados em uma cama, nus, parecia retumbar um pensamento em sua mente – experimentar o mais maravilhoso prazer que ele poderia lhe dar.



Ela sabia muito bem que se não fosse cuidadosa, seu coração poderia se quebrar, e então ela ficaria sozinha para criar um filho. O pensamento em ter um filho era agradável, mas perder o homem a quem tinha dado seu coração poderia matá-la como tinha feito com sua mãe.

— Como você está se sentindo?

Ela levantou a cabeça ao ouvir o barítono profundo da voz de Drogan, ainda meio sonolenta.

— Não tão ruim quanto poderia.

— Você está quente o suficiente?

Ela notou que ele permanecia absolutamente imóvel, apenas levantando a cabeça para olhar dela.

— Estou, obrigada. Minha pele lateja um pouco, mas isso vai desaparecer conforme o frio me deixa.

Ele acariciou suas costas. — Você me deu um grande susto quando caiu. O que aconteceu?

— Não sei, — ela disse com um encolher de ombros. — Eu estava recuando quando o terreno cedeu. Tentei encontrar algo para segurar, porém, uma vez que cai na água.

— Foi assim que eu encontrei você: agarrada a um galho com todas as suas forças.

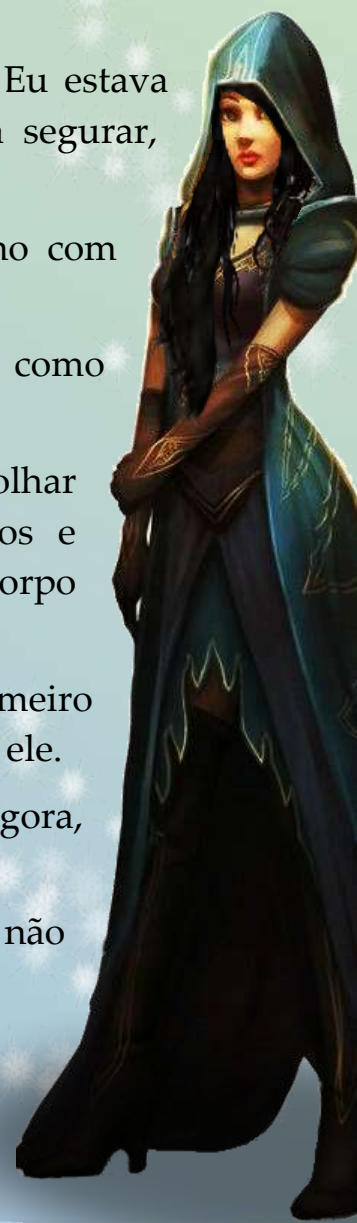
Havia um sorriso em sua voz, e ela só podia imaginar como pareceu essa cena. — Estou feliz que você me encontrou.

E então ela cometeu seu pior erro: levantou a cabeça para olhar ele. Uma vez que seus olhos encontraram os dele, dourados e escurecidos pelo desejo, calor derretido correu através de seu corpo para se juntar entre suas pernas.

Ela se lembrou dos lábios suaves e insistentes em seu primeiro beijo. De seu corpo, por sua própria iniciativa, se movendo contra ele.

Ele rosnou e virou-se para o lado, encarando-a. — Pare agora, Serena, porque tenho apenas um resto de controle sobrando.

Ela sabia que deveria se afastar, mas, por sua vida, ela não podia. Ela queria isso como nunca quis nada em sua vida.



Era como se seu futuro dependesse de conhecer esse homem como apenas uma mulher poderia.

— Eu não quero parar, — ela disse, passando um dedo por sua bochecha, coberta por vários dias de barba.

— Você sabe o que está dizendo?

Ela assentiu.

Ele não disse mais nada antes de baixar a cabeça e reivindicar seus lábios com os dele. Era um beijo destinado a alertá-la, mas tudo o que fez foi atizar o calor que crescia dentro de Serena: o beijo exigente acendeu uma paixão que ameaçou queimá-la viva.

E então tornou-se mais sensual quando suas mãos acariciaram suas costas, pressionando-a contra ele. Ela sentiu sua dureza entre seus corpos, e isso a intrigou.

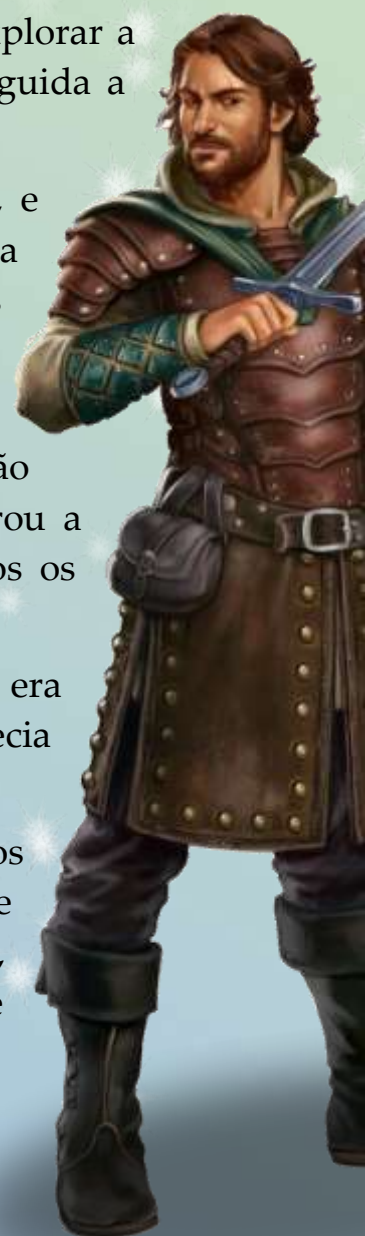
Ela baixou os braços e envolveu sua mão ao redor da espessura dele, ouvindo gemer baixinho. Ele não lhe deu muito tempo para explorar a suavidade aveludada de seu pênis, porém, porque logo em seguida a mão dele envolveu seus seios.

Sua respiração falhou enquanto ele acariciava seus seios, e quando seus dedos encontraram seu mamilo e começaram a provocá-lo, desejo disparou através dela. Quanto mais as mãos dele se moviam sobre seus seios e seus lábios beijavam os dela, mais a necessidade crescia, até que ela não pode mais pensar.

Quando Drogan a moveu abaixo dele, ela ofegou na sensação maravilhosa de seu corpo estendido sobre o dela. Ele equilibrou a maior parte do seu peso nos cotovelos, apoiando-os em ambos os lados de sua cabeça.

Então ele levantou a cabeça e olhou para ela. Sua expressão era ilegível, e, embora quisesse saber o que ele estava pensando, parecia que as palavras a tinham abandonado.

Ela não o impediu quando ele abriu suas pernas com os joelhos, nem quando sentiu sua dureza perto da carne sensível de seu sexo. Ao contrário, seus quadris se levantaram contra ele, procurando por mais. As sensações pulsaram pelo corpo de



Serena por causa desse simples movimento, a instigando a repeti-lo uma e outra vez, até que estivesse literalmente se esfregando nele.

E cada vez mais o pênis de Drogan se aproximava de seu lugar íntimo. Quando a ponta dele escorregou para dentro dela, ela gritou com prazer, se agarrando aos seus ombros largos.

Ele então se moveu sobre ela, penetrando-a mais profundo, esticando-a e enchendo-a. Ela sentiu sua dureza e seu calor dentro dela, e ela ofegou com excitação.

Ela sabia o que viria a seguir – a ruptura de sua virgindade – mas isso não a assustou. Tudo o que ela queria era continuar a sentir as sensações estranhas e emocionantes a percorrendo.

Ela inclinou a cabeça para trás e aceitou o beijo que Drogan lhe deu, um beijo que significava reivindicá-la como sua. Era profundo e marcou sua alma, deixando-a sem ar.

E foi nesse momento que ele se enterrou até a base.

Serena arqueou as costas enquanto o prazer se misturava com a dor. Mas a dor rapidamente se foi, deixando-a com o tipo de necessidade ardente que somente um homem poderia saciar.

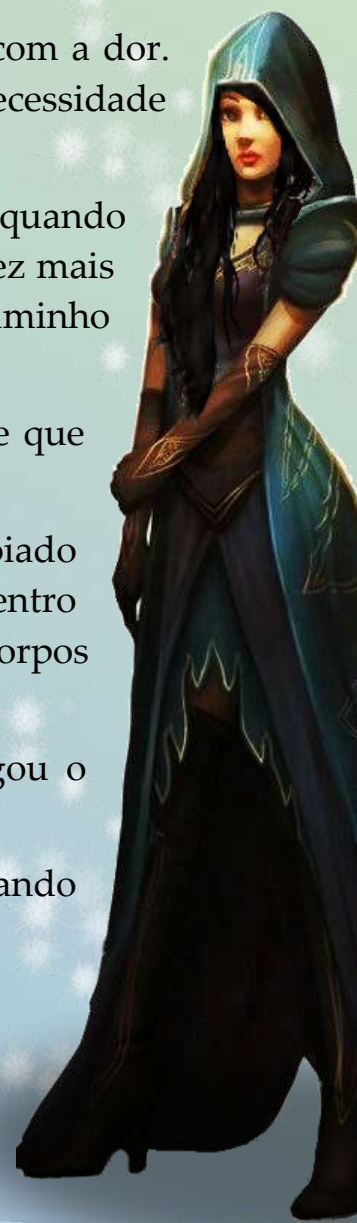
Era como se Drogan soubesse do que ela precisava quando começou a se mover. Com cada impulso, seu corpo subiu cada vez mais alto, sua necessidade no limite máximo, conduzindo-a pelo caminho que ansiosamente procurava.

Ela não queria que o prazer terminasse, e estava segura de que nunca iria se sentir assim novamente.

Ela abriu os olhos para encontrá-lo inclinado sobre ela, apoiado em suas mãos, olhando para ela. Ele continuou empurrando dentro dela, mas deslocou seu peso e trouxe uma mão para onde seus corpos se juntavam.

Seus dedos separaram os lábios de seu sexo, e ele esfregou o polegar em círculos na pequena pérola escondida, mal a tocando.

Espasmos a consumiram. Seu mundo se despedaçou quando seu corpo se convulsionou em torno do pênis de Drogan.



Quando o último tremor a deixou, Droган endureceu, sua cabeça caiu contra seu peito e ele emitiu um gemido baixo. Ela segurou-o enquanto seu corpo se sacudia conforme o clímax o reclamava.

Ela também moveu os quadris, fazendo-o gemer e se aprofundar ainda mais. Quando terminou, ele apoiou a cabeça na testa dela e suspirou.

Eles não falaram quando ele saiu dela e rolou, mantendo-a consigo. Ela apoiou a cabeça no peito dele, que estava se tornando seu lugar favorito no mundo, e dormiu.



Droган tentou equilibrar a respiração irregular quando Serena dormiu. Ele estava envergonhado de si mesmo por ter se aproveitado dela, mas, ao mesmo tempo, não acreditava já ter feito amor de forma tão intensa e pura antes, ou que o fez se sentir mais feliz do que jamais se sentiu.

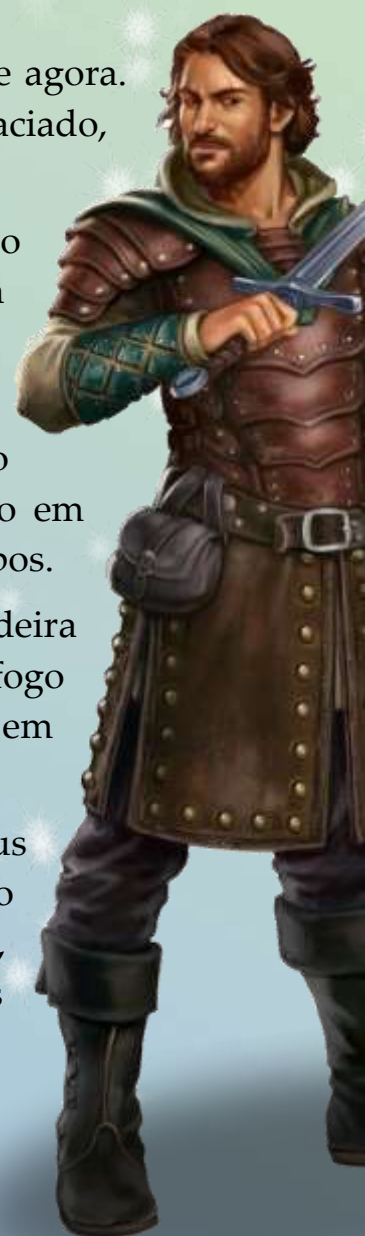
A escuridão que sempre estava perto parecia mais distante agora. Mas ele não insistiu nisso. Seu corpo estava completamente saciado, mas ele a queria novamente. Agora.

Entretanto, justamente quando ele estava imaginando como faria amor com ela na próxima vez, sua memória tropeçou em algo. Um homem tinha estado perto do rio quando Serena caiu.

Droган tinha vislumbrado o homem, escondido nos arbustos, quando pulou atrás de Serena. A súbita recordação o fez perceber que estava concentrando demais em Serena e não em seus arredores, o que poderia ter consequências mortais para ambos.

Com a falta de luz penetrando através de uma fenda na madeira que fechava a janela, ele podia dizer que ainda era noite. O fogo tinha praticamente apagado, deixando o pequeno chalé em escuridão quase total.

Serena gemeu e aconchegou-se contra ele, esfregando seus seios em suas costelas. Apenas a sensação de sua pele lisa o deixou duro e doendo por ela. Ele estava com medo de que, agora que tinha provado de seu doce néctar, nunca mais



conseguisse se satisfazer novamente.

Uma coruja piou alto perto de uma das janelas da casa.

E Drogan se perguntou se era Nicodemos.



Quando a primeira luz do amanhecer apareceu no horizonte, Drogan saiu de debaixo das cobertas e apressou-se a se vestir. Ele sentiu as roupas de Serena e agradeceu que estivessem perto de seco.

Ele caminhou até a porta e estava prestes a desenganchar a fechadura quando ouviu algo do lado fora. Pareciam cavalos, mas não podia ter certeza. Ele pegou suas armas e tentou examinar o que estava acontecendo pelo vão das cortinas, mas não conseguiu ver nada.

Tão silencioso quanto um fantasma, ele abriu a porta e escorregou para dentro as sombras. Ele esperou pacientemente, mantendo-se tão parado quanto as sombras até que vislumbrou algo andando em direção à chalé.

Ele preparou seu arco e entrecerrou os olhos para ter uma visão melhor de quem estava se aproximando. Eles estavam perto o suficiente agora para que Drogan pudesse ver o esboço de um homem e três cavalos. Mas, onde estavam os outros?

Quando o homem chegou a vinte passos da casa, Drogan preparou a flecha e gritou: — Pare onde está.

O homem imediatamente puxou as rédeas do cavalo, fazendo o animal sacudir a cabeça em irritação.

— Quem está aí? — Perguntou o homem.

— Onde estão os outros homens? — Perguntou Drogan em vez de responder.

O homem olhou em volta. — Que outros homens?

— Os que possuem esses cavalos.

O homem olhou para os cavalos e riu. — Estes cavalos são meus, filho, e você está na minha casa. Pode explicar o porquê disso?



Drogan caminhou para a luz, seu arco ainda engatado e pronto para disparar. Ele manteve sua flecha treinada no homem. Com seus deveres, Drogan não conseguia conhecer todos os seus inquilinos como deveria. Por tudo o que sabia, este homem podia estar mentindo para ele. — Como eu sei que você não está mentindo?

— Não tem como saber, — o homem disse, inclinando-se para a frente, sua cabeça cheia de cabelos brancos espalhados para todas as direções. — Agora, filho, por que você não abaixa isso e me conta o que está fazendo na minha casa?

Drogan pensou nas palavras do velho e percebeu que, se necessário, poderia facilmente derrubá-lo. E então ele abaixou o arco.

— Minha amiga teve um acidente. Eu usei sua casa para aquecê-la.

— Ela, — o velho repetiu, desmontando. — Ela está muito ferida?

— Não. Ela caiu no rio e precisava de uma noite para descansar.

O velho amarrou os cavalos a uma árvore perto do pequeno galpão e curvou-se em direção a Drogan. — Meu nome é Thaddeus.

— Drogan.

Thaddeus parou e esfregou a barba de seu queixo. — Drogan? Agora, esse não é um nome comum. O único Drogan que conheço é o senhor de Wolfglynn.

Quando o velho olhou para ele, Drogan ficou em silêncio. Quanto menos esse homem soubesse, melhor.

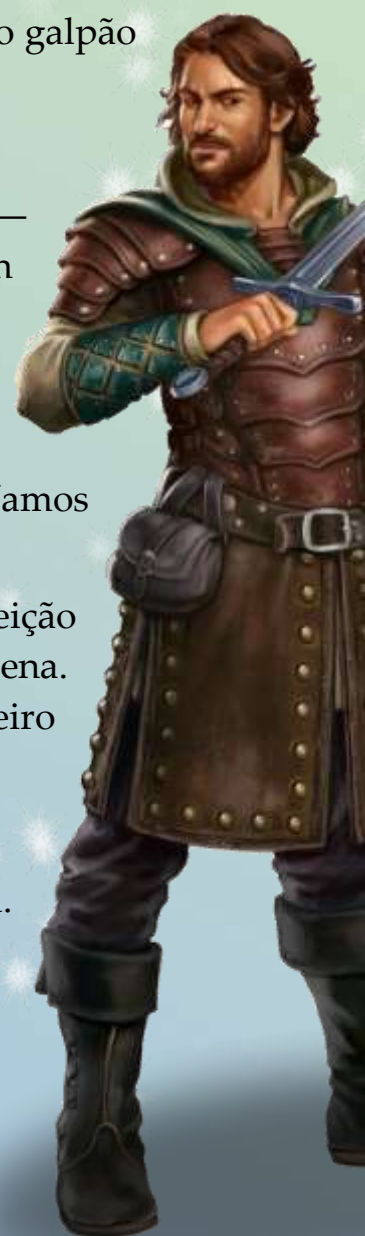
— Bem, — disse Thaddeus depois de um momento. — Vamos entrar e comer alguma coisa. Estou faminto.

Drogan percebeu que não tinha comido desde a refeição precipitada ao meio dia de ontem. Ele tinha dado a comida a Serena. Seu estômago resmungou, mas ele apressou-se em chegar primeiro à porta.

— Você pode me dar um momento?

As sobrancelhas de Thaddeus franziram, mas ele assentiu.

— Claro. Vou guardar os cavalos.



CAPÍTULO DEZESSETE

Drogan esperou até Thaddeus desaparecer no galpão com os cavalos antes de entrar na cabana. Quando fechou a porta atrás de si, Drogan se banquetou com a visão de Serena dormindo satisfeita. Odiava ter de acordá-la, mas não havia outra opção.

Ele sentou na beira da cama e tocou seu ombro. Ela rolou em direção a ele e lhe deu um sorriso sonolento.

— Você já está vestido? — Perguntou, esticando os braços sobre cabeça.

Drogan silenciosamente amaldiçoou enquanto observava os seios dela espreitando para fora das cobertas, e seus mamilos endurecendo sob seu olhar. Ele tinha imaginado que sexo seria a primeira coisa que fariam naquela manhã.

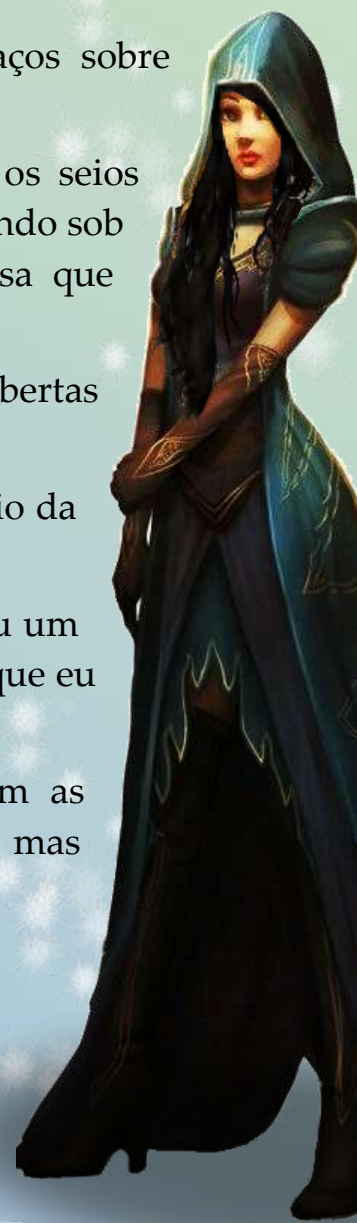
— Drogan? — Perguntou ela, sentando-se e mantendo as cobertas contra os seios. — Algo está errado?

Ele ergueu os olhos para encontrar os dela. — O proprietário da casa retornou. Ele está agora mesmo guardando seus cavalos.

— Proprietário? Ele? — Ela repetiu, e então piscou e moveu um fio de cabelo que estava preso em seus cílios. — Então é melhor que eu me vista.

Drogan moveu-se enquanto ela se afastava da cama com as cobertas ainda presas ao corpo. Ele adoraria assisti-la se vestir, mas acabou se virando e caminhando até a porta.

— Vou estar esperando você.





Assim que a porta se fechou atrás de Drogan, Serena deixou a coberta cair. Ela viu uma tigela de água perto da cama e se limpou. Suas roupas estavam secas, com exceção de alguns pontos húmidos aqui e ali. Uma vez que estava vestida, desmanchou a trança e procurou dentro de sua bolsa pelo pente.

Esse foi o momento em que ela ofegou e caiu de joelhos. Muitas das suas preciosas ervas estavam arruinadas, ervas que ela não sabia se encontraria fora de Hawthorne.

Uma a uma, ela tirou todo o conteúdo da bolsa e colocou tudo no chão ao seu lado. Alguns frascos não tinham se quebrado e mantinham seus selos, então pelo menos ela ainda tinha algumas de suas ervas. Mas seriam o suficiente?

Ela não sabia quanto tempo ficou sentada lá, mas de repente sentiu Drogan ao seu lado. Ela olhou nos olhos dele e encolheu os ombros.

— Eu deveria ter sido mais cuidadosa. — Ela assentiu com a cabeça para as ervas. — Elas estão arruinadas.

Ele empurrou seu cabelo para trás da orelha. — Vamos procurar mais.

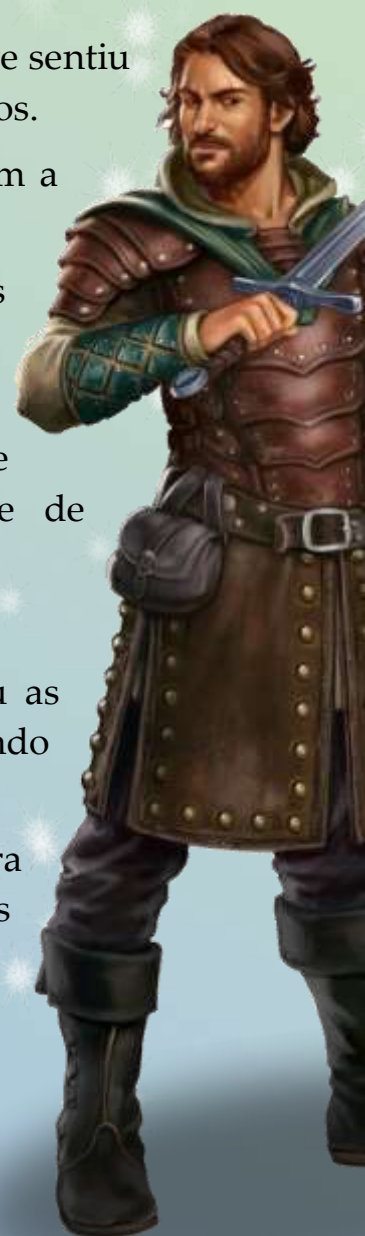
Ela tentou sorrir, mas o peso do que estava perdido era demais. Estas eram as ervas das quais ela precisaria se fosse ferida ou estivesse sangrando, mas não havia necessidade de preocupar com Drogan com isso.

— Vai ficar tudo bem, Serena. Eu prometo.

A sinceridade que brilhava em seus olhos quase a levou as lágrimas. Ela estendeu a mão e acariciou sua bochecha, tentando sorrir. — Obrigada.

Alguém limpou a garganta atrás deles, e ela se virou para encontrar um homem idoso com mechas grossas de cabelos brancos e barba cheia, também branca.

— Alguém está com fome? — Perguntou ele.



Ela e Drogan trocaram olhares antes de responderem: — Sim.

Enquanto Drogan começou a pegar as ervas arruinadas, ela escovou seus cabelos e decidiu trança-lo novamente. Era a maneira mais fácil de mantê-lo fora de seu rosto, e ela odiava usar o véu e touca que estava na moda.

Quando terminou, foi e sentou-se com Drogan na pequena mesa. — Posso ajudar com algo? — Ela perguntou ao homem.

— Meu nome é Thaddeus, milady, e você simplesmente pode ficar bem aí. Estará pronto em breve.

Com certeza, a comida ficou pronta em questão de segundos.

Quando Thaddeus sentou-se do outro lado dela na mesa, ela sorriu e disse: — Meu nome é Serena.

— Um nome bonito, milady.

Ela franziu a testa. — Por que você continua me chamando de milady³?

Ele parou o garfo a meio caminho da boca. — Porque você é minha senhora.

Ela se virou para Drogan, mas com a menor sacudida de sua cabeça ele lhe disse para não insistir - o que estava bem para ela, já que Serena preferia comer.

E comer foi o que eles fizeram, até que nada restou. Ela não tinha percebido como estava com fome até que sentiu o cheiro da comida.

— Quanto quer por dois de seus cavalos? — Perguntou Drogan.

Thaddeus recostou-se na cadeira e olhou para Drogan. — Eu acabei de comprar essas éguas.

— Eu vou pagar-lhe amplamente por elas, e também tê-las devolvidas a você uma vez que chegarmos ao nosso destino.

— Suponho que você não vá me dizer qual é o seu destino?

Serena olhou para Drogan para ver o que ele faria, mas ele simplesmente ficou ali sentado.

³ Minha Senhora.



— Entendo, — disse Thaddeus. — Vocês dois devem ter uma pressa terrível para atravessar a floresta em vez de ficar na estrada principal.

Novamente Drogan não disse nada. Serena ficou desconfortável. Ela só queria que Thaddeus lhes desse uma resposta acerca dos cavalos, para que eles conseguissem se mover. Eles tinham perdido um tempo valioso comendo.

— Tudo certo. Pegue dois cavalos, — disse Thaddeus.

Serena levantou-se. — Muito obrigada.

Ele sorriu, mostrando alguns dentes perdidos. — Fico feliz em poder fazê-la feliz.

Ela juntou seus pertences enquanto Drogan pagava a Thaddeus e preparava os dois cavalos. Quando ela saiu, Drogan já estava esperando-a.

— Pronta? — Ele perguntou.

— Muito.

Ele segurou as bolsas e a ajudou a subir no cavalo antes de lhe devolver sua sacola. Em um movimento suave, ele também montou sua égua, e eles acenaram para Thaddeus antes de sair.

Eles não tinham ido muito longe antes dela cutucar a sua égua até chegar ao lado de Drogan. — Como você sabe que Thaddeus não contará a ninguém que estivemos aqui?

— Eu não sei, — disse Drogan. — Mas eu paguei-lhe moedas suficiente, pelos cavalos e por seu silêncio, então espero que ele não fale nada.

— Ele sabe quem você é?

Drogan sacudiu a cabeça. — Ele suspeita, mas eu não confirmei nada.

— Isso pode ser uma vantagem, — disse ela.

Ele levantou um ombro. — Só podemos esperar pelo melhor.

Com os cavalos, eles foram capazes de cobrir o dobro do terreno. Serena não estava muito atrás nas muitas vezes em que Drogan olhou por cima do ombro, para confirmar que não estavam sendo seguidos.



Eles raramente pararam, e quando o fizeram, ficaram apenas o tempo suficiente para descansar os para os cavalos comerem.

Eles não falaram do que aconteceu entre eles na noite anterior. Serena ainda não podia acreditar no que tinha feito, embora não desejasse voltar atrás. Tinha sido uma noite especial, uma da qual ela sempre se lembraria, mesmo quando estivesse velha e grisalha.

Depois de dar água aos cavalos, ela encontrou Drogan observando-a. Ela então o encarou, esperando para ouvir o que ele diria.

— Como você está se sentindo?

Ela sorriu e acariciou sua égua. — Muito melhor agora que meus pobres pés descansaram.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Ela franziu o cenho até perceber que ela estava perguntando sobre a perda de sua virgindade. Ela desviou o olhar até a água cintilante do rio. — Estou bem.

Ele então se moveu tão rápido, puxando-a contra seu corpo e cobrindo sua boca com a dele, que ela nem teve tempo de reagir. O beijo foi consumidor e apaixonado, reacendendo seu desejo em um instante, e deixando-a ofegante e desejando mais.

Quando ele finalmente se afastou, ela teve que segurá-lo para manter-se em pé.

Serene então ergueu os olhos para ver um sorriso satisfeito no rosto dele.

— O que foi isso?

— Eu queria beijá-la desde que você acordou esta manhã, mas lá não tivemos tempo.

Ela não perdeu as pequenas linhas de preocupação em sua boca, porém. — Eu não lamento o que fizemos.

Ele desviou o olhar dela e tocou a ponta de sua trança.

— Tem certeza?

— Absolutamente.



Quando ele não a olhou, ela estendeu a mão e moveu a cabeça dele até que a encarasse. — Foi mais do que eu já sonhei, Drogan.

Ainda assim, ele não se moveu. Ela não soube o que fazer então, além de embrulhar os braços ao redor dele e pousar a cabeça em seu peito. Os braços dele, afortunadamente, vieram ao seu redor para segurá-la contra ele, e então ela sorriu e brevemente fechou os olhos.

Mas sua paz não durou muito, já que um dos cavalos sacudiu a cabeça e bufou. Em um instante, Drogan a levou de volta à sua égua e eles saíram galopando dali.

Um pouco mais tarde, porém, ele desacelerou as éguas para um caminhar, e puxou Serena para aproximá-la dele.

— Se tivermos sorte, chegaremos a Wolfglynn esta noite.

Ela mal podia esperar. Ela apreciou seu tempo com Drogan, mas a preocupação constante também lhe trouxe tremendo estresse.

Quando eles e a família de Gerard estivessem finalmente dentro dos muros de pedra de Wolfglynn, ela se sentiria muito melhor. Eles tinham chegado até aqui; com certeza conseguiriam seguir o resto do caminho.

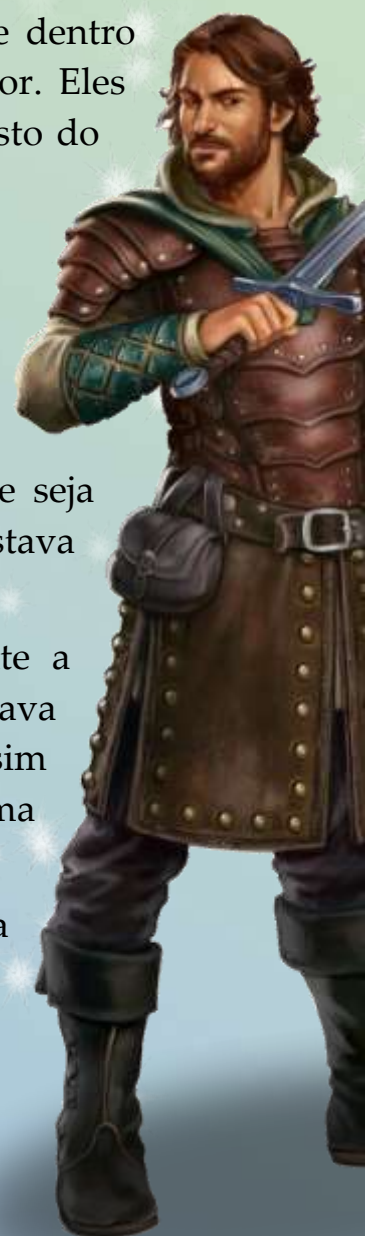
Pelo menos foi o que ela disse a si mesma.



Drogan mal podia esperar para chegar em casa. Verdade seja dita, ele nunca se sentia mais confortável do que quando estava dentro das maciças paredes de pedra de Wolfglynn.

Seu olhar encontrou Serena de novo e de novo durante a viagem, assegurando-o de que ela não estava com dor e que estava aguentando bem a cavalgada. Ela montava elegantemente, assim como fazia todo o resto. Não havia como negar que ela era uma senhora, independentemente do que dissesse.

— Pare com isso, — ela disse depois que ele olhou para ela de novo.



— Não estou fazendo nada.

Ela revirou os lindos olhos azuis. — Você continua olhando para mim como se estivesse me esperando cair do cavalo.

Drogan lutou para esconder o sorriso. — Você é uma excelente amazona.

— Então, por que você está me olhando?

Ele desviou os olhos dela e olhou entre as orelhas seu de cavalo. Não havia nenhuma maneira dele admitir que gostava de admirar a beleza dela. Ele poderia imaginar qual seria sua reação a isso.

— Drogan?

Ele fechou os olhos e suspirou - precisava pensar. — Minha égua é mais jovem do que a sua. Apenas estou me assegurando de que a sua não precisa descansar.

— Ah.

Foi decepção isso que ele ouviu em sua voz? Não poderia ser.

Embora eles não tivessem mais falado sobre o fato de ele ter tomado sua virgindade, Drogan suspeitava que ela havia baixado a guarda na véspera, e duvidava que faria algo assim novamente.

Tudo por causa de uma maldição.

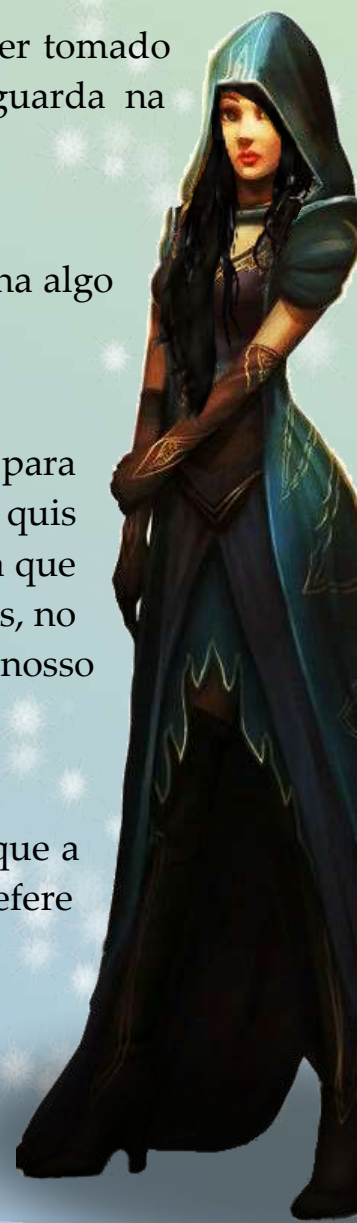
Uma maldição que ele ainda não entendia. Obviamente, tinha algo a ver com um homem e uma mulher, mas como, exatamente?

— Conte-me sobre a maldição.

Ele esperou que ela fosse recusar, mas ela soprou o cabelo para fora do rosto e disse: — Não tenho certeza se a matrona quis amaldiçoar apenas a garota ou todas as mulheres. A maldição era que o marido da garota ia deixá-la depois que ela tivesse um filho, mas, no final, isso é o que acontece com todas nós que entregamos nosso coração a alguém.

— Todas vocês?

Ela assentiu e continuou a olhar para frente. — É por isso que a nossa linhagem está desaparecendo. A maioria das mulheres prefere



passar a vida sozinha do que sofrer a tortura indescritível de perder o homem que ama.

— Foi isso que aconteceu com seu pai?

— Sim. Ele nos deixou cinco dias depois de eu ter nascido. Eu nunca o vi, e não gostaria de encontrá-lo agora.

Drogan não sabia o que dizer. Ele tinha imaginado todos os tipos de coisas, mas nunca esperou por isso. — Sinto muito, Serena.

— Você não fez nada.

— Você já teve uma vida bastante dura, e isso sem adicionar uma maldição que tem atravessado os séculos para tornar as coisas ainda mais difíceis.

— Nós sobrevivemos.

Eles cavalgaram mais um pouco em silêncio, sua mente tentando entender o conceito da maldição. — A maldição já foi quebrada?

— Não. Continuará até que não haja mais nenhum de nós.

— Bem, você disse que não tinha visto mais ninguém do seu tipo antes de Adrianna. E se alguém já tiver quebrado a maldição?

Ela o olhou como se ele fosse o bobo da corte. — Se esse fosse o caso, a palavra se espalharia rapidamente.

— Mas e se? — Ele insistiu.

— Não posso descartar a possibilidade. Embora, durante esses muitos séculos, nunca tenha acontecido.

— Que você saiba, — acrescentou.

Ela suspirou alto. — Entendi seu ponto, Drogan. Tudo é possível. Mas, quando olho para o que está a minha frente, só vejo os números do meu tipo diminuindo para nada.

Ele não se incomodou em dizer que poderiam haver vários escondidos.

— Tudo bem, tudo bem, — ele disse, sorrindo para ela.

— Tudo bem, — ela concordou relutantemente.



— E se houvesse uma maneira de quebrar a maldição?

Ela encolheu os ombros. — Se a maldição já foi quebrada em algum momento, então foi apenas para uma mulher, já que ainda afeta todos os outros *bana-bhuidseach*.

Era o que ele pensava também, mas queria que ela falasse o mesmo. Ele não conseguia entender a necessidade de fazê-la pensar da mesma maneira que ele, mas sabia que isso era importante.

Ele não insistiu, porém. Ela precisava deixar o que acontecera entre eles se acomodar em seu cérebro primeiro.

A sensação irritante de que eles estavam sendo vigiados de novo o consumiu. Ele olhou em volta, mas não encontrou nada. Alguém estava lá, ele tinha certeza. No entanto, a crescente escuridão poderia se esconder em um grande número de terrores. A apreensão estabeleceu-se desconfortavelmente no fundo de seu estômago, e ele agarrou o cabo de sua espada para reprimir o que estava sentindo.

Algo lhe disse para olhar mais uma vez por cima do ombro e, quando o fez, poderia jurar ter visto alguém. Ele rapidamente puxou as rédeas de sua égua e virou o cavalo.

— O que foi? — Serena sussurrou.

Pelo menos ela tinha o bom senso de não gritar, pensou Drogan. Ele levantou uma mão para dizer a ela para esperar enquanto ele olhava para a densa floresta.

Passaram-se vários minutos durante os quais o único movimento foi o das caudas dos cavalos. Nada se agitou, e Drogan jurou sob sua respiração, colocando a égua em movimento outra vez.

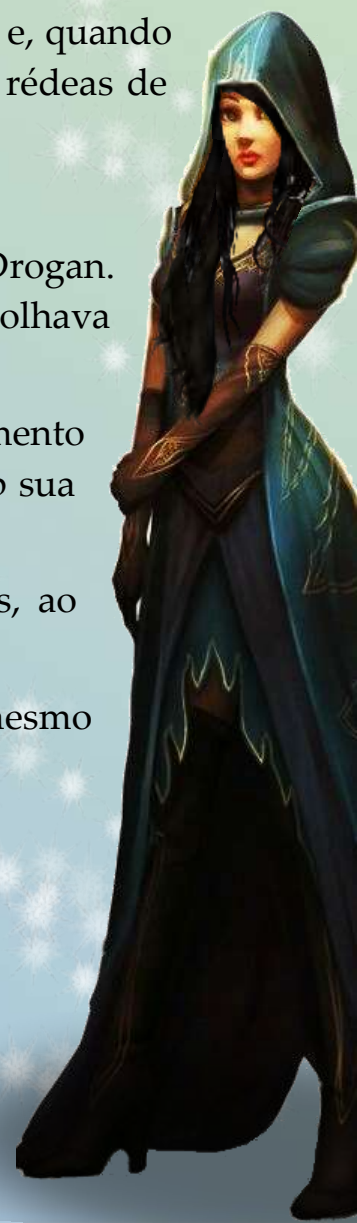
Serena esperou que ele lhe dissesse o que o incitara, mas, ao contrário, Drogan apenas falou: — Acho que estou vendo coisas.

Ela lhe deu um sorriso reconfortante. — Tenho pensado o mesmo desde que saímos de Hawthorne.

Medo serpenteou por sua espinha. — O que?

— Não é nada, — ela disse, acenando para longe.

— Por favor, me diga.



Ela olhou para ele e encolheu os ombros. — É apenas um sentimento de que estamos sendo vigiados. Pensei ter visto algo depois quando caí no rio, mas estava com tanto medo... sei que foi apenas uma invenção da minha imaginação.

Talvez, mas Droган duvidava. Estranho que eles tenham ambos pensado ter visto algo no mesmo lugar. Naquele momento, eles chegaram ao topo de uma pequena colina, e Serena ofegou quando olhou pela primeira vez para Wolfglynn.

Droган sorriu e respirou fundo. Estavam em casa.



CAPÍTULO DEZOITO

Serena não podia acreditar na beleza do que contemplava. Certamente era um santuário escondido, visível apenas a pouquíssimos sortudos.

— Agora eu sei por que você não gosta de sair daqui, — disse ela.

O sol parecia uma esfera laranja afundando em um céu de um azul pálido, um magnífico purpura e a menor sugestão de rosa, derramando sua luz desbotada sobre o maravilhoso castelo de Wolfglynn. E que fantástico ele era. Serena calculou que fosse duas vezes o tamanho de Hawthorne, e isso era dizer algo.

Pelo canto do olho, ela viu Drogan a observando atentamente, mas não se importava. Ela queria manter seu primeiro vislumbre de Wolfglynn com suas grandes torres, numerosas demais para ela arriscar um palpite, eternamente gravado em sua memória. Uma parede de pedra cercava todo castelo, conectando-se a uma entrada maciça com duas torres de vigia.

Ela mal podia esperar para entrar e explorar a bela estrutura.

Suas mãos flexionaram as rédeas enquanto estudava a floresta que corria na extensão do lado oeste do castelo.

E então ela sentiu o cheiro dele. Sal marinho. Serena inclinou a cabeça para trás e sentiu a brisa do mar.

— Você sente, não é? — Perguntou Drogan.

— Oh, sim. É maravilhoso, Drogan. Mal posso esperar para ver.

— E você vai, — prometeu. — Mas primeiro devemos chegar a Wolfglynn.



Com isso, ele incitou sua égua para um galope resistente.

Para não ser superada, Serena assobiou para sua própria égua. Ela e seu animal estavam ambos ansiosos para chegar ao seu destino, e nenhum deles conseguia se mover rápido o suficiente.

Sua égua, que Drogan tinha pensado ser lenta e velha, logo alcançou a dele. Ela e Drogan trocaram sorrisos quando deixaram a floresta e pegaram a estrada que levava ao grande portão.

Quando chegaram à trilha que levava a Wolfglynn, ele diminuiu a velocidade e deu um estranho assovio, que deve ter sido um sinal para os homens, pois eles imediatamente abriram os enormes portões.

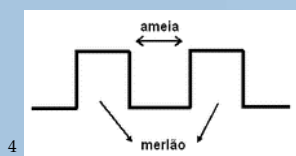
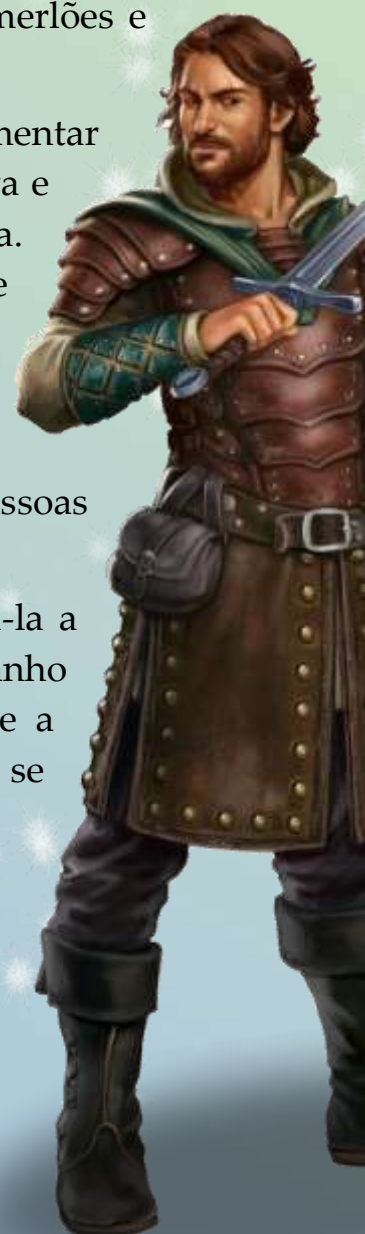
A emoção borbulhou dentro de Serena enquanto ela andava atrás de Drogan, entrando nas muralhas de Wolfglynn. Era como Hawthorne, só que maior.

As paredes da grande muralha eram adornadas de blocos pesados com divisórias em padrões de dentes quadrados característicos de merlões e ameias⁴, que fortaleciam igualmente as muitas torres.

Ela parou ao lado de Drogan, que desmontou para cumprimentar alguns de seus cavaleiros. Era fácil ver que seu povo o respeitava e o amava, considerando a demonstração de carinho à sua chegada. Os cavaleiros também pareciam aliviados ao encontrá-lo forte e saudável.

Quando ele virou os olhos castanhos dourados para ela, um arrepio correu por suas costas. A expressão dele era ousada e possessiva, e ela podia ouvir sussurros ao redor enquanto as pessoas se perguntavam se ela era a noiva do senhor do castelo.

Ela deslizou nos braços Drogan, que esperava para ajudá-la a desmontar. Ele a colocou no chão, e Serena inalou o cheiro estranho do sal do mar novamente. Seus olhos se fecharam, e ela teve a estranha sensação de que tinha chegado em casa. Os olhos dela se



abriram novamente, e ela encontrou Drogan a observando atentamente.

— Conseguimos.

Ela sorriu para o tom presunçoso dela. — Sim, conseguimos.

— E, — ele acrescentou, um canto de sua boca se erguendo em um sorriso. — Eu mantive meu juramento de mantê-la segura.

Seu sorriso alargou-se, e ela ouviu os sussurros começarem outra vez.

Foi quando ela olhou para baixo e percebeu que as mãos dele ainda estavam ao redor de sua cintura.

Ela saiu de seus braços e colocou algum espaço entre eles.

Serena então olhou para o enorme portão, agora fechado, e encontrou-se precisando saber sobre Gerard e Maris.

— O que foi isso? — Drogan perguntou enquanto caminhava para ficar outra vez ao lado dela.

— Estou preocupada com Gerard e Maris. — Ela deslocou seu olhar para ele novamente. — Para quando você espera a chegada deles?

Ele encolheu os ombros e passou a mão por seus cabelos castanho escuros. — Isto depende de muitas coisas. Conseguimos viajar muito rápido através dos campos, e então fomos capazes de adquirir os cavalos.

— E eles ainda estão viajando pela estrada.

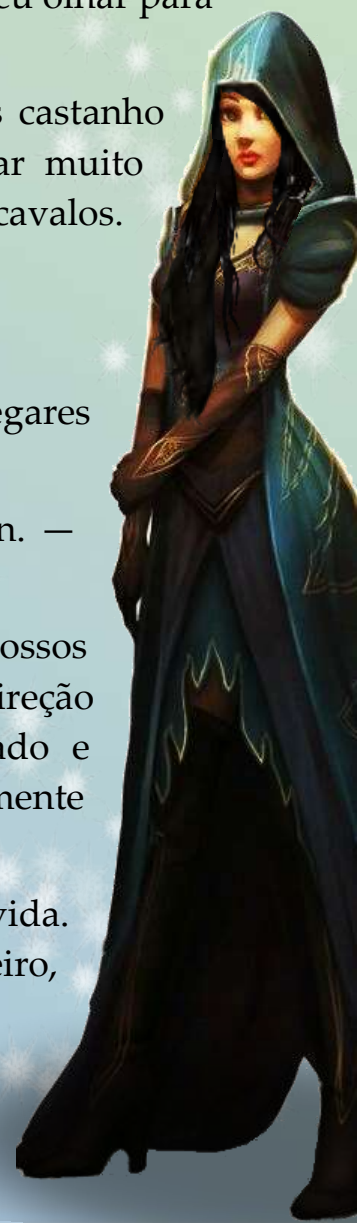
— Sim.

Para se acalmar, Serena juntou as mãos e girou seus polegares um ao redor do outro. O movimento sempre a acalmava.

— Vou enviar cavaleiros para procurá-los, — disse Drogan. — Mas primeiro, deixe-me te mostrar seu quarto.

O pensamento de uma cama e de um banho derreteram os ossos de Serena. Ela ansiosamente virou-se e seguiu com Drogan em direção ao castelo, mas encontrou seu caminho parcialmente bloqueado e bastante tumultuado por um grupo de pessoas, principalmente mulheres.

Serena nunca tinha visto tantas mulheres bonitas em sua vida. Foi difícil para ela imaginar porque Drogan ainda estava solteiro,



considerando todas as pretendentes dispostas por perto. Ele parecia inconsciente às mulheres quase caindo sobre eles enquanto ele a guiava ao redor - mas Serena não pode ignorar os olhos observadores e os sussurros contínuos.

A grandeza que conheceu quando Drogon abriu as portas do castelo, porém, fê-la cambalear. O salão principal era imenso, preenchido com fileiras e mais fileiras de mesas. O trono estava posicionado em frente a um lambril⁵ e à uma área pintada. Linhas vermelhas, para representar bloco de alvenaria, foram pintadas nas caiadas de pedra, e cada bloco foi decorado com uma flor ornamental.

Também havia algumas tapeçarias pintadas e penduradas estrategicamente pelo salão, enquanto lamparinas foram espalhadas por todo o lugar, algumas em espiras verticais com uma base de tripé e outras mantidas em uma corrente e apoiadas por suportes nas paredes. Ela também vislumbrou algumas lâmpadas a óleo, que forneciam melhor luz, em um prato raso em um suporte perto do trono.

A lareira ficava em uma parede do outro lado do salão, onde um conjunto de espadas atravessava um antigo escudo pendurado na parede. Com vista para o corredor havia várias varandas, e ela podia ver os corredores que conduziam aos quartos.

— Me faltam palavras, Drogon, — ela disse enquanto seus olhos continuavam se banquetando no esplendor do castelo.

— Então, você gosta?

Ela ouviu a pergunta em sua voz, e se virou para olhar para ele.

— Oh, sim. Muito.

Ele sorriu devagar. — Eu também, — Era evidente, pelo orgulho em seus olhos, que ele amava sua casa.

Ela o seguiu pelas escadas até os quartos. Mais lamparinas penduradas nas paredes combatiam a escuridão.

⁵ Revestimento interno de parede, com fins decorativos ou para proteger contra frio, umidade ou barulho; feito de madeira, mármore, estuque, numa só peça ou composto por painéis, que vão apenas até certa altura, ou do chão ao teto.



— Meu quarto fica no final do corredor, — disse Drogan quando parou na frente de uma porta. — Apenas no caso de você precisar de mim.

Serena não queria essa informação. Já seria difícil o suficiente evitá-lo como estavam, e agora que sabia onde ele dormia...

Ela assentiu, e ele abriu a porta do quarto que seria dela. Cortinas azuis profundas emolduravam uma excelente cama com uma grande estrutura de madeira e um colchão macio sobre o qual ela mal podia esperar para deitar.

Um banco descansava na frente da cama, e havia um par de baús alinhados na parede, intercalados com poleiros ou pinos de madeira para pendurar roupas.

Ela entrou na câmara, sentou-se no banco e suspirou quando uma criada entrou e falou com Drogan.

— Você está com fome? — Ele perguntou.

— Morrendo de fome, — admitiu.

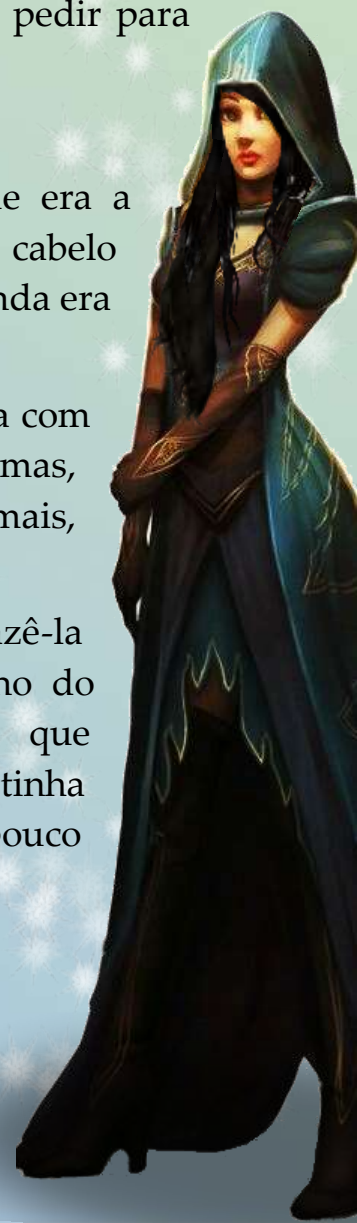
Ele riu e assentiu com a cabeça para a serva. — Eu posso pedir para prepararem água para um banho antes de você comer, se quiser.

— Parece celestial.

Drogan, porém, conhecia apenas uma coisa celestial, que era a própria Serena. Apesar do pó e da sujeira da viagem, de seu cabelo fugindo de sua trança e de seu vestido sujo além de reparo, ela ainda era a coisa mais linda que ele já tinha visto.

Ele saiu do quarto e fechou a porta, se inclinando contra ela com um suspiro. O mais certo era mantê-la tão longe quanto possível, mas, em vez disso, ele tinha se aproximado dela. Possivelmente demais, inclusive.

Suas mãos flexionaram, e ele sacudiu a cabeça para fazê-la funcionar. Ele sabia que já havia conversa circulando em torno do castelo. Todos queriam conhecer a identidade da mulher que acompanhava seu senhor. Ele não tinha certeza do por que não a tinha apresentado, exceto talvez por querer mantê-la consigo um pouco mais.



Drogan caminhou até seu quarto e abriu a porta. Sua cama, fechada por cortinas vermelhas escuras, o convidou para um cochilo, mas ainda havia muito que ele tinha que fazer primeiro. Ele apenas desabotoou sua espada e colocou-a em sua mesa antes voltar para o salão principal.

Depois de pedir banhos para si e Serena, dando instruções cuidadosas sobre quão quente deveria ser a água para ela, ele foi até a Muralha, onde um cavaleiro ainda segurava seus cavalos.

— Thomas, — disse Drogan enquanto caminhava. — Preciso que você e um homem devolvam esses cavalos pela manhã. Não usem armaduras. Vocês encontrarão a casa se seguirem o rio sudoeste.

— Sim, meu senhor, — disse Thomas antes de levar os cavalos aos estábulos, onde os acomodaria alimentaria.

Drogan examinou a muralha, procurando pelo único homem do qual precisava naquele momento. Ele encontrou Grayson inclinado casualmente contra a divisória, embora soubesse que o cavaleiro estaria tudo, menos relaxado. Ele abriu caminho para ele então, e quando se aproximou viu Grayson afastar-se da parede.

— Meu Senhor. Você teve uma viagem segura?

Drogan não se deixou enganar pelo comportamento dócil. Ele tinha visto os olhos prateados de Grayson ardendo de raiva e ressentimento muitas vezes, embora nunca tenha dirigido seu desagrado a Drogan.

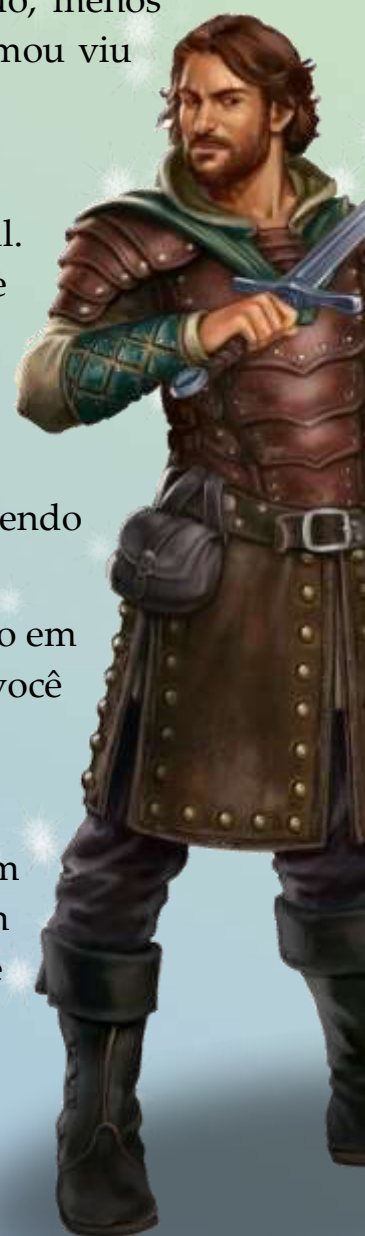
— Sim. Como foram as coisas por aqui?

— Normais. Não houve problemas. Seu tio veio ontem dizendo que sabia que você precisaria dele, porém.

Estranho, pensou Drogan. Como o tio saberia sobre o perigo em que tinha se metido? — Bom. Tenho algo que eu preciso que você faça, e é urgente, Grayson.

— Diga.

— Pegue dois homens e saia esta noite. Siga a estrada em direção a oeste. Você encontrará um grupo de ciganos com quem um querido amigo meu está escondido, junto com sua esposa e filha.



- Eles saberão que estamos chegando?
- Não, mas conhecendo Gerard, ele estará atento a qualquer coisa.
- Gerard de Hawthorne? — Perguntou Grayson.
- Sim. Você se lembra dele?

Grayson assentiu. — Vou ter isso feito, meu senhor, e trazê-los o quanto antes para Wolfglynn.

— Grayson, — gritou Drogan quando o cavaleiro começou a se afastar. — Certifique-se de que ninguém saiba que você é um cavaleiro. Sem armaduras ou esporas, e mantenha suas armas escondidas da melhor maneira possível.

O cavaleiro assentiu uma vez mais e se afastou. Drogan inclinou um braço na divisória da muralha e deixou cair a cabeça. Ele mesmo deveria ir em busca de Gerard. Apressou-se a alcançar Grayson.

— Não saia até eu voltar. Eu vou contigo.

— Meu Senhor? Você acabou de voltar, e com uma senhora. Não deveria ficar? Aqui?

Drogan sacudiu a cabeça. — Não. Meu lugar é procurando meu amigo.

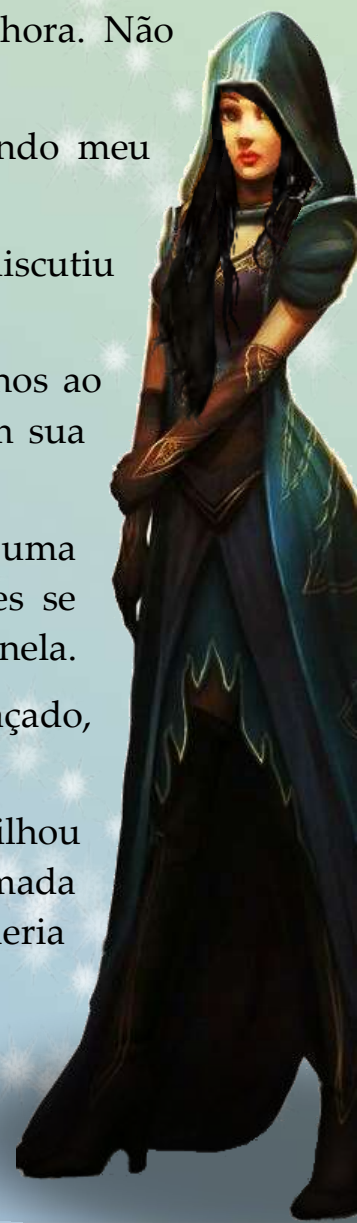
Ele podia dizer que Grayson não estava feliz, mas não discutiu quando saiu e foi reunir os outros cavaleiros.

Um uivo de lobo quebrou a noite, e Drogan fechou os olhos ao som. Ele sempre gostou de ouvir esse chamado, pois ecoava em sua própria alma, de alguma forma.

Quando ele voltou para o pátio do castelo, a silhueta de uma figura no alto de uma janela chamou sua atenção. Serena. Eles se olharam por vários momentos antes dela se virar e se afastar da janela.

Desde sua noite juntos, seu interior tinha sido despedaçado, porque ele sabia que não poderia tê-la. Jamais. E odiava isso.

Por tantos anos ele teve tanto cuidado com quem compartilhou sua cama, e a única vez que cedeu ao anseio de seu corpo e a chamada de sua alma escura, se via perdido. E também temia que não poderia haver retorno agora.



Serena não era para ele. Ele sabia disso. A escuridão era uma parte muito grande se sua alma para permitir algo maravilhoso, sagrado e bonito por perto. Isso a destruiria, e ele não poderia aceitar tal coisa.

O melhor era esquecer de sua noite especial juntos, e focar na tarefa em questão – acabar com o mal do passado.



CAPÍTULO DEZENOVE

Serena ficou na água até que começou a relaxar, e então esfregou o corpo duas vezes, e lavou o cabelo três vezes. Quando finalmente saiu da banheira, sentiu-a como a velha Serena outra vez.

Os criados haviam lhe entregado sua bolsa, mas nenhuma de suas roupas estava dentro. Ela então teve de usar o pedaço de linho no qual havia se secado para envolver o corpo depois do banho, antes de ir até a cama e pentear seu cabelo emaranhado.

Uma batida suave soou na porta, seguida de uma voz feminina lhe informando que estava trazendo roupas. Serena pediu que entrasse.

A menina não era muito mais nova que ela. Tinha cabelos dourados que pendiam em cachos até sua cintura. Seus olhos eram claros como o céu da manhã, e ofereciam calor e amizade em suas profundezas.

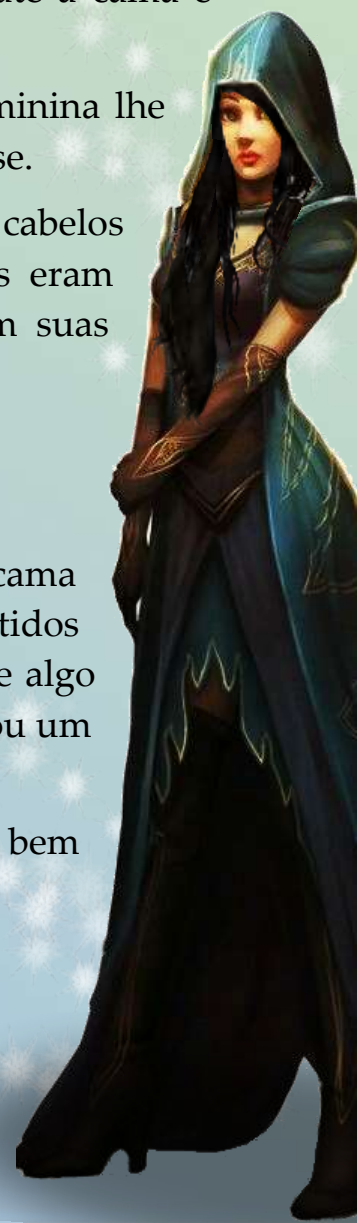
— Meu nome é Claire, milady, — disse ela.

— Olá, Claire. Eu sou Serena.

— Um nome adorável. — Claire caminhou até a cama segurando uma muda de roupas sobre os braços. — Seus vestidos estão sendo lavados, mas Lord Drogan pediu que eu encontrasse algo para você usar até que suas roupas entejam prontas. — Ela colocou um suave vestido verde na cama.

O vestido era várias décadas fora de moda, mas ainda bem cuidado e bonito.

— Obrigada, Claire.



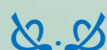
A criada sorriu. — O tamanho deve estar próximo. Este vestido pertencia a mãe de Lord Drogan.

Um nó se alojou na garganta de Serena quando ela passou a mão pelo tecido. — Vai servir perfeitamente.

Com a ajuda de Claire, Serena se vestiu. Era um pouco curto, mas bom o bastante, e serviria até o dia seguinte.

Uma vez que Claire partiu, Serena enrolou-se no banco com os pés escondidos debaixo dela. Ela continuou a pentear o cabelo, e se perguntou o que Drogan estava fazendo.

Ele ocupou seus pensamentos pela maior parte do dia, e ela temia que pudesse ocupar muito mais, se não fosse cuidadosa. Serena forçosamente o empurrou para fora de sua mente, e obrigou-se a concentrar-se em Gerard e Maris.



Drogan bateu pela segunda vez na porta de Serena, ainda sem receber resposta. Ele então tentou o trinco, e descobriu que estava destrancado.

— Serena, — ele chamou quando abriu a porta.

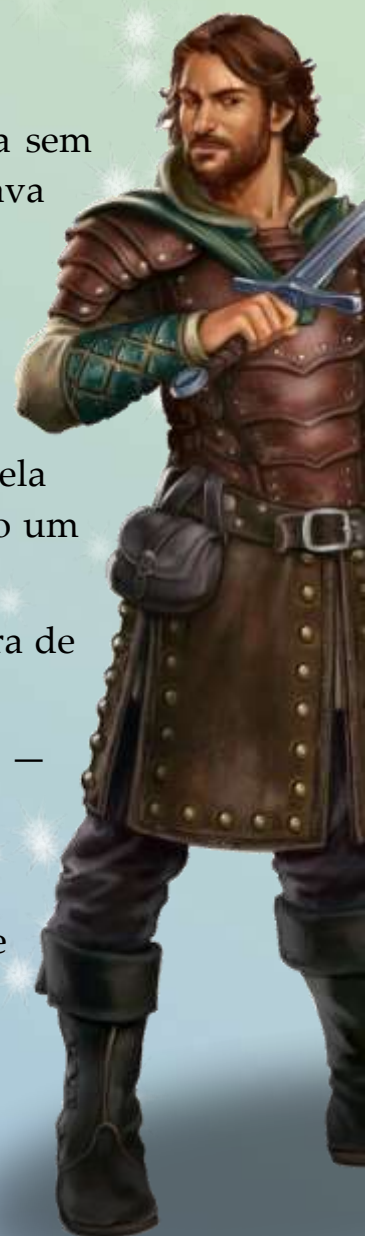
Ele a encontrou no banco em frente à cama, a cabeça virada para o lado e seus olhos fechados. Não desejando incomodá-la, ele sentou-se num banquinho e esperou. O cabelo dela ainda estava úmido, assim como o dele. Ambos haviam passado um longo tempo em seus banhos para lavar a sujeira da viagem.

O vestido de sua mãe parecia bem nela, apesar de estar fora de moda.

Alguns minutos depois, ela abriu os olhos e olhou para ele. — Eu ou eles.

— Gerard e Maris?

Ela assentiu. — Eles parecem estar bem. Cansados e assustados, mas ilesos.



— Isso é bom. Você se sente melhor?

— Um pouco. No entanto, não ficarei bem até eles estarem aqui.

— Eu vou sair com três dos meus melhores cavaleiros para procurar por eles.

— O quê? — Ela perguntou, se levantando. — Você não pode.

— É meu dever.

Ela balançou a cabeça. — Você deve ficar, Drogan.

— Me dê uma boa razão.

— Tudo bem, — ela disse, sentando-se novamente e pegando a mão dele. — Você sabe que eu odeio fazer isso, mas é a única maneira de fazer você ficar.

— Não, — ele disse, já muito tarde.

Serena abriu-se rapidamente enquanto mergulhava no futuro de Drogan.

Ela o viu muitos anos no futuro, com cabelos grisalhos e crianças ao seu redor. Isso fez com que ela soubesse que ele seria feliz, e que ela ainda os mantinha no curso certo.

Mas não era isso que ela precisava ver. Ela se concentrou no poderia acontecer naquela noite. Demorou um pouco mais, mas Serena encontrou e olhou para ambos os caminhos possíveis.

Ela então afastou a mão dele enquanto abria os olhos e respirava profundamente.

— Você não deveria ver, — disse Drogan.

— Não me deixei ver sua morte.

— O que você viu?

Ela olhou para longe dele. — Eu entendo sua necessidade de ir atrás de Gerard e Maris. Eu também gostaria de poder ir atrás deles, mas é inútil, Drogan. O mal vê você. Se você sair, não só você vai morrer, mas ele também matará Gerard e sua família.

Houve um longo silêncio antes que Drogan falasse. — E se eu não for?



Ela encarou-o. — Então ainda há uma chance de que tudo o que nós planejamos funcione. E não é isso que todos queremos? Viver?

Drogan não estava feliz. Serena tinha pontos válidos, mas não ir atrás de Gerard não lhe agradava.

— Tudo bem, — ele disse, e suspirou. — Vou pedir para alguém avisar Grayson para sair sem mim.

O sorriso que ela lhe deu fez com que ele esquecesse seu próprio nome.

— Obrigada, Drogan.

Ele desviou o olhar e limpou a garganta. — Você está pronta para comer?

Ela assentiu. Poucos momentos depois, os criados trouxeram comida e uma pequena mesa, que colocaram perto de Serena. Uma vez que a comida tinha sido colocada na mesa, Drogan moveu o banco dele para o outro lado e sentou-se. O aroma lhe deu água na boca, e tanto Drogan quanto Serena encheram suas bandejas.

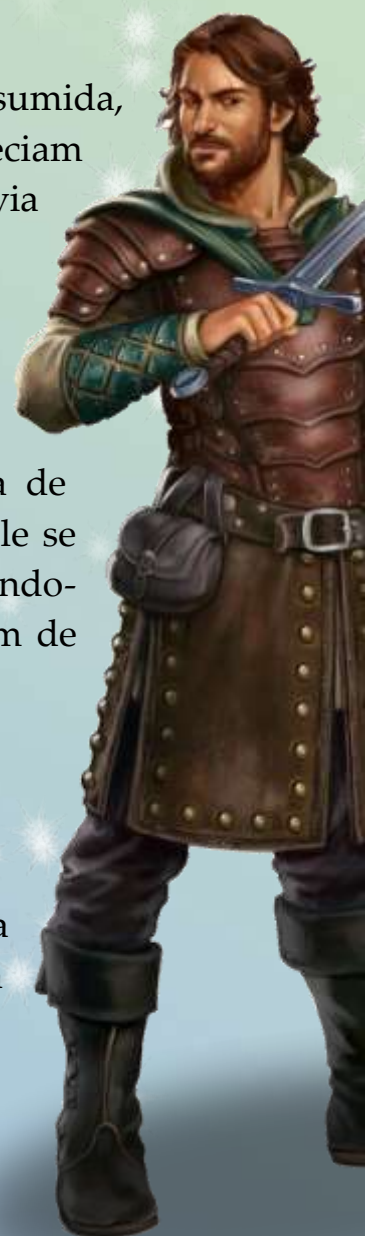
Pouco tempo depois, quando a comida já tinha sido consumida, ele se sentou, satisfeito, e notou que os olhos de Serena pareciam pesados. Ele devia colocá-la na cama e sair. Realmente havia apenas uma opção: sair.

— Eu vou te ver pela manhã. — Ele disse, antes de se levantar e fugir.

Ele não respirou novamente até estar em seu próprio quarto. O corpo dele estava rígido de necessidade pela sereia de cabelos negros que o chamava. Com uma maldição selvagem, ele se afastou da porta e correu para a cama, puxando sua túnica e atirando-a no banco perto da cama. Ele deitou e cobriu os olhos com um de seus braços, rezando para que o sono o encontrasse rapidamente.



Serena perguntou-se sobre o modo abrupto como Drogan a deixou, embora soubesse que era melhor ele ter saído. Ela



remexeu-se no banco, esperando amenizar a necessidade que crescia dentro dela - mas não funcionou.

Ela levantou-se do banco então, e tomou mais um copo do caloroso vinho antes de deitar-se na cama. Ela parecia convidativa, e Serena estava exausta, mas sabia que o sono não viria. Não adiantava tentar se enganar pensando o contrário.

Todos os momentos na cabana se repetiram na cabeça de Serena. A paixão, ternura... o fogo. Seu corpo pulsava com necessidade, e havia apenas um homem que poderia ajudá-la.



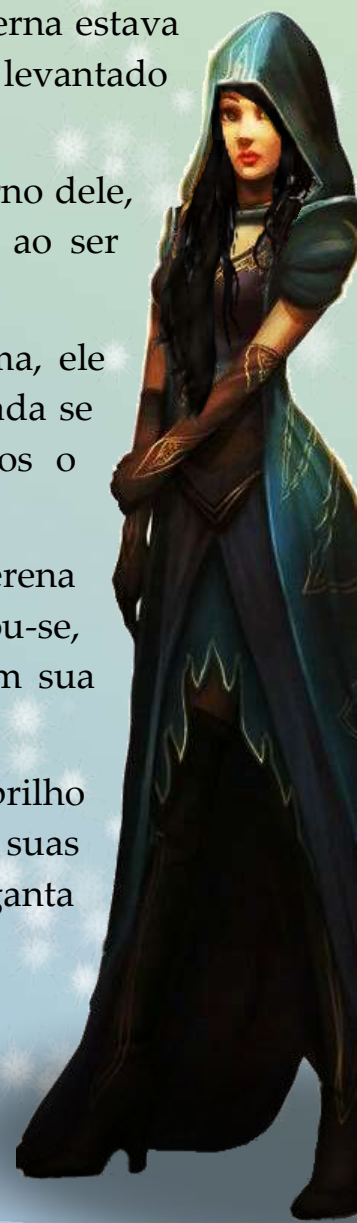
Drogan tinha fechado todas as cortinas em volta de sua cama, exceto uma, esperando que isso o ajudasse a dormir. Não tinha funcionado, porém, e ele então havia desistido do sono para apoiar-se contra os travesseiros na cabeceira. Um pé estava apoiado no chão, enquanto sua outra perna estava dobrada com o pé na cama. Seu braço descansava sobre o joelho levantado enquanto ele pensava nas muitas maldades que havia cometido.

Ele não sabia o quanto a escuridão havia se fechado em torno dele, ou quanto tempo ficou ali parado até ouvir sua porta ranger ao ser aberta. Instantaneamente ele se abaixou e agarrou sua espada.

À medida que a pessoa caminhava em direção a sua cama, ele teve um leve vislumbre através das cortinas. O cabo de sua espada se encaixava confortavelmente em sua mão enquanto seus dedos o espremiavam em antecipação a algum terror desconhecido.

E então seu coração parou em sua garganta quando Serena parou ao lado de sua cama. Ele abaixou a espada e sentou-se, apoiando ambas as pernas no chão enquanto ela caminhava em sua direção.

Seu cabelo fluía livremente, o luar iluminando-o com seu brilho azulado enquanto as tranças caíam sobre seus ombros e por suas costas. Ele tentou engolir, mas um nó ficou preso em sua garganta enquanto ela afastava as cortinas e o empurrava na cama.



Seu corpo acendeu com a sensação dela em seus braços novamente. Palavras não foram faladas enquanto ela envolvia seus braços ao redor de seu pescoço e baixava a cabeça para beijá-lo.

O gosto de seus lábios suaves e doces era como o néctar dos deuses gregos, e quanto mais ele provava, mais queria. Suas mãos seguraram em seu rosto enquanto ele saqueava sua boca. Os seios dela estavam pressionados contra o peito dele, e tudo no que ele podia pensar era em sentir o peso deles em suas mãos novamente. Um corpo mais esbelto e curvilíneo que o dela nunca andou sobre a terra, ele tinha certeza.

Para sua surpresa, ela moveu a mão dele de seu rosto e abaixou-a até a perna, enquanto lentamente levantava a bainha das saias. Ele quebrou o beijo e olhou para ela. Ela sabia o que estava fazendo?

— Serena, — ele sussurrou, mas ela cobriu sua boca com um dedo, silenciando-o ao mesmo tempo em que lhe dava um sorriso brilhante.

Drogan não estava prestes a afastar esse presente, não quando também a queria tão desesperadamente.

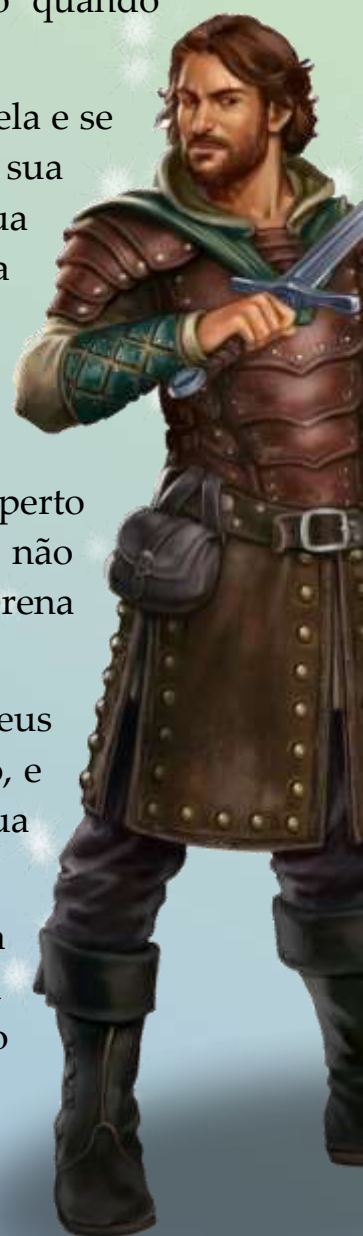
Demorou apenas alguns movimentos para tirar o vestido dela e se deleitar com seu corpo requintado. Seus seios eram cheios, sua cintura estreita, e sua pele tão lisa quanto a mais fina seda. Sua boca encheu de água, e ele lambeu os lábios antes que ela trouxesse a boca para a dele mais uma vez.

As mãos dela se moveram entre eles, até cobrirem seu sexo dolorido.

Ele gemeu em sua boca enquanto a mão dela lhe dava um aperto suave. Estava lhe atormentando que ela o tocasse assim, mas não conseguia encontrar forças para afastá-la. No final, ele deixou Serena ditasse as regras enquanto ela o ajudava a tirar as calças.

Ele saltou livre enquanto ela ficava de joelhos, colocando seus seios no nível da boca dele. Seus lábios encontraram um mamilo, e ele o sugou até as unhas dela arranharem suas costas e sua respiração sair em suspiros estrangulados.

Então, ainda devagar, ele a abaixou sobre seu pênis. Ela estava apertada, quente e molhada, e ele deslizou dentro de seu sexo como se fosse feito para ela. Quando estava enterrado até o



fim, ela gemeu e deixou a cabeça cair para trás, seu cabelo roçando os joelhos de Droган.

Ele segurou sua cintura quando começou a mover seus quadris. Mais suspiros e gemidos escaparam dos carnudos lábios dela, deixando-o selvagem e com uma necessidade que nunca tinha sentido antes de Serena.

Ela ergueu a cabeça, encarando-o com seus olhos azuis meio abertos enquanto o prazer a consumia. Ele gostava de ver a maneira como ela mordia o lábio inferior quando seu desejo se tornava intenso demais e seus gemidos e suspiros se tornavam gritos suaves.

Um gemido escapou de sua própria garganta quando Serena começou a levantar os quadris e deslizar para baixo sobre ele. Seus olhos reviraram em sua cabeça enquanto ele vivia no reino da felicidade.

E, como nunca antes, ele se abriu completamente. Se ela perguntasse por todos os seus segredos naquele momento, ele teria lhe contado com prazer. Mesmo a escuridão sempre presente sabia que era melhor afastar-se nesse momento.

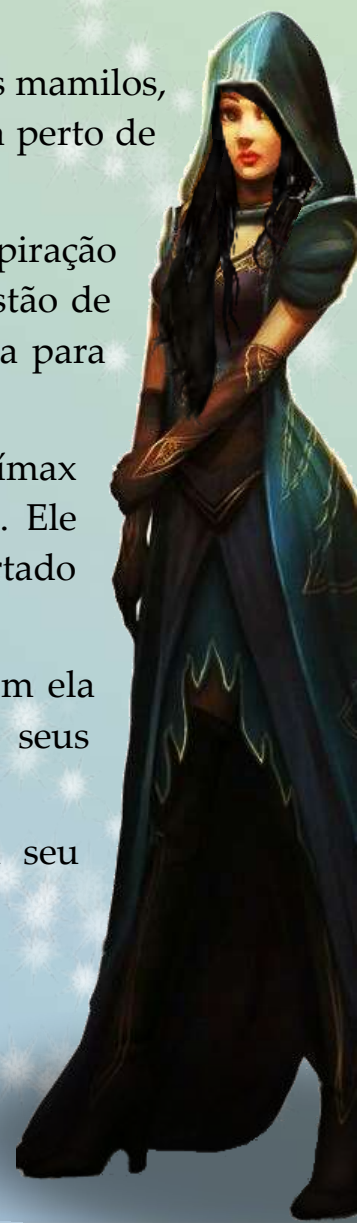
Seu ritmo aumentou, e ele estendeu a mão para apertar seus mamilos, sorrindo quando ela gemeu baixinho em sua garganta. Ele estava perto de seu clímax, mas não iria gozar sem ela.

Então, quando ele moveu a mão entre seus corpos, a respiração dela falhou e seus quadris se movem mais rápido. Em uma questão de segundos ela estava se apertando em torno dele, a cabeça jogada para trás e a boca aberta em um grito silencioso.

Droган continuou a bombear dentro dela, arrastando seu clímax pelo maior tempo possível até o seu próprio orgasmo tomá-lo. Ele então envolveu os braços ao redor de Serena e a abraçou apertado enquanto derramava sua semente profundamente dentro dela.

Quando terminou, beijou o pescoço de Serena e recuou com ela ainda embalada contra o peito dele. Ele não desejava separar seus corpos ainda.

Parecia certo tê-la deitada sobre ele, a bochecha contra seu coração e seu cabelo caindo sobre ele como um cobertor escuro.



Um lobo uivou a distância, e Drogan quase fez o mesmo. Se as coisas pudessem ficar exatamente como estavam, ele poderia ter uma chance de uma vida normal.

Mas a realidade geralmente tinha uma maneira de se intrometer quando tudo estava perfeito.



CAPÍTULO VINTE

Serena ficou acordada com a sensação da boca de Droган em seu ombro. Ele tinha se barbeado, e ela preferia beijá-lo assim do que com a barba arranhando seu rosto.

Ela sorriu e se esticou enquanto ele se inclinava sobre ela. — Ainda é de noite? — Ela perguntou.

Ele assentiu. — Eu devia te devolver para o seu quarto antes de alguém perceber que você não está lá.

Na verdade, ela queria ficar com ele, mas sabia que ele estava certo.

Ela suspirou e se levantou, deixando a coberta cair para expor seus seios. Um sorriso curvou seus lábios quando ela o ouviu gemer. Serena nunca teve esse tipo de poder sobre um homem, e achou emocionante.

— Você vê algo que quer? — Ela provocou.

Ele rosnou e a puxou contra ele enquanto reclamava seus lábios em um beijo que fez seus joelhos se curvarem e os dedos dos pés enrolarem. Quando ele ergueu a cabeça, ela já estava ofegante, e a dor deliciosa entre suas pernas tinha começado de novo.

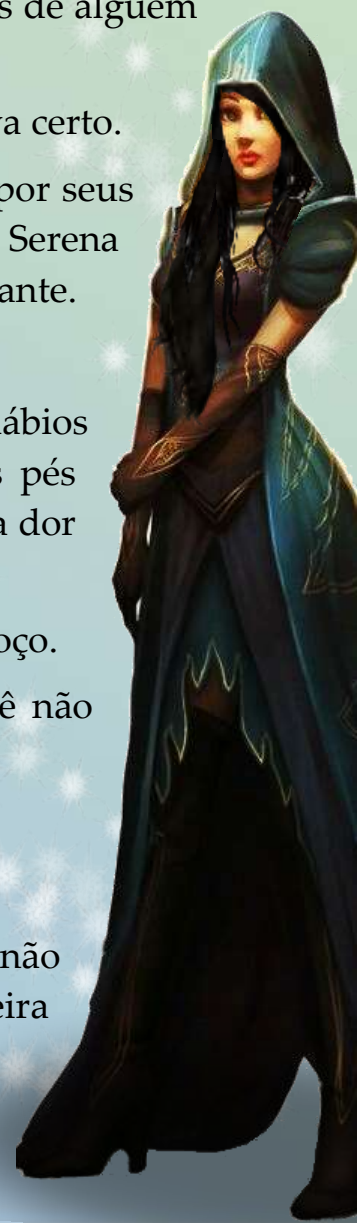
— Não temos tempo, — ele disse enquanto beijava seu pescoço.

— Então você deveria ter me acordado mais cedo. E você não precisa me *devolver*. Eu posso chega ao quarto sozinha.

Ele riu e ergueu a cabeça, sua expressão agora séria.

— Por que você veio até mim?

— Eu pensei que fosse óbvio. — Ela esperava que Droган não fizesse perguntas, porque ela não queria pensar sobre a verdadeira



razão pela qual tinha se aventurado para o quarto dele, embora soubesse que teria que enfrentar essa questão mais cedo ou mais tarde. E pelo olhar no rosto de Drogan, seria mais cedo.

Ela lambeu os lábios e deu de ombros ao olhar expectante no rosto dele. Seu longo cabelo castanho avermelhado estava despenteado e enrolado perto do lábio.

— Você não tem medo da maldição?

Ela brevemente desviou o olhar antes de voltar a encará-lo. — Eu costumava ter, mas quando estou com você, não parece mais tão importante.

— E se você engravidar?

Sua voz era enganosamente calma, mas ela o conhecia melhor do que isso. Ela precisava seguir com cuidado e responder da maneira certa, ou estaria enfrentando muito mais do que o olhar inabalável de Drogan.

— Se eu engravidar, então vou ter certeza de lhe contar, além de agradecer a Deus pelo presente. — Ela girou os polegares, em uma tentativa de se acalmar. — Não vou tentar te prender, Drogan. Acontece apenas que o que estamos compartilhando é maravilhoso, e eu não quero perder isso.

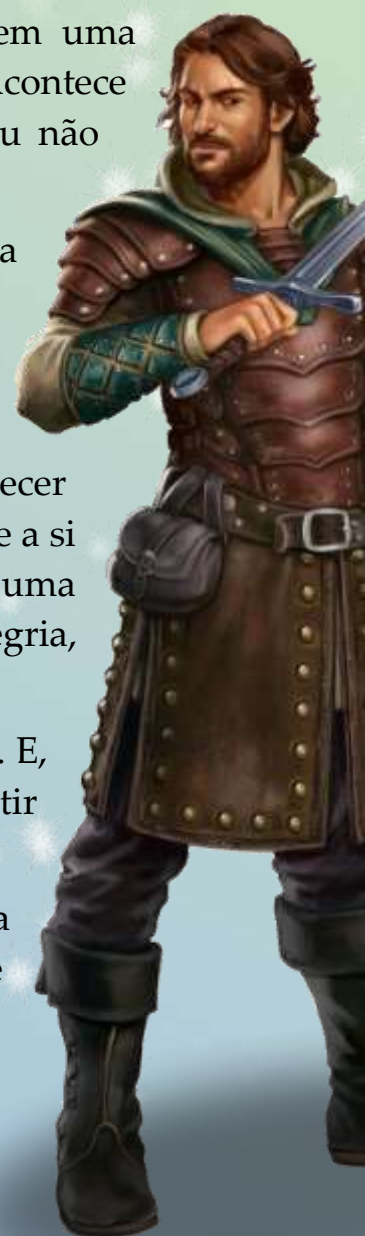
Ela não resistiu quando ele levantou seu queixo até que ela estar olhando para os olhos dele.

— Eu também não desejo negar o que está acontecendo entre nós.

Ela não sabia por que pensou que ele poderia lhe oferecer casamento, mas ficou desapontada quando ele não o fez. Ela disse a si mesma que sua reação era irracional e tola - ela era apenas uma mulher para aquecer sua cama, e aproveitaria ao máximo essa alegria, que certamente seria de curta duração.

Ela sequer concordaria com o casamento, se ele propusesse. E, na verdade, seria muito pior eles se casarem e ela vê-lo partir depois, do que ser sua amante sem a promessa de para sempre.

Pelo menos ela tinha para onde retornar. Hawthorne era um lugar maravilhoso, mesmo que não se comparasse à beleza e grandeza de Wolfglynn.



Ela deslizou da cama e apressou-se a se vestir. Droган disse que não tinham mais tempo e, como sua mente estava confusa com outras coisas, ela estava muito grata a isso agora.

Quando estava prestes a caminhar até a porta, porém, ele a pegou pelo braço e virou-a para onde estava sentado na cama. Por vários batimentos cardíacos ele a olhou como se quisesse dizer algo, mas no fim, não conseguiu encontrar as palavras.

Ela colocou um sorriso em seu rosto e se inclinou para dar-lhe um breve beijo nos lábios. — Não se preocupe, Droган. Vai ficar tudo bem.

Ele permitiu que ela partisse, e, de alguma forma, ela conseguiu fazer o caminho de volta ao seu quarto antes que as lágrimas caíssem. Era tolo chorar, e ela sabia disso, mas ainda chorava. Se ao menos não fosse uma *bana-bhuidseach*, então ela poderia ter uma chance de ter Droган como marido.

E, para seu espanto, ela se viu rezando para que pudesse de fato conceber uma criança, pois então ela não estaria mais sozinha. Ela também jurou que não agiria como sua mãe, já que sabia que nada poderia impedir Droган de deixá-la se ela tivesse um filho dele.

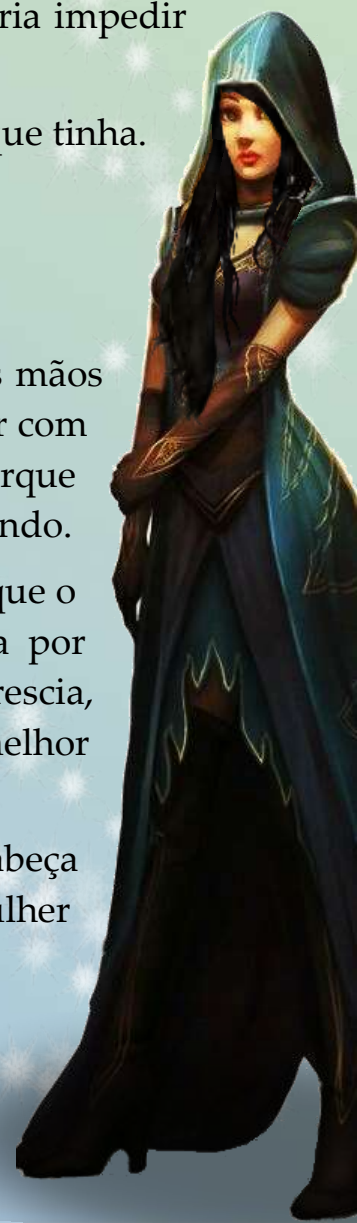
Essa era sua vida, sua maldição, e ela faria o melhor com o que tinha.



Droган observou Serena sair de seu quarto. Ele apertou as mãos com raiva por não ter pedido, naquele momento, para ela se casar com ele. O problema era que ele não podia fazer isso. E não era porque temia alguma maldição tola. Não, seu medo era muito mais profundo.

Ele não podia, e jamais sujeitaria uma senhora à escuridão que o cercava. Levou tudo que ele tinha manter a maldade afastada por todos esses anos, e a cada dia, ele sabia, essa parte negra dele crescia, até que, um dia, tomaria conta de tudo. E Serena merecia algo melhor do que isso.

Xingando, ele se sentou novamente na cama e enterrou a cabeça nas mãos, lamentando a crueldade de tudo. Ele encontrou a mulher



que queria e precisava, mas não poderia tê-la. A ironia era uma cadela.

Ele riu roucamente e caiu de volta no travesseiro. O que ele poderia fazer, no entanto, era dar a Serena tanto prazer quanto ela estava disposta a aproveitar, até que ela partisse. Nunca seria suficiente para ele, mas pelo menos ele teria as lembranças desse pequeno pedaço no tempo em que ela tinha sido sua.

O sono definitivamente não viria agora, ele percebeu, e então se levantou e vestiu sua túnica. Ele apertou suas calças e calçou as botas antes de alcançar sua espada e sair do quarto. Ele não demorou até chegar às muralhas, onde respirou o ar fresco. Era possível até mesmo ouvir as ondas batendo contra os penhascos.

Ele se inclinou contra a ameia e esperou pelo nascer do sol, com a selvageria do mar e da floresta ecoando sua própria ferocidade.



Serena acordou na manhã seguinte e encontrou os olhos inchados pelas lágrimas da madrugada. Era exatamente o que ela merecia, disse a si mesma, enquanto se levantava da cama. Ela revirou a bolsa e encontrou uma das misturas restantes, a qual passou na parte de baixo dos olhos para reduzir o inchaço.

Mas, não havia nenhuma erva ou remédio que ajudasse a curar o tormento dentro de si. E ela nem queria um. Pela primeira vez em sua vida, ela estava realmente vivendo e experimentando coisas sobre as quais só tinha ouvido falar.

Uma batida suave soou na porta, e então Claire entrou.

— Eu não sabia se você estava acordada ou não, milady.

Serena sorriu enquanto escovava os cabelos. — Costumo levantar cedo.

— Você dormiu bem?

Serena assentiu e se virou para encontrar Clair colocando seus vestidos na cama. Ela não tinha separado muita coisa para a viagem, e agora um dos poucos vestidos que embalou estava



arruinado. No entanto, ela tinha sido sábia o suficiente para trazer o véu e o touca.

— Qual você quer usar hoje? — Claire perguntou.

Serena escolheu o vestido amarelo macio, e permitiu que Claire a ajudasse a se vestir, embora normalmente fizesse isso por conta própria. Claire parecia querer ajudar, e Serena não teve o coração para mandá-la embora.

Uma vez que o cinto estava preso em seus quadris, Serena olhou para a terrível touca. Ela odiava se sentir confinada, mas isso não era Hawthorne, e ela precisava se vestir de acordo com a moda justamente para não se destacar.

— Aqui, deixe-me, — Claire ofereceu.

Serena afundou no banquinho enquanto Claire escovava e trançava seu cabelo. Uma vez que a touca e o véu estavam no lugar, Claire colocou o grande bordado sobre o véu.

— Você está tão bonita, — disse Claire enquanto recuava. — Lord Drogan é um homem muito sortudo.

Serena engasgou enquanto tentava engolir. Quando a tosse passou, balançou a cabeça para Claire. — Eu estava viajando com Lord Gerard de Hawthorne e sua esposa, que estavam a caminho para uma visita. Mas nós fomos separados por alguns homens desagradáveis, e Lord Drogan e eu corremos para cá o mais rápido possível.

A luz que brilhava nos olhos de Claire, porém, informou a Serena que ela não acreditava em uma palavra do que tinha dito. — O que quer que você diga, milady. Só quero que você saiba que eu acho que vocês formam um belo casal.

Serena ainda estava boquiaberta com Claire quando Drogan entrou no quarto.

— Alguma coisa errada? — Ele perguntou enquanto Claire passava correndo por ele na porta.

Serena assentiu com a cabeça e levantou-se, puxando a touca odiada. — Sim. Claire pensa que sou sua noiva.



Ela esperava que Drogan dissesse algo, mas quando ele simplesmente ficou ali de pé a olhando, ela ficou um pouco alarmada. — Isso não é o que você está dizendo para o seu povo, não é?

— Não. Mas as pessoas vão falar, independentemente da verdade. — Ele se inclinou contra a parede. — A ideia de se casar comigo é tão repulsiva?

Ela revirou os olhos, não acreditando que ele pensasse tal coisa. — Você sabe que não, Drogan. Eu simplesmente não gosto da ideia das pessoas pensando em algo que não é verdade.

— E se fosse verdade?

Seu coração falhou uma batida. — O quê?

Ele encolheu os ombros e afastou-se da parede. — Apenas um pensamento. — Ele a olhou. — Eu gosto de você de amarelo, embora fosse gostar muito mais se pudesse ver seu cabelo. Por que você está vestindo esse estranho e horrível véu⁶?

— Porque é a moda, e eu quero me encaixar, — disse ela com irritação.

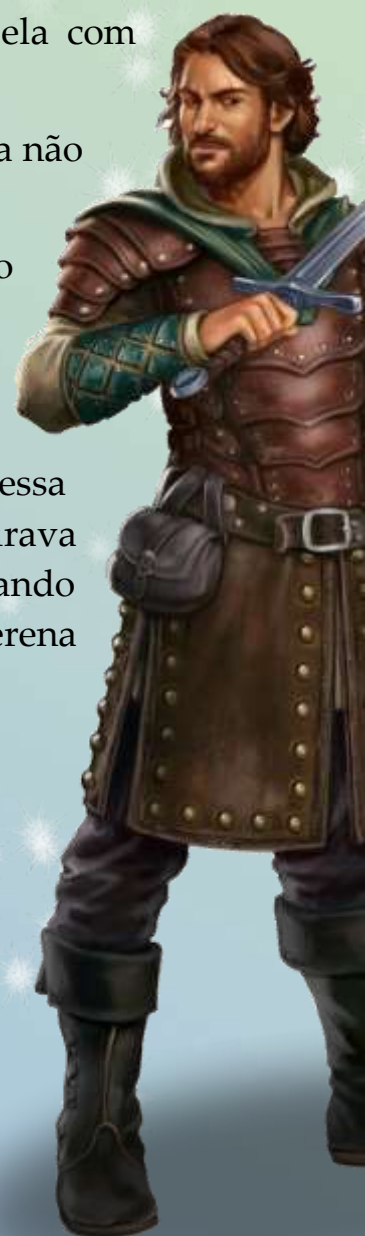
Ele a tinha confundido com a declaração de casamento, e ela não conseguia fazer com que seu coração batesse regularmente agora.

— Se você não deseja usá-lo, não use, — ele disse enquanto caminhava em direção a dela. — Eu prefiro seu glorioso cabelo à vista, para que eu possa correr meus dedos através dos fios de seda a qualquer momento.

Qualquer pensamento coerente a abandonou após essa declaração. Em seguida, ele se esticou e tirou a diadema que segurava o véu, jogando-o para longe. O longo véu logo se seguiu, e quando suas mãos grandes suavemente puxaram a touca, tudo o que Serena pode fazer foi suspirar de prazer.



6



— Muito melhor. — Ele estava muito perto agora, sua voz baixa e perigosa, como se ele estivesse pensando em fazer amor com ela outra vez.

E, Senhor a ajudasse, ela queria que ele o fizesse.

Drogan rosnou enquanto se inclinava para ela. — Não me olhe assim, a menos que você queira que eu a jogue naquela cama agora mesmo.

— Mas é exatamente isso que eu quero que você faça, — ela admitiu, sua voz um pouco sem fôlego.

Ele se afastou dela e passou a mão na cabeça, alisando seu cabelo. — Você vai me deixar louco; você me tenta tanto.

Ela sorriu, pois sabia exatamente como se ele sentia. — Eu não posso evitar, meu corpo anseia pelo seu toque.

Ela pode ver o desejo queimando em seus olhos castanhos dourados. — Você não conheceu nenhum outro homem. Como pode dizer que gosta do meu toque?

— Eu posso ter sido inocente, Drogan, mas isso não significa que meu corpo não sabe o que quer.

Ele apertou os olhos. — Eu tomei sua virgindade.

— Era minha para dar a quem eu quisesse. Não se preocupe com algo sobre o qual eu mesma não pensei duas vezes. — Ela tocou seu braço, esperando aliviar sua angústia, e esperou até que ele a olhasse antes de acrescentou: — Quero apenas duas coisas de você.

Ele a considerou solenemente por um momento. — O que?

— Primeiro, que me ajude a manter Gerard, Maris e Jocelyn vivos.

Ele assentiu. — E segundo?

— Que não negue a paixão entre nós enquanto eu estiver aqui.

— Eu não poderia te negar nem se tentasse, — disse ele, embora Serena tenha visto a tristeza em seus olhos.

Ela estendeu a mão e alisou seu cenho franzido.

— Por que isso te aflige tanto? É porque sou uma bruxa?



— Nunca, — ele disse com veemência antes de segurar seus ombros. — Isso é porque eu sou o que sou. Não quero te machucar, Serena.

— Não estou pedindo nada além de prazer. Não posso me machucar se não esperar mais do que isso.

Ele a soltou e balançou a cabeça. — Eu não concordo com essa lógica.

— Eu conheço a maldição. Sei o que acontecerá se eu conceber, e sei o que o futuro me reserva. E, sabendo de tudo isso, decidi que vou aproveitar ao máximo o que tenho.

— Não tenho forças de negá-la quando meu próprio corpo deseja o mesmo que o seu. — Ele suspirou e deu-lhe um meio sorriso. — Que belo par nós formamos, não é?



CAPÍTULO VINTE E UM

Drogan tentou esconder seu descontentamento. Ele não tinha nenhum desejo de ferir Serena, mas o que ela propôs o faria menos homem do que a escuridão que ameaçava corroê-lo.

Nenhuma das duas opções eram algo que ele queria suportar.

No entanto, apesar de suas opções, ele preferia passar todo o tempo possível com ela. Ela levaria o sol consigo quando fosse embora, mas pelo menos enquanto estivesse com ele, Drogan poderia aproveitar seu brilho.

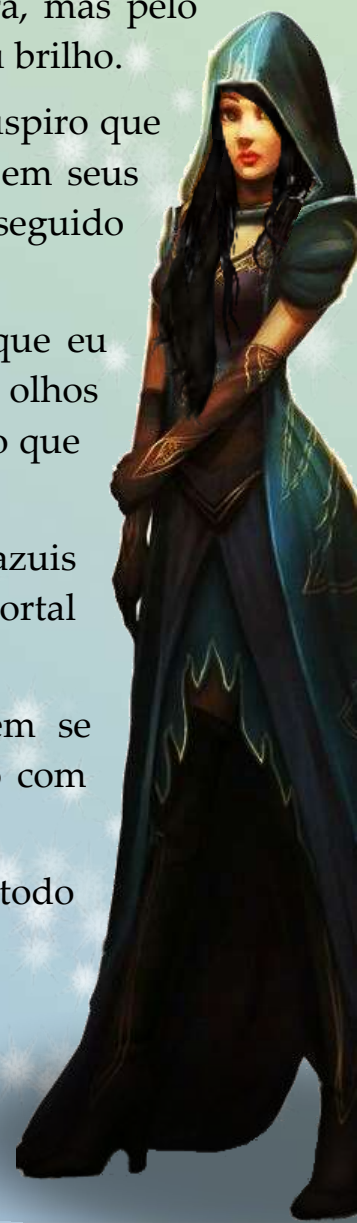
Ele caminhou com ela para fora, e ficou contente com o suspiro que ela deu ao ver o mar pela primeira vez. Um sorriso se formou em seus próprios lábios, apesar de seu humor, já que ele tinha conseguido proporcionar alguma felicidade a ela.

— Oh, Drogan, — ela sussurrou. — É mais bonito do que eu jamais poderia ter imaginado. — Ela olhou para ele com os olhos brilhando de emoção. — E você pode ver isso todos os dias. Acho que o invejo.

Ele devolveu seu sorriso brilhante e olhou para as águas azuis escuras do mar. — É bastante espetacular, embora possa ser mortal em uma tempestade.

— Acredito que sim, — disse Serena enquanto também se virava para olhar para o mar. — A força das ondas e do vento com certeza pode condenar alguém a morte se não se tomar cuidado.

Seu olhar se voltou para o rosto dela. — Talvez quando todo este pesadelo acabar eu possa levá-la para as águas.



— S3rio? Eu adoraria.

— Ent3o vou me assegurar de leva-la.

Seu cora3o bateu dolorosamente quando ele pensou sobre a partida de Serena. Mas ele sabia que n3o devia falar sobre isso, ou tentar convenc4-la do contr3rio. Afinal, essa foi maneira que ela encontrou de manter o controle da situa3o.

O som de uma corneta anunciando a chegada de cavaleiros afastou sua aten3o da beleza ao seu lado. Ele olhou para baixo, para o p3tio, onde viu cavaleiros atravessando o port3o.

— Quem s3o eles? — Serena perguntou, ainda parada ao seu lado.

— Meus cavaleiros. Enviei-lhes na v3spera para devolver os cavalos a Thaddeus.

Ela apertou levemente sua m3o. — 3 doce da sua parte devolv4-los t3o cedo.

Drogan deu de ombros, n3o acostumado a ter algu3m o elogiando. — S3 cumpri o que prometi.

— Eu sei que voc4 deseja conversar com seus cavaleiros. V3.

Drogan assentiu e tomou as escadas para o p3tio. Seus cavaleiros o viram chegando enquanto desmontavam, e esperaram por ele. Ele os encontrou quando estavam entregando as r3deas dos cavalos ao cavalario.

— Foi tudo bem? — Perguntou-lhes.

Thomas assentiu. — Muito bem, meu senhor, embora o velho tenha ficado perguntando se voc4 era o Senhor Drogan.

— E o que voc4 disse a ele?

— No come3o nada, mas ele ouviu-nos conversar e deduziu sozinho.

— Sem problemas, — disse Drogan. — Bom trabalho, homens. V3o ter algum descanso e comida.

Drogan n3o se importava mais que o velho soubesse quem era, embora tivesse a sensa3o de que Thaddeus iria manter a informa3o para si mesmo. Ele se virou outra vez e encontrou



Serena o observando, então acenou para ela, convidando-a para se juntar a ele.

Enquanto ela descia as escadas para o pátio, vários de seus homens pararam para observa-la. Ele não poderia culpá-los: tinha feito a mesma coisa na primeira vez que a viu. O que o perturbava era a maneira como algumas das mulheres mais jovens olhavam para ela.

— Algo errado? — Perguntou Serena. — Thaddeus não estava em casa?

— Não, meus homens devolveram os cavalos para ele, — ele respondeu, embora seus olhos ainda assistissem algumas das mulheres mais jovens.

— Então, o que aconteceu?

Ele moveu seu olhar para Serena. — Nada, — mentiu.

Ela levantou uma sobrancelha negra. — Você não pode me enganar, meu senhor. Esquece que sou uma bruxa? Eu sei que algo o perturba.

Ele cruzou os braços sobre o peito e lhe deu um meio sorriso. — A única coisa que me incomoda é não estarmos em minha cama fazendo amor agora mesmo.

— Shhh. — Ela olhou ao redor para ver se alguém tinha ouvido. — Fale baixo.

— Ninguém me ouviu, — assegurou.

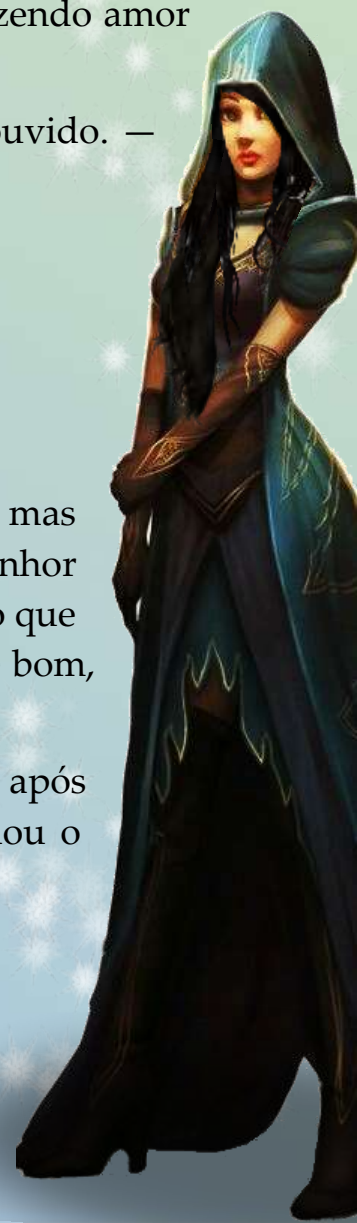
Ela balançou a cabeça para ele. — Você é impossível.

— Mas você gosta.

Ela riu e afastou alguns cabelos do rosto. — Gosto.

Ele nunca tinha esperado que ela fosse admitir algo assim, mas agora que o tinha feito, ele sentiu-se quase tonto. Um poderoso senhor e cavaleiro tonto? No que o mundo estava se transformando? Não que ele se importasse, desde que Serena estivesse por perto. — Isso é bom, já que você estará presa comigo por algum tempo.

— Você não está me ouvindo reclamar, não é? — Mas após essas palavras seu sorriso desapareceu, e ela rapidamente desviou o olhar.



— Agora, o que está te incomodando? — Ele olhou para o céu, para o sol que brilhava através das nuvens pesadas, e preocupou-se que o sol pudesse estar quente demais para a pele de Serena.

— Isso foi horrível da minha parte, — ela sussurrou, se recusando a encontrar seus olhos.

Entretanto, ele virou-se para encará-la. — O que foi horrível?

Ela jogou os braços para cima em frustração, deixando-os caírem aos lados de seu corpo enquanto seu olhar encontrava o dele. — Aqui estou eu, flertando com você, enquanto Gerard e Maris estão lutando por suas vidas.

— Ah, — disse Drogan antes de suspirar. — Eu sei o que você quer dizer, mas não há mais nada que podemos fazer agora. Deixar o abrigo destas paredes seria morte certa. Eu teria deixado o castelo com meus homens à noite passada se não tivesse te prometido que iria manter Gerard e sua família seguras.

— Eu sei.

— Quando nosso perseguidor os deixou para vir atrás de mim, compramos-lhes tempo.

— Mas quanto? Nós o guiamos para cá, para onde Gerard e Maris estão se dirigindo.

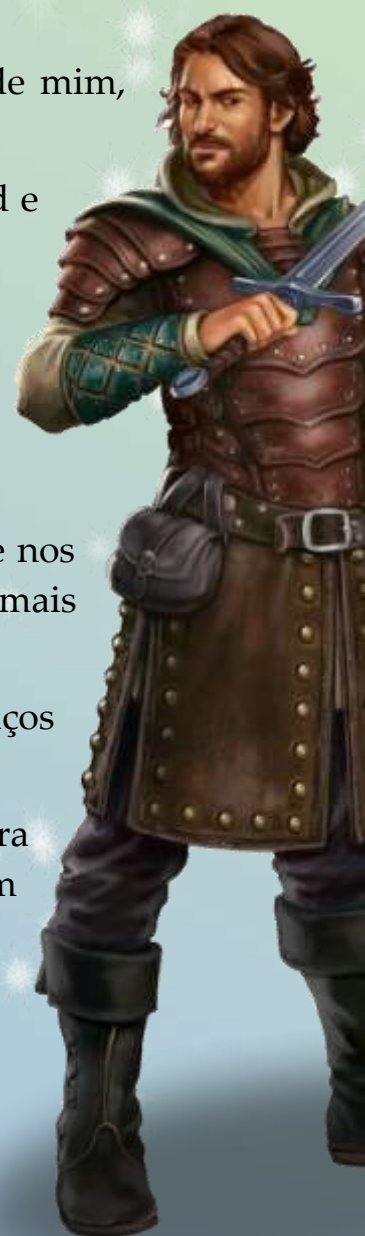
— Verdade, — Drogan admitiu. — Mas o homem não tem ideia de que meus cavaleiros estarão com eles.

Compreensão encheu seus olhos azuis. — Entendo. Você planejou isso com muito cuidado, não é?

— Tanto quanto foi possível. Eu já esperava que ele fosse nos perseguir, em vez de Gerard. E sabia que podia me mover mais rápido do que a carroça.

Ela assentiu com a cabeça e esfregou as mãos nos antebraços quando olhou novamente para o portão fechado.

Ele seguiu o olhar dela. — Eu tenho homens do lado de fora aqui também, Serena. Eles estão muito bem escondidos, e podem nos enviar sinais quando alguém estiver se aproximando.



— Eu sei, — disse ela. — Mas não posso deixar de me preocupar, se, em seguida, quando eles finalmente chegarem, uma verdadeira batalha começar.

Drogan balançou a cabeça e olhou para seus homens nas ameias. Não só Wolfglynn era bem fortificada como o mar também bloqueava dois dos lados do castelo. Além disso, os homens de Drogan conheciam a floresta melhor que ninguém.

Seu inimigo teria que ser tão evasivo quanto fumaça para passar por tudo isso.



Serena não queria que Drogan a deixasse, mas sabia que ele tinha muitas coisas para resolver. Ela o viu falando com alguns dos cavaleiros e apontando para determinadas áreas nas ameias, o que ela estava certa que tinha algo a ver com a chegada iminente do grande mal.

Ela estremeceu e esfregou as mãos nos antebraços. Uma forte sensação de maldade a atormentava desde que ela e Drogan tinha entrado no pátio. Ela já tinha observado o pátio atentamente várias vezes, mas ainda não tinha conseguido encontrar a fonte de sua inquietação.

No início, ela não sabia se essa maldade era dirigida a ela ou a Drogan, mas agora que Drogan não estava mais por perto, pode confirmar que o alvo era ela. Tudo o que precisaria fazer, entretanto, era encontrar a fonte e lidar com isso.

Considerando que não pode sentir nada no pátio, ela entrou no castelo.

— Está com fome?

Ela encontrou Claire de pé ao seu lado. — De fato, estou.

— Venha, — disse a serva, guiando-a para o estrado⁷. — Vou pegar algo para você comer.

Serena não teve que esperar por muito tempo antes de Claire trazer sua comida. Ela odiava comer sozinha, mas não havia nada a

⁷ Uma espécie de plataforma onde fica a mesa do Senhor do castelo e de seus convidados.



fazer a respeito. Enquanto comia, ela examinou o grande salão, percebendo que a sensação de ódio e maldade que sentiu mais cedo tinha aumentado.

Claire retornou outra vez ao salão, e Serena acenou para chama-la: — Você conhece todos no castelo?

— Sim, milady, — disse Claire. — Você precisa de mais alguma coisa?

— Eu esperava que você pudesse me falar um pouco sobre todos. Embora eu só vá ficar aqui até meus amigos chegarem, gostaria de saber mais.

Claire pareceu aceitar sua explicação, e começou a falar. Serena aprendeu sobre Esmee, a cozinheira, que tinha vindo da Escócia, e sobre os dois rapazes dos estábulos, que já tinham perdido ambos os pais, e ainda sobre muitos outros.

Não foi até Claire fazer uma observação aparentemente inocente que Serena percebeu que tinha finalmente encontrado algum tipo de pista.

— Quem foi mesmo que você disse que queria o Senhor Drogan como marido?

Claire piscou e ficou de um tom claro de vermelho. — Eu não ofender, apenas escapou, milady.

— Está tudo bem, — disse Serena numa tentativa de acalmá-la. — Estou apenas curiosa.

— Bem, para ser sincera, todas as mulheres aqui querem ser noivas do Senhor Drogan. Ele é um belo exemplar de homem, e se eu não tivesse o meu próprio homem gostaria de me casar com ele também.

Serena sorriu para Claire. — Isso é verdade, o Senhor Drogan é muito agradável aos olhos. Mas você mencionou um nome.

Assim que Claire abriu a boca, a porta do castelo foi bruscamente aberta, desviando a atenção de Serena. Ela viu Drogan na entrada, seus olhos percorrendo o salão até descansarem sobre ela.

O estômago de Serena vibrou enquanto ele caminhava em sua direção. — Com fome? — Ela perguntou.

— Faminto.



Considerando o brilho malicioso em seus olhos, ela sabia que ele não estava falando sobre comida.

Seu corpo queimou quando ela percebeu que ele queria dizer.

— Devo pegar algo para comer, milord? — Perguntou Claire.

Ele acenou para ela e sentou ao lado de Serena. — O que você tem feito?

— Comer.

Ele riu e se inclinou para trás enquanto Claire servia um prato enorme a sua frente dele. — Eu já mandei chamarem meu tio. Ele deve chegar esta noite, ou amanhã de manhã. O quero aqui quando Gerard e Maris chegarem, para que ele possa levar você, Maris e Jocelyn para o seu castelo.

— Gerard, não eu, — disse ela. — É Gerard que precisa ser mantido seguro.

Ele baixou a comida no prato. — Você não estará aqui, Serena, quando o inimigo chegar.

— Tudo bem. — Ela decidiu não insistir agora, pois sabia que iria conseguir o que quisesse, quando chegasse o momento.

— A que distância fica a ilha do seu tio? É possível pode vê-la a partir daqui? — Ela perguntou, depois de vários minutos de silêncio.

— Sim. — Disse Drogan, terminando a refeição. — Venha, eu vou te mostrar.

Ela o seguiu até uma das torres na parte de trás do castelo. No momento em que chegaram ao topo, ela estava sem fôlego e engolindo sofregamente um ar muito necessário. Suas pernas tremiam, e ela temia que não fossem sustenta-la após as muitas escadas que tinham subido.

Drogan, no entanto, não parecia nada afetado enquanto caminhava até a janela. Depois que normalizou um pouco a respiração, Serena se juntou a ele.

— Lá, — ele apontou a distância. — Através das nuvens e da nevoa do mar você poderá ver a parte superior de seu castelo.



Serena apertou os olhos e, através de uma falha nas nuvens, conseguiu um breve vislumbre da construção. — Eu pensei que fosse mais longe, por algum motivo.

Drogan riu e se virou de costas para a parede. — Sempre que eu ficava com raiva do meu pai, o que acontecia todos os dias, eu vinha até aqui e gritava para o meu tio vir me buscar. Claro que ele nunca fez nada disso, já que não podia me ouvir, mas isso me ajudava a passar os dias.

— Você se dá bem com seu tio, então?

Drogan assentiu. — Ele foi mais meu pai do que o meu próprio pai. Aprendi muito com ele.

— Você tem muita sorte por tê-lo.

— Eu sei, — disse ele enquanto seu olhar mais uma vez se virava para olhar pela janela.

Ela, por sua vez, olhou ao redor da torre e viu outra porta na parede oposta, então atravessou o aposento e a abriu. Ela então inalou o doce aroma do mar, e caminhou até o topo da torre.

— Por que você fica dentro de casa? — Perguntou ela a Drogan por cima do ombro.

— Eu normalmente não fico, — disse ele enquanto se juntava a ela.

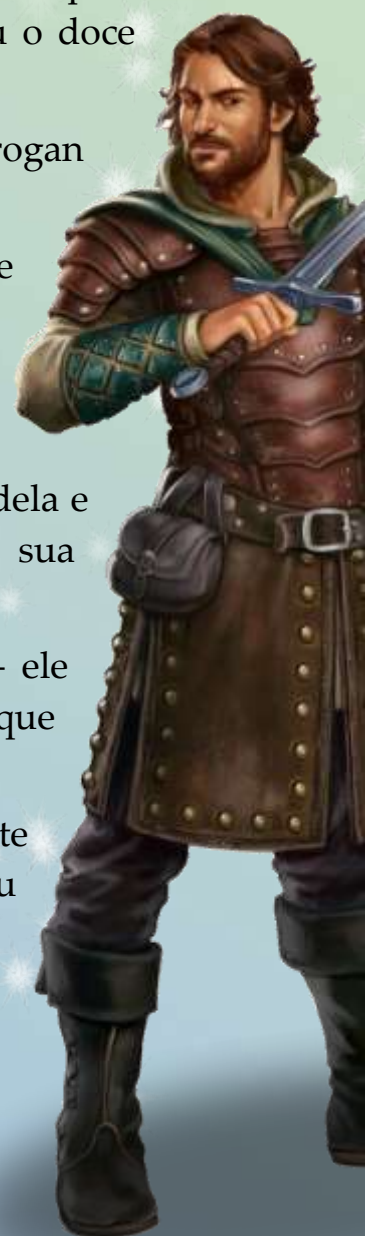
Ela encostou-se no muro baixo de pedra na borda da torre, abraçando-se. — Eu posso ver melhor o castelo de seu tio daqui.

Mas suas palavras sumiram quando Drogan parou atrás dela e moldou-se contra seu corpo, e sua respiração ficou presa em sua garganta quando as mãos dele se aproximaram de seus seios.

— Eu não consigo manter minhas mãos longe de você, — ele sussurrou em seu ouvido. — Você não sabe quantas vezes tive que me impedir de tocá-la na frente de quem quisesse ver.

Ela sorriu e inclinou a cabeça para trás contra o peito forte dele. — Provavelmente o mesmo número de vezes que eu também quis tocar você.

— Não podemos passar todos os dias na cama.



Levou um momento para ela perceber que ele tinha falado, já que seus dedos tinham começado a atormentar seus mamilos doloridos. Com certa dificuldade ela conseguiu responder: — Por que não? Tenho certeza que ninguém vai sentir nossa falta.

— Bem, nós estamos sozinhos agora, — disse ele pouco antes de afastar seu cabelo e beijar seu pescoço.

Drogan lambeu sua pele macia e agarrou seus quadris para esfrega-la contra seu pênis dolorido. Deus, como ele a queria. Seu corpo queimava por ela.

Ela se contorceu em seus braços e aproximou a boca para um beijo enquanto ele a movia para longe da borda até encosta-la na parede. — Eu preciso de você, — disse ele entre beijos.

Ela passou a mão no peito dele. — Sou toda sua.

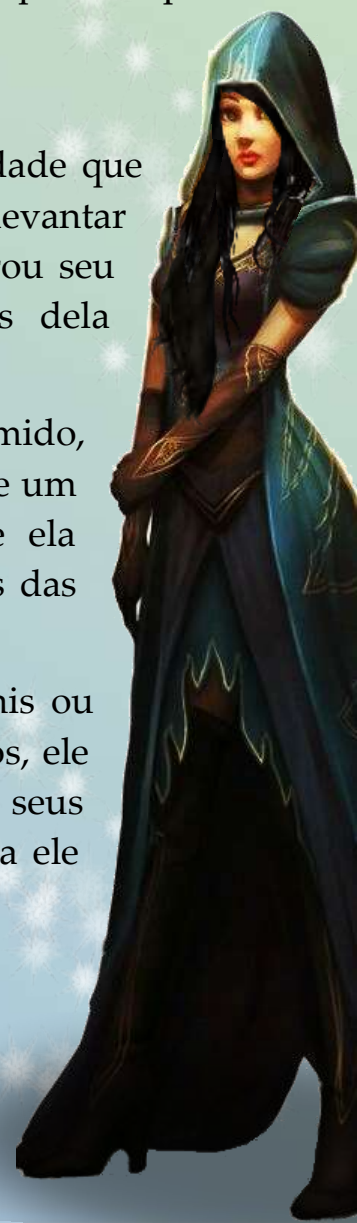
Ele gemeu e fechou os olhos enquanto ela agarrava seu pênis pulsante. Apoiando as mãos na parede dos lados da cabeça de Serena, ele permitiu que ela o tocasse — e quando ela abriu sua calça e deixou-o livre, ele pensou que poderia gozar ali mesmo.

— Drogan, por favor, — ela implorou.

Ele abriu os olhos e a encontrou num estado de necessidade que combinava perfeitamente com o dele, e não perdeu tempo em levantar suas saias até a cintura, deixando-a nua. Em seguida, ele segurou seu traseiro firme para levantá-la lentamente até que as pernas dela abraçassem sua cintura.

Seu pênis deslizou facilmente para dentro de seu sexo úmido, fazendo-os gemer em uníssono e agarrarem-se desesperadamente um ao outro. Ele sequer precisou lhe dizer o que fazer, já que ela instintivamente moveu seus quadris e cruzou os tornozelos atrás das costas dele, deixando-o ainda mais profundo.

A paixão deles aumentou com cada impulso de seu pênis ou balançar dos quadris de Serena. Segurando-a com ambas as mãos, ele infelizmente não foi capaz de acariciar seus seios fartos, mas seus lábios sedutores e pescoço esguio ofereciam muitos lugares para ele beijar.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Serena pensou que poderia muito bem morrer por causa do prazer pulsando pelo seu corpo. Ela nunca soube que fazer amor poderia ser tão selvagem e primitivo, e estava adorando a experiência.

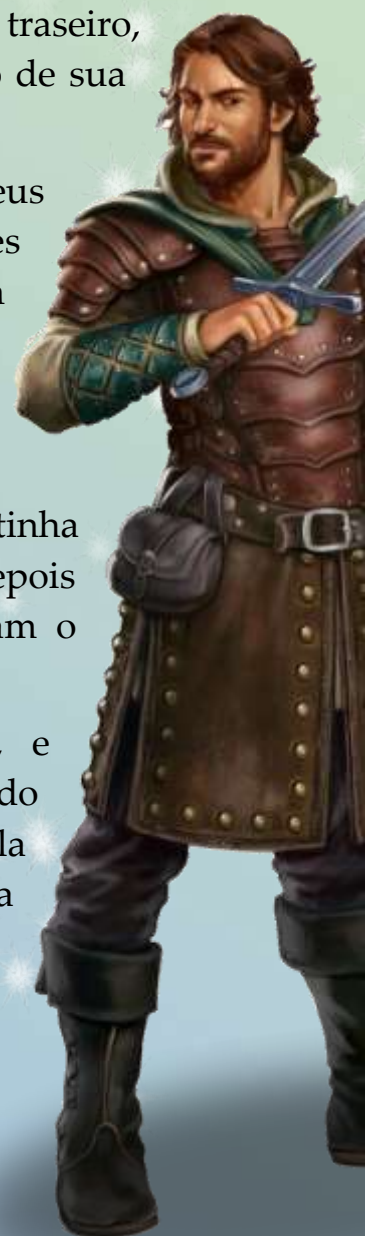
Ela agarrou-se aos ombros de Droган com o que restava de suas forças, cujas quais desapareciam conforme seu clímax se construía. Com as costas apoiadas na parede e as fortes mãos de Droган segurando seu traseiro, ela se entregou a um orgasmo explosivo que arrancou um grito de sua garganta.

A boca de Droган reivindicou seus lábios para abafar seus gritos, mas ela não se importava. Pequenos tremores reverberavam através de seu corpo gasto enquanto Droган derramava sua semente dentro dela.

E, Deus a ajudasse, mas ela desejou que a semente dele pudesse encher seu ventre.

Serena não queria deixar o refúgio que ela e Droган tinha encontrado ali, mas não havia muito que poderia fazer. Então, depois de endireitar suas roupas e darem um beijo mais, eles fizeram o caminho de volta para o pátio.

Lá, ela aproveitou para vagar pelo enorme recinto, e conhecer melhor as pessoas de Wolfglynn. De vez em quando encontrava uma mulher que não era nada graciosa, embora ela tentasse não se afligir por isso. Às vezes, aceitar estranhos era difícil para algumas pessoas.



Ela ficou com o ferreiro por algum tempo, observando-o reparar uma espada para algum dos cavaleiros de Drogan. Ela ficou muito impressionada com sua habilidade, e disse isso a ele, fazendo o sorriso do homem brilhar contra a fuligem preta que cobria seu rosto.

Sua próxima parada foi o estábulo. Lá, ela examinou os muitos cavalos e falou com os rapazes que cuidavam dos animais. Eles eram jovens e idolatravam Drogan a ponto de considera-lo um deus – e ela estava duramente tentada a concordar com essa avaliação, considerando que ele a conduzira para Wolfglynn sem sequer um arranhão.

Ela já estava voltando para o castelo quando uma dor súbita a atingiu entre as omoplatas. A força do golpe fê-la cair sobre suas mãos e joelhos, lutando para recuperar o fôlego, tamanha dor que sentia. Ela olhou em volta e viu a arma de ataque, uma rocha que estava há algumas polegadas de distância.

Serena se sentou e olhou entre os dois edifícios, procurando por alguma passagem estreita que pudesse esconder alguém. Ela observou seu entorno com cuidado, mas não viu ninguém, e, desde que não estava com vontade de investigar mais profundamente, se levantou e continuou a andar em direção ao castelo.

A caminhada deu-lhe tempo para contemplar o que tinha acontecido. Demorou menos que um batimento cardíaco a partir do momento em que ela sentiu a malícia que a rondava até a pedra acertá-la. Quem quer que fosse seu agressor, com certeza tinha se aproximado rapidamente.

Serena tinha suas suspeitas sobre o motivo pelo qual foi atacada, mas decidiu manter o interlúdio todo para si mesma. Ela não tinha nenhum desejo de causar qualquer rebuliço no castelo de Drogan quando sabia que logo estaria indo embora. O povo dele eventualmente iria descobrir que Serena não era nem nunca seria sua noiva, independentemente do quanto ela quisesse essa posição.

Depois de subir os degraus do castelo, ela abriu a porta pesada e rapidamente entrou. Tentou mover os ombros, mas sentiu os músculos doerem, o que indicava que uma contusão já havia se formado - e uma grande, pelo que podia sentir.



Felizmente ela teve tempo suficiente para esfregar uma mistura na contusão antes que Drogan a visse. Na verdade, ela tinha acabado de tirar o vestido e preparar a mistura especial quando Claire entrou em seu quarto.

— Milady, — Claire engasgou. — O que aconteceu?

— Eu me machuquei, — ela mentiu. — Você poderia esfregar isso em mim? Vai ajudar a diminuir a coloração.

Claire esfregou a mistura de ervas e óleo, e depois ajudou Serena a se vestir novamente.

— Acho que vou descansar por um tempo, — ela disse a Claire.

A menina assentiu e saiu do quarto. Serena, porém, viu-se atraída pela janela, para onde se encaminhou. Olhando para fora, ela pode ver Drogan falando com um grupo de cavaleiros. Ele continuava apontando para as portas, como havia feito mais cedo, e ela desejou saber sobre o que ele estava dizendo.

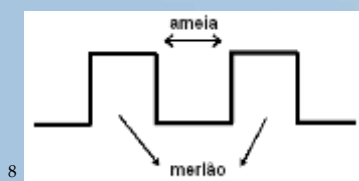
Após algum tempo observando a movimentação, porém, suas costas começaram a doer. Ela sabia que precisava deixar a mistura agir na pele, então foi até a cama e deitou-se, com a intenção de descansar apenas por alguns minutos. Mas, pouco depois, ela já estava dormindo.



Drogan respirou profundamente e se apoiou nas ameias⁸. Tinha demorado o resto da tarde, mas agora todos os seus cavaleiros estavam prontos. *Ele* estava pronto. Agora, assim que Gerard e Maris chegassem, o que quer que os esperava poderia começar.

E acabar. Em breve, esperançosamente.

Ele olhou ao redor do pátio procurando por Serena, mas não a viu. Então percebeu que ela deveria ter voltado para o castelo,



8



para onde rapidamente se dirigiu, para procura-la. Quando não a viu no grande salão, foi verificar se ela estava no quarto.

Ela não respondeu a batida na porta, então ele levantou a trava e a abriu, encontrando Serena encolhida em sua cama, dormindo. Ele sorriu, entrou no quarto e fechou a porta.

Seu cabelo preto de seda estava espalhado ao seu redor com abandono. Um de seus braços estava dobrado debaixo do travesseiro, e o outro descansava ao lado de seu rosto. Ela já era uma visão para se contemplar quando estava acordada, mas quando dormia, parecia um verdadeiro anjo.

Ele passou o dedo ao longo de uma de suas sobrancelhas. Seus olhos se abriram instantaneamente, e ela lhe deu um sorriso sensual.

— Dormiu bem? — Ele perguntou.

Ela assentiu e bocejou. — Nem percebi que estava tão cansada.

Ele se inclinou para beijá-la quando ouviram gritos vindos do pátio.

— O que é isso? — Serena perguntou enquanto se sentava.

Drogan ficou de pé e estendeu a mão para ela. — Aparentemente meu tio chegou.

Ela pulou rapidamente para fora da cama e começou a procurar algo.

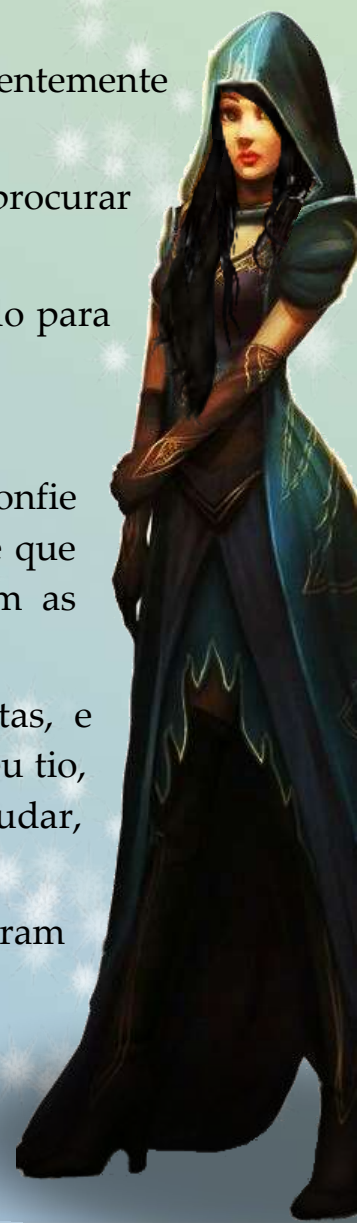
— O que você está procurando? — Ele perguntou, olhando para a porta do quarto.

— Minha touca e véu.

Ele agarrou a mão dela e puxou-a para o corredor. — Confie em mim. Meu tio não vai se importar. Além disso, eu já te disse que gosto do seu cabelo solto, — ele a lembrou enquanto desciam as escadas.

Um momento depois, as portas do castelo foram abertas, e várias pessoas atravessaram o enorme portão. Drogan logo viu seu tio, e alívio varreu seu corpo. Com seu tio pronto e capaz de ajudar, Serena, Gerard, Maris e Jocelyn com certeza ficariam seguros.

Drogan ajudou Serena a descer as escadas, e ambos esperaram até seu tio para aproximar.



— Parece ser uma situação bastante desagradável essa em que você se meteu, — seu tio disse quando parou em frente a Drogan.

Drogan sorriu com o tom áspero de seu tio - que servia apenas para garantir um pequeno show a todos os presentes. — Tio, eu gostaria de apresentá-lo a Serena de Hawthorne.

Drogan assistiu a expressão de seu tio quando seus olhos vislumbraram Serena. Seu rosto fortemente enrugado e coberto por uma barba espessa se suavizou quando ele sorriu.

— Meu sobrinho tem mesmo muita sorte por encontrar uma mulher de tal beleza como você. Sou Phineas.

Drogan não conseguia esconder o sorriso quando Serena lançou-lhe um olhar.

— Olá, Senhor Phineas. É um prazer conhecê-lo depois de ouvir Drogan falar tão bem de você.

Phineas soltou uma gargalhada. — Sim, aposto que ele teve muitas coisas boas a dizer.

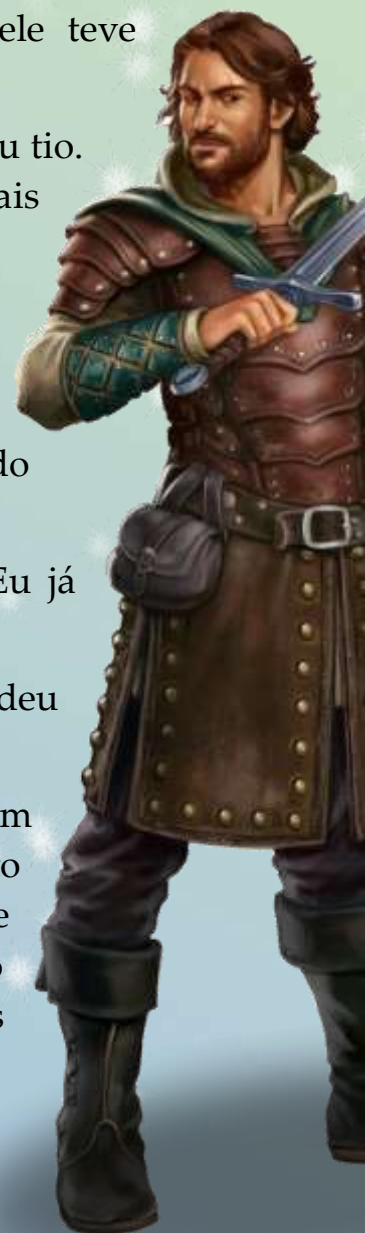
Drogan ficou espantado em como Serena interagiu com seu tio. Poucas mulheres sabiam o que fazer com ele, mas ela parecia mais do que capaz de lidar com o velho.

— Oh, suas histórias foram... divertidas, — ela disse com um sorriso malicioso. Um segundo depois, porém, seu sorriso caiu, e ela ficou séria outra vez. — No entanto, devo lhe dizer que não estou aqui como noiva de Drogan, mas sim em virtude do mesmo assunto que trouxe o Senhor a Wolfglynn.

Phineas assentiu enquanto seu sorriso desaparecia. — Eu já imaginava, mas um tio ainda pode ter esperanças, certo?

— Teria sido bastante rude se não o tivesse, — respondeu Serena.

Ela então aceitou o braço de seu tio, e assim eles entraram no castelo, deixando Drogan para trás. Somente nesse momento ele pode ver a mulher que tinha acompanhado seu tio, e que estava escondida atrás de um pequeno grupo de homens. Ao contrário de Serena, ela usava uma touca tradicional e véu, mas



algo em seu comportamento chamou a atenção de Drogan.

Ela parecia triste, como se não quisesse entrar no castelo.

— Acho que meu tio se esqueceu de apresentá-la, — disse ele enquanto se aproximava da mulher.

O sorriso dela foi breve e pouco visível. — Não, meu senhor. Eu pedi a ele para não fazer minha presença conhecida. Precisava ver algo primeiro.

— E você encontrou o que procurava?

Seus olhos desviaram-se dele quando ela respirou fundo. — Sim.

— Vejo que não ficou feliz, entretanto.

— Pelo contrário, meu Senhor, — disse ela quando seus olhos voltaram a encara-lo. — O que me entristece é a dor de cabeça que vira logo a seguir.

Drogan deu um passo para trás e olhou para ela.

Não podia ser. Mas, novamente, era muito provável que fosse.

Ele decidiu colocar suas suspeitas à prova, e ofereceu o braço para ela.

— Permita-me acompanhá-la para o salão, — disse ele. — A propósito, eu sou Drogan.

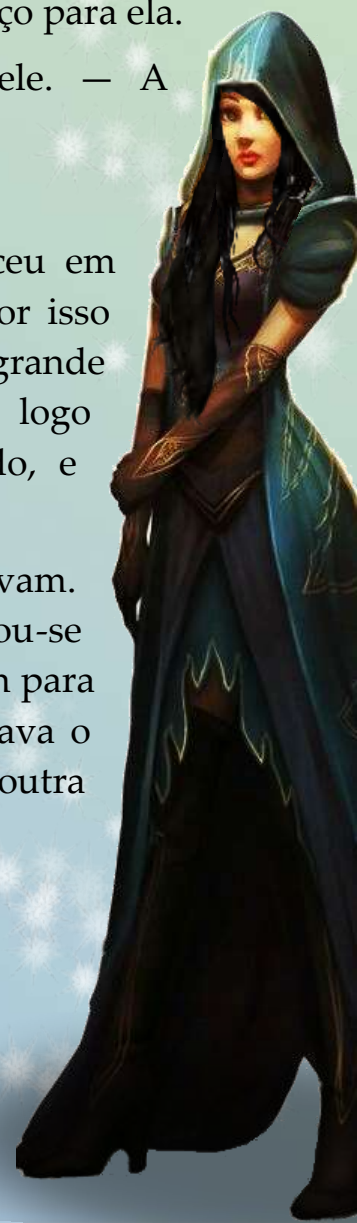
Ela tomou seu braço. — Eu sei.

Ele esperou que ela se apresentasse, mas ela permaneceu em silêncio. Ele iria descobrir seu nome em breve, entretanto, e por isso decidiu deixá-la manter seu segredo. Quando chegaram ao grande salão, que estava barulhento e cheio de pessoas, Drogan logo encontrou Serena, que estava sentada com seu tio no estrado, e conduziu a mulher em direção a eles.

Ele manteve os olhos em Serena enquanto se aproximavam. Estavam a cerca de dez passos do estrado quando Serena virou-se para eles – e não era para Drogan que ela estava olhando, mas sim para a mulher. Serena levantou-se lentamente enquanto Drogan soltava o braço da mulher, e ambas caminharam uma em direção a outra enquanto ele andava na direção de seu tio.

— Como é que você sabia o que Serena é?

Phineas deu de ombros. — Francesca me disse.



Drogan revirou os olhos e se afundou em sua cadeira. — Há quanto tempo ela mora com você?

— Há muitos anos. Desde antes da sua mãe morrer.

Drogan voltou sua atenção para Serena e Francesca quando elas começaram a conversar.

— É bom encontrar outra *bana-bhuidseach*, — disse Francesca. — Eu só conheci minha mãe e minha tia.

— Você é a segunda que encontro desde que minha jornada começou.

— Hmm. — Francesca cruzou as mãos. — Talvez existam mais de nós do que eu pensava.

Serena deu de ombros, mas Drogan percebeu a ansiedade dela nas linhas franzidas de sua testa.

— Eu sou Francesca. E eu vi você, Serena. Vi o grande mal que te segue. E também vi sua morte.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Serena acenou para a mulher, já sentindo a raiva e o medo de Drogan.
— Você sabia que eu era uma bruxa?

— Não. Também não fui capaz de ver o que te segue.

Isso era uma coisa que Serena não tinha sido capaz de descobrir também, não importa quão duro tenha tentado.

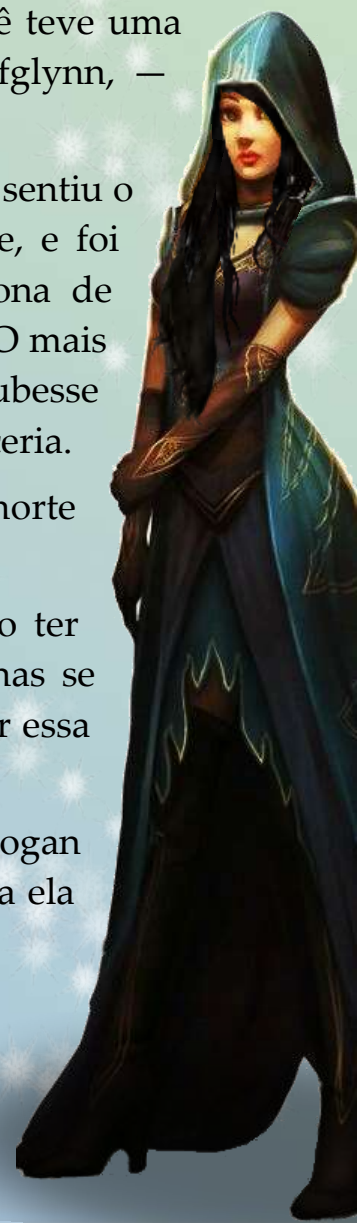
— Não importa. Vamos descobrir quem é em breve. Você teve uma longa jornada. Sente-se e desfrute da deliciosa comida de Wolfglynn, — disse ela, indicando um lugar para Francesca sentar.

Depois que as palavras saíram de sua boca, porém, Serena sentiu o olhar de Drogan sobre ela. Havia algo estranho nos olhos dele, e foi então que ela percebeu que havia falado como se fosse a dona de Wolfglynn, e não apenas outra convidada como todos os outros. O mais estranho era que ela sentia que pertencia a esse lugar, embora soubesse que, sem importar o quanto desejava ficar, tal coisa nunca aconteceria.

Da mesma forma que ela sabia que nunca seria mãe. Sua morte era iminente, e nada poderia impedir que acontecesse.

Ela tomou a cadeira a esquerda de Drogan, visto seu tio ter tomado a da direita. As perguntas dele viriam, ela sabia. Apenas se perguntava se conseguiriam esperar até o fim da refeição para ter essa conversa.

— Você não pareceu surpresa com o que ela falou, — Drogan disse casualmente, como se fosse um simples comentário, embora ela soubesse que ele estava em busca de respostas.



Ela decidiu rapidamente que o melhor curso de ação seria mentir, mesmo odiando ter que agir assim. — Como eu disse antes, nós vemos dois caminhos.

— Você viu a sua morte?

— Não. — Outra mentira.

Drogan balançou a cabeça, aparentemente satisfeito. — Ela não parecia feliz de conhecer você, assim como você não pareceu feliz ao conhece-la. Por que?

Ela balançou a cabeça e deu-lhe o que esperava ser um sorriso. — É incomum esbarrar em alguém do meu tipo. E com tudo que está acontecendo em torno de nós agora, a surpresa e a emoção são amortecidas pelo que o futuro nos reserva.

— Eu não entendo.

— Minha mãe uma vez tentou me explicar, mas eu nunca entendi até agora. Ambas, Francesca e Adrianna, sentiram o que estava acontecendo comigo, bem como o mal nos perseguindo. Mas a ansiedade e o medo dentro de mim cancelaram qualquer outra coisa que poderíamos sentir.

— Entendo, — disse ele, observando o grande salão. — O que deveria ter sido uma ocasião de alegria foi arruinada por ele. Outra vez.

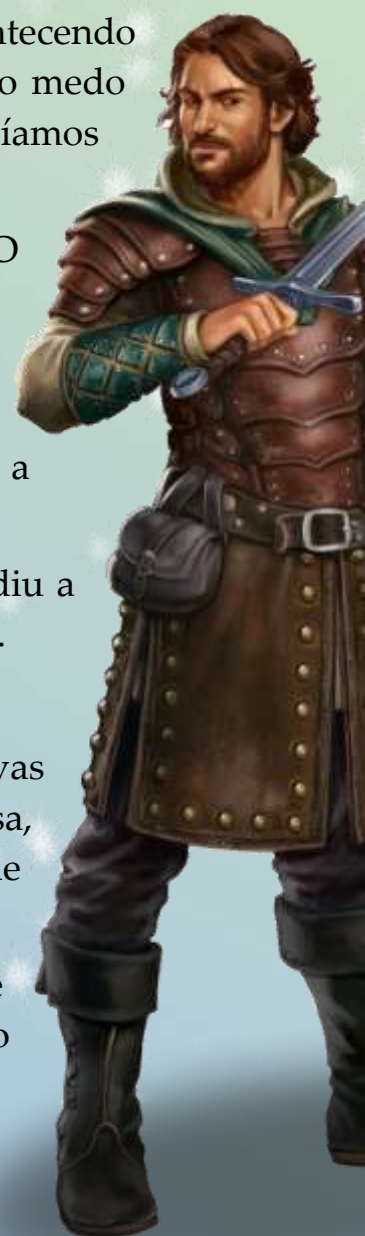
Serena ficou tensa. Ele estava falando do mal que os seguia. — Quem? — Ela perguntou, tentando parecer indiferente a sua resposta.

Drogan deve ter percebido seu erro, porque apenas sacudiu a cabeça e disse: — Ninguém. Estou apenas falando comigo mesmo.

Mas Serena não se deixou enganar.

A refeição foi uma ocasião agradável, apesar das novas descobertas, com muito riso e alegria. A comida estava deliciosa, como sempre, e a conversa permaneceu bem longe da razão de Drogan ter chamado seu tio para Wolfglynn.

Uma vez que a refeição terminou, porém, Drogan e Phineas se levantaram e olharam para as mulheres. Serena então



trocou um olhar com Francesca antes de seguir Drogan ao solar. Quando chegaram, ela sentou na parede mais distante e ansiosamente esperou.

Com Drogan encostado numa parede e Phineas e Francesca sentados, Serena sentiu-se desconfortável. Tudo o que podia fazer era rezar para que Drogan não cavasse mais fundo no que Francesca tinha dito.

— Então, ela é o motivo pelo qual você sabia que eu precisaria de você,
— Drogan disse finalmente ao seu tio. — Eu não tinha entendido até agora como você poderia saber que eu iria pedir sua ajuda.

— Sim, — disse Phineas. — Você nunca me pediu ajuda antes, e num primeiro momento, pensei que Francesca pudesse ter interpretado as coisas errado. No entanto, ela pode ser muito insistente.

— Apenas quando é importante, — disse Francesca.

Drogan assentiu. — O quanto você já sabe?

Phineas deu de ombros. — Não muito. Tudo que ela pode me dizer foi que há um grande mal te seguindo, e que você iria precisar da minha ajuda. Francesca mencionou que você estaria com uma mulher, mas eu não sabia nada a respeito do que ela viu sobre Serena.

Drogan dispensou suas últimas palavras. — Isso não importa. Gerard e Maris estão chegando.

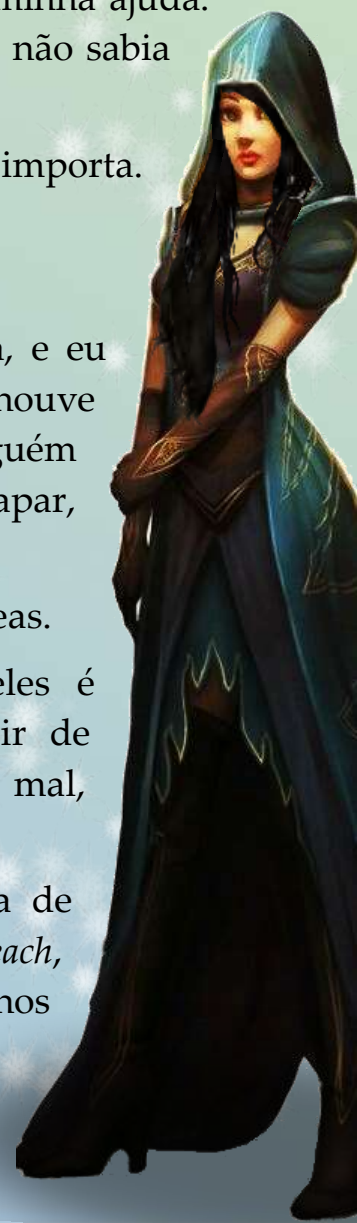
— Gerard de Hawthorne?

Drogan assentiu. — Ele e sua esposa tiveram uma filha, e eu estava lá pagando meus respeitos por seu nascimento quando houve um atentado contra a vida de Gerard. Serena nos disse que alguém queria matá-lo, e mesmo que Maris e Jocelyn conseguissem escapar, não sobreviveriam por muito tempo após a morte dele.

— Você sabe quem está atrás de vocês? — Perguntou Phineas.

— Há dois possíveis candidatos, e qualquer um deles é perigoso. Quando Serena finalmente convenceu Gerard a sair de Hawthorne, partimos todos sob disfarce, mas não enganamos o mal, como você o chama.

Serena levantou-se para esticar as pernas, na esperança de acalmar o estômago revoltado. — Eu conheci outra *bana-bhuidseach*, uma cigana, que também sentiu o que estava atrás de nós. Ela nos



avisou que esse mal estava mais perto do que esperávamos. Foi dela a ideia de nos dividirmos. Gerard, Maris e Jocelyn levaram a carroça e partiram com os ciganos, enquanto Drogan e eu tomamos outro caminho para cá.

— Assim que chegamos, mandei meus homens à procura de Gerard, — Drogan disse, seu olhar sobre Serena. — Eles devem chegar a qualquer momento.

Phineas passou a mão pelo rosto e suspirou. — Uma grande bagunça. Então, você tem certeza que sabe quem está atrás de você...

Drogan assentiu. Serena prendeu a respiração, esperando que ele finalmente proferisse um nome. Mas ela também poderia ter desejado voar, porque ele não pronunciou uma só palavra.

— Entendo, — disse Phineas, estreitando os olhos para o sobrinho. — Você não planeja contar a ninguém quem é.

Não era uma pergunta. Serena olhou de Phineas para Drogan enquanto os dois homens se encararam.

— Não. Quanto menos souberem, melhor para todos os envolvidos.

— O que me diz, — Phineas disse, enquanto se levantava, — que isso tudo tem algo a ver com o rei Henrique.

Drogan não negou. Arrepios correram pela coluna de Serena quando ela recordou o cavalo bonito e a armadura brilhante do homem que quase os tinha capturado. Apesar da ausência de qualquer brasão em seu escudo, estava claro que o cavaleiro era rico e poderoso.

— Você não pode lutar contra este homem sozinho, — disse ela, incapaz de manter a calma. Drogan voltou seu olhar marrom dourado para ela. — Eu posso, e eu vou. Ele não é páreo para mim.

— Então por que não lutou com ele na floresta?

Drogan inclinou-se indiferentemente contra a parede, não se deixando enganar pela provocação de Serena; sabia que ela estava atrás de algo. — Eu aprendi há muito tempo que qualquer vantagem pode decidir o resultado de uma batalha.



— Em outras palavras? — Ela perguntou, com o queixo levantado em questionamento.

— Ele quis me encontrar naquela floresta, porque era ele quem tinha a vantagem lá. Mas não vai ter vantagem nenhuma aqui, embora eu vá me certificar que ele pense assim.

Ela sacudiu a cabeça e começou a andar pelo cômodo. — Certamente ele não é estúpido o suficiente para pensar que pode atacar esse, — ela se interrompeu, gesticulando com as mãos e apontando para todos os lugares, — castelo sozinho, não é?

Drogan riu de sua ira crescente. — Se for quem eu penso que é, sim, ele definitivamente vai.

Ela parou de andar e olhou fixamente para ele. — Essa é a segunda vez que você diz isso.

— O que você está querendo dizer? — Perguntou Phineas. — Pensei que soubesse quem era.

Drogan gemeu interiormente. — Há dois possíveis candidatos, e eu me preparei para enfrentar qualquer um deles. Ou ambos.

Phineas olhou para Serena por um momento antes de voltar sua atenção para Drogan. — Eu sei o quão bem guarnecido este castelo é, Drogan. Você não precisa de meus homens para ajudar a defendê-lo. O que você quer de mim?

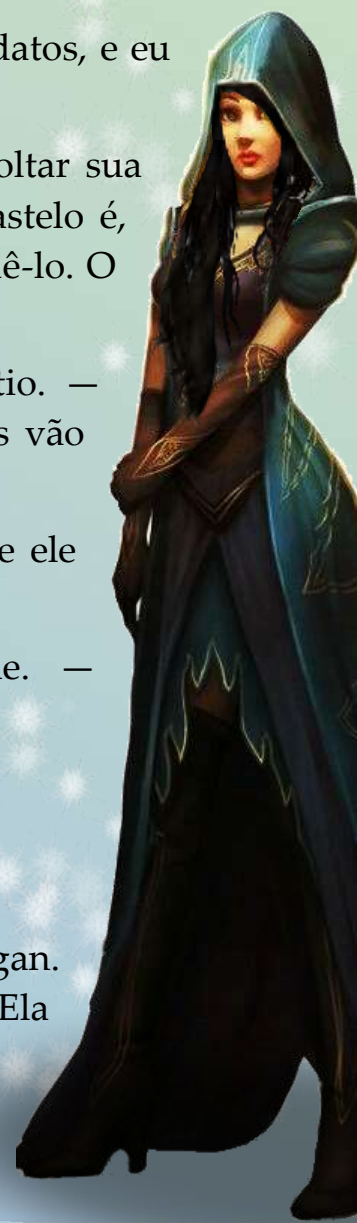
Drogan afastou os olhos de Serena e se voltou para o tio. — Quero que leve Gerard, Maris, Jocelyn e Serena à sua ilha. Eles vão ficar seguro lá, até que eu possa ir busca-los.

— Claro, — disse Phineas, assim como Drogan sabia que ele faria.

Drogan suspirou e apoiou a cabeça contra a parede. — Obrigado.



A noite não se aproximava rápido o suficiente para Drogan. Tudo no que ele tinha sido capaz de pensar era em Serena. Ela



consumia seus pensamentos, apesar da ameaça que pairava acima deles.

Ele ficou nas ameias enquanto pôde, forçando os olhos para ver na escuridão, procurando e um vislumbre de seus homens ou de Gerard. Mas, infelizmente, não havia nenhum sinal deles.

Não havia sinal de nada, na verdade, com exceção de uma coruja solitária que voava pela floresta. Ele olhou para o pássaro, perguntando-se se era o Nicodemus de Serena.

Era o silêncio dos lobos que lhe dizia muito. Quem o caçava estava lá fora, esperando. Ele estava tentado a sair da segurança do castelo e acabar logo com isso, mas tinha prometido a Serena que manteria Gerard e Maris seguros.

Mas, dentro dos muros de Wolfglynn era outra história. Ele já tinha dado ordens estritas aos seus homens de que ele era a única pessoa autorizada a passar pelos portões do castelo. Ele não podia se dar ao luxo de ter seus pensamentos divididos, e saber que todos estavam em segurança com Phineas o manteria focado.

— Você tem um momento, meu senhor?

Drogan se virou ao ouvir a voz suave à sua direita. — Francesca?

— Sim. — Ela baixou a cabeça ligeiramente. — Estou incomodando?

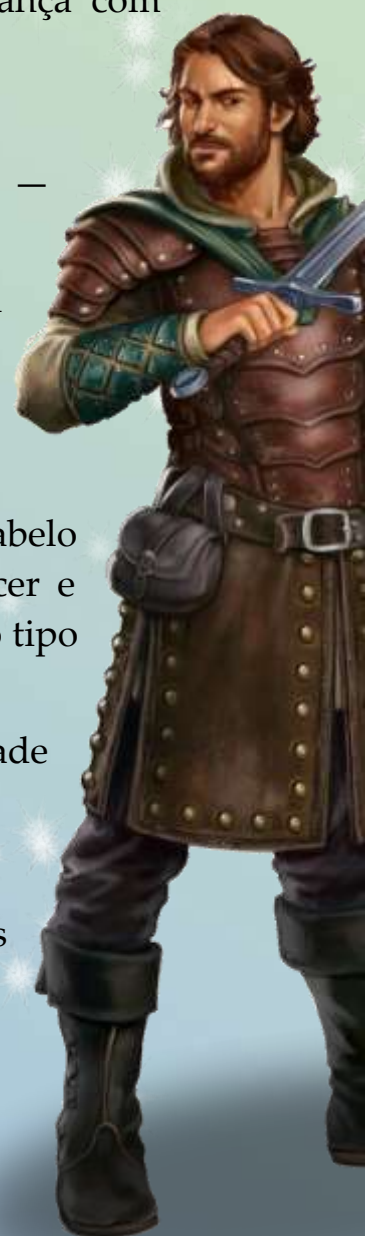
Ele balançou a cabeça. — De modo nenhum. O que posso fazer por você?

Ela caminhou para a borda e olhou entre as ameias, seu cabelo vermelho escuro soprando na brisa ligeira. Ele a viu estremecer e envolver o xale mais apertado ao seu redor. — Você não parece o tipo de homem que acreditam em bruxas.

— E não sou, mas quando confrontado com a realidade tendo a me adaptar.

— Hmm, — ela murmurou. — Serena é adorável, não é?

Drogan apoiou um ombro contra o merlão e cruzou os braços sobre o peito. — Ela é. Ela me contou sobre a maldição.



Isso atraiu os olhos de Francesca para ele. — Contou? E qual é a sua opinião sobre a maldição que tem assombrado o nosso povo por gerações?

— Acho que seria terrível ter que viver com algo parecido com isso.

— Mais difícil do que você imagina.

— Você está me alertando para ficar longe dela?

Francesca encolheu os ombros. — Isso não seria nada bom, já que é bastante óbvio que ela já está apaixonada por você. Cuide bem dela, Senhor Drogan. Eu sei o que vi, — ela disse antes de se virar para sair.

— Serena me disse há dois caminhos que cada indivíduo pode tomar, e que você só pode ver um, — apressou-se a dizer.

Francesca olhou para ele. — Isso é verdade. E eu sinto que ela raramente observa profundamente o futuro de uma pessoa, e não a culpo por isso. Encontrar a morte, não importa como, pode deixar as pessoas um pouco... cínicas.

— Verdade. Ela não usa esse dom muito frequentemente. Não gosta de ver a morte.

Francesca levantou o rosto para as estrelas. — Apesar de existirem dois caminhos, um bom e um mau, estou com medo que com Serena isso seja diferente.

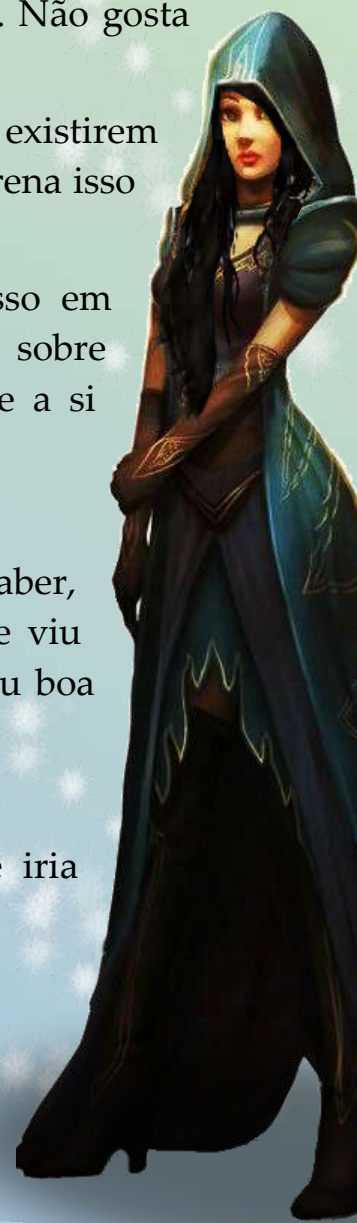
— Como assim? — Drogan perguntou, dando um passo em direção a ela. Qualquer informação que ele pudesse descobrir sobre Serena poderia ajudá-la - ou pelo menos foi isso que ele disse a si mesmo.

— Isso vamos ter que esperar para descobrir.

Com a intenção de fazê-la dizer o que ele precisava saber, Drogan a seguiu quando ela entrou no castelo. E foi aí que ele viu Serena. Ele sorriu para ela, apesar da recente conversa, e desejou boa noite a Francesca.

— Não imaginei que a encontraria aqui, — disse ele.

Ela suspirou. — Não queria ficar sozinha, e sabia que iria encontrá-lo aqui.



— Esse é um dos meus lugares favoritos. Mas confesso que estava prestes a entrar e encontrá-la.

— Sério? — Ela perguntou com um sorriso brilhante. — E por que isto?

Drogan riu e colocou a mão em seu pênis já duro. — Precisa perguntar?

— Hm, acho que seria negligente da minha parte mantê-lo em tal estado, — ela disse, com a voz rouca e baixa.

Excitação e desejo borbulharam dentro dele. — Então eu sugiro correremos para o seu quarto.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O ar estava tão espesso que Drogan poderia cortá-lo com sua espada. À sua esquerda, Gerard praguejou e mudou de posição na sela enquanto Cade brincava com um galho.

Eles estavam esperando o vil Nigel aparecer há cerca de uma hora. Foi ele quem ordenou a presença deles naquele local em determinado horário, e o fato de estarem nas favelas de Londres tornava as coisas ainda piores.

— Por que aqui? — Gerard resmungou.

Drogan deu de ombros. — Não pode ser coisa boa.

— Nunca é algo bom quando se trata de Nigel, — disse Cade.

Drogan ponderou as palavras de Cade, de quem ele gostava instintivamente. Embora muitos tomassem a natureza tranquila dele como arrogância, Drogan o conhecia melhor.

— Você está certo, Cade. Agora, se ele apenas aparecesse de uma vez.

Assim que as palavras saíram da boca de Drogan, eles puderam ver o Barão surgir através da névoa espessa, segurando algo envolto em um manto escuro a sua frente.

Uma repentina sensação de mal-estar tomou conta de Drogan. Cada instinto dentro de si lhe pediu para correr na direção oposta e nunca mais olhar para trás, mas o cavaleiro nele recusou. Ele precisava saber o que Nigel estava aprontando.

Drogan acordou instantaneamente, seu corpo coberto de suor e sua respiração áspera e irregular. Ele limpou os olhos e os fechou novamente. Fazia muitos anos desde que tinha tido esse pesadelo



pela última vez.

Um braço fino se moveu sobre seu peito, e ele puxou Serena mais apertado contra si enquanto tentava acalmar seu coração acelerado. Imagens do terrível pesadelo se recusavam a deixá-lo, e a culpa e desconforto que ele duramente mantinha enterrados começaram a se aproximar da superfície outra vez.

— Está tudo bem? — Ela murmurou.

— Apenas um sonho ruim. Volta a dormir.

Felizmente ela não fez mais perguntas, e quando sua respiração se nivelou e ela adormeceu outra vez, ele deslizou para fora da cama e foi até a janela, apoiando um braço de cada lado dos marcos.

— Foi você que eles enviaram, Cade? — Ele perguntou ao ar da noite silenciosa. — Você está esperando por mim até agora? Uma vez meu irmão, agora meu inimigo.

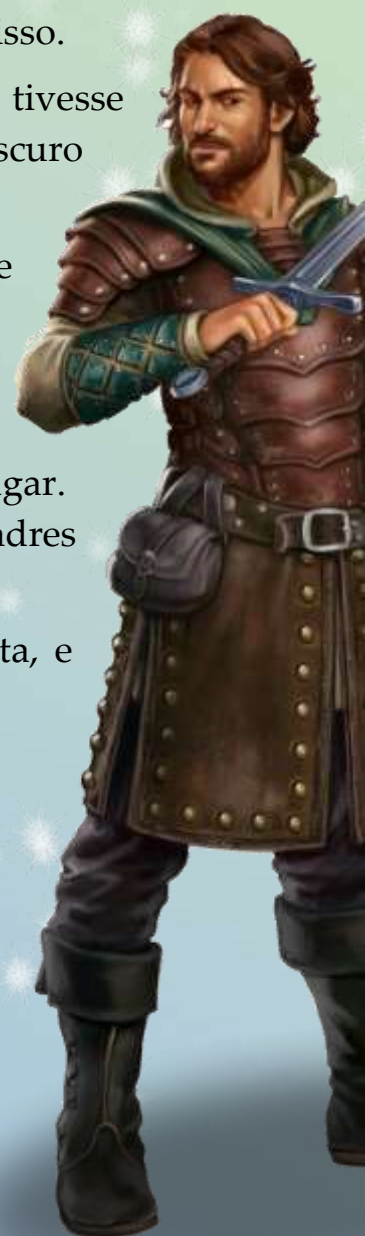
Não houve nenhuma resposta - não que ele esperasse por isso.

Ele baixou a cabeça e soltou um suspiro. Talvez Gerard tivesse razão quando disse, há tantos anos, que Cade mantinha algo escuro trancado dentro de si mesmo.

E com a escuridão se fechando sobre Drogan agora, ele podia muito bem entender a sensação, principalmente após a má ação que tinham cometido.

Ele balançou a cabeça e tentou dissipar as imagens do pesadelo de sua mente, mas elas continuaram fixamente no lugar. Nenhuma quantidade de penitências ou confissões aos padres poderia mudar isso.

Na verdade, sua penitência tinha vindo bater à sua porta, e agora mesmo esperava na floresta, para garantir sua morte.



Serena assistiu Drogan da cama. Ela gostaria de poder ajudá-lo, mas sentiu que isso era a última coisa que ele queria agora.

O que o estava consumindo ela não fazia ideia, exceto que tinha algo a ver com o homem que caçava a ele e a Gerard. Mas ele e Gerard eram bons homens, então, o que eles possivelmente poderiam ter feito de tão horrível?

Seu coração doía por causa da angústia que rasgava sua alma. Ela sentia a escuridão que o cercava, mas não havia nada que pudesse fazer para dispersá-la. Muitos homens sucumbiram à escuridão, até que ela os devorou completamente, deixando para trás apenas conchas dos homens que foram uma vez. Ela mal podia imaginar algo assim acontecendo com Drogan. No entanto, esse futuro sombrio parecia inevitável, já que ela não estaria aqui para ajudá-lo.

Lágrimas arderam em seus olhos ao pensar em deixá-lo. A morte já não era algo que ela desejava. Ela tinha encontrado seu lugar com Drogan, em Wolfglynn.

Uma das lágrimas que ela tentava evitar correu pelo seu rosto e caiu no travesseiro. Mas desespero não a levaria a lugar nenhum, então ela se levantou e limpou o rosto antes de sair da cama e caminhar até Drogan.

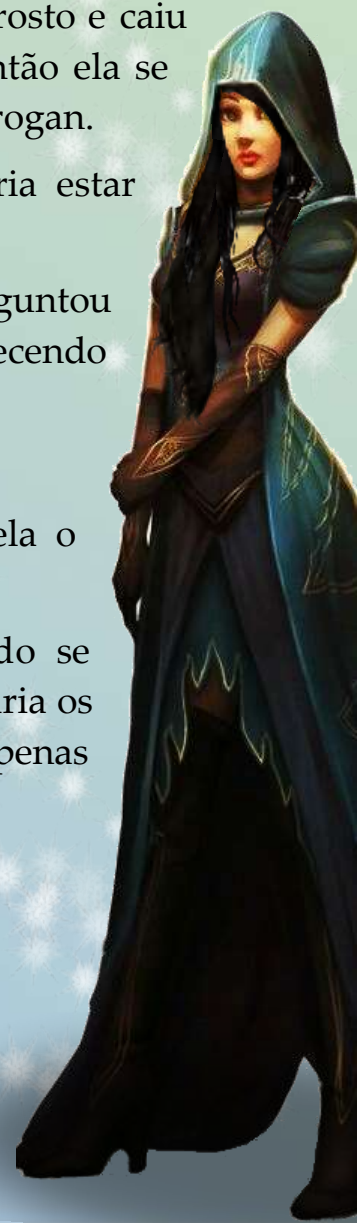
Ele se virou e abriu os braços para ela. — Você deveria estar dormindo.

— Como eu posso dormir sem você ao meu lado? — Perguntou ela, pressionando o rosto contra o peito dele. — O que está acontecendo com você?

— Nada.

Ela o permitiu mentir; talvez em breve ele confiaria nela o suficiente para contar-lhe tudo.

Quando ele a pegou em seus braços, ela de bom grado se agarrou a ele, sabendo que a paixão que iriam compartilhar aliviaria os problemas que estavam pairando tão perto deles, mesmo que apenas por pouco tempo.



Drogan moveu seu ombro direito enquanto caminhava pelo corredor em direção ao quarto de Serena. Ele tinha precisado de todas as suas forças para deixá-la antes que o sol nascesse, mas tinha conseguido, mesmo que a muito custo.

Agora havia tomado banho e se vestido em tempo recorde, tudo para poder retornar a ela o mais rápido possível. Um sorriso curvou seus lábios ao dar-se conta de sua ansiedade. Ele certamente estava agindo como um tolo embriagado – provavelmente porque era exatamente isso que se tornara.

Porém, assim que ele bateu em sua porta e Claire a abriu, eles ouviram um chamado dos portões. Seus olhos encontraram os de Serena através da porta aberta.

— Vá, — disse ela.

Era todo o incentivo que ele precisava. Ele virou-se e correu para fora do castelo, e os portões do Wolfglynn se abriram quando ele chegou no pátio.

— É Gerard? — Perguntou Phineas.

Drogan não se atreveu a responder até ver por si mesmo. Ele logo sentiu algo à sua esquerda, e quando olhou para baixo encontrou Serena ao seu lado. Sua mão encontrou a dele, e ele deu a dela um pequeno aperto quando o primeiro de seus homens apareceu.

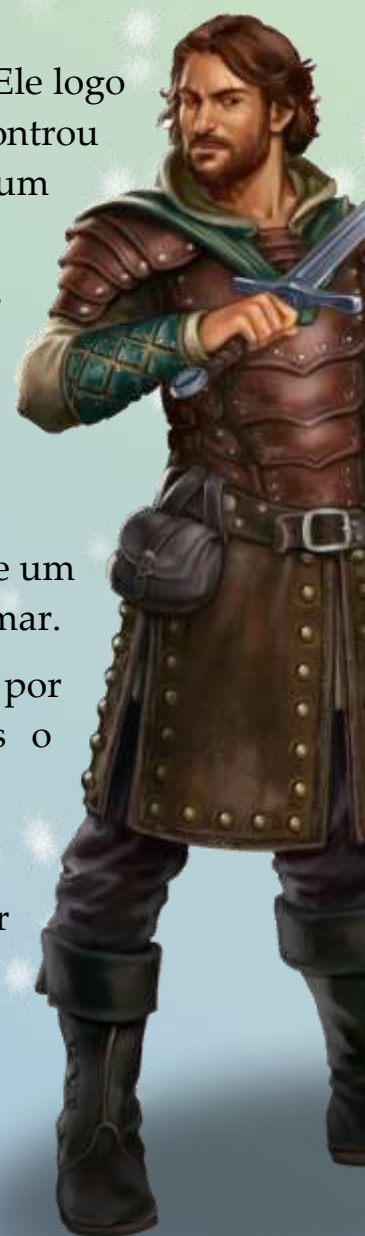
Quando viu a carroça, uma onda de alívio o invadiu, e ele correu em direção aos recém-chegados quando viu Gerard, que lhe cumprimentou ainda a distância e lançou-lhe um sorriso brilhante. Isso foi tudo Drogan precisava para saber que estava tudo bem. Pelo menos por enquanto.

Um gemido alto que irrompeu de dentro da carroça trouxe um sorriso ao rosto de Drogan, fazendo Serena gargalhar e se aproximar.

Drogan a deixou correr para Maris enquanto esperava por Gerard. Eles apertaram as mãos quando estavam próximos o suficiente.

— Você conseguiu. — Disse Drogan.

— Sim, os ciganos foram bastante hábeis em nos manter escondidos.



— Graças a Deus por isso. Há alguém seguindo vocês?

Gerard sacudiu a cabeça. — Eles seguiram-nos um pouco, mas logo mudaram de direção. Presumo que foram atrás de você e Serena?

Drogan assentiu. — Nós estamos aqui há dois dias esperando por você.

— Obrigado por enviar seus homens, — Gerard disse enquanto Maris e Serena os alcançavam.

— Você sabia que eu os enviaria.

— Sim, ele sabia, — disse Maris. — E eu estou muito feliz por estar segura e fora daquela carroça.

Serena chamou a atenção de Drogan, lembrando-lhe que eles precisavam tirar Maris e Gerard de Wolfglynn tão rapidamente quanto possível. Drogan estava abrindo a boca para dizer exatamente isso quando Jocelyn deixou escapar outro gemido.

— Ela não gostou muito do passeio, — disse Maris.

Serena se aproximou e pegou a criança. — Vamos, Maris. Vou levá-las para o meu quarto.

Drogan esperou até que elas tivessem saído antes de apontar para seu tio. — Gerard, este é o meu tio, Phineas.

Os dois homens se cumprimentaram antes de Gerard virar-se para Drogan e perguntar: — O que está acontecendo aqui?

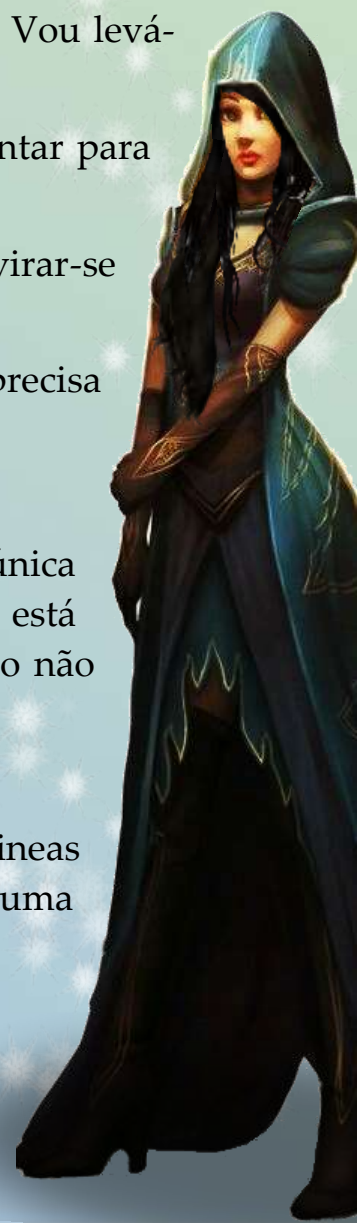
— Você e sua família estão partindo com meu tio. Você precisa ficar em segurança.

— Você está falando sério?

— Sobre te manter vivo? Claro que sim. Serena não é a única *bhuidseach bana* que você já encontrou, Gerard. Ela não está inventando essa história. Você deve permanecer vivo, e para isso não pode ficar aqui.

— Não vou permitir que você o enfrente sozinho.

— Vamos falar sobre isso depois de um descanso, — Phineas disse enquanto se colocava entre os dois homens. — Eles tiveram uma longa jornada, Drogan, e tenho certeza que estão muito cansados.



Drogan começou a discutir, mas Phineas levantou a mão.

— Eles podem sair no segundo em que houver qualquer indício de perigo. Até então, dê-lhes um pouco de descanso.

Relutantemente, Drogan assistiu seu tio e amigo caminharem em direção ao castelo. O mal iminente já estava aqui, disso Drogan tinha certeza. E quanto mais tempo Gerard e Maris ficassem, mais suas vidas corriam perigo.

— Meu senhor, — Grayson disse: — Acho que você deveria saber o que aconteceu.

Drogan mudou toda a sua atenção para o cavaleiro. — E o que aconteceu?

— Eu vi alguém quando montamos até os portões do castelo.

Cada fibra do corpo de Drogan pediu-lhe para montar seu cavalo e cavalgar para a floresta. —Onde?

— Pouco antes de saímos da floresta, não muito longe do rio. — Grayson limpou o suor da testa. — Quando saímos do castelo para escoltar seus amigos eu não pude ver ninguém, mas acho que fomos seguidos há certa distância.

— Pelo mesmo homem?

Grayson deu de ombros. — Não posso afirmar com certeza, meu senhor.

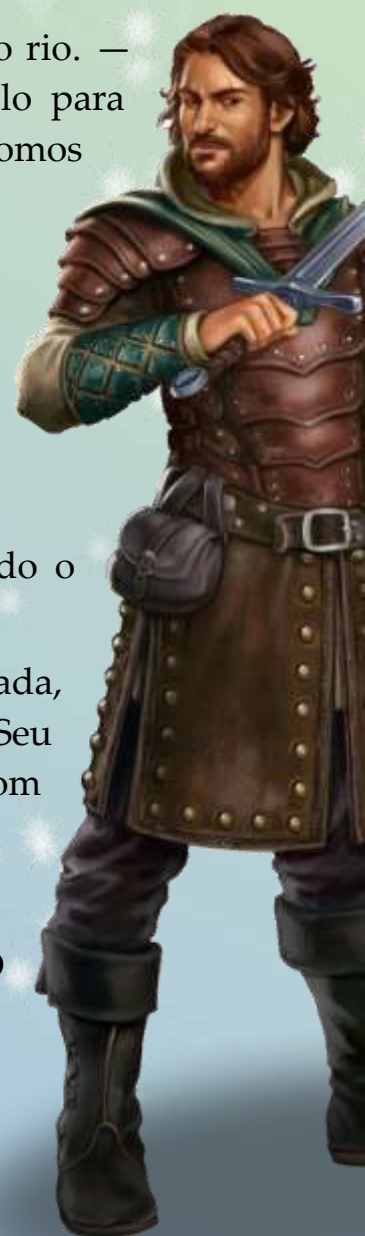
— E este homem que você viu agora? Ele não se moveu para atacar?

— Ele estava parcialmente escondido nas árvores quando o avistei, mas ele não fez nada além de nos assistir.

Drogan flexionou as mãos, desejando estar com sua espada, enquanto seus olhos percorriam o pátio. — Interessante. — Seu olhar retornou ao rosto de Grayson. — Obrigado. Você fez um bom trabalho. Agora vá descansar.

— Vai acontecer em breve.

Drogan parou e lentamente virou-se para o cavaleiro. — O que vai acontecer em breve?



— O ataque. Será em breve, meu senhor, — disse Grayson antes de se afastar.

Drogan estreitou os olhos para as costas do cavaleiro. O quanto ele sabia?



Serena estava emocionada por ter Maris e Jocelyn consigo novamente. Ela não tinha percebido o quanto tinha sentido falta de segurar a criança até que ela foi capaz de fazê-lo novamente.

— Estou tão feliz por estar fora daquela carroça, — disse Maris em um suspiro enquanto escorregava para a água quente da banheira.

Serena sorriu e balbuciou para Jocelyn. — Eu sei que quando cheguei foquei muito feliz em dormir em uma cama, em vez de no chão.

Quando Maris não respondeu, Serena deixou seus sentidos livres e sentiu o olhar inquisidor de Maris sobre ela.

— O que você deseja saber, Maris?

Maris riu. — Não importa quantas vezes você faça isso, sempre consegue me fazer arrepiar.

— Isso funciona apenas porque conheço você muito bem. — Serena virou-se para a amiga. — Agora, o que você quer saber?

Maris suspirou e desviou o olhar. — Você parece diferente. Se não lhe conhecesse tão bem, diria que você cedeu aos encantos de Drogan.

Ela tentou manter contato visual, mas, no final, Serena desviou o olhar. Ela ouviu a ingestão de ar aguda de Maris, e soube que estava prestes a ser bombardeada com perguntas.

— Serena?

Serena olhou novamente para Maris. — Eu sei o que estou fazendo.

— Eu nunca questionei isso, — disse Maris. — Você conhece sua herança melhor que ninguém. Sou apenas uma amiga



preocupada que não quer vê-la ferida, embora possa ver que você está feliz.

Serena sorriu e deu de ombros. — Eu estou feliz.

— Então isso é tudo que importa. Você não tem que explicar ou justificar qualquer coisa para mim.

Serena não conseguia acreditar que Maris a deixaria se safar sem mais perguntas, mas estava aliviada por isso. Pouco depois, Jocelyn começou a inquietar-se, e por isso Serena levou-a para a janela enquanto Maris terminava seu banho. Ela não sabia por quanto tempo Maris e Gerard ficariam aqui, mas tinha certeza que não seria mais do que um ou dois dias.

Ela abraçou Jocelyn e beijou sua cabeça suave. — Eu prometo que você vai ficar segura, — ela sussurrou para a criança. — Assim como sua mãe e seu pai.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

Era quase meio-dia, e Droган estava treinando com seus homens quando outro grito pode ser ouvido dos portões. Ele olhou para cima e viu seus homens se inclinando na torre de vigia para ver algo do lado de fora.

— O que está acontecendo? — Ele gritou.

Um dos homens da torre gritou para a porta a ser aberta. Droган correu em direção às escadas que o levariam à torre de vigia para repreender o guarda por não lhe responder, mas antes que pudesse chegar muito longe avistou o cavalo.

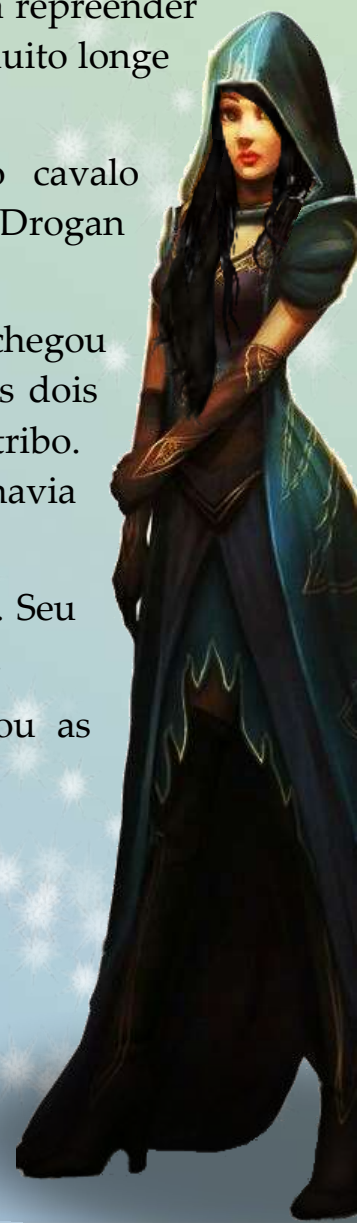
Seus pés desaceleraram e depois pararam quando o cavalo atravessou a entrada estreita arrastando um dos cavaleiros de Droган atrás de si.

Droган correu para parar o cavalo, mas Grayson chegou primeiro. Enquanto Grayson segurava o cavalo, Droган e outros dois homens ajoelharam-se e libertaram o pé do cavaleiro do estribo. Droган inclinou-se para sentir o fôlego do cavaleiro, mas não havia nada. Uma única flecha havia perfurado seu coração.

— Então começou, — ele murmurou antes de ficar em pé. Seu olhar encontrou Grayson, que lhe deu um ligeiro aceno de cabeça.

O homem morto foi retirado do pátio, e Grayson jogou as rédeas do cavalo a um dos meninos que cuidavam do estábulo.

— Qual é o seu plano? — Perguntou Grayson.



Drogan agarrou sua espada. — Eu não quero que o que acabou de acontecer se espalhe pelo castelo, pelo menos até eu conseguir tirar Gerard, Maris e Serena daqui.

— E depois?

— Depois eu vou acabar com isso.



Serena sabia que havia algo errado no minuto em que Drogan entrou no grande salão, seguido pelo cavaleiro de cabelos negros que havia escoltado Gerard e Maris para Wolfglynn. O cavaleiro era tão alto quanto Drogan, mas havia algo diferente nele, algo secreto e... Ela não conseguia descrever com palavras.

Seu olhar encontrou o dela, e ele deu-lhe um pequeno aceno de cabeça. Ela devolveu o gesto enquanto ele e Drogan se aproximavam do estrado.

— Ah, Grayson. — Gerard se levantou e apertou o braço do cavaleiro.

— Meu senhor, — o cavaleiro murmurou.

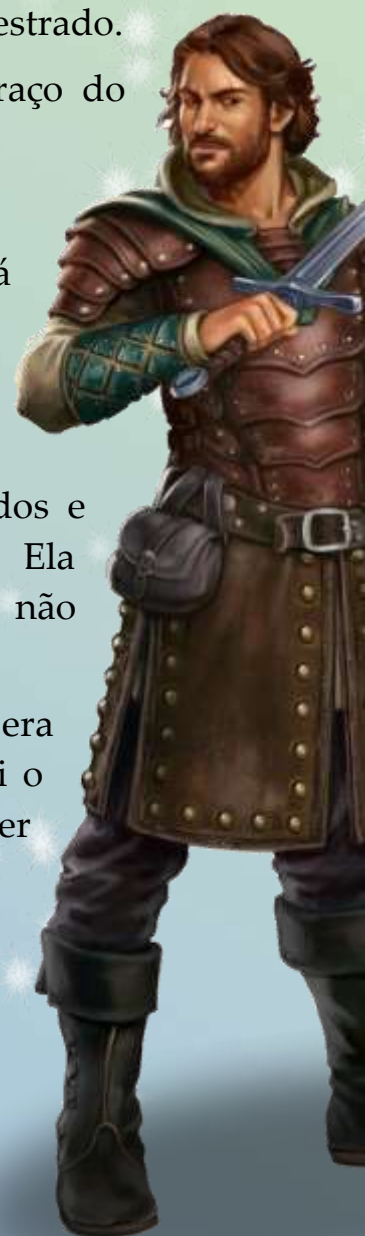
Gerard bateu no ombro de Grayson e sorriu. — Se você já estiver cansado de Drogan, venha para Hawthorne. Eu sempre terei um lugar para você lá.

Grayson abaixou a cabeça, mas não disse nada.

Serena observou-o atentamente. Ela libertou seus sentidos e sentiu o apreço dele tanto por Gerard quanto por Drogan. Ela também sentiu que ele preferia permanecer em Wolfglynn, e não pode culpá-lo por isso.

Mas ela queria saber mais, ter certeza de que Grayson era confiável, e por isso sondou um pouco mais profundo; esse foi o momento em que uma onda de tormento e apreensão de ser descoberto a engoliram.

— Serena.



Ela afastou os olhos de Grayson e encarou Drogan. — Sim?

— Eu estava falando com você, — Drogan disse enquanto a estudava atentamente.

Serena olhou para longe e encontrou Francesca a observando. Ela engoliu em seco e se voltou para Drogan. — Você precisava de algo?

Uma de suas escuras sobrancelhas estava levantada em questionamento quando Drogan olhou para ela. — Eu estava lhe apresentando a Grayson.

— Minha senhora, — Grayson disse, fazendo uma pequena reverência.

Serena deu-lhe um sorriso tenso. O que ela tinha descoberto poderia ser o suficiente para alertar Drogan, mas algo lhe dizia que o que Grayson escondia nada tinha a ver com o mal que estava seguindo-os. No entanto, só havia uma maneira de descobrir.

Ela esperou até que eles estarem comendo antes de tentar novamente. Dessa vez ela teve um vislumbre de um menino pequeno com cabelo preto e olhos da cor do céu de verão chorando enquanto era retirado dos braços de uma mulher antes dessa visão também desaparecer.

Seu olhar voou para Grayson, e ela o encontrou observando-a. Serena piscou, incapaz de acreditar que ele sabia que ela estava vasculhando sua mente, e que a tinha fechado para fora. Era um truque que sua mãe lhe mostrou logo no início de sua educação, usado para manter outra *bana-bhuidseach* longe de sua mente. Mas um homem?

Ela tinha descoberto uma coisa, no entanto: Grayson não estava ajudando o grande mal, mas havia definitivamente mais dele do que aquilo que ele mostrava a todos.



— Você tem estado muito quieto, — Serena disse enquanto se aproximava de Drogan. Durante uma hora ele permaneceu parado no portão, olhando para a floresta.

— Tenho muito em minha mente.



Só teria levado um momento para Serena vasculhar sua mente e ver o que ele estava escondendo dela, mas não teve vontade de fazê-lo. Se Drogan não confiava nela o suficiente para lhe contar, então ela não iria insistir.

Ela estava prestes a sair quando a mão dele capturou a dela, puxando-a para perto. Ela se afundou em seu abraço, precisando sentir sua força e proximidade. Ele apertou os braços ao seu redor, mas sua mão roçou a contusão desaparecendo entre suas omoplatas, fazendo-a gritar.

Imediatamente, Drogan a soltou. — Não quis machucá-la, — disse ele, com uma expressão horrorizada no rosto.

Ela estava tão concentrada em aliviar a dor que não parou para pensar sobre o que estava dizendo. — Não se preocupe com isso. É apenas uma contusão.

— Uma contusão do quê? — Ele perguntou friamente.

Tarde demais, Serena percebeu seu erro. — Como se costuma vir a ter uma contusão?

— Responda-me, Serena. Como você conseguiu esse machucado?

— Não foi nada.

— Serena, — Drogan disse em voz baixa.

Ela não queria mentir para ele, mas também não queria lhe dizer a verdade. Isso não a deixava com muitas opções. Finalmente ela se decidiu por algum lugar no meio.

— Foi uma pedra, eu acho.

— Uma pedra? — Repetiu Drogan. — E onde foi que está pedra te acertou?

Ela encolheu os ombros, na esperança de não precisar responder, mas ele ficou encarando-a até que ela respondeu. — Nas costas.

— E quem jogou a pedra?

— Eu nunca disse que alguém jogou a pedra. Eu poderia ter caído sobre ela.



Drogan cruzou os braços sobre o peito. — Então, o que foi que aconteceu Serena? Você caiu ou atiraram uma pedra em você?

Agora, independentemente de sua resposta, Drogan ficaria chateado. — Foi atirada.

— Quem atirou? — Perguntou ele.

— Não sei. Não vi ninguém.

Ele suspirou e passou um braço ao redor dela, com cuidado para não tocar a área dolorida em suas costas. — Por que você não me contou?

— Que bem isso teria feito? — Ela virou a cabeça para olhar para ele. — Eu não sei quem fez isso, e mesmo que soubesse, não quero punições.

— Por que não? Alguém te machucou.

— Eu sou uma estranha aqui, Drogan. Estão comentando que estou aqui para me tornar sua esposa, e eu vi a maneira como algumas das mulheres olham para você. É apenas inveja.

Ele franziu os lábios e balançou a cabeça. — Não importa. Eu não quero que meu povo trate meus hóspedes dessa maneira.

— Mas somos apenas eu, e Gerard ou Maris. O que isso lhe diz?

Ele não respondeu. Serena observou-o olhar para a floresta novamente.

— Eu tenho gostado de ter você aqui comigo, — disse ele, de repente.

O estômago de Serena se contorceu com tais palavras, pois ela sabia o que significavam. — Eu gosto de estar aqui.

Ele se virou para ela e, em seguida, a segurou pelos ombros. — O que quer que seja isso que vamos enfrentar, já começou.

— Eu sei. Quando nós vamos partir?

— Durante a noite.

Ela assentiu e pegou a mão dele. — Então temos que aproveitar ao máximo o nosso tempo.

— Serena, existe alguma maneira de eu convencê-la a voltar para cá?



Ela queria chorar. Não somente por seu tempo com Drogan, que estava terminando, mas porque ela sabia que ele realmente queria que ela voltasse. Como ela poderia lhe dizer que, apesar de seus desejos, ela iria morrer?

Em vez das lágrimas, porém, ela forçou um sorriso. — Talvez.

Essa pequena palavra iluminou os olhos de Drogan, e um enorme sorriso substituiu seu cenho franzido. — Então vou fazer o meu melhor para que tudo acabe rapidamente.

Serena também gostaria que o melhor de Drogan fosse suficiente, pensou consigo mesma. Ele não tinha ideia de como ela desejava ficar neste castelo místico com o mar batendo contra os rochedos.

Ela tinha que ter cuidado, no entanto. Os olhos de Drogan a observavam atentamente, e ela não queria que ele descobrisse quão verdadeiras foram as palavras de Francesca. Se ele descobrisse, suas ações poderiam mudar tudo aquilo que manteria Gerard, Maris e Jocelyn vivos.

— Mostre-me o mar, — pediu Serena.

Drogan sacudiu a cabeça. — Não é seguro.

Ela levantou uma sobrancelha para ele. — Você está me dizendo que o grande Senhor Drogan não tem uma rota de fuga segura para o mar?

Ele riu e balançou a cabeça. — Você sabe que tenho.

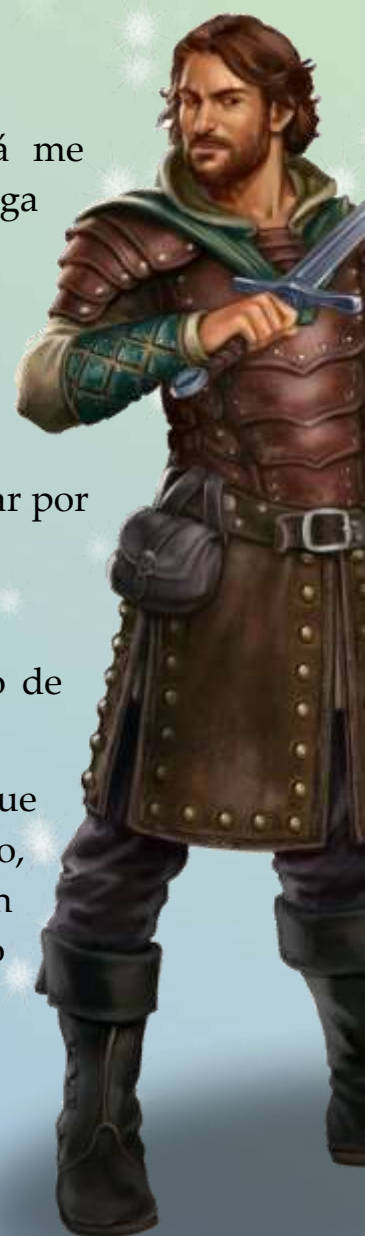
— Por favor, — implorou ela, agarrando as mãos dele. — Apenas por um momento. Eu quero ver o mar com você.

— Eu não deveria. — Ele suspirou. — Não poderemos ficar por muito tempo.

Serena quis pular de alegria. — Sério?

— Só me deixe avisar Phineas onde estaremos, em caso de problemas.

Serena mal podia ficar parada enquanto esperava que Drogan retornasse. Phineas e Francesca estavam no grande salão, e Serena decidiu permanecer junto à porta enquanto Drogan falava com eles. Agora, enquanto observava, viu Phineas virar o olhar para ela antes de voltar a falar com Drogan.



Ela queria desesperadamente saber o que ele disse, mas não iria vasculhar sua mente para descobrir. Apesar da nuvem que pairava sobre eles, Serena se recusava a permitir que algo estragasse seu tempo a sós com Drogan.

Ele eventualmente retornou para ela, um sorriso puxando seus lábios.
— Você está pronta?

— Oh, sim, — ela disse, consciente que seu sorriso era enorme.

— Então venha, minha senhora. O mar nos espera, — Drogan disse enquanto oferecia seu braço para ela.

Serena segurou no braço dele e o seguiu conforme Drogan os guiava para o que ela pensou ser o calabouço do castelo. Ele virou à esquerda quando chegaram a uma bifurcação no túnel, mas o labirinto que se seguiu a deixou tão desorientada e perdida que ela ficou muito tonta para se opor ao que quer que fosse. Ela pode, entretanto, ouvir o som das ondas quebrando violentamente contra os rochedos ainda antes deles alcançarem à porta de saída.

Ela parou e fechou os olhos enquanto ouvia. Ao lado dela, Drogan pegou sua mão e inalou profundamente.

— Eu amo o som das ondas. Sempre me sinto um pouco diminuído por conhecer o poder que elas têm.

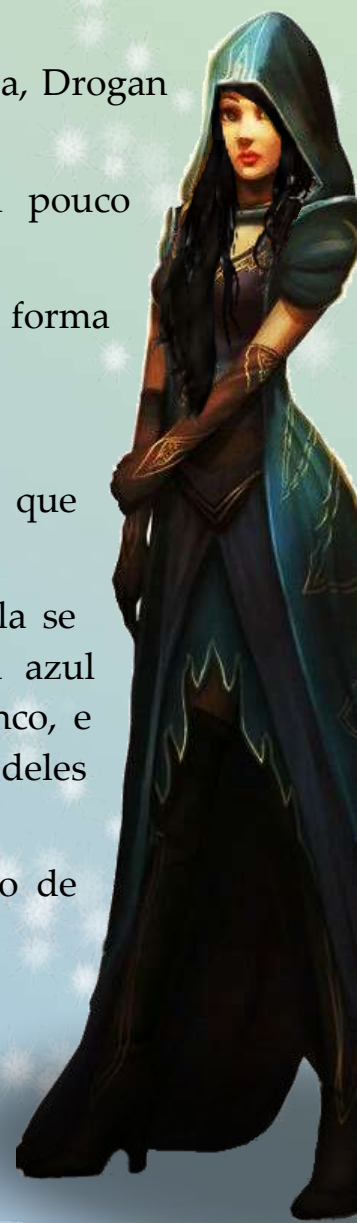
Ela abriu os olhos e olhou para ele. — Nunca pensei dessa forma antes, mas você tem razão.

— Claro que tenho. Sou um homem.

Ela revirou os olhos e o puxou atrás de si. — Não acho que posso esperar outro momento para ver o mar.

Drogan então empurrou a pesada porta de madeira, e ela se viu olhando para as águas agitadas. As ondas eram de um azul profundo e se desvaneciam até chegar a um tom puro de branco, e pássaros voavam acima, cantando sua música maravilhosa. Um deles até mesmo mergulhou na água e voltou com um peixe nas garras.

Ela engasgou, ansiosa para ver muito mais. — Que tipo de pássaro é esse?



— Um falcão americano⁹.

— Eles têm um canto lindo.

Drogan não conseguia tirar os olhos de Serena. Sua excitação era fascinante, e embora ele sempre tivesse amado o mar, nunca tinha estado tão ansioso para compartilhá-lo.

Ele puxou-a para fora da porta do túnel e a conduziu para perto da água. — As correntes são rápidas, — ele disse quando ela parou pouco antes de uma onda tocar a borda de seu vestido. — Já vi muitos homens serem arrastados para o mar porque não respeitaram o poder da água.

— Eu posso ver algumas das correntes se olhar perto o suficiente.

Ele assentiu. — Estas águas são perigosas, mas sempre fascinaram meu povo.

— E você? — Ela perguntou quando levantou os olhos para encará-lo.

Ele observou seus vívidos olhos azuis. — Definitivamente.

— Oh. — Ela olhou por cima do ombro.

Drogan sorriu, pois sabia que ela estava estudando o castelo.

— Não tinha percebido que o castelo foi construído tão à beira das falésias.

— Meus antepassados eram muito inteligentes. Essa é uma grande defesa. — Drogan olhou para o castelo muito acima deles.

— Não faz mal que seu tio viva na ilha, também.

Drogan riu. — Não, não faz.

Ele sentou-se e a deixou vagar sozinha. Eventualmente ela se agachou, fuçou na areia e encontrou uma concha. Drogan sorriu quando ela se levantou e veio mostrá-la a ele. Ele sabia que nunca se esqueceria deste dia enquanto vivesse.



9

Também conhecido como Peneireiro-vulgar.



Quão irônico era ele ter finalmente encontrado alguém que afastava a escuridão, apenas para perdê-la logo em seguida? Apesar do que ela havia dito nas ameaças, ele sabia que ela estava mentindo. Ela deixaria Wolfglynn e nunca mais voltaria.

Ele tinha certeza que esse era o plano dela, pelo menos. Mas ele tinha outras ideias. Poderia levar anos, mas ele iria convencê-la a voltar para ele.

Ela pertencia a Wolfglynn, tanto quanto ele.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

Seu tempo na praia terminou cedo demais. Ele não podia arriscar ficar fora por muito tempo, entretanto, apesar de seu desejo. Serena não reclamou quando eles voltaram para o castelo, mas sua tristeza era visível em seus olhos.

Ele a parou antes de abrirem à porta do grande salão, e virou seu rosto para encará-lo: — Quando isso tudo terminar, vamos passar um dia inteiro na praia, — prometeu.

Ela assentiu, mas ele queria mais. — Eu lhe dou minha palavra, Serena.

— Eu sei. — Tristeza torceu seus lábios.

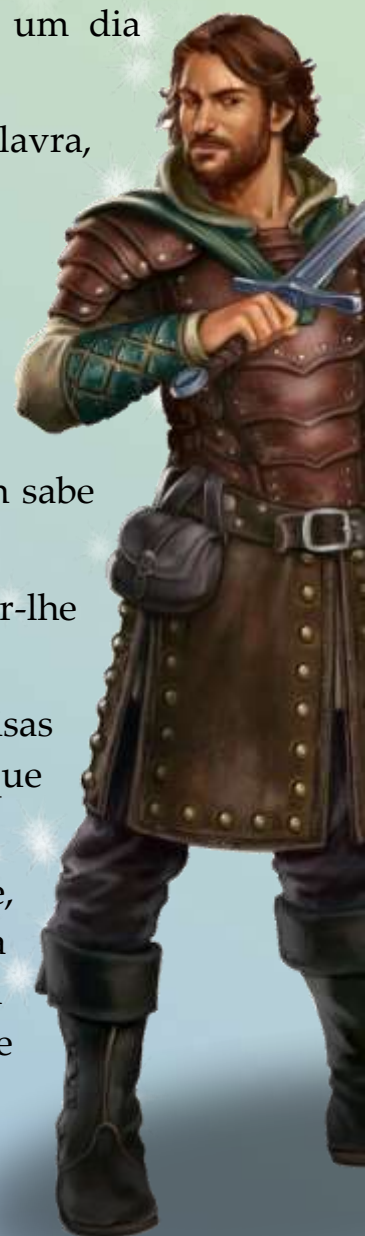
Ele inclinou o rosto dela na direção do dele. — Então por que tenho a sensação de que você nunca mais pretende ver o mar de novo?

Ela correu os dedos ao longo dos lábios dele. — Ninguém sabe o que o futuro nos reserva.

— Agora você está mentindo, — disse ele, antes de beijar-lhe os dedos.

— Eu não gostaria de estragar o dia de hoje falando de coisas sobre as quais nada sabemos. Vamos gastar o pouco tempo que ainda temos curtindo um ao outro.

Drogan queria saber o que ela estava escondendo dele, mas era sábio o suficiente para concordar com o que ela propunha. Então ele apenas sorriu e abriu a porta para que ela pudesse entrar no grande salão. Enquanto ela falava com Maris e



Francesca, porém, ele foi para o pátio verificar com seus homens como estavam as coisas.

— Grayson, — Drogan gritou quando viu seu comandante.

O cavaleiro rapidamente fez seu caminho para Drogan. — Meu Senhor.

— Como vão as coisas?

— Estamos seguindo o cronograma, e os homens estão prontos.

— E os homens que estão fazendo a ronda do lado de fora?

Grayson olhou para os portões do castelo. — Eu não os vi e nem ouviu nada a respeito deles, meu senhor.

— Eles não deram qualquer sinal? — Drogan perguntou, preocupação nublando seus pensamentos.

— Não ainda.

Isso não era bom. — Quando foi a última vez que eles fizeram a checagem?

— Cerca de meia hora antes de-

Drogan levantou a mão para detê-lo. Ele sabia que Graysonalaria sobre o cavaleiro morto. — Vamos dar-lhe mais algumas horas. Se você ainda não tiver qualquer sinal deles depois disso, vamos sair e verificar nós mesmos.

— Sim, — Grayson concordou, e uma estranha luz piscou em seus olhos.

Drogan assentiu, sabendo que o cavaleiro estava tão ansioso para a batalha quanto ele. Quando ele se virou para sair, viu Gerard caminhando em sua direção com uma carranca no rosto.

— Está tudo bem? — Perguntou Gerard.

— Por agora. Nós temos algumas horas antes de você e sua família partirem com Phineas.

Gerard assentiu. — Sob o manto da escuridão.

— Essa é a minha ideia. Pelo que posso dizer, o bastardo veio sozinho, o que significa que não pode monitorar tanto o castelo quanto o mar.



— E o seu plano é ter certeza de que ele está monitorando o castelo, — disse Gerard com um pequeno sorriso conhecedor.

— Exatamente.

Mas seu sorriso logo desapareceu, substituído pelo olhar de um cavaleiro bem treinado e pronto para a ação. — Você poderia se beneficiar de outra espada.

Drogan levantou a mão e sacudiu a cabeça. — Não quero mais ouvi-lo falar assim. Serena e Maris arrancariam minha cabeça se você ficasse, e francamente eu gosto bastante de onde ela está agora. Portanto, não ache que você vai me fazer mudar de ideia sobre isso, porque não vai.

— Eu quero que você saiba, porém, que se alguma coisa acontecer com você, eu vou vingá-lo.

Drogan apertou a mandíbula. Ninguém nunca tinha lhe dito tais palavras antes, e ele estava espantado por ter tido sorte o suficiente para ter Gerard como amigo enquanto vivesse.

— Obrigado, meu amigo, mas eu preferiria que você ficasse vivo para ver sua filha crescer, e para ter mais filhos com Maris.

Gerard sorriu tristemente e olhou para longe. — Se eu soubesse como as coisas acabariam, acho que teria feito tudo diferente naquele dia.

Aquele dia. Drogan odiava pensar naquele dia, quase tanto quanto detestava falar sobre isso.

— Não, — disse a Gerard. — Não nos faz nenhum bem voltar ao passado.

— Os pesadelos ainda me assolam, — Gerard disse, como se não tivesse lhe ouvido. — Você ainda tem pesadelos sobre aquele dia?

Drogan queria mentir. Ele tentou mentir. Mas no final só pode acenar com a cabeça em concordância.

— Eles ficaram menos frequentes ao longo dos anos, — Gerard continuou. — Mas ainda me atormentam, e acho que sempre o farão.



— Eu sei que sim.

Gerard olhou atentamente para ele. Drogan tentou desviar o olhar, mas seu amigo não iria permitir.

— A escuridão está se aproximando de você.

Drogan não negou. Não havia necessidade. — Vou ficar bem.

— Não, não vai. Eu já estive onde você está agora, Drogan, e sei o que se sente. Foi um inferno.

Era muito pior do que isso. — Eu não vou deixar isso ser mais forte que eu.

— Você não tem escolha, meu amigo, — Gerard disse com tristeza. — Eu sempre pensei que nunca reclamaria você. Pensei que fosse forte demais para isso.

Drogan deu de ombros. — Eu sou apenas um homem, Gerard. Eu vivo com pecados que a maioria dos homens sequer podem compreender. É quase um milagre eu ter resistido por tanto tempo.

Por vários momentos eles ficaram em silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos sobre aquele dia fatídico que virou a maré de suas vidas.

— Você acha que é Cade? — Perguntou Gerard.

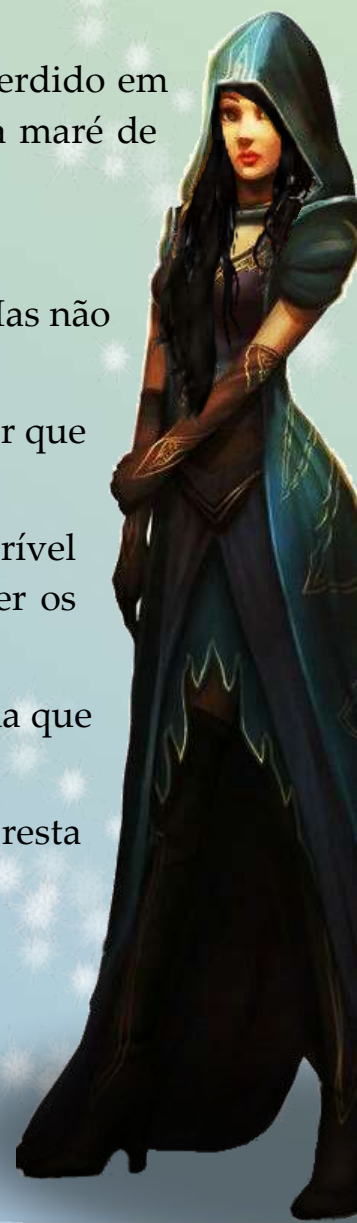
Drogan passou a mão pelo cabelo. — Não tenho certeza. Mas não posso imaginar Nigel vindo para nos matar pessoalmente.

— Ele teria que fazê-lo, se já tiver matado Cade e não quiser que mais ninguém saiba o que ele fez.

Drogan fechou os olhos, tentando bloquear a memória terrível que Gerard tinha revivido. — Alguns homens não têm que saber os motivos se lhes for pago o suficiente.

— É verdade. Suponho que você não vá saber até que tenha que enfrentá-lo.

Drogan abriu os olhos. — Passe o tempo que lhe resta descansando com sua esposa antes de sua viagem.



— E você? O que você vai fazer? Não pense que eu não vi a maneira como você e Serena olham um para o outro.

Drogan sabia que Gerard estava procurando por respostas. — Serena e eu encontramos um pouco de felicidade e, embora ela se recuse a dar-me sua palavra de que vai voltar para mim e para Wolfglynn, eu pretendo garantir que ela o faça.

— Então você a ama?

Amor. Não era algo em que Drogan tinha pensado. — Eu não sei se chamaria o que sinto de amor. Ela... alivia a inquietação em mim, me faz esquecer todo mal que cometi.

Gerard assentiu. — Maris fez o mesmo comigo. Eu diria que é amor.

— Eu não sei o que é amor, Gerard, e por isso não posso afirmar que estou apaixonado. E também não quero afirmar qualquer coisa quando pode não ser nada mais que luxúria.

Gerard sorriu. — Diga-me, meu amigo, você tomaria Serena como sua esposa, como eu ouvi seu povo comentar?

Drogan gemeu. — Não dê ouvidos aos rumores que abundam no meu castelo.

— Você ainda não me respondeu. Você se casaria com ela?

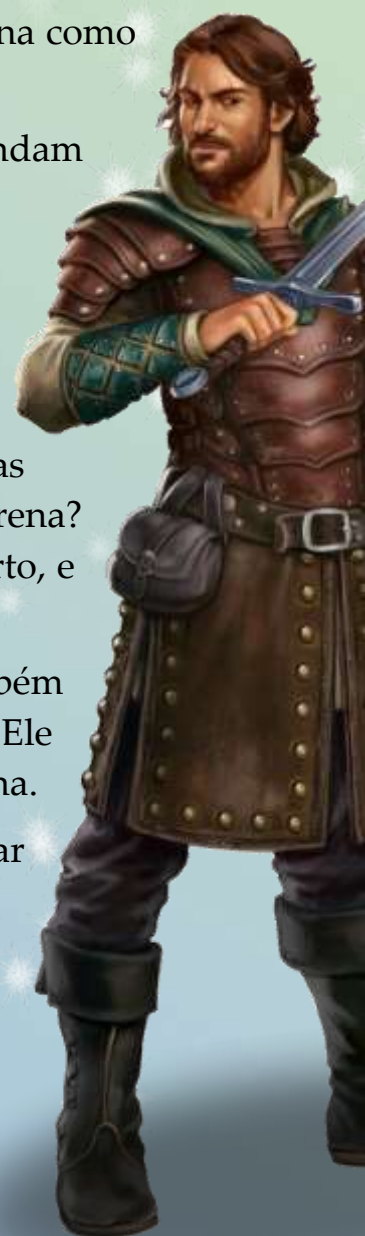
Drogan olhou para o amigo. — Sim.

— Então é amor.

Gerard caminhou de volta para o castelo, suas palavras ecoando na mente de Drogan. Amor. Era isso que sentia por Serena? Era isso que fazia seu coração palpitar quando ela estava por perto, e deixava uma dor vazia dentro dele quando estavam separados?

O amor nunca tinha sido uma parte de sua vida, e também não era algo que ele poderia pedir para alguém explicar-lhe. Ele afastou o pensamento e correu para o castelo, para procurar Serena.

Suas horas juntos estavam acabando, e ele queria passar tanto tempo com ela quanto possível.



Serena colocou Jocelyn cuidadosamente para dormir em seu berço. Ela tinha passado a última meia hora balançando a bebê, até que ela dormiu em seus braços. Nunca antes Serena quis um filho seu, não depois de experimentar o medo e a raiva de sua mãe. Mas isso foi antes dela provar os beijos de Droган, e sentir suas carícias, e ouvi-lo sussurrar seu nome quando gozava.

— Você tem uma ligação especial com a criança, — Francesca disse enquanto parava ao lado de Serena.

— De certa forma. — Serena sentou-se à mesa no grande salão. Ela havia prometido a Maris vigiar Jocelyn enquanto ela garantia um pouco de descanso muito necessário.

Francesca se juntou a ela e cruzou os braços sobre o colo. Serena estava espantada com quão tranquila a *bana-bhuidseach* era, apesar de tudo que estava acontecendo ao seu redor.

— Por que você não contou a ele? — Perguntou Francesca.

— Contar o quê a quem?

Francesca olhou para ela com os olhos semicerrados. — Ao Senhor Droган.

— E o que eu deveria contar a ele?

— Que você está planejando se sacrificar para manter ele e Gerard a salvo.

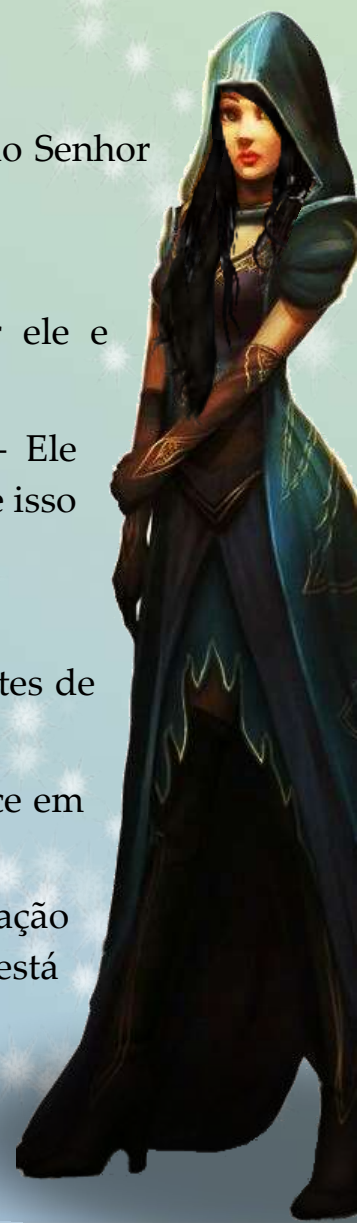
Serena circulou seus polegares um em torno do outro. — Ele não tem por que saber, já que não pode fazer nada para evitar que isso aconteça, além de se matar.

— Você se importa muito para ele.

— Eu... sim. Mas já tinha decidido seguir este caminho antes de me entregar a ele.

— Então, você preferiria morrer a criar a criança que cresce em seu ventre?

A mão de Serena voou para o seu estômago. Sua respiração saiu em um silvo, e seus olhos se estreitaram. — Por que você está



dizendo isso? É vital para o futuro da Inglaterra que Gerard e sua família vivam, assim como é vital para Wolfglynn que Drogan permanece seu Senhor.

— Você tem todo o direito de ficar com raiva de mim por estar perscrutando seu futuro e lhe dizendo coisas que não tem nenhuma vontade de ouvir, mas eu sinto que preciso fazer isso.

— Pare! — Disse Serena, ameaçando se levantar, mas Francesca pôs a mão em seu braço.

— Só me dê mais um momento, e eu prometo que não vou mais incomodá-la.

Serena olhou para os olhos da outra mulher, sua mente em guerra sobre o que fazer. Parte dela queria saber mais. Ela tinha tido muito medo de olhar para o próprio futuro, mas aqui estava uma das suas, disposta a fazer isso por ela. Mas, será que era mesmo isso que ela queria?

Ela retomou sua cadeira. — Continue.

— Você disse à Drogan que vê dois caminhos quando olha para o futuro de alguém.

— Você sabe que é a verdade. Eu não estava mentindo sobre isso.

Francesca sorriu suavemente. — Mas você não olhou para o seu outro caminho.

— Eu não vi nenhum que não envolvesse a morte de Gerard, Maris e Jocelyn, porque acredite, se houvesse outra maneira, eu ficaria feliz em tentar.

— Você já olhou depois de ter entregado a si mesma à Drogan?

Isso tomou toda a sua atenção. — Não, — ela admitiu em um sussurro.

— Talvez devesse. — Francesca sorriu e se afastou.

Serena quase a chamou de volta. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse olhar para o seu próprio futuro. Ver a morte de outra pessoa era forte o suficiente, mas ver a própria morte foi devastador, e ela já tinha tido essa experiência uma vez.



Ela não poderia passar por isso de novo.

Nem mesmo por Drogan, ou pelo filho deles?

Ela suspirou e enfiou a mão no berço para tocar a mão minúscula de Jocelyn enrolada em um punho. Uma criança sua. Ela poderia realmente ter uma vida crescendo em seu útero, ou Francesca só estava jogando algum tipo de jogo perverso com ela?

De qualquer maneira, ela sabia que tinha apenas uma opção: olhar para o seu futuro.



CAPÍTULO VINTE E SETE

Parecia que horas haviam se passado desde que Francesca tinha deixado Serena sentada no grande salão, embora ela soubesse que tinham sido apenas alguns minutos. Seus pensamentos estavam ocupados com o que Francesca tinha dito, fazendo Serena se perguntar se poderia olhar para o seu futuro novamente.

Mas, apenas o pensamento de fazer tal coisa a deixou tremendo. Ela nunca tinha gostado dessa parte de suas habilidades, e sempre que possível a procurou evitá-la.

No entanto, o pensamento de estar com Drogan, pelo tempo que fosse, deixou-a com um grão de esperança que ela não tinha antes, o suficiente para fazê-la duvidar de si mesma, algo que não fazia normalmente.

Repentinamente, um dedo, calejado e grosso, correu pela seção descoberta de seu pescoço.

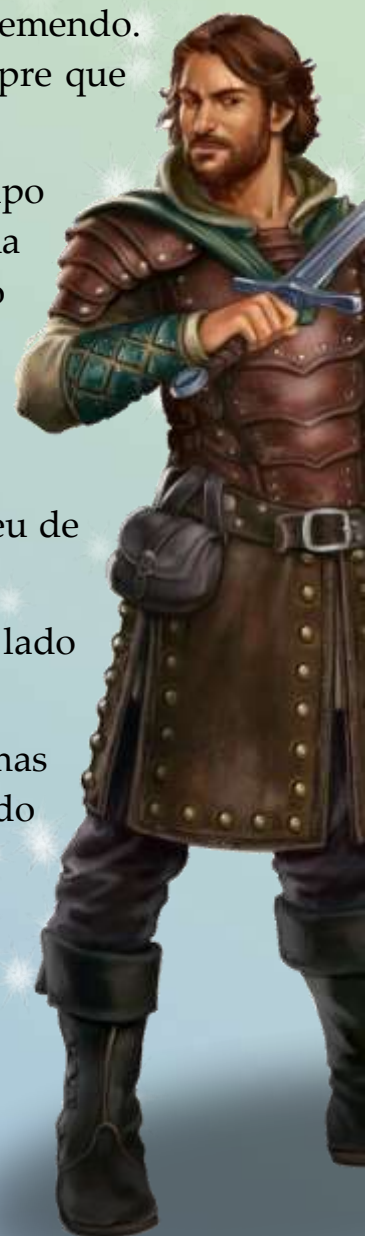
Em seguida o cheiro de Drogan a engoliu, e ela se esqueceu de tudo além dele.

— Perdida em pensamentos, não é? — Perguntou ele ao lado de sua orelha.

Suas palavras a ludibriaram. Ela pensou ter concordado, mas não tinha certeza. Suas mãos continuaram a tocá-la, acariciando sua pele e enviando ondas de prazer por todo seu corpo.

— Quanto tempo você precisa ficar com Jocelyn?

Ela encolheu os ombros.



A suave risada dele retumbou por seu peito. — Parece que eu vou ter que cuidar disso.

— Cuidar de que? — Gerard perguntou enquanto caminhava em direção a eles.

Serena voltou a si e saltou de sua cadeira, rapidamente olhando ao redor da sala para ver se alguém os tinha visto.

— De nada, — disse Drogan.

Gerard murmurou alguma coisa e pegou sua filha. — Ela lhe deu algum problema, Serena?

— Ela foi um anjo. — Ela beijou o rosto da criança. — Será que Maris conseguiu descansar?

— Tanto quanto possível. Ela acordou diversas vezes, preocupada com Jocelyn.

— Então a leve logo para a mãe, — disse Serena, enxotando Gerard.

— Ah, — Drogan disse, dando um passo mais perto. — Enfim sós. O que devemos fazer até a hora do jantar? — Uma luz diabólica brilhou em seus olhos, prometendo-lhe paixão incalculável.

— Você não tem deveres para cumprir?

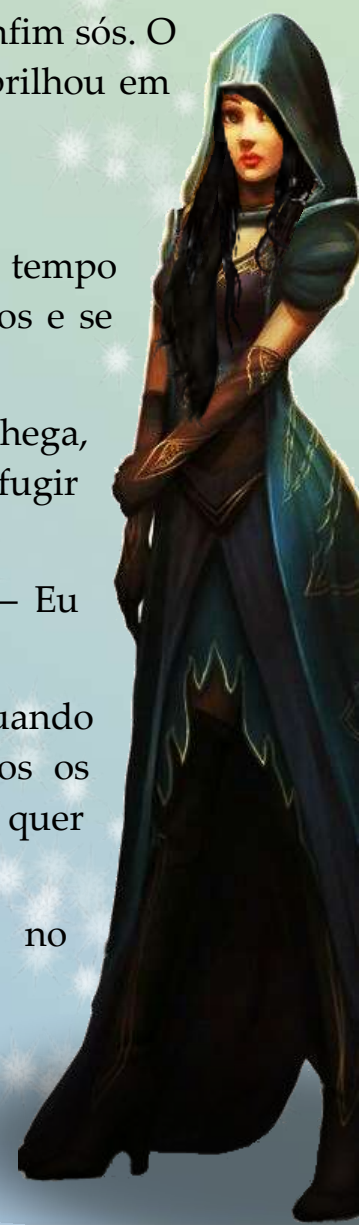
— Já cuidei de tudo, mas suponho que poderia passar o tempo com meus cavaleiros em vez de com você. — Ele deu de ombros e se virou para sair.

Serena pegou a mão dele, incapaz de esconder o riso. — Chega, meu senhor, — ela disse, enquanto ele fingia uma tentativa para fugir dela.

Drogan eventualmente desistiu e parou perto da escada. — Eu só precisava saber se você realmente me queria.

Serena revirou os olhos e começou a subir as escadas quando ciúme, puro e profundo, a assaltou. Ela tentou observar todos os cantos do corredor sem Drogan perceber, porque sabia que quem quer que tivesse lhe atirado a pedra estava assistindo-os agora.

E, Serena tinha certeza, estaria assistindo novamente no futuro.





Drogan fechou e trancou a porta do quarto de Serena depois que eles entraram. — Enfim, sós.

Ela sorriu, embora ele pudesse ver sua tristeza pelo que estava por vir.

— Lembra-se do que você me disse?

— O quê? — Perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado.

— Você disse que queria aproveitar o tempo que ainda temos.

Ela assentiu.

— Então não pense sobre o que está por vir. Não quero que nada estrague estas últimas horas.

Ela pegou a mão que ele lhe oferecia, e ele a puxou para perto, passando os braços a sua volta. Ela inclinou o rosto para cima, para poder olhar para ele com aqueles olhos azuis, brilhantes e honestos.

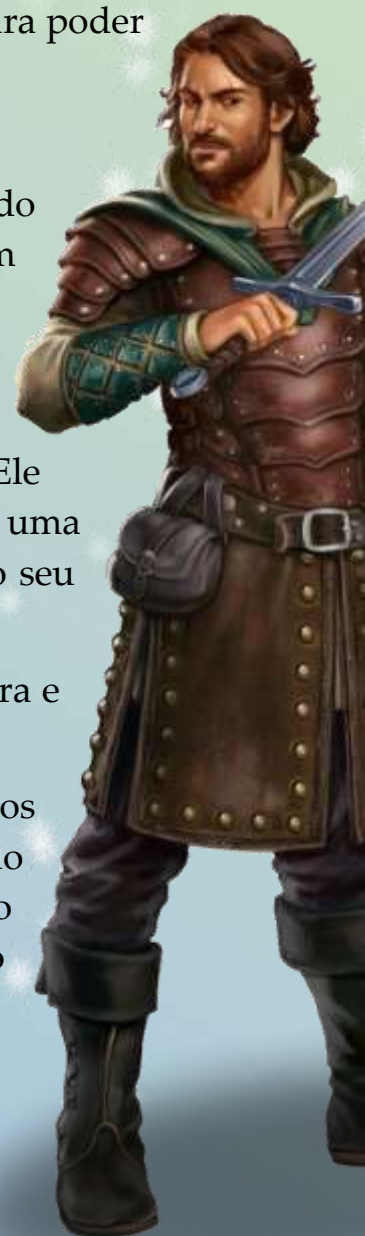
— Você é o homem mais bonito que eu já vi.

As palavras dela o surpreenderam. Ele já havia sido chamado de muitas coisas por muitas pessoas, mas ninguém jamais lhe acusou de ser bonito. — Não. É a sua beleza que supera a de um nascer do sol.

Seus olhos se encontraram com os dela, e a única coisa na qual ele podia pensar era em fundir seu corpo com o dela. Ele baixou a cabeça até que seus lábios estavam a distância de uma simples respiração. A boca dela se abriu, buscando ar, enquanto seu peito continuava a subir e descer rapidamente.

Ela o queria, e saber disso lhe causou uma emoção tão pura e doce que ele quase caiu de joelhos.

Ele não podia mais esperar, então grudou seus lábios nos dela. A doce embriaguez do seu beijo deixou-o fraco e desejando mais. Suas mãos trabalharam rapidamente, e ele tirou-lhe o vestido e o resto das roupas, jogando-as descuidadamente no chão.



Os dedos dela se juntaram aos dele conforme ela o despiu, e quanto mais eles se apressavam, mais seus dedos se enrolavam. Eles riram e compartilharam milhões de beijos enquanto descartavam suas vestes.

Assim que ele estava nu como ela, ele a pegou e a levou para a cama, onde a deitou. Ele então se estendeu a seu lado, deitando de lado enquanto corria a mão de seu rosto até seu tornozelo.

Ela era incrível, e ele não podia acreditar que estava com ele. Mas, será que ela ainda permaneceria se descobrisse a verdade sobre ele e seu passado ímpio?

— Serena. Eu quero te contar por que esse homem está atrás de mim e Gerard.

Ela levantou um dedo aos seus lábios. — Shh. Mais tarde. Agora eu só quero sentir você dentro de mim. Nada mais.

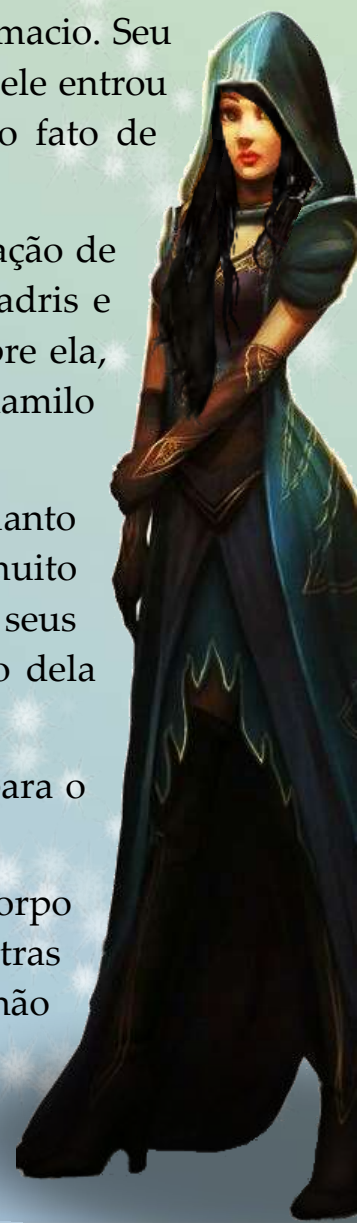
Drogan esperava ainda ter coragem de lhe contar sua história mais tarde, porque os pensamentos de seu passado e a sempre presente escuridão foram logo esquecidos quando ele se maravilhou em seu abraço macio. Seu pênis tinha ficado duro e desejando-a desde o momento em que ele entrou no grande salão e a encontrou sentada sozinha. O espantava o fato de nunca conseguir o suficiente dela.

Sua boca beijou ao longo do oco de sua garganta e a elevação de seus seios enquanto suas mãos continuavam a esfregar seus quadris e coxas, separando suas pernas. Ele eventualmente se inclinou sobre ela, apoiando seu peso em suas mãos, e se inclinou para tomar um mamilo tenso em sua boca.

Serena gritou e agarrou os ombros largos de Drogan enquanto sua boca e língua lhe causavam arrepios de prazer. Seu pênis muito duro mal tinha tocado seu sexo, mas ela já estava movendo seus quadris contra ele, embora Drogan tenha se afastado um pouco dela quando percebeu sua intenção.

— Ainda não, — ele murmurou, antes de mover a boca para o outro seio.

Ela não sabia quanto mais poderia aguentar. Seu corpo precisava dele agora, embora Drogan claramente tivesse outras ideias. Não importava o quanto ela o apertou e puxou, não



conseguia guia-lo para dentro de si. Mas, quando ele começou a beijar sua barriga e descer, abrindo suas pernas, ela não pensou em nada disso. Quando seus dedos mergulharam em sua umidade, tudo o que ela pode fazer foi suspirar e aproveitar o prazer que ele fornecia.

Mas quando a língua dele lambeu sua carne inchada, ela sentiu um calor liquido, mais quente que sangue, bombear por seu corpo. Suas pernas se abriram mais, permitindo-lhe mais acesso, e suas mãos amassaram os lençóis enquanto o quadril balançava contra ele.

Ela entrou numa espiral fora de controle por causa dos golpes maliciosos de sua língua, e justo quando pensou que não poderia mais aguentar, finalmente atingiu o clímax, tão forte que fez luzes piscarem por trás de seus olhos.

Seu corpo ainda convulsionava com o poderoso orgasmo quando Drogan deslizou para dentro dela. Ela colocou os braços e as pernas em torno dele, e então ele a segurou, de forma a fazê-la montá-lo, e encostou-se à parede.

Com as mãos em seus quadris, ele a guiou para cima e para baixo em seu pênis. Serena logo descobriu que se empurrasse com seus pés junto com as investidas dele, podia ganhar mais força e profundidade. Ela deixou seu corpo assumir enquanto movia seus quadris junto com Drogan, até sua respiração tornou-se difícil e desigual.

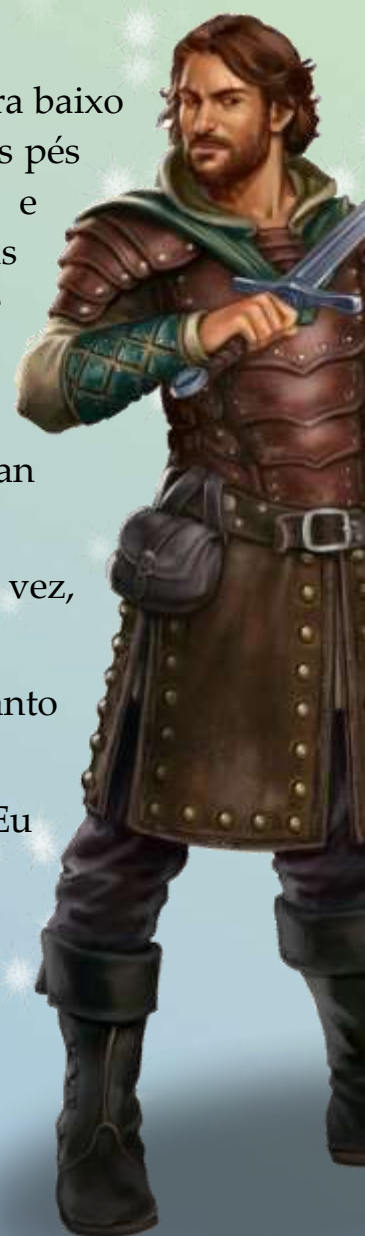
Para sua surpresa, sentiu outro clímax se aproximando, e acelerou o ritmo. Assim que seu corpo explodiu outra vez, Drogan ficou tenso, e apertou-a contra seu peito enquanto gozava.

Quando Serena foi capaz de respirar normalmente outra vez, ela abriu os olhos e encontrou-se aninhada contra o peito dele.

— Eu ainda estou vendo estrelas, — ele disse, enquanto afastava alguns fios de cabelo do rosto dela.

Ela se levantou, mas sentiu-o ainda dentro de si. — Eu também.

— Não me provoque, — ele alertou.



— Eu não sou fazendo nada. — Ela respondeu, arregalando os olhos quando o sentiu começar a crescer novamente dentro dela.

Ele sorriu e a rolou, até ficar em cima dela. — Eu avisei para não me provocar, — disse ele, pouco antes de beijá-la mais uma vez.



— Pare com isso, — disse Gerard a sua esposa, que continuava a andar pelo quarto.

— Não consigo evitar. Eu me preocupo com Serena. E acho que ela pode fazer algo imprudente.

Gerard riu. — Serena nunca é imprudente, amor.

Maris revirou os olhos e, em seguida, olhou para ele. — E como você chama o que ela está fazendo com Drogan? Sensatez? Ela sabe da maldição.

— Sim, — Gerard tentou confortar Maris. — Ela conhece a maldição. Mas Serena é uma mulher adulta e capaz de tomar suas próprias decisões.

— Eu não quero que ela sofra.

Gerard suspirou e olhou para fora da janela. — Nem eu, mas acho que isso está fora de nossas mãos.

— Quando partimos? — Maris perguntou enquanto enxugava as lágrimas.

— Esta noite. Drogan vai nos garantir algum tempo de distração para que possamos fugir sem sermos vistos.

Ela cruzou os braços sobre os seios. — Eu não gosto disso.

— Nem eu, mas conheço Drogan. Ele poderia me superar se quisesse. Ele é bom, Maris. Possivelmente o melhor.

Gerard não sabia se tinha acalmado alguns dos temores de sua esposa, mas descobriu uma coisa com essa conversa. Ele nunca poderia deixar Drogan aqui para enfrentar o inimigo sozinho. Gerard ajudou a cometer o pecado hediondo, e ficaria aqui com Drogan para se arrepender.



Havia apenas algumas coisas que precisava fazer primeiro.



Serena não queria acordar, mas a realidade de sua vida estava se intrometendo com o incessante barulho na porta do seu quarto.

Ao lado dela, Drogan suspirou e puxou as mantas da cama, para que quem abrisse a porta não o visse nu.

— Vou ver quem é, — Serena disse enquanto deslizava para fora da cama e vestia seu vestido.

Ela abriu a porta e encontrou Gerard em pé no corredor. Ela percebeu também que um brilho envergonhado iluminava o rosto dele enquanto ele olhava por cima do ombro para os dois lados do corredor. Serena sabia, entretanto, que havia algumas razões para que ele a procurasse em seu quarto esta noite, e nenhuma delas a confortou. — O que aconteceu? Jocelyn e Maris estão bem?

— Sim, — disse ele, olhando ao redor novamente. — Você viu Drogan?

— Por quê?

— Porque eu preciso falar com você.

Serena não gostou do olhar selvagem e determinado em seus olhos. Ele parecia prestes a fazer algo precipitado e insensato. — Sobre o que?

— Eu não vou sair esta noite. Vou ficar e ajudar Drogan.

Ela agarrou a porta e orou para Drogan permanecer oculto. Ela tinha que descobrir tudo o que Gerard havia planejado primeiro. — Você deve ir com Maris. É importante.

— Não, — ele gritou, em seguida, baixou a voz. — Esse mal está atrás de mim.

— Você sabe tão bem quanto eu que uma vez que esse homem acabar com você, ele virá atrás de Drogan, — ela argumentou.



— Drogan e eu cometemos o mesmo pecado, Serena. Eu não posso permitir que ele enfrente as consequências sozinho.

Ela sabia que não conseguiria fazê-lo mudar de ideia, então teve que pensar rapidamente em um novo plano. — Tudo bem, — ela cedeu com relutância. — Vou te ajudar.

Ele relaxou e lhe deu um pequeno sorriso. — Eu sabia que podia contar com você, — disse ele antes de desaparecer pelo corredor.

— Você não está planejando de verdade em ajudá-lo, certo?

Serena saltou quando a voz de Drogan soou perto de seu ouvido. Ela virou-se e encontrou-o em pé ao seu lado, então calmamente fechou e trancou a porta.

— Claro que não, mas também sei que não há como dissuadir Gerard de algo quando ele já tomou uma decisão. Ele é muito teimoso.

— Eu sei, — disse Drogan, suspirando. — Eu esperava que ele não tentasse qualquer coisa assim, mas no fundo sabia que ele o faria.

— Bem, ele não vai me perdoar, mas tenho um plano que vai garantir que ele saia daqui com seu tio.

— Vamos nos preocupar com o perdão dele mais tarde. — Drogan alcançou a mão dela e a arrastou de volta para a cama. — Agora eu tenho outra coisa em mente.



CAPÍTULO VINTE E OITO

O entardecer se aproximava quando Drogan e Serena saíram do quarto.

Nenhum deles queria que seus momentos juntos terminassem, mas o tempo não estava do lado deles.

Serena tentou conseguir uma oportunidade para olhar para o seu futuro, mas Drogan não a deixou longe de sua vista por mais de um momento ou dois. Ela passou a mão sobre a barriga, desejando saber com certeza se seu ventre carregava uma vida, se havia mesmo outro caminho que ela poderia tomar.

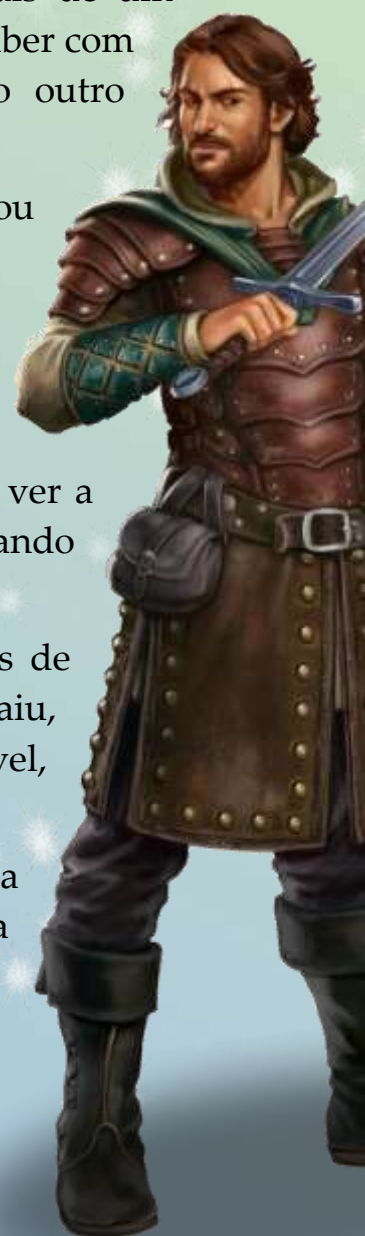
— Você pegou tudo que precisa? — Drogan sussurrou enquanto desciam as escadas para o grande salão.

— Sim. Basta manter Gerard ocupado, que eu vou cuidar do resto.

Quando chegaram ao corredor, Drogan a deixou para falar com seus cavaleiros. Ela olhou para fora das janelas, para ver a escuridão que já estava caindo. Suas horas aqui estavam se esgotando como se fossem areia escorrendo por entre seus dedos.

Ela conseguiu caminhar para o estrado e sentar-se antes de sentir uma pontada de aversão tocá-la. O sentimento logo se esvaiu, fazendo Serena acreditar que quem quer que fosse o responsável, teve sua atenção dividida.

Só então Claire se aproximou do estrado, dando a oportunidade de Serena chamá-la enquanto se levantava da mesa. — Preciso da sua ajuda.



— Qualquer coisa, milady. O que posso fazer?

— Há alguém aqui que faria qualquer coisa para ter o Senhor Drogan como marido. Sabe de quem falo?

Claire desviou o olhar e deu de ombros. — Não há muitas mulheres no castelo que não desejam o Senhor Drogan como marido.

— Sim, — Serena concordou. — Mas há alguém que nutre mais do que um desejo inocente. E eu preciso saber quem ela é.

Claire torceu as mãos e mordeu o lábio. — Eu esperava que ela já tivesse percebido como está sendo tola.

— Quem? — Serena perguntou enquanto agarrava os braços de Claire.

— Georgina.

Agora que Serena tinha um nome, perguntou à Claire. — Ela está aqui agora?

A servo assentiu, com lágrimas nos olhos. — Ela é uma boa menina, senhora.

— Eu sei, — disse Serena, na esperança de acalmar Claire. — Agora, você se importa de aponta-la para mim? Há algo que eu e ela precisamos discutir.

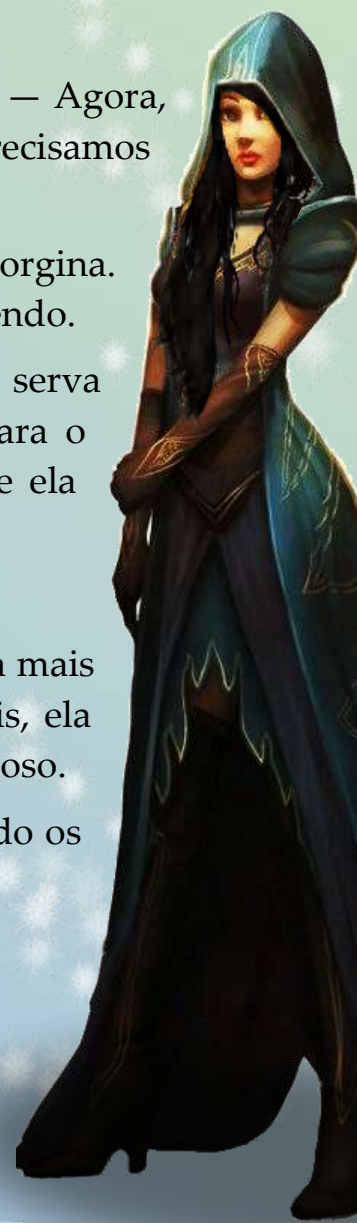
Ela seguiu o dedo de Claire quando ela apontou para Georgina. — Obrigada, — sussurrou para Claire enquanto a criada saía correndo.

Serena respirou fundo e saiu em direção a Georgina. A serva estava se afastando de uma mesa quando olhou novamente para o estrado. Seus olhos se arregalaram quando não viram Serena, e ela rapidamente começou a procurá-la pelo salão.

— Procurando por mim? — Perguntou Serena.

A menina virou-se, e Serena se viu olhando para a criatura mais linda que já tinha visto. Se não fosse o ódio em seus olhos azuis, ela seria perfeita, com sua altura, corpo esguio e cabelo dourado glorioso.

— Você tem uma boa pontaria, — disse Serena, flexionando os ombros. — Minhas costas ainda doem.



— Não fiz nada além daquilo que você merece, — Georgina rosnou.

Serena sabia que era hora de colocar um fim nessa história. — Eu não estou aqui para me casar com o Senhor Drogan, Georgina. Você teria descoberto isso se simplesmente tivesse me perguntado, ou a Claire.

— Você está mentido.

Serena estava prestes a perder a paciência. Ninguém gostava de ser chamado de mentiroso. — Eu não minto. Sim, é verdade que o senhor Drogan é agradável aos olhos, mas eu estou aqui com meus amigos, e todos vamos sair em breve.

Um pouco do ódio abandonou os olhos de Georgina, e ela jogou para trás a trança loira que estava sobre seu ombro. — Sério?

Serena assentiu. — Você é uma mulher bonita. Tenho certeza de que todo homem em Wolfglynn a quer como esposa.

— Todo homem, menos o Senhor Drogan. — Ela fez beicinho.

— Nós não podemos ter tudo o que desejamos. Esse é o motivo pelo qual você o quer?

Georgina olhou para longe, recusando-se a manter contato visual com Serena. — Não.

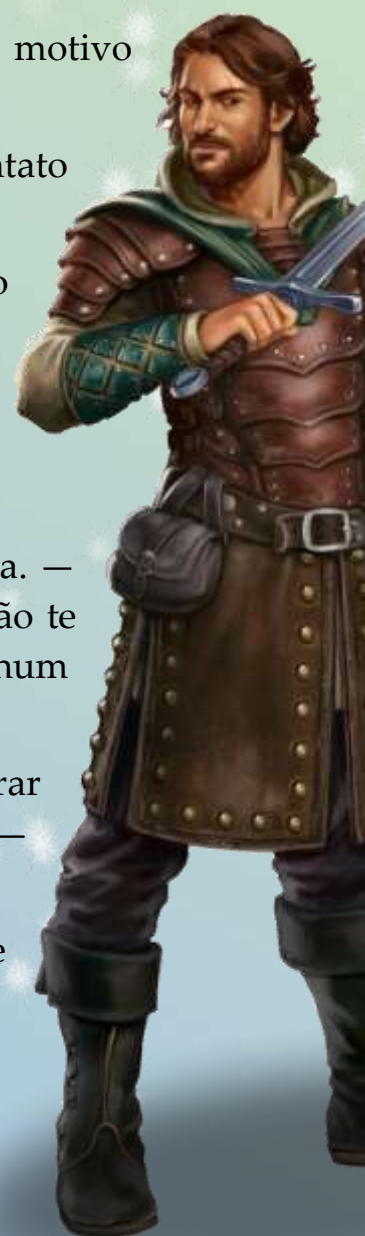
— Agora você está mentindo, — Serena disse quando sentiu o mal-estar da garota. — Quem perde é o Senhor Drogan por não ver sua beleza.

A boca de Georgina se levantou num pequeno sorriso. — Eu nunca pensei nisso dessa forma.

— Agora, por favor, pare com tanto ciúme, — disse Serena. — Escolha algum dos outros homens e pare de sofrer por quem não te dá o devido valor. Basta olhar para os que estão aqui hoje; nenhum deles tirou os olhos de você por toda a noite.

Ambas as mulheres olharam ao redor para encontrar diversos olhos masculinos em Georgina. — Eu nunca percebi, — ela disse, admiração baixando sua voz.

— Então estou feliz por ter podido ajuda-la, — disse Serena, já caminhando de volta para o estrado.



— O que foi isso? — Drogan perguntou quando ela sentou-se ao seu lado.

— Georgina queria você, porque você nunca a tinha notado.

Drogan engasgou com o vinho. — Não tinha notado? Serena, ela praticamente ficou nua na minha frente.

— Então por que você não a quis?

Ele encolheu os ombros. — Não tenho certeza. Eu só não a queria.

Ele não quis Georgina. Mas não havia nada que ela pudesse fazer, por exemplo, se alguma outra mulher chamasse a atenção de Drogan.

Sua refeição chegou em seguida, dando-lhes mais tempo para conversar. Serena tinha outras coisas em sua mente além da comida, embora. Ela tinha muito pouco tempo para levar a cabo seu plano, e tudo deveria correr bem para que ninguém suspeitasse de nada.

Drogan inclinou-se e perguntou: — Você está pronta?

Serena assentiu, rezando para que ele não soubesse que ela tinha mais de um plano em movimento.

— Vai ficar bem, — disse Drogan.

Ela queria gritar que não, não ficaria, mas deu-se conta que sua garganta já não funcionava. Em vez disso, apenas balançou a cabeça novamente e quase chorou quando ele apertou sua mão por baixo da mesa.

A refeição foi consumida sem interferência de Serena. Ela brincou com a comida no prato enquanto as pessoas ao seu redor falavam e riam, como se a espécie mais mortal do mal não estivesse se aproximando dos portões de Wolfglynn e vida de odos não estivessem em jogo.

Ela não os culpava, embora. Como ela desejava poder rir e brincar e agir como se o destino não tivesse lhe aplicado um golpe muito cruel.

— Pronta?

Os olhos castanhos dourados de Drogan a observaram com uma pitada de preocupação, e ela sentiu outra vez a escuridão que



estava sempre tão perto dele. Se ela apenas pudesse ficar para ajudá-lo a combatê-la.

— É agora ou nunca, — disse ela, segurando o pequeno frasco na palma da mão e entre dois dedos da mão direita, de modo a não ser visto.

Ela pegou a taça com a mão esquerda e empurrou sua cadeira para trás. Seus joelhos vacilaram e seu estômago revirou, mas não porque ela estava prestes a trair um amigo. Era porque as coisas estavam em movimento, e ela não tinha nenhuma maneira de parar o tempo, sem importar o quanto desejava uma pausa.

Quando ela chegou perto de Maris e Gerard, parou e colocou a taça tão perto da de Gerard quanto possível.

— Você conseguiu descansar o suficiente? — Perguntou a Maris.

Maris riu. — Com uma criança, nunca há suficiente descanso.

Serena forçou uma risada e olhou para Gerard, que não conseguia manter contato visual com ela. Serena sabia que ele estava com medo de Maris descobrir o que ele pretendia, e desejou poder ter contado à amiga sobre seu plano.

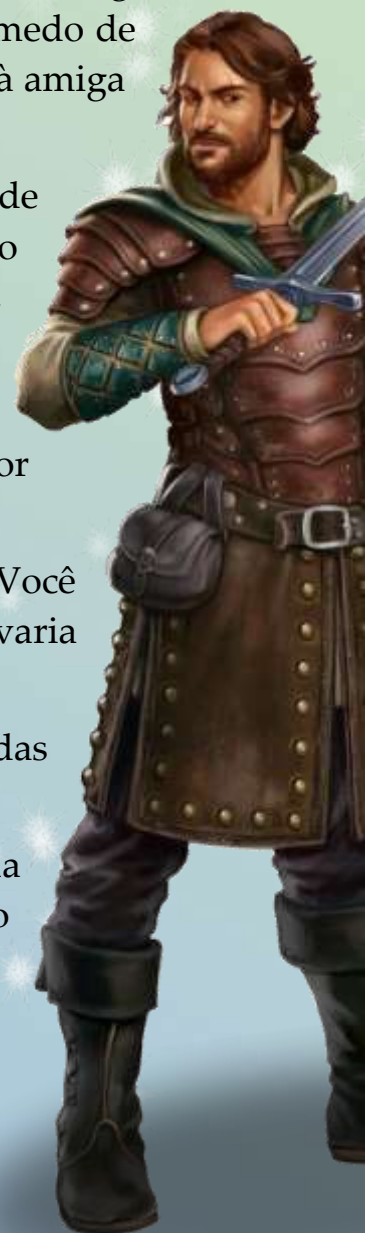
Entretanto, ela apenas ouviu enquanto Maris falava de coisas inconsequentes, balançando a cabeça e concordando como se estivesse prestando atenção. Como Maris continuou a falar, Serena estendeu a mão direita para alcançar a taça de Gerard.

O frasco escorregou e quase caiu de sua mão quando ela tentou derramar seu conteúdo na taça dele. Ela mordeu o interior de sua boca e se concentrou em sua tarefa.

— Whoa, — Gerard disse, agarrando o pulso dela. — Você quase bebeu da minha taça, e duvido que minha esposa aprovaria isso.

Serena riu com ele e Maris enquanto enfiava a mão atrás das costas. — Me perdoe. Pensei que fosse a minha.

Ela então pegou sua taça e voltou para seu lugar. A calma que sempre tinha sido uma parte dela havia evaporado, deixando seus nervos crus e a flor da pele. E ela não gostou nada disso.



Drogan se inclinou e sussurrou enquanto ela se aproximava: — Quanto tempo?

— Pelo menos uma hora. — Ela se abaixou para pegar um fiapo imaginário na bainha de seu vestido. — Se planejamos isso direito, deve fazer efeito quando estivermos no barco.

— Perfeito.

Sim, perfeito. Serena se endireitou e fechou os olhos, e sua mão pousou sobre sua barriga enquanto sua mente girava com dúvidas. A verdade era que, se Francesca não tivesse plantado essa semente de dúvida na sua mente, ela saberia o que fazer nesta noite.



Drogan manteve um olhar atento sobre Gerard até ele terminar seu vinho e encher novamente sua taça. Então ele soltou um suspiro reprimido e sentou-se, encontrando Serena o estudando. Ele sabia o que estava na mente dela, entretanto.

— Eu não vou deixar, — disse ele.

Ela balançou a cabeça. — Não, não vai. Eu já vi isso.

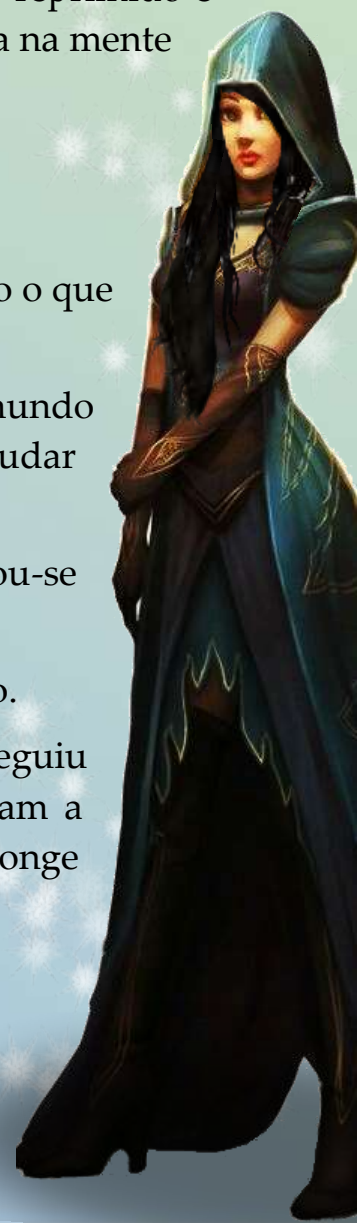
Ele se inclinou para apoiar os braços sobre a mesa. — Então o que te preocupa? O que você não está me dizendo?

— Dois caminhos, Drogan, — ela murmurou. — Todo mundo tem caminhos a tomar. As escolhas que uma pessoa faz podem mudar o resultado de seu futuro.

Drogan abriu a boca para falar quando Grayson aproximou-se do estrado.

— Meu senhor, uma palavra, por favor, — disse o cavaleiro.

Drogan empurrou a cadeira para trás da mesa e seguiu Grayson. Ele ouviu passos atrás de si, já sabendo que pertenciam a Gerard e Phineas. Grayson não parou até atingirem o pátio, bem longe de ouvidos indiscretos.



Era evidente, a partir agitação de Grayson, que algo estava errado. — O que está acontecendo? — Perguntou Drogan.

— Os homens postados na mata. Eles não deram qualquer sinal.

Drogan olhou para o céu, observando o início do anoitecer, restando agora somente uma simples sugestão do sol conforme ele mergulhava no horizonte. Não havia mais tempo para esperar.

Ele virou-se para as portas do castelo e viu Serena ali, a luz do grande salão brilhando atrás dela. Seu tempo juntos tinha acabado.

A dor em seu peito foi devastadora quando se deu conta dessa realidade, quase deixando-o de joelhos. Mas, a raiva pelo bastardo que ousava perturbar sua vida, pelo contrário, o deixava ansioso para encontrá-lo e acabar com ele.

— Você sabe o que fazer, — Drogan disse Grayson, sem tirar os olhos da Serena.

Uma mão pressionou seu ombro quando Gerard parou ao seu lado. — Este não é o fim.

Mas Drogan não tinha tanta certeza. Havia algo que Serena não estava lhe contando. Ele sabia que se estivesse relacionado com ele, ela iria alertá-lo, para mantê-lo vivo. O que ele temia era justamente o contrário: que tivesse algo a ver com ela.

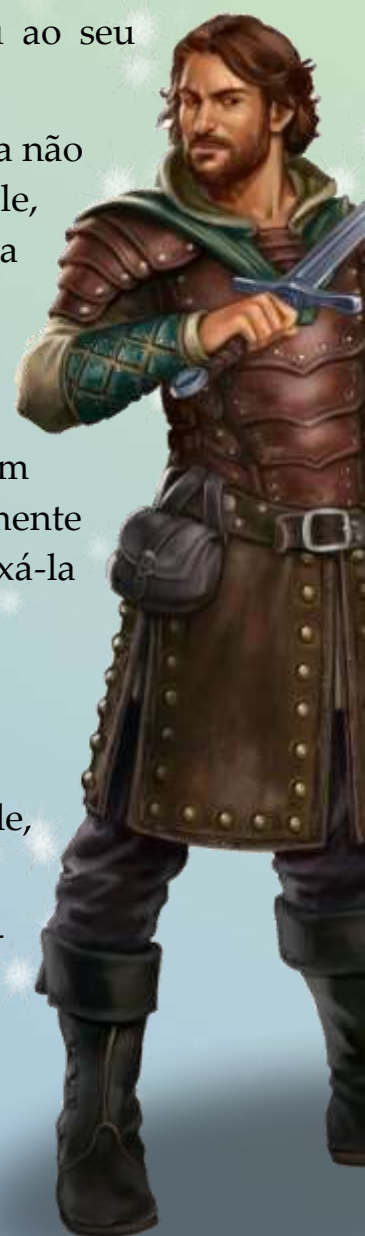
Ela tinha sido inflexível sobre ficar para trás para ajudá-lo, e quando ele tinha insistido que ela deveria embarcar com Gerard e sua família, ela não disse mais nada. Mas ele não era um tolo. Ele sabia que ela tinha algum outro plano em sua mente inteligente, embora não houvesse nenhuma maneira dele deixá-la ficar. Ela tinha que ir para um lugar seguro.

— Fique de olho nela, Gerard, — disse Drogan.

— Você tem minha palavra.

Drogan observou seu amigo caminhar para o castelo. Ele, porém, parou na porta e disse algo a Serena antes de continuar.

— Eu vou pegar Francesca e me preparar para partir, — disse Phineas.



Drogan acenou para o tio e fez seu caminho em direção a Serena. Quanto mais se aproximava, mais podia perceber que ela estava lutando contra as lágrimas.

— Eu pensei que teríamos mais tempo, — disse ele.

— O que está feito está feito. Deve terminar esta noite, Drogan. — Ela olhou para baixo e lambeu os lábios. — Eu devo ir e ajudar Maris, — disse ela antes de se virar.

Drogan desejava detê-la e puxá-la para os seus braços, mas estava com medo de que, se o fizesse, nunca mais fosse deixá-la partir. Então ele esperou até ela estar fora de vista antes de começar a subir as escadas para se preparar.

Uma vez em seu quarto, ele olhou para sua armadura. Seu adversário seguramente estaria vestindo uma, mas Drogan sabia que poderia se mover mais rápido sem tanto peso. Ele ficaria mais vulnerável, mas esse era um risco que estava disposto a assumir.

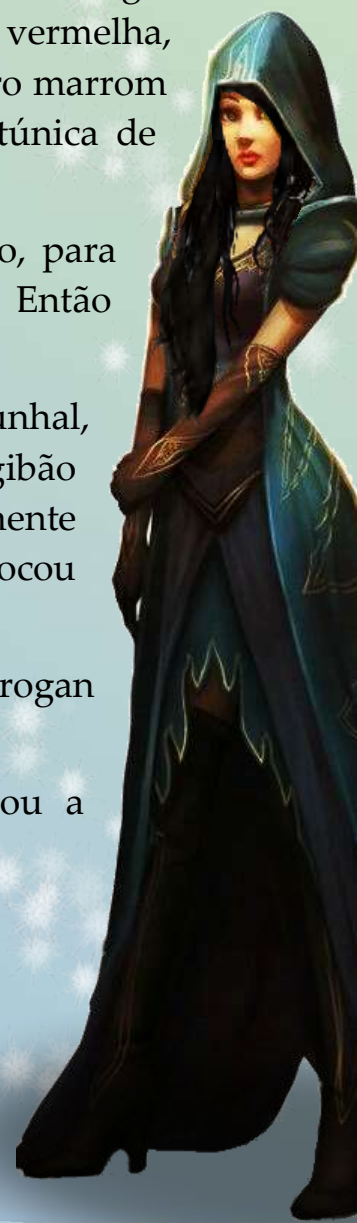
Ele abriu seu baú e revirou a mão dentro dele até achar seu gibão acolchoado e sua cota de malha. Então tirou sua boa túnica vermelha, calções pretos e botas novas. Em seu lugar, vestiu calções de couro marrom e suas favoritas botas velhas. Ele colocou o gibão sobre uma túnica de couro macio, e então a cota de malha sobre tudo.

Ele amarrou o cabelo para trás com um pedaço de couro, para mantê-lo fora de seus olhos, e, em seguida, vestiu as luvas. Então flexionou suas mãos e começou a arrumar suas armas.

Em sua bota, ele colocou um punhal longo e fino. Outro punhal, mais curto e com a lâmina mais grossa, ele escondeu debaixo do gibão acolchoado, em suas costas. Seu punhal favorito, que era ligeiramente curvado e media a metade do comprimento de sua espada ele colocou em seu quadril direito.

O ouvi de um lobo solitário ecoou na noite, alertando Drogan que o perigo estava se aproximando.

— Chega de fugir, — Drogan disse quando embainhou a espada.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

Drogan viu seus homens esperando por ele. Suas botas batiam nas pedras de paralelepípedos do pátio enquanto caminhava em direção aos seus cavaleiros. Serena estava longe de ser encontrada, mas ele achou melhor assim. O pensamento de dizer-lhe adeus era muito angustiante para considerar.

— Você sabe o que fazer, — disse Grayson.

— Eu gostaria que você reconsiderasse, — o cavaleiro disse enquanto caminhava com Drogan até seu cavalo, que estava aguardando junto ao portão.

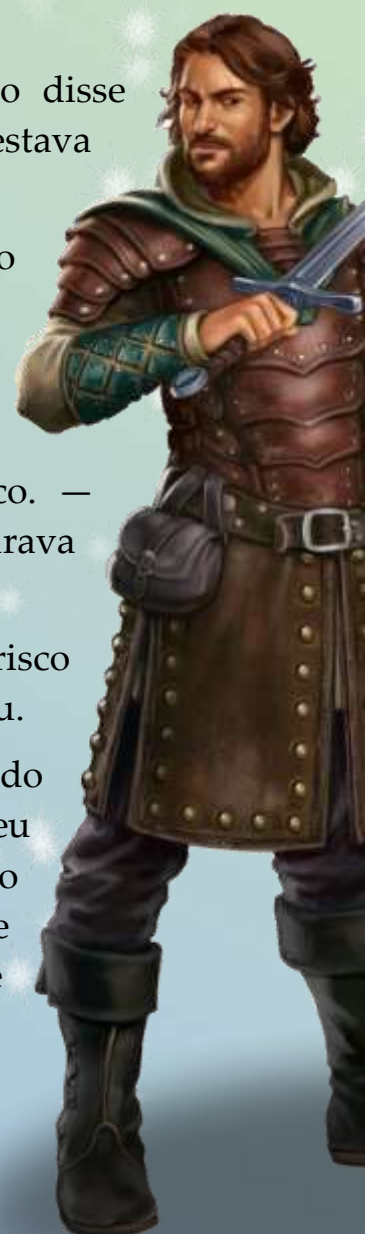
— Isto é um problema meu. Levar algum de vocês comigo só vai garantir uma coisa: suas mortes.

Grayson bufou. — Certamente um único homem não pode enfrentar a todos nós.

— Talvez não, mas não estou disposto a correr o risco. — Drogan ajustou a sela, dando-se algum tempo enquanto procurava Serena.

— Diga-me então por que você está disposto a correr o risco de deixar o povo de Wolfglynn sem um senhor. — Grayson exigiu.

Drogan lentamente endireitou-se e olhou para seu segundo em comando. — Eu nunca lhe fiz quaisquer perguntas sobre o seu passado, Grayson, embora saiba que você não é nenhum cavaleiro humilde. Você está fugindo de alguma coisa, mas eu nunca me intrometi. Peço que você faça o mesmo por mim agora. Isso não é da sua conta.



— Verdade, — Grayson admitiu. — Você nunca perguntou sobre o meu passado, mas não pode pensar em arriscar sua vida assim tão desnecessariamente. Seu povo precisa de você.

— Desnecessariamente? — Drogan rugiu. Ele deu um passo mais perto de Grayson e baixou a voz. — Você não faz ideia do quanto me assombram os pecados do meu passado. Estou cansado de fugir deles. — Ele apontou para o portão. — Lá fora está um pecado eu posso resolver, e é isso que eu vou fazer.

Grayson deu um breve aceno de cabeça. — Bem. Mas saiba disso: se eu ver qualquer indício de que você está em apuros, vou montar para me juntar a você.

— Você não vai ver nada, — Drogan prometeu. Ele estava quase montando em seu cavalo e preparando-se para sair quando sentiu cheiro de lavanda.

Virando-se, encontrou Serena de pé atrás de Grayson. Drogan ficou um pouco confuso pela onda de emoção furiosa que percorreu seu corpo, mas havia uma coisa que ele não podia mais negar: ele amava Serena.

Ela caminhou até ele e ficou na ponta dos pés para encostar os lábios nos dele. Mas Drogan queria mais, e por isso passou os braços em volta dela e apertou-a contra seu corpo. Quando terminou o beijo, colocou seu rosto contra o pescoço dela, inalando seu perfume doce.

— Eu vou te buscar quando isso acabar, — prometeu. — Espere por mim.

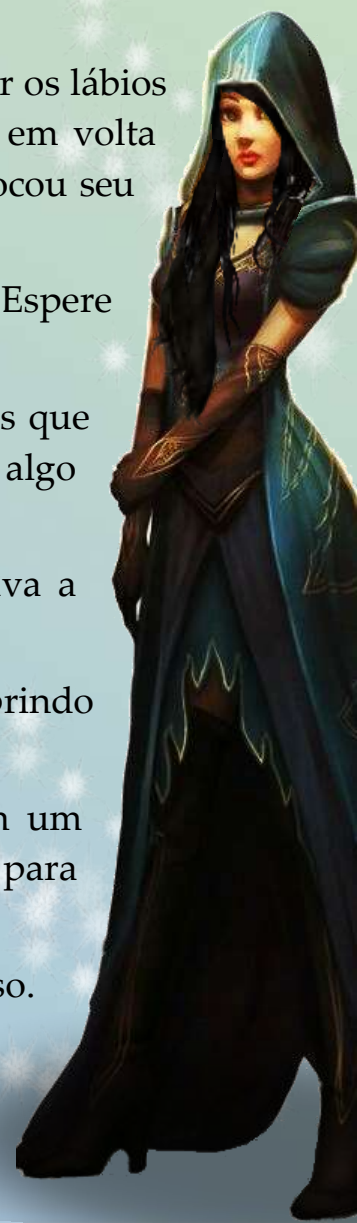
Ela afastou-se de seus braços e sorriu através das lágrimas que ameaçavam transbordar de seus belos olhos azuis, e então puxou algo sobre a cabeça, oferecendo-o a ele.

— O que é isso? — Drogan perguntou enquanto segurava a mão fechada dela.

— Isso é tudo que me resta da minha mãe, — disse ela, abrindo a mão e dando-lhe algo.

Drogan olhou para baixo e viu uma longa corrente com um medalhão gravado com marcas estranhas. Ele levantou os olhos para Serena e balançou a cabeça. — Não posso aceitar.

— É um presente, Drogan. Eu quero que você fique com isso.



Ele sabia o que ela estava fazendo: lhe dando algo para que ele sempre se lembrasse dela. Será que ela não percebia que ele não poderia esquecê-la nem se tentasse?

Drogan segurou a corrente e passou-a sobre a cabeça. Deu mais um olhar para o estranho emblema antes de colocá-lo debaixo de sua túnica e gibão. — Vou te devolver isto quando voltar.

Ela sorriu tristemente. — Tenha cuidado e mantenha os olhos abertos.

Sua falta de resposta não lhe passou despercebida, mas ele sabia que devolveria o medalhão a ela de qualquer forma. Ele abaixou-se e beijou-a mais uma vez, para que o gosto dela estivesse em seus lábios quando saísse.

Acontece que o beijo instantaneamente acordou seu corpo, fazendo ansiar por mais dela. Com pesar, ele quebrou o contato e se afastou, passando a mão enluvada em seu rosto. Ele desejou poder contar-lhe sobre seus sentimentos, mas as palavras ficaram presas em sua garganta.

— Serena-

— Eu sei, — disse ela. — Por favor, seja cuidadoso. Por mim.

— Eu vou.

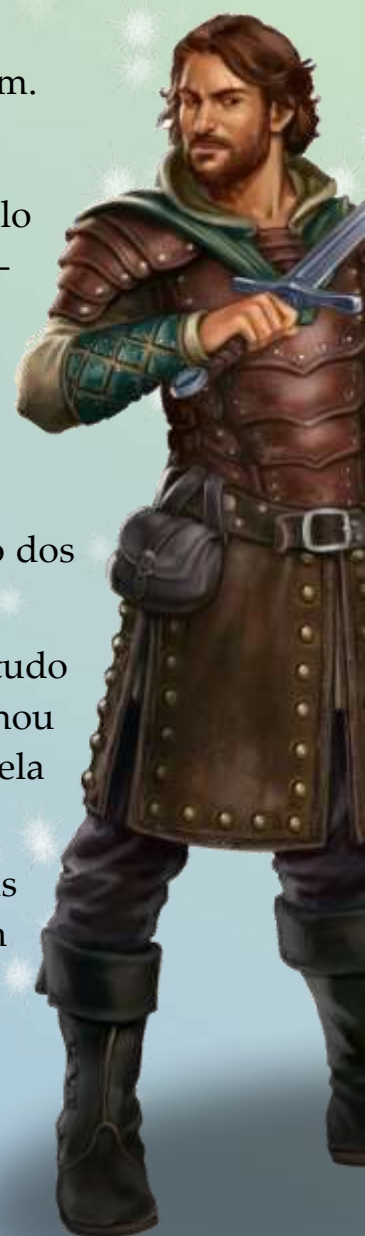
Ele balançou a cabeça e acenou para Grayson acompanhá-lo até os portões. — Certifique-se de que ela saia com meu tio, — disse Drogan. — Eu quero a sua palavra de que não vai deixá-la fazer qualquer coisa tola.

— Você tem minha palavra, — disse Grayson antes de bater com o punho direito sobre o coração.

Drogan montou, e já estava virando seu cavalo na direção dos portões quando Gerard veio cavalgando em sua direção.

— Droga, — Drogan murmurou. Ele tinha esquecido tudo sobre Gerard e a poção de dormir que Serena lhe dera. Ele olhou para Serena, e pode dizer, por sua expressão de surpresa, que ela também tinha esquecido.

— Você não vai sair sem mim, — disse Gerard. — Nós dois fazemos parte disso, meu amigo, e nós dois vamos acabar com isso.



Drogan o observou. Gerard continuava piscando os olhos e balançando a cabeça. — Está tudo bem? — Perguntou Drogan.

— Estou bem e pronto para a batalha.

Com o canto do olho Drogan viu Serena agarrar Grayson e guiá-lo até o cavalo de Gerard. Ele ainda pode ouvir Gerard xingar pouco antes de cair de lado para fora da sela, sendo prontamente apanhado por Grayson.

— O que aconteceu? — Maris gritou quando ela correu para socorrer o marido.

— Serena o salvou, — disse Drogan. — O plano dele era ficar comigo enquanto você e Jocelyn saiam com meu tio.

— Ele não ousaria, — Maris disse entre dentes, apoiando as mãos nos quadris enquanto olhava para o marido dormindo aos pés de Grayson. Ele me deu sua palavra.

Drogan deu de ombros. — Serena cuidará dele. Vocês devem ir até a praia e sair daqui, agora.

Ele esperou até que Grayson (carregando Gerard no ombro), Maris, Serena e Phineas estivessem fora de vista antes de se virar para os portões e encarar seu destino.

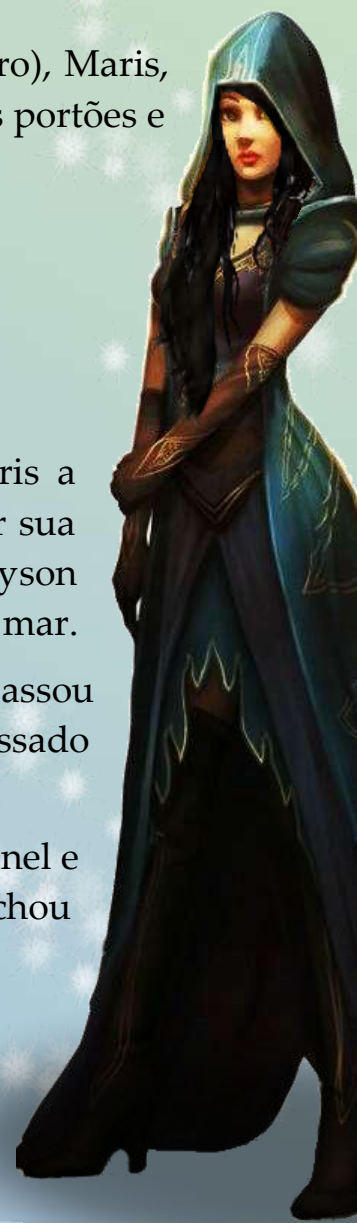
— Abra a porta, — ele gritou.



Serena carregava Jocelyn enquanto Phineas ajudava Maris a carregar seus pertences e os de Gerard para o barco. Gerard, por sua vez, descansava molemente sobre o ombro largo de Grayson enquanto eles atravessavam o labirinto de túneis que levava até o mar.

Serena lutou para pensar em nada além do tempo que passou com Drogan nesses mesmos túneis. Seu tempo juntos tinha passado tão rapidamente, como se fosse um sonho.

Saudade atravessou seu coração quando ela emergiu do túnel e sentiu a água do mar pulverizando-a com uma névoa fina. Ela fechou os olhos e segurou Jocelyn um pouco mais apertado.



Ela ainda não tinha decidido o que fazer. Ela sabia que precisava ficar e ajudar Drogan, para que ele sobrevivesse, mas essa opção significaria a morte da criança que crescia em seu ventre. Ela não tinha tido tempo de vasculhar seu futuro, mas sabia que havia vida crescendo dentro dela. Ela não precisa olhar para seu futuro para saber disso.

— Serena?

Ela encontrou Maris olhando para ela. Serena caminhou até o barco e entregou Jocelyn a mãe, depois que seus amigos já tinham embarcado.

— O que você não está me dizendo? — Perguntou Maris.

Serena deixou a primeira de suas lágrimas caírem. — Eu não sei o que fazer.

— O que você quer dizer? — Maris perguntou, sua testa enrugando-se em uma carranca profunda. — Você vai com a gente. Não é?

— Se eu fizer isso, Drogan vai morrer.

Maris inalou bruscamente. — O que? Por que não deixou que Gerard fosse com ele então?

— Porque se ele fosse, todos vocês morreriam também.

Por vários momentos Maris apenas olhou para ela enquanto o barco balançava suavemente nas ondas. — Você sabia disso desde o começo, — disse Maris. — Foi por isso que insistiu em vir com a gente.

Serena assentiu. — Eu só não esperava que fosse me apaixonar.

— Isso mudou tudo, não é?

— Mais do que você imagina, — disse Serena. — Mas *você* tem que ir, e manter Gerard lá até que Drogan possa voltar para buscá-los.

— E você? — Perguntou Maris.

Serena não queria dizer que ia morrer. Em vez disso, colocou um sorriso brilhante no rosto e deu um abraço apertado na amiga. — Vou vê-la em breve.



Maris relaxada, Maris se sentou, segurando Jocelyn mais perto de seu coração. — Você me deixou preocupada por um momento.

Serena não deixou seu sorriso morrer até que se afastou do barco — que foi quando encontrou Grayson e Phineas bloqueando seu caminho.

— Não posso permitir que você vá a qualquer lugar além desse barco, minha senhora, — disse Grayson. — Eu dei minha palavra ao Senhor Drogan.

Serena respirou fundo e deu um passo para perto dos homens. — Se eu não ficar, Drogan vai morrer.

— Francesca me disse que você diria isso, — disse Phineas.

Os olhos de Serena se voltaram para o tio de Drogan. — Ela disse? E o que mais ela falou?

Phineas coçou a cabeça careca. — Me alertou para não impedi-la.

O estômago de Serena deu um nó. Quer dizer então que seu destino estava definido, apesar de suas esperanças de poder, de alguma forma, sair dessa viva. — Então deixe-me passar.

— Não, — Grayson disse, desviando-se para impedi-la de continuar.

— Grayson, por favor, — implorou Serena.

— Por quê? — Perguntou Grayson.

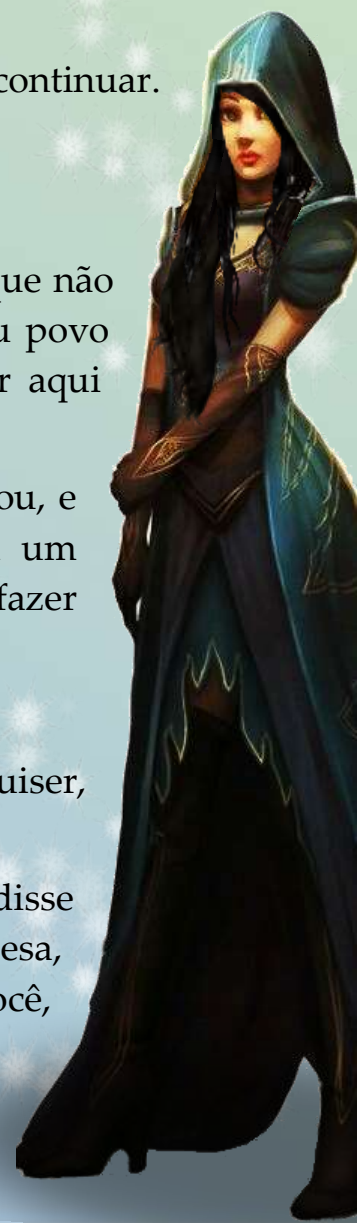
Serena franziu a testa. — Por quê? Porque eu o amo. Porque não posso suportar o pensamento de Wolfglynn sem ele. Porque seu povo precisa dele, e por causa de tantas outras razões não vou citar aqui agora, já que isso seria perca de tempo!

— O primeiro item já era suficiente, — Grayson murmurou, e então suspirou, corrigindo sua postura. — Eu nunca quebrei um juramento antes. E o Senhor Drogan me fez jurar não deixá-la fazer qualquer coisa tola.

— Não estou sendo tola.

Grayson bufou e balançou a cabeça. — Chame como que quiser, minha senhora, mas o Senhor Drogan terá minha cabeça por isso.

— Eu vou me certificar de que ele não o puna, rapaz, — disse Phineas. — Mas tenho que zarpar agora. — E para sua surpresa, Serena se viu envolta nos braços Phineas. — Eu tenho fé em você,



moça. Mantenha meu sobrinho seguro e vivo. — Ele disse, antes de se virar e caminhar para o barco.

Serena observou enquanto ele e um cavaleiro remavam para o mar, passando os braços em torno de si mesma para se proteger do vento que vinha do mar. E foi só então que ela percebeu que alguém estava faltando. Francesca.



Drogan guiou sua montaria para a floresta. O silêncio sinistro teria perturbado a maioria dos homens, mas o acalmou. Ele sabia o que o esperava, e estava pronto para enfrentá-lo.

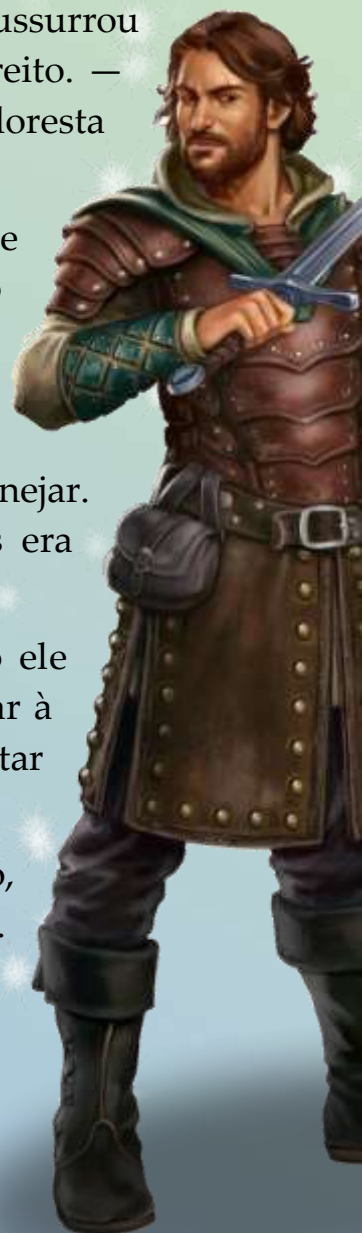
Não iria mais fugir. Nem se esconder.

Seu cavalo bufou e parou. Drogan estendeu a mão e acariciou o pescoço do animal, para acalmá-lo. — Eu me sinto mal, também, — ele sussurrou enquanto enrolava os dedos no longo punhal em seu quadril direito. — Onde você está? — Ele perguntou, olhando ao redor da floresta tranquila.

Folhas sussurraram à direita de Drogan, e ele virou-se e encontrou um lobo o observando. Por longos momentos ele e o lobo apenas encararam um ao outro. Drogan já tinha visto lobos na floresta, mas nenhum jamais havia se aventurado a chegar tão perto dele antes. Sua pelagem cinza era grossa, e seus olhos eram de um amarelo vibrante enquanto o olhava, sem pestanejar. Drogan podia jurar que o lobo estava tentando avisá-lo, mas era evidente que estava imaginando coisas.

Suas mãos agarraram as rédeas com mais força quando ele fechou os olhos e ouviu a floresta. O instinto lhe dizia para virar à esquerda e verificar seu cavaleiro, aquele que deveria estar vigiando as proximidades.

Quando Drogan abriu os olhos, o lobo tinha desaparecido, fazendo-o se perguntar se tinha mesmo visto o animal. Certamente não; o cavalo teria reagido a ter um predador tão perto.



Ele incitou sua montaria e saiu da trilha, andando sobre o acumulo de folhas no chão. Seus ouvidos estavam sintonizados para ouvir qualquer som que não fizesse parte da floresta, mas ele não ouviu nada. E era exatamente isso que o preocupava.

Uma floresta em silêncio não era uma floresta normal.

Quando Drogan empurrou para o lado o grande arbusto que crescia ao lado de um salgueiro, encontrou seu cavaleiro. Ele baixou a cabeça e apertou os dentes. O cavaleiro estava pendurado sem vida por uma corda, amarrada no mesmo arbusto que ele tinha afastado.

Obviamente Drogan não precisaria verificar os outros cinco postos de vigília para saber que seus cavaleiros estavam mortos.

Culpa pesou em sua consciência, e ele jurou se certificar de que o bastardo pagasse por isso. E agora, pelo menos, ele sabia exatamente quem estaria enfrentando: Cade.



CAPÍTULO TRINTA

Serena apertou os braços em torno de si mesma e estremeceu. O mar ficava mais turbulento a cada segundo, e ela balançava por causa do vento frio que vinha da água. Ela temia que Maris e Gerard não pudessem chegar à ilha de Phineas nestas condições.

— Eu já o vi remar um barco com tempo pior que esse, — disse Grayson ao lado dela. — E também o fiz levar um dos meus homens, já que Gerard não seria capaz de ajudar.

— Tenho certeza que você está certo, — ela disse, voltando para o castelo.

Ela caminhou até a abertura do túnel, onde tentou abrir a pesada porta de madeira, sem sucesso.

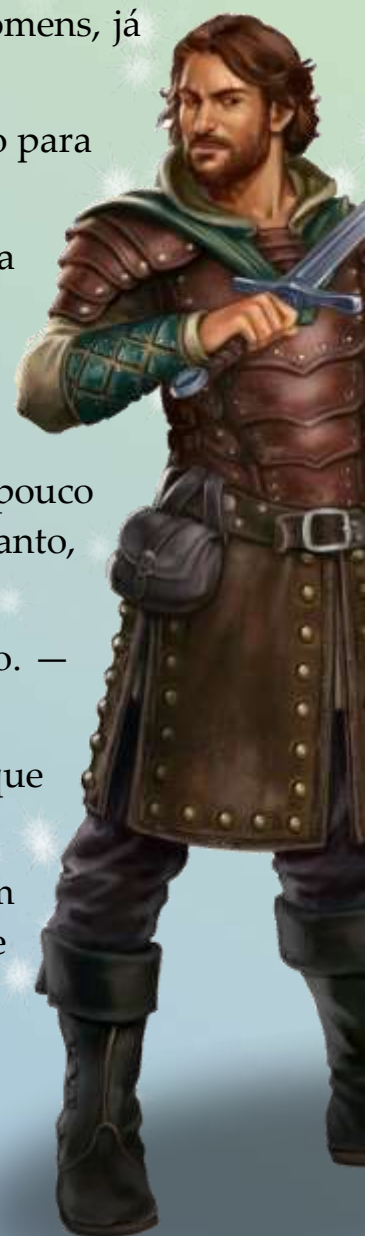
— Deixe-me, — Grayson disse, facilmente abrindo-a.

Eles entraram no túnel, e algumas poucas tochas iluminaram o caminho de volta para o castelo. Grayson parou pouco antes de chegar à porta que os levaria para o grande salão, entretanto, e perguntou: — Qual é o seu plano?

Ela encolheu os ombros e afastou o cabelo úmido do rosto. — Não sei.

Ele xingou e fechou a mão num punho. — Eu sabia que devia ter te obrigado a sair com Lord Phineas.

— Você não teria conseguido, e sabe disso. Eu tinha um plano, — disse ela, olhando para longe. — Agora só preciso de um novo.



— E qual era seu plano anterior?

Ela ergueu os olhos e encarou os dele, negros. — Salvar Drogan, claro. Isso não mudou. Só preciso descobrir como também permanecer viva depois de salvá-lo.

— O quê? — Os olhos de Grayson se estreitaram sobre ela, e sua boca achatou-se em uma linha fina. — Você está me dizendo que o seu plano original era sacrificar-se por Drogan?

Ela assentiu. — É tão difícil assim de acreditar?

— Você o ama tanto assim?

— Sim, — ela respondeu, sem vacilar. Ela não se importava que conhecessem seus verdadeiros sentimentos. Logo isso já não importaria, de qualquer maneira.

Ele acenou com a cabeça rigidamente e agarrou a maçaneta da porta. — Eu entendo eu você queira ajudar, mas não posso permitir que saia do castelo.

Pânico torceu o estômago de Serena. — Não, — ela disse, segurando o braço dele. — Você não entende? Eu vi a morte dele. Sei como evitá-la.

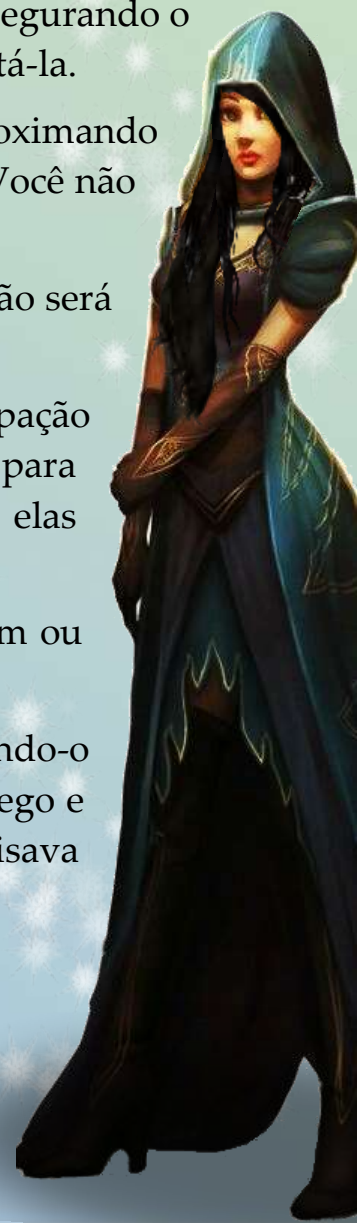
— Então me conte o que vai acontecer, — ele disse, se aproximando um pouco dela. — A guerra é lugar de homens, minha senhora. Você não tem espaço no meio dela.

Ela balançou a cabeça e deu um passo para trás. — Você não será capaz de salvá-lo.

Serena não sabia como dizer a Grayson que seria a preocupação dele com a segurança dela que o salvaria - e a mataria. Ela piscou para evitar mais lágrimas, odiando-se pela fraqueza que elas demonstravam.

— Vou salvá-lo, — ela jurou quando abriu a porta. — Com ou sem a sua ajuda.

Serena entrou no grande salão num rompante, encontrando-o deserto. Ela então caminhou até a lareira e tentou recuperar o fôlego e acalmar os nervos. Um novo plano era necessário, e ela precisava pensar rapidamente.



— Eu vou me arrepender disso, — Grayson disse quando parou ao lado dela. — Mas vou te ajudar.

Ela sorriu e começou a agradecê-lo, mas ele levantou a mão para impedi-la. — Mas você não irá sozinha. Eu vou com você, assim como alguns dos outros cavaleiros.

Ela assentiu, sem se importar com quem a acompanhava, contanto que chegasse lá. Era seu destino salvar Drogan, assim como ela tinha cuidado de Maris, Jocelyn e Gerard.

— Você tem um plano? — Serena perguntou ao cavaleiro.

Ele levantou uma sobrancelha escura. — Um cavaleiro sempre tem um plano.



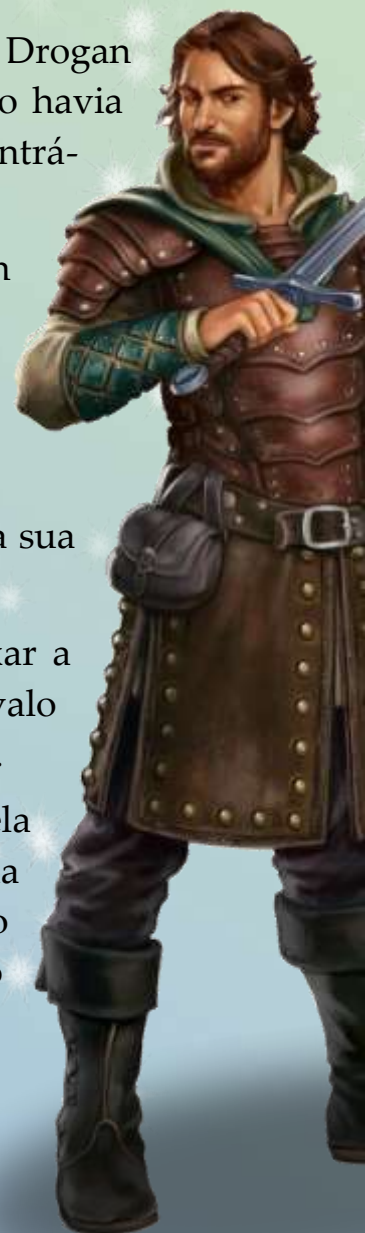
A lua fornecia pouca luz através das nuvens grossas, mas Drogan conhecia essa floresta tão bem quanto conhecia seu castelo. Não havia nenhum lugar onde Cade pudesse se esconder sem Drogan encontrá-lo.

Um trovão retumbou à distância, e o vento soprava sem piedade. Uma cena apropriada para a batalha que estava por vir, supunha. Drogan deslizou de seu cavalo, jogou seu arco e flechas por cima do ombro e enganchou seu escudo no braço esquerdo.

— Vai ser melhor se eu for sozinho, — ele sussurrou para sua montaria.

O garanhão observou-o por um momento antes de baixar a cabeça e começar a pastar pela grama doce. Ele sabia que o cavalo não se moveria até que ele o chamasse ou alguém viesse buscá-lo.

Drogan ajustou seu escudo e começou a caminhar pela floresta. Ele ainda não tinha ido muito longe quando uma rajada de vento soprou através das árvores e mais um trovão ressoou no céu. Sua pele se arrepiou e o sentido de estar sendo observado o agrediu.



Cade.

Drogan tirou a espada da bainha e se virou, encontrando apenas as árvores balançando com o vento. Ele estreitou os olhos e olhou atentamente para o local, à espera de algum sinal de onde Cade poderia estar escondido. Mas não havia nada ali.

Com um gemido interior, Drogan voltou a caminhar e embrenhou-se mais profundamente na floresta. Não era um bom sinal seus sentidos estarem tão bagunçados. Se eles não se alinhassem, ele estaria tão bem vivo quanto morto.

O pensamento de deixar esta terra não o assustava. Mas pensar em não estar com Serena sim.

Desespero tomou conta dele, agarrando-o com seus tentáculos e puxando-o para o fundo na mesma velocidade com que a escuridão se aproximava. Seria tão fácil ceder e deixá-la tomar conta. Combatê-la todos estes anos tinha exigido muito dele, e ele estava pronto para desistir antes de encontrar Serena.

Serena.

O único brilho em sua vida encharcada de pecado. Ele deu de ombros, combatendo o desespero e afastando a sempre presente escuridão. Sim, ele a afastou. Por agora. Mas ele sabia que ela estaria rondando, esperando a chance de dominá-lo com suas garras, devorando sua alma e conquistando um lugar para ele no inferno.

Outro relâmpago rasgou o céu, e por um breve momento, a floresta se iluminou como se fosse dia. E foi nesse instante que Drogan o viu.



Serena estremeceu e segurou seu manto mais apertado em torno de si quando uma rajada de vento a atingiu, ao mesmo tempo em que um trovão rugiu no céu. A tempestade seria feroz e violenta. Ela podia sentir o cheiro de sua agressividade no vento. Até mesmo os animais estavam inquietos e procurando abrigo.



Ela olhou para o pátio, das ameias, e viu um punhado de cavaleiros sem armadura, mas carregados com armas. Grayson não queria arriscar, pelo que ela podia ver. Não que pudesse culpá-lo. Ela mesma sairia do castelo com um exército de dez mil homens, se pudesse.

Após mais alguns instantes Grayson deu-lhe um aceno de cabeça. Já era tempo. Ela enrolou firmemente o manto em torno de si e começou a descer os degraus. Desde que Grayson tinha lhe dito que iria ajudá-la, ela tinha ficado no topo das ameias, na esperança de ter algum vislumbre de Drogan ou do mal que lhes havia perseguido a Wolfglynn. Infelizmente, ela não tinha visto nada além do movimento das árvores balançando ao vento crescente. Um olhar apressado para o céu, porém, lhe mostrou nuvens negras e carregadas, esperando não tão pacientemente para iniciar uma chuva torrencial.

— Você vai precisar de uma arma, — Grayson disse enquanto se aproximava dela. Ele segurava em sua direção uma adaga de cabo pequeno e lâmina estreita e comprida.

Ela balançou a cabeça. — Isso não vai me ajudar em nada.

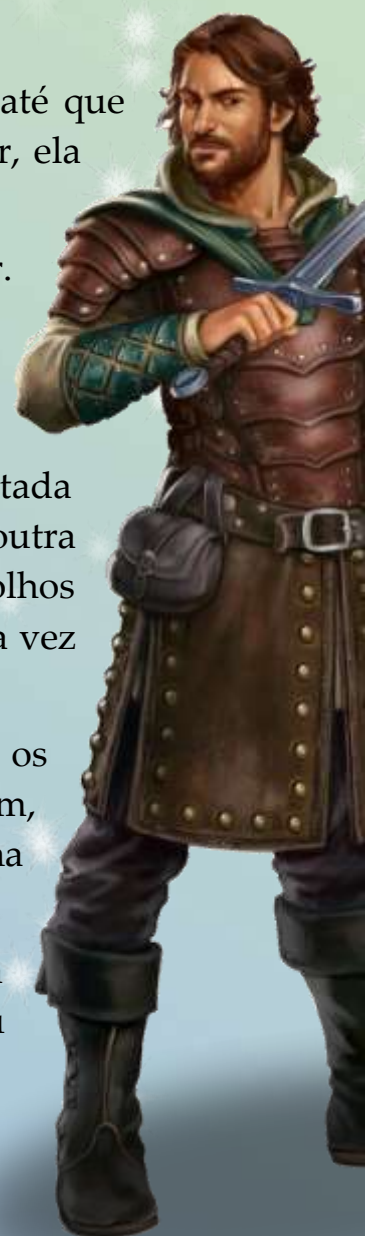
Ele olhou para ela e continuou a oferecer-lhe o punhal, até que Serena suspirou e pegou a arma. Se isso o faria sentir-se melhor, ela não tinha porque discutir.

— Obrigada, minha senhora, — ele disse antes de assobiar. Um velho cavalo cinza respondeu ao seu comando e trotou para Grayson, cutucando o cavaleiro com sua enorme cabeça quando estava próximo o suficiente.

Em qualquer outro momento, Serena teria ficado encantada em inspecionar uma criatura tão magnífica. Mas, ao lembrar-se outra vez do que a impediria de gastar seu tempo com o animal, seus olhos encheram-se com lágrimas não derramadas, e sua mão mais uma vez descansou em seu ventre.

Durante o tempo que Grayson levou para aprontar os homens, Serena tinha procurado solidão para ver seu futuro. Sim, Francesca estava certa, havia dois caminhos. Infelizmente, Serena não gostaria de seguir nenhum deles.

Uma das visões foi dela com o filho, de volta a Hawthorne, após Drogan morrer esta noite. Na outra ela viu



Drogan de pé nas ameias de Wolfglynn, olhando para o mar que tanto amava, sem ela.

Não levou muito tempo para descobrir que de uma ou outra maneira, eles nunca ficariam juntos: nem se ela vivesse para ter o filho deles, nem se ele sobrevivesse a esta noite. Nunca antes Serena pensou que o destino pudesse ser tão cruel.

Então ela simplesmente não se encontrava em seu juízo perfeito para decidir se era ela e seu filho ou Drogan que deveriam viver. Essa decisão ela deixaria para o destino.

— Minha senhora? — Perguntou Grayson com a testa vincada de preocupação. — Você tem certeza? Não é tarde demais para você chegar à ilha.

Serena respirou fundo e assentiu. — Eu nunca tive tanta certeza de algo em minha vida, Grayson.

— Eu gostaria que você viesse comigo, — disse ele, enquanto andava com ela até a porta posterior ao lado de uma parede com uma cortina gigante.

— Eu gostaria de poder também, mas nada conseguiríamos se todos nós fôssemos em grupo. — Ele assentiu, e ela tocou o braço dele quando ele se virou para ir embora. — Os cavaleiros que estavam de guarda, Grayson. Eles estão mortos.

— Eu sei, — disse ele depois de um momento de hesitação.

— Seja cuidadoso. O mal lá fora é maior do que qualquer coisa que você já experimentou antes. Infelizmente Drogan não percebeu isso ainda, e nem vai, até que seja muito tarde.

— É por isso que você não tentar falar com ele sobre isso?

Ela balançou a cabeça. — Drogan deve eliminar esse mal. Gerard não tinha a menor chance contra ele, e... — Ela parou e estremeceu.

— O que?

Ela não podia contar a Grayson sobre a escuridão que estava tão perto de Drogan. Ele tinha lutado essa batalha sozinho durante anos, e deveria continuar a fazê-lo. Apenas Drogan poderia enviar



seus fantasmas para longe, embora Serena estivesse preocupada que já poderia ser tarde demais. A escuridão tinha crescido e quase o consumia, e se isso acontecesse, o mal iria ganhar e Drogan iria morrer.

— Apenas certifique-se de que você e seus homens se mantenham vivos. Eu não quero nenhum de vocês interferindo na luta. Nenhum de vocês será capaz de lutar contra aquela coisa.

Grayson bufou. — Você fala como se ele não é um homem.

— E não é, — disse ela. — Ele vendeu sua alma há muito tempo. Tudo o que resta é a forma oca do homem que ele foi um dia, e em seu interior não restou nada além de maldade.

Grayson franziu a testa e deu um passo para trás. — Eu não acredito nisso.

— Não acredite se não quiser, — disse ela. — Apenas preste atenção às minhas palavras. Eu oro para que aconteça de outra forma, mas temo que você vá ver muito mais hoje do que alguém deveria.

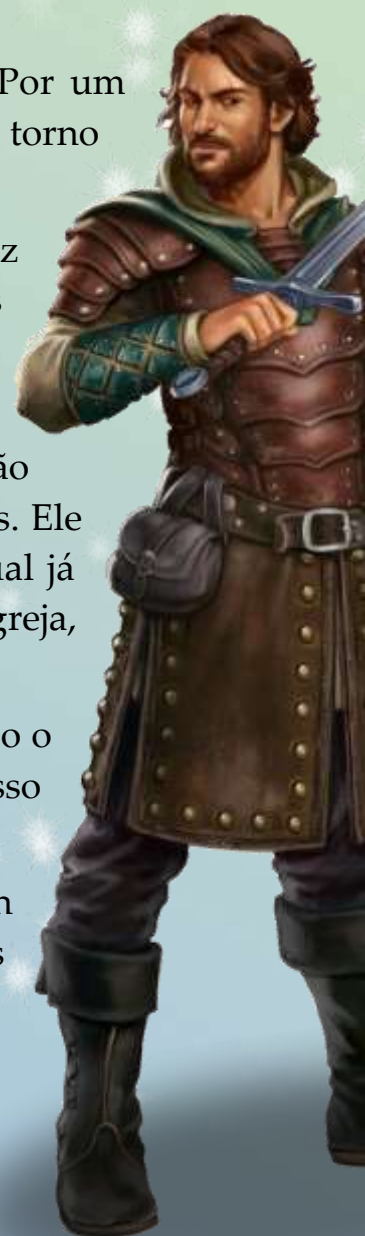
Foi nesse momento que outro relâmpago riscou o céu. Por um breve instante houve apenas silêncio antes do trovão crescer em torno deles e o céu se abrir, enviando-lhes chuva torrencial.

Serena alcançou a maçaneta da porta e olhou mais uma vez para Grayson através da chuva. — Lembre-se das minhas palavras, Senhor Grayson. O seu próprio futuro depende disso.

Grayson observou-a ir, incapaz de reprimir o arrepio que percorreu sua espinha. Se o que ela disse era verdade, então nenhuma quantidade de armas iria ajudá-lo, ou aos seus homens. Ele examinou a grande muralha de Wolfglynn, o único lugar ao qual já tinha sentido que pertencia. Seus olhos então pousaram sobre a igreja, e um pensamento se enraizou.

Ele correu para a porta e a abriu bruscamente, encontrando o padre ali dentro. — Meu filho? — Disse o velho sacerdote. — Posso te ajudar com alguma coisa?

— Com mais do que você imagina, Padre, — Grayson disse enquanto entrava na igreja pela primeira vez em anos depois de fechar as portas atrás de si.





Serena envolveu seu já encharcado casaco em torno de si e correu em direção à floresta. Sentia-se nua e vulnerável enquanto corria das sombras do castelo para as árvores, há várias centenas de jardas de distância.

Quando ela alcançou as árvores, encostou-se em uma e olhou para o castelo. Sua respiração estava acelerada, e seu coração batia em seus ouvidos, mas ela tinha conseguido. As palmas de suas mãos estavam molhadas, e não por causa da chuva, mas de medo. Ela esfregou-as para aquecer os dedos enquanto dava seus primeiros passos para a floresta. Felizmente as muitas árvores lhe proporcionavam um pouco de abrigo contra a chuva.

Ela tinha visto essa cena tantas vezes em seus sonhos que já sabia para onde ir. Ela seguiu a linha de pinheiros até que eles se curvavam em torno de um carvalho nodoso, e foi ali que ela encontrou o cavaleiro morto e o cavalo de Drogan.

O cavalo levantou a cabeça quando ela se aproximou, e ela estendeu a mão para acariciá-lo. — Esta noite não é propícia nem para homens nem para animais, não é, minha beleza? Fique por perto. Drogan precisará de você em breve.

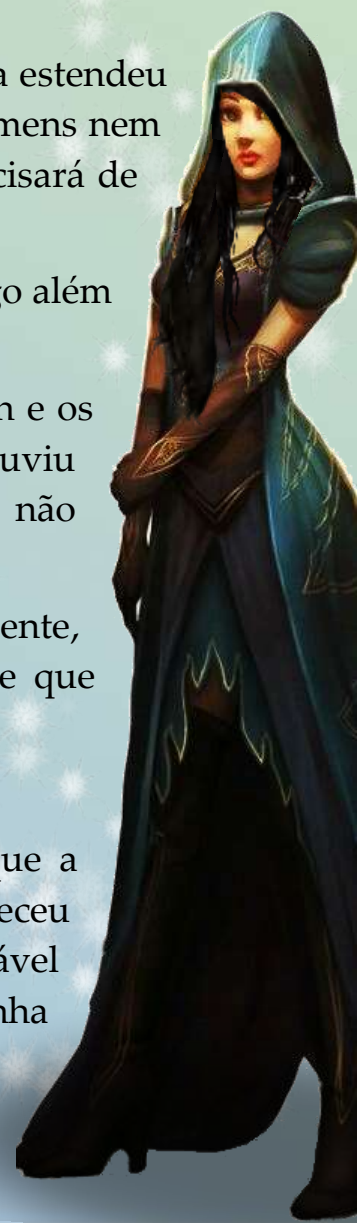
Ela focou seu olhar em frente e onde pensou ter ouvido algo além do barulho da chuva. Barulho de espadas, talvez?

Ela rastejou mais perto da borda da floresta e viu Grayson e os outros cavaleiros saindo um a um do castelo. Mais uma vez ela ouviu um ruído, desta vez atrás de si. Ela se virou para o som, mas não encontrou nada além das sombras das árvores.

O medo a enraizou no local. Algo estava logo à sua frente, embora ela não soubesse o que, ou quem, era. Se ela pensasse que poderia fugir disso, ela até poderia tentar.

Mas não, ela estava sozinha.

Ela focou seus sentidos nas árvores e tentou sentir o que a rondava. Poucos segundos depois seu corpo estremeceu dolorosamente quando ela sentiu a escuridão profunda e insondável que cercava seu perseguidor - a mesma escuridão que vinha



tentando tomar conta de Drogan há anos.

Ela colocou as mãos para trás, para apoiar-se em uma árvore, mas a chuva fê-la deslizar, e o atrito deixou vários pequenos cortes em suas palmas.

Isso foi o suficiente para libertá-la de seu terror, entretanto. Ela pegou a saia e correu o mais rápido que pode, sem olhar para trás. Tinha que encontrar Drogan antes que fosse tarde demais.

A criatura maligna não estava sozinha.



CAPÍTULO TRINTA E UM

O mal que tinha assombrado Drogan por anos estava a nem trinta passos de distância, de armadura completa, espada desembainhada, e pronto para a batalha.

Os pelos de Drogan se arrepiaram quando outro relâmpago ziguezagueou pelo céu. Ele largou seu arco e flecha a seus pés e agarrou sua espada e escudo, colocando-se em posição.

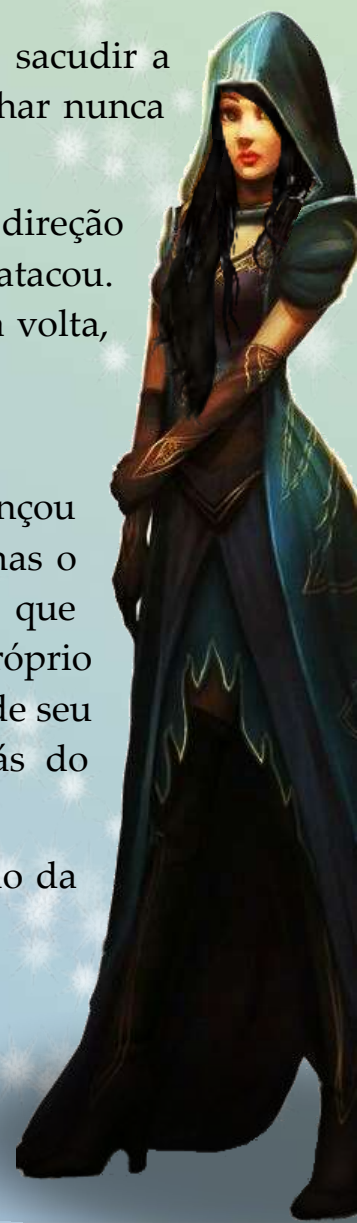
A chuva caía tão forte e rápido agora, que ele tinha que sacudir a cabeça periodicamente para clarear a visão da água. Mas seu olhar nunca desviou do homem à sua frente.

Querendo acabar logo com isso, Drogan deu um passo em direção ao seu inimigo. Sem um som, seu oponente levantou a espada e atacou. Mas Drogan estava pronto. Ele facilmente evitou o golpe e deu a volta, pronto para outro ataque.

Um assobio soou do outro, fazendo Drogan sorrir.

Eles circularam um pouco entre si, mas Drogan logo se lançou para frente e baixou sua espada em direção ao seu oponente, mas o cavaleiro ergueu seu escudo e o bloqueou. Em seguida, antes que Drogan pudesse atacar novamente, ele teve que erguer seu próprio escudo para proteger o pescoço do impulso selvagem da espada de seu inimigo. Drogan se abaixou e rolou para longe, parando atrás do cavaleiro.

— Você não vai ganhar, Cade, — ele gritou sobre o rugido da chuva.



Drogan não sabia exatamente o que esperava ouvir em resposta, mas certamente não era a risada oca que se seguiu.

— Tire o capacete! Ou você está com medo de me olhar nos olhos? — Drogan provocou.

No passado, o menor insulto teria forçado uma resposta de Cade, mas não agora. O tempo tinha mudado a todos eles, mas parecia que Cade tinha sido o mais afetado.

Drogan rapidamente ignorou seu pesar por ter de matar alguém que já tinha considerado um irmão. Ele então dobrou os joelhos, pronto para outro ataque. Não tinha tempo a perder.

O cavaleiro segurou a espada sobre seu ombro direito e a baixou num arco em direção à cabeça de Drogan. Ele teve menos que um batimento cardíaco para responder. Drogan rolou para frente, largando o escudo e estendendo a mão para o punhal, ficando de joelhos bem a tempo de bloquear com a espada um golpe destinado a atingir suas costas.

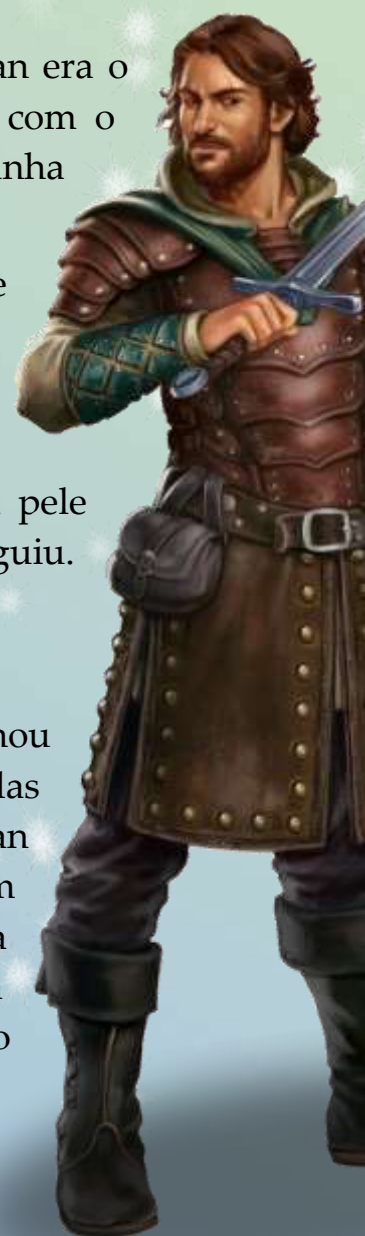
Seu oponente tinha o ângulo vantajoso agora, mas Drogan era o melhor lutador entre eles. Com a mão esquerda, ele golpeou com o punhal para trás, ouvindo um grunhido que lhe disse que tinha atingido a perna de Cade.

Instantaneamente, a pressão sobre sua espada se foi, e Drogan ficou de pé, pronto para mais. Ele olhou para baixo e percebeu que não havia sangue em seu punhal. Seus olhos se estreitaram e se levantaram para olhar para o cavaleiro.

Como isso era possível? Ele sentiu o punhal perfurar a pele entre duas das placas da armadura, e ouviu o uivo que se seguiu. Deveria haver sangue na lâmina.

Mas não havia tempo para pensar mais sobre isso agora.

Conforme a luta seguiu, o retumbar das espadas se tornou ensurdecedor. Cada defesa ou ataque acabava com um ranger das lâminas dos homens, ou o estrondo do escudo de Cade. Drogan não tinha perdido seu escudo: na verdade, ele lutava melhor sem ele. Ele mantinha o punhal na mão esquerda, o que lhe dava uma vantagem adicional se conseguisse chegar perto o suficiente para deslizá-la no pescoço de seu adversário, entre seu capacete e o



peitoral de sua armadura.

Mas essa chance nunca veio. Cada vez que Drogan chegou perto o suficiente, o cavaleiro aumentou seus avanços, fazendo Drogan dar um passo atrás se quisesse manter o equilíbrio. Seu peito subia e descia rapidamente enquanto ele engolia em seco ao ar, embora seu adversário não parecesse sequer sem fôlego. Drogan ignorou a raiva crescendo dentro dele, sabendo que perder o controle não iria ajudá-lo a ganhar a batalha. Com a habilidade afiada por muitas horas de treinamento e mais batalhas do que gostaria de admitir, Drogan pacientemente trabalhou para chegar mais perto de seu inimigo.

Eventualmente ele viu seu inimigo erguer a espada, pronto para baixá-la de forma a obrigar Drogan a bloqueá-lo com sua própria lâmina. E isso era tudo que ele precisava. Com sua adaga ainda na mão esquerda, ele se levantou e socou seu adversário no rosto com o punho do punhal.

Drogan assistiu, satisfeito, como Cade tropeçou para trás, a mão segurando o capacete. Assim como Drogan esperava, ele tinha amassado o elmo com o golpe, logo abaixo dos olhos. Se seu adversário quisesse continuar a luta, teria que remover o capacete.

Drogan esperou, com os pés separados e em posição, para ver o rosto de seu antigo amigo, que agora queria matá-lo.

O que ele não esperava era ver o capacete se reparar e o cavaleiro atacar novamente.



Serena não sabia por quanto tempo correu. Quando parou ao lado de um freixo para descansar, porém, notou que tinha corrido mais para dentro da floresta do que tinha pretendido.

Ela amaldiçoou pela primeira vez em sua vida e afastou o cabelo que se agarrava irritantemente em seu rosto. Seu medo havia governado suas ações, e ela não podia permitir que isso acontecesse de novo. Tudo dependia dela.

Depois de algumas respirações profundas para acalmar o coração disparado, ela começou a voltar por onde veio. Mais uma



vez, porém, ela ouviu o barulho inconfundível de espadas à distância.

— Drogan, — ela sussurrou, girando em direção ao som.

Ela mal tinha dado cinco passos quando um homem apareceu à sua frente. Um suspiro escapou de sua garganta enquanto ela dava um passo para trás, afastando-se um pouco do desconhecido.

— Você não pode ajudá-lo, — disse o homem.

Ela desejou outro relâmpago, para pudesse ver o rosto dele, embora ela soubesse, sem sobra de dúvida, que era a mesma pessoa que tinha encontrado mais cedo na floresta. A escuridão em torno dele era espessa e sufocante. Ela não sabia como ele suportava.

— Quem é você? — Ela perguntou.

— Isso não importa. Se você deseja viver, volte para o castelo.

Ao ouvir isso, Serena parou de recuar e endireitou os ombros. Ela lutaria contra o que ou contra quem fosse necessário para garantir a vida de Drogan. — Não.

— Se você não fizer isso, vai morrer.

— Eu sei.

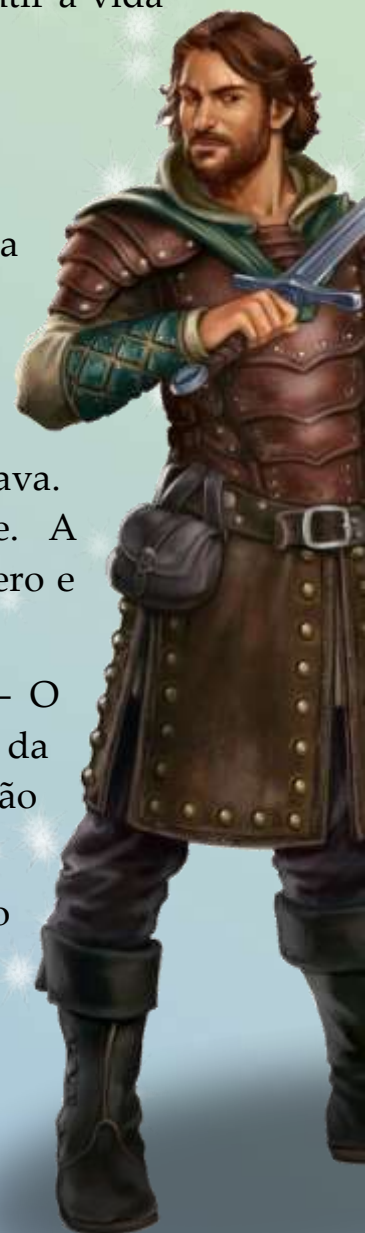
Mesmo nas sombras, ela o viu virar sutilmente a cabeça para o lado. — Você é apenas uma mulher. Não pode salvá-lo.

— Eu posso tentar, — disse ela, andando na direção do desconhecido.

Mas quanto mais se aproximava, mais a escuridão a cercava. Ela eventualmente parou e inclinou-se contra uma árvore. A escuridão tinha levado tudo, deixando para trás apenas desespero e um grande vazio.

Ela ouviu passos e levantou o olhar para vê-lo recuar. — O que você é? — Ela balançou a cabeça e se empurrou para longe da árvore, sentindo-se mais como si mesma agora que a escuridão tinha diminuído. — Apesar que... não importa.

— Pare, — disse ele novamente quando ela deu um passo em sua direção.



Serena sacudiu a cabeça. — A única maneira de você me impedir de ajudar Drogan é me matando. Então, se é isso que você planeja fazer, por favor, acabe com isso rapidamente.

Por vários momentos ela esperou de olhos fechados, mas nada aconteceu. Então ela arriscou abrir os olhos, e esquadrinhou a área. Ele tinha ido embora. Ela certamente não esperava por isso. Havia algo estranho sobre esse homem, como se a escuridão ao seu redor não lhe pertencesse.

Ela respirou fundo e se concentrou, tentando ouvir o som de espadas, o que lhe diria para onde ir, mas não havia mais nada. E o silêncio a aterrorizou como nada antes já tinha feito.



Drogan olhou para o capacete, não acreditando no que seus olhos viam, mas sem conseguir negar o que tinha acontecido.

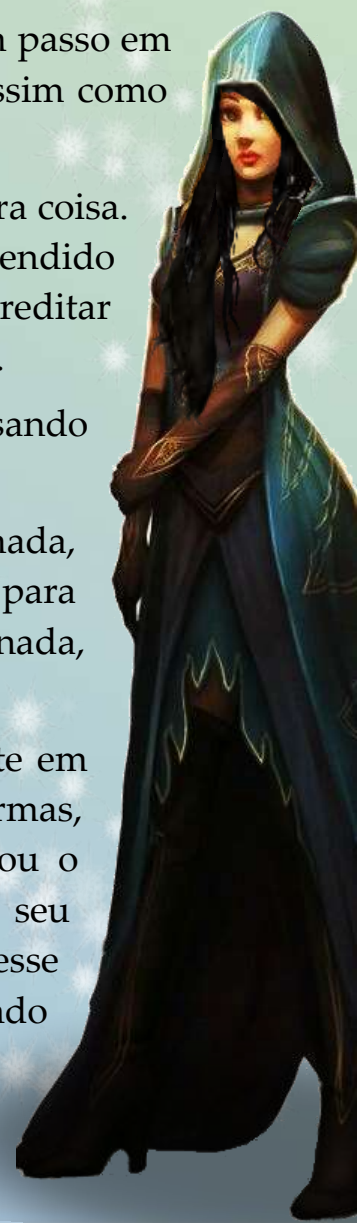
— Eu vou matar você, — o cavaleiro disse quando deu um passo em direção a Drogan. — E então vou encontrar Gerard e matá-lo, assim como toda sua família lamentável.

A voz dele soava abafada, profunda, cheia de raiva e... outra coisa. Quase como se ele não fosse humano. E se Drogan tinha aprendido alguma coisa no tempo que tinha passado com Serena, foi a acreditar que existiam muitas coisas inacreditáveis espalhadas pelo mundo.

— Você é Cade? — Ele perguntou, precisando desesperadamente saber.

O vento uivava, fazendo com que a chuva caísse inclinada, diretamente nos olhos de Drogan. Ele levantou o braço esquerdo para proteger sua visão, mas ainda assim não conseguia distinguir nada, muito menos seu adversário.

O soco que o atingiu veio do nada, pousando diretamente em seu estômago. Drogan se dobrou e quase deixou cair suas armas, segurando-as por pura força de vontade. Quando ele recuperou o fôlego e tentou se levantar, um joelho blindado tentou acertar seu rosto. Drogan se afastou bem a tempo de evitar que o golpe batesse em seu nariz, mas sua mandíbula não teve tanta sorte, absorvendo



todo o peso golpe e fazendo seus ouvidos chiarem enquanto ele caia de costas, a chuva ainda o cegando.

— Você não é páreo para mim, — disse o cavaleiro, puxando Droган pelo colarinho de sua túnica até que seus pés estivessem mais uma vez o sustentando.

Droган balançou a cabeça e piscou quando firmou os pés e preparou sua espada. Então avistou seu inimigo e investiu contra ele, só para encontrar-se outra vez jogado para trás. Suas costas bateram com força contra uma árvore, roubando-lhe a respiração dele e afastando as armas de suas mãos. Ele logo caiu para frente, pousando em suas mãos e joelhos, sua respiração finalmente enchendo seus pulmões. A falta momentânea de ar lhe fez enxergar pontos brilhantes diante de seus olhos, então ele piscou e sacudiu a cabeça para clarear a visão.

Droган procurou por sua espada e punhal através das agulhas de pinheiro e ervas no chão, mas terminou de mãos vazias. Foi nesse momento que ele olhou para cima e viu o cavaleiro caminhando em sua direção.

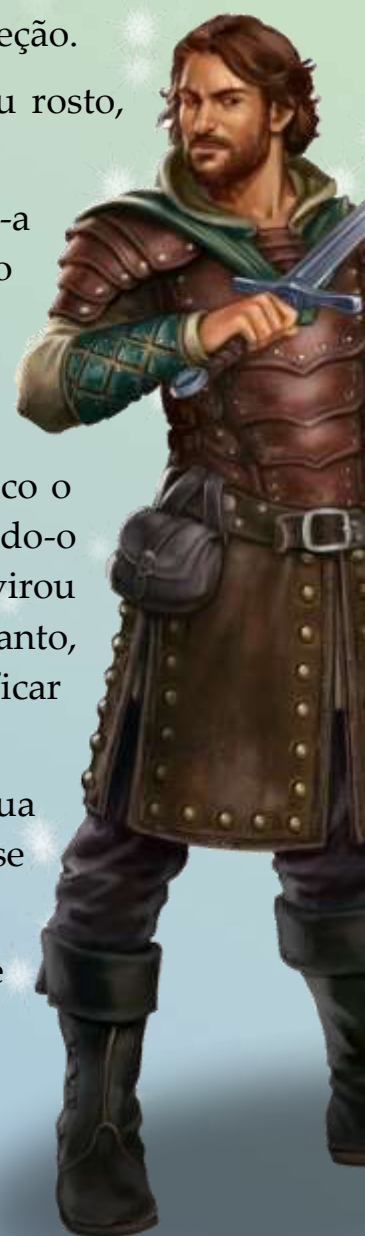
Mas pouco antes do pé do cavaleiro se conectar com seu rosto, Droган rolou para o lado e ficou outra vez em pé.

Ele então correu na direção de seu inimigo, agarrando-a pela cintura e empurrando-o contra uma árvore. Droган ouviu o cavaleiro grunhir por um momento antes de um punho lhe socar nas costelas. Dor lancinante selvagememente tomou conta de seu corpo.

Antes que ele pudesse tomar um fôlego sequer, outro soco o acertou no rosto, batendo-o na parte de baixo do queixo e deixando-o mais uma vez com terra em suas costas. Com um gemido, ele se virou no chão e encontrou aço - não grama - debaixo de sua mão. Portanto, ele agora agarrava o punho de sua espada enquanto lutava para ficar novamente em pé.

Droган limpou o sangue que escorria pelo canto de sua boca e fez o possível para ignorar as dores no corpo, levantando-se finalmente com o auxílio de uma árvore.

— Você nunca soube quando parar, — o cavaleiro disse enquanto circulava Droган.



Drogan cuspir o sangue que tinha acumulado em sua boca. — Aparentemente não, — ele disse, mantendo os olhos sobre o cavaleiro. — Por que vir atrás de mim agora, depois de todos esses anos?

— Você não gostaria de saber, — o cavaleiro zombou.



Serena correu pela floresta, tentando desesperadamente encontrar Drogan ou qualquer um de seus cavaleiros - mas infelizmente ela encontrou apenas chuva e árvores.

Lágrimas de frustração corriam pelo seu rosto. Em determinado momento, ela tropeçou numa raiz e caiu no chão, pousando sobre um corpo morto. Ela gritou e se afastou, mas acabou enredada nas videiras que estavam por ali, e que pareciam ter ganhado vida. Parecia que elas estavam prendendo-a, fazendo puro terror pulsar por suas veias, e transformando seu sangue em gelo.

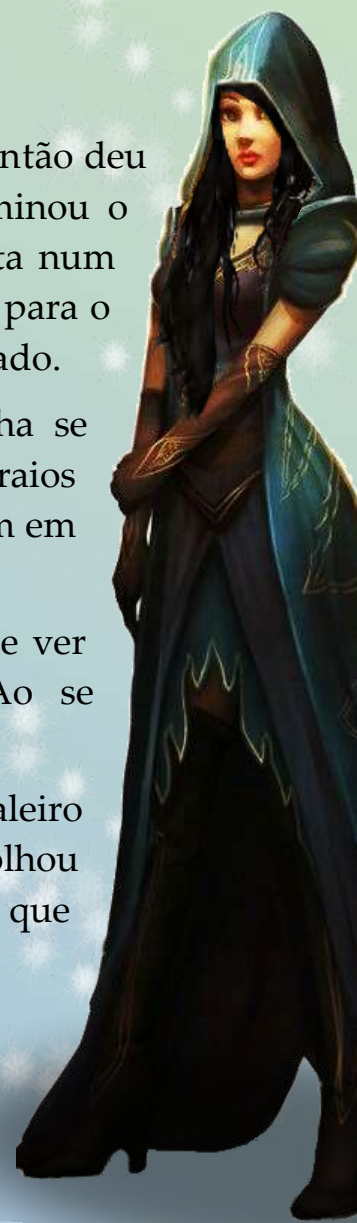
Até que ela se lembrou do punhal.

Ela pegou a lâmina e cortou as plantas até ficar livre. Ela então deu alguns passos para trás, para se controlar, e em seguida examinou o corpo. Era um dos cavaleiros de Drogan. Sua boca estava aberta num grito silencioso enquanto seus olhos olhavam desesperadamente para o céu. Um buraco em seu peito lhe disse como ele tinha sido executado.

Ela estremeceu e continuou seu caminho. A chuva tinha se tornado mais leve agora, permitindo que ela enxergasse. Os raios também já não eram tão frequentes, embora parecessem estão bem em cima de Wolfglynn.

Quando outro relâmpago iluminou o céu, ela foi capaz de ver uma abertura nas árvores, e se dirigia naquela direção. Ao se aproximar, pode inclusive ouvir alguns sons.

Ela então se apressou em direção à clareira, e viu um cavaleiro vestido com armadura completa de costas para ela. Seu olhar olhou atentamente ao redor da clareira, procurando por Drogan, que deveria estar por perto.



Só que nesse momento o cavaleiro mudou de lugar, e ela viu Drogan.



SHADOW MAGIC
SISTERS OF MAGIC 1 • Donna Grant

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

A dor diminuiu o suficiente para que Droган pudesse se empurrar para longe da árvore. — Se você quisesse mesmo me matar, já poderia ter feito.

— Verdade. Mas além de te matar, eu desejo te fazer sofrer, assim como você me fez sofrer.

Droган fez uma careta. Cade poderia estar se referindo ao fracasso de Droган em parar Nigel naquele dia. Cade sabia, assim como Droган, que o único deles que poderia ter evitado os pecados cometidos naquele dia era Droган. No entanto, ele não o tinha feito. O medo o havia impedido.

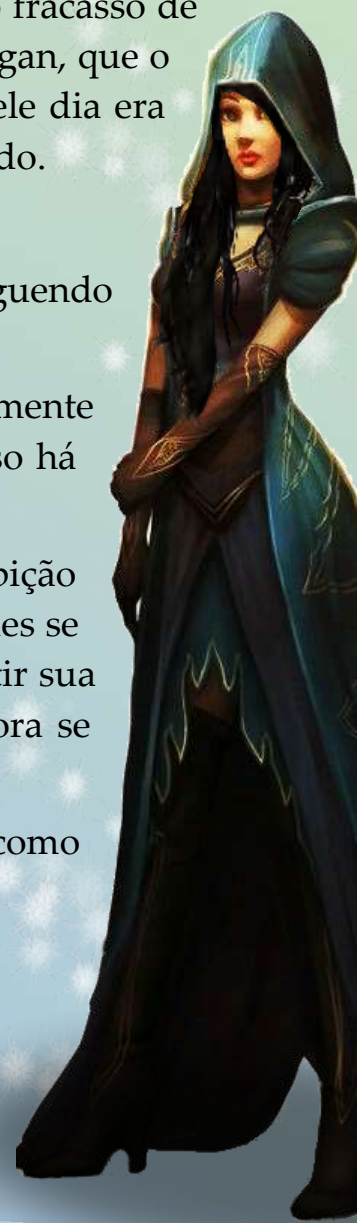
E agora ele iria pagar por isso.

— Então, vamos acabar logo com isso, — disse Droган, erguendo a espada.

O cavaleiro facilmente afastou seu golpe, e Droган praticamente pode ouvir o sorriso em sua voz. — Eu estive esperando por isso há anos.

E então eles recomeçaram a luta, se unindo em uma exibição violenta de esgrima. Faíscas voavam de suas espadas conforme eles se enfrentavam. Droган, já fraco pelos golpes anteriores, podia sentir sua força se esvair com cada golpe da espada de seu inimigo, embora se recusasse a desistir. Ele tinha dado sua palavra à Gerard e Serena.

— Não, — Droган berrou e lutou e brandiu sua espada como um homem possuído, que era exatamente como ele se sentia.



Ele agarrou a espada com ambas as mãos e continuou seu ataque, forçando seu adversário a recuar até uma árvore. E nem assim Drogan parou.

Com a mão esquerda ele agarrou o cavaleiro pelo pescoço, apertando-o o mais forte possível. Com o braço direito ele passou sua espada através da abertura da armadura, cravando-a nas costelas do inimigo. Ele até mesmo sentiu sua espada se afundar na carne de Cade.

Drogan então soltou o pescoço do adversário, e puxou sua espada do corpo dele quando recuou. Ele fechou os olhos e baixou a cabeça, de forma que sequer viu um punho aproximar-se dele e pousar em seu peito. O impacto foi tão forte que Drogan tropeçou, mal conseguindo manter-se em pé.

Ele também não teve tempo sequer para respirar antes de uma espada vir em sua direção. Drogan pulou para longe, mas não a tempo.

O golpe foi tão poderoso que cortou sua cota de malha. A única coisa que salvou sua vida foi seu raciocínio rápido. Mesmo assim, ele caiu pesadamente de costas.

— Você não pode me matar, — o cavaleiro disse, parando em cima de Drogan.

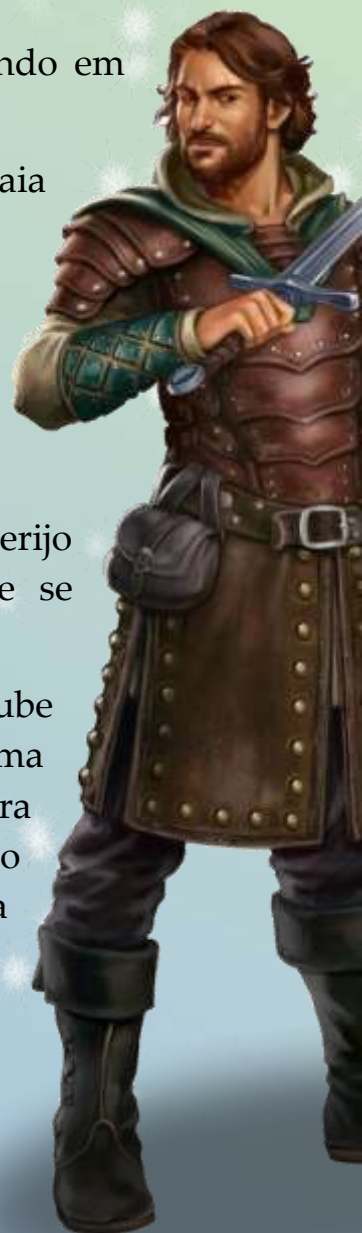
Drogan piscou para o cavaleiro através da chuva que caía sobre seu rosto. Era isso então.

Ele tinha falhado.



Serena tinha visto o suficiente. Ela correu de seu esconderijo nas árvores, gritando o nome de Drogan, gritando para ele se levantar.

Quando o cavaleiro virou a cabeça em sua direção, ela soube como era sentir o verdadeiro mal. Frieza agarrou sua alma enquanto o cavaleiro caminhava em sua direção. Ela olhou para Drogan, mas ele mal podia se mover, muito menos ajudá-la, e não havia nenhuma possibilidade de chamar por Grayson. Ele nunca iria ouvi-la em meio a tormenta.



Então o destino tinha se decidido por sua morte, no fim. Mas ela não iria morrer sem lutar, entretanto. Ela endireitou os ombros e enfrentou o grande mal.

— Eu sei o que você é, — disse ela enquanto ele se aproximava.

— E eu sei o que *você* é. Seu tipo costuma ser queimado vivo, — ele zombou.

— E o seu tipo é enviado de volta para o inferno.

Ela sentiu, mais do que viu, os olhos dela se apertarem em sua direção.
— Você pensa que é poderosa o suficiente para tentar?

Em vez de responder imediatamente, Serena apenas ficou tremendo na chuva. Ela estava molhada e com muito frio, seu sangue praticamente congelado em suas veias. Mas ela não seria covarde. Ela manteve seu olhar sobre o cavaleiro, com medo de olhar para Drogan e perder o pouco controle que tinha. Com o canto do olho, porém, ela viu que Drogan não havia se movido nada além de virar a cabeça para ela.

— Sim, — ela respondeu, torcendo para que Drogan conseguisse levantar outra vez enquanto ela mantinha a atenção do cavaleiro.

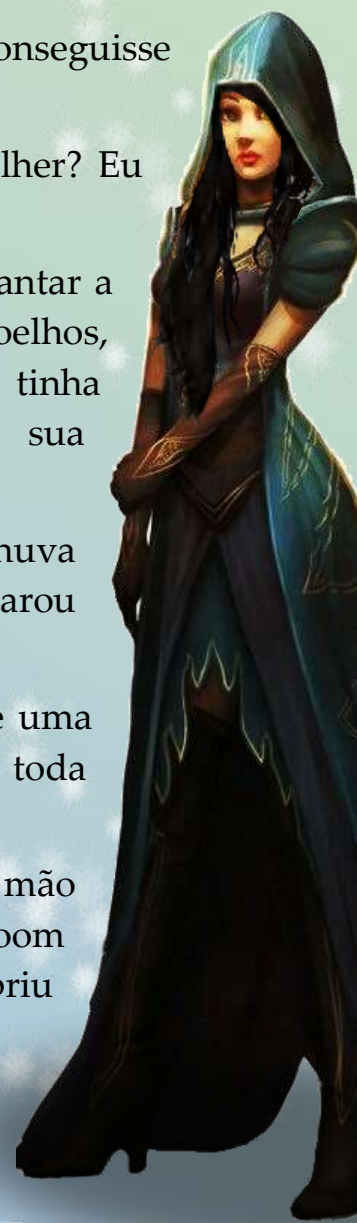
O cavaleiro riu maliciosamente. — Você? Uma mera mulher? Eu acho que não.

Serena não teve tempo para reagir antes do cavaleiro levantar a espada sobre Drogan e mergulha-la em seu peito. Ela caiu de joelhos, com os braços esticados na direção do homem para quem ela tinha dado seu coração enquanto um grito desesperado rasgava sua garganta.

Todo o som ao seu redor foi silenciado, e até mesmo a chuva deixou de ser ouvida. Por um segundo a terra simplesmente parou antes de uma luz cegante irromper em torno deles.

Serena sentiu algo zumbir por seu braço, provocando-lhe uma dor lancinante. Ela tentou abrir os olhos, mas a luz estava em toda parte, envolvendo tudo.

Ela ficou de joelhos e com a cabeça baixa enquanto a mão esquerda segurava seu braço latejante. Finalmente, com um boom final, a luz se foi. Alguns segundos depois, Serena lentamente abriu



os olhos... e viu Drogan tentando se sentar. Felicidade pura irrompeu por dela. Ela não sabia como ele tinha sobrevivido, mas era suficiente saber que ele estava a salvo.

Seu olhar desviou-se para o seu braço, e ela viu sangue escorrer por entre seus dedos. As ervas que ela precisava para se curar, porém, tinham se perdido quando ela tinha caído no rio. Sem elas, não havia nada que Serena pudesse fazer.

O último pensamento que passou por sua mente antes dela desmaiar foi que, pelo menos, ela tinha salvado a vida de Drogan.



Drogan se moveu lentamente. Seus olhos ardiam por causa da luz ofuscante, e, por um breve momento, ele temeu ter perdido a visão.

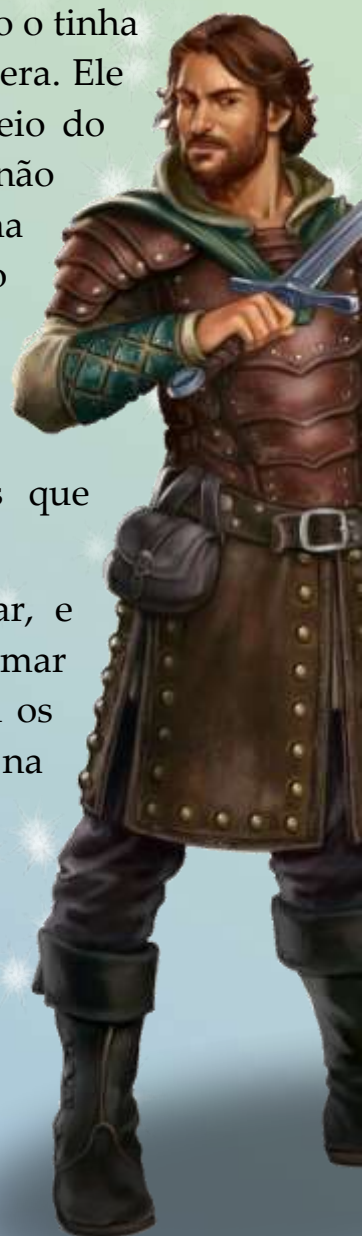
Sua mão pousou sobre seu peito, onde a espada do inimigo o tinha atingido, mas tudo que ele sentiu foi o amuleto que Serena lhe dera. Ele então olhou para baixo, e encontrou uma marca maciça no meio do medalhão. Os olhos de Drogan olharam ao redor da clareira, e não demorou muito para localizar seu inimigo deitado contra uma árvore. Se ele estava inconsciente ou morto, porém, Drogan não sabia. Ainda.

Entretanto, era muito bom que o cavaleiro estivesse incapacitado para a luta, pensou Drogan. Ele próprio não poderia levantar uma espada agora, se tentasse. Os golpes que recebera tinham sido ferozes e quase desumanos.

Sua cabeça ainda girava enquanto ele tentava se sentar, e quando finalmente conseguiu, teve que respirar fundo para acalmar o estômago revoltado. Quando o mundo parou de girar, ele abriu os olhos e viu Grayson tropeçando pela clareira com uma garrafa na mão.

— O que você está fazendo aqui? — Drogan berrou.

Grayson levou a mão até a cabeça e fez uma careta. — Salvando o seu traseiro, — disse ele, deixando a garrafa de lado.



— O que tem na garrafa?

— Água benta, — Grayson murmurou. — Eu pensei em usá-la contra aquela coisa desde que Serena disse que ele não era inteiramente humano, mas vejo que não será necessário.

Drogan, de alguma forma, conseguiu ficar em pé, e percebeu que havia pedaços da espada do cavaleiro espalhados por toda a clareira. — O que aconteceu? — Perguntou.

— Não tenho certeza, — Grayson disse enquanto parava ao lado de Drogan. — Eu vi Serena-

— Serena. — Drogan sussurrou, cortado Grayson. Pânico de repente tomou conta de sua mente, quando ele se lembrou de tê-la visto enfrentar o cavaleiro. — Serena, — ele gritou, procurando sua amada.

— Ali, — Grayson disse.

Drogan virou-se para olhar para onde Grayson estava apontando, mas ele balançou a cabeça, sem acreditar em seus olhos. — Não, — ele resmungou enquanto tropeçava em direção a ela. Caindo de joelhos, ele reuniu o corpo flácido dela em seus braços. — Serena. Serena, não me deixe. — Ele a abraçou, aproximando-a de seu coração. — Eu não posso viver sem você.

— Temos que parar o sangramento, — Grayson disse com urgência.

Drogan levantou os olhos para a ferida aberta no braço de Serena, por onde seu sangue fluía livremente. Ele então se moveu para que Grayson pudesse alcançar a ferida e estancar o sangramento. Mas não importava quão apertado estava o torniquete: o sangue continuou a correr.

Drogan levantou os olhos para Grayson. — Eu não posso perdê-la.

— E você não vai, meu senhor, — disse uma voz feminina.

Drogan e Grayson levantaram a cabeça para encontrar Francesca em pé do outro lado da clareira.

— Temos que levá-la ao castelo imediatamente, — disse Francesca. — Eu posso salvá-la, mas não podemos perder tempo.



Drogan não discutiu, e rapidamente pegou Serena em seus braços e ficou de pé. Ele iria percorrer o próprio inferno se isso significasse salvar a vida dela.

Emoção, forte e clara, obstruiu sua garganta quando ele olhou para baixo e viu a vida lentamente ser drenada de sua bela Serena. — Fique comigo, — disse ele, continuando a repetir seu apelo enquanto eles corriam para o castelo.

Assim que eles chegaram às portas de Wolfglynn, porém, algo o deteve, e ele se virou em direção à floresta. Um homem solitário estava parado perto das poderosas árvores.

E Drogan teria reconhecido aquele rosto em qualquer lugar. — Cade.

— Meu senhor. — A voz urgente de Francesca penetrou em seus ouvidos, fazendo-o segui-la para dentro do castelo, com Grayson em seus calcanhares.

Até o momento em que Drogan finalmente conseguiu acomodar Serena em sua cama, ele temia que ela já estivesse morta.

Francesca, entretanto, o empurrou para fora do caminho. — Ou me ajude ou saia da minha frente, — ela ordenou enquanto corria ao redor do quarto.

— Eu vou ajudar, — Drogan conseguiu dizer, após engolir o nó que fechava sua garganta.

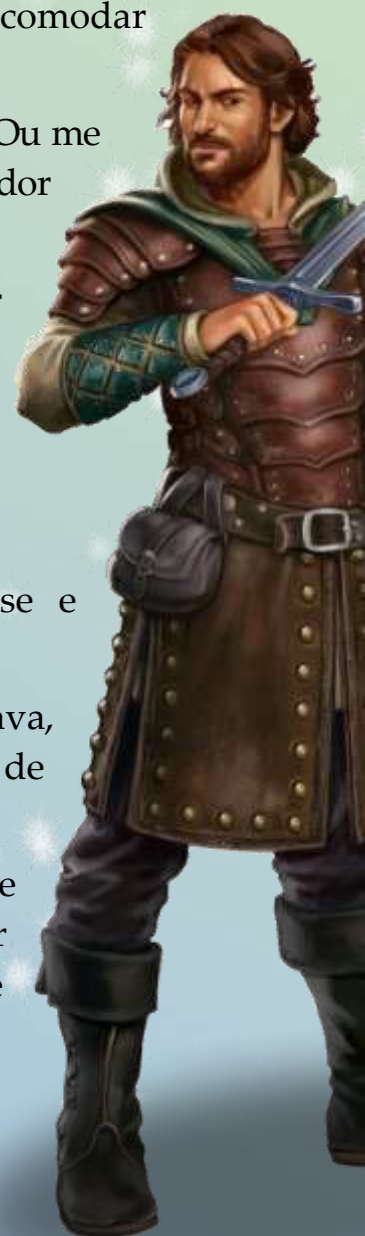
Francesca levantou os olhos para ele. — Há ervas das quais preciso.

— Eu vou encontrá-las.

— Eu vou ajuda-lo, — Grayson disse, endireitando-se e parando ao lado de Drogan.

Francesca então listou as ervas e plantas das quais precisava, enquanto Claire entrava correndo no quarto com uma bacia de água nas mãos.

Drogan arquivou os nomes das ervas em sua memória, e então saiu do quarto. Ele não queria nada mais do que subir naquela cama com Serena e abraçá-la, mas ela precisava dele de



outra forma agora. Sem as ervas especiais que Francesca pediu, ela morreria.

Ele imediatamente lembrou da bolsa que Serena tinha levado consigo de Hawthorne, e correu para pegá-la. Quando correu de volta para seu quarto, descobriu que Francesca já tinha cortado a manga do vestido de Serena para ter melhor acesso à ferida.

— Ela pegou algumas ervas quando saímos de Hawthorne, — disse Drogan enquanto entregava a bolsa a Francesca.

Ela a pegou e vasculhou. — Há algumas coisas aqui que eu posso usar, mas não posso acreditar que ela não trouxe mais.

— Ela trouxe. E provavelmente ainda estariam aí se ela não tivesse caído no rio, — explicou.

Francesca assentiu. — Você pode encontrar o que eu preciso nas florestas, Drogan.

— Como?

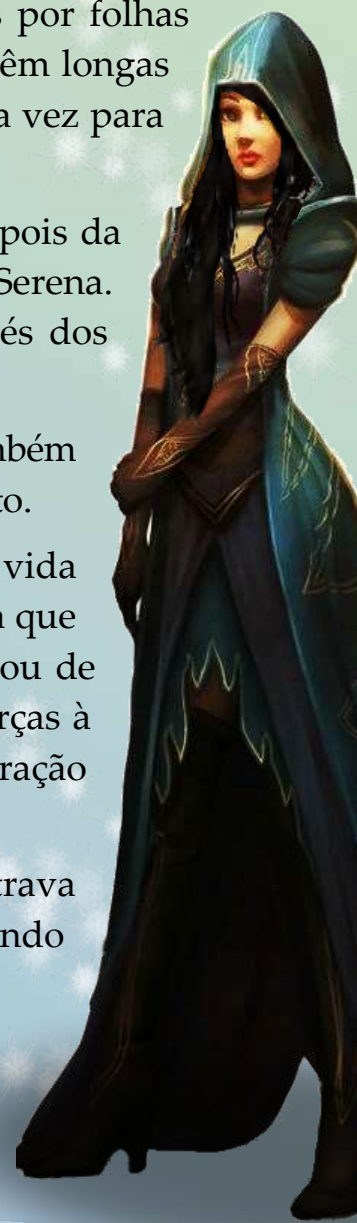
— São pequenas flores brancas de cinco pétalas cercadas por folhas verde escuro. Crescem como arbustos sobre a grama, e também têm longas sarças grossas. Não demore, — ela gritou quando ele correu outra vez para fora do quarto.

Como se isso fosse uma possibilidade. Mesmo exausto depois da luta, ele poderia ter corrido até as estrelas e de volta para salvar Serena. Seus pés voaram escada abaixo, e ele correu pelo pátio e através dos portões, entrando novamente na floresta.

Ele logo avistou Grayson não muito à frente, também procurando entre as folhagens pela erva que Francesca havia descrito.

Seus dedos, dormentes de tristeza e dor, pareciam ter vida própria. Ele não conseguia fazê-los arrancar a pequena flor branca que Francesca havia descrito em detalhes. Drogan amaldiçoou e tentou de novo, e mais uma vez não foi capaz de selecionar através das sarças a flor preciosa. Ele então inclinou a cabeça para trás e rugiu, frustração apertando seu coração dolorosamente.

Quando olhou para baixo outra vez, porém, não se encontrava mais sozinho. Cade estava parado ao seu lado, inclinado e colhendo



as flores brancas em meio aos espinhos sem sequer um arranhão nas mãos.

Ele entregou as flores para Drogan, olhando-o com seus olhos azuis claros e desprovidos de emoção.

— Cade, — Drogan disse quando pegou as flores.

— Ela precisa de você, — Cade disse enquanto se levantava. — Vá agora. Você não tem muito tempo.

Drogan não discutiu. Ele encontrou as outras duas ervas de que precisava e correu de volta para o castelo. Quando entrou no pátio, viu Grayson passar pela porta do castelo, também com as mãos cheias de ervas.

No entanto, Drogan não diminuiu o ritmo até que alcançar o quarto. Ele entrou num rompante, e encontrou Francesca inclinando-se sobre Serena, sua boca pressionada em uma linha firme. Ela ergueu os olhos para Drogan, e então ele soube como era sentir medo puro e real.

— Não, — ele disse, empurrando as ervas para ela. — Temos o que você precisa. Você não pode deixá-la morrer!

Francesca olhou para as mãos, que agora estavam cheias de ervas. — Vou fazer tudo que puder.

Drogan assentiu e caminhou para o outro lado da cama, para segurar a mão de Serena. Sua pele estava fria e pálida. Até mesmo seus lábios estavam ficando azuis.

Embora tivessem se passado anos desde que ele tinha orado por algo, ele agora baixou a cabeça e começou a enviar suas orações para quem quisesse ouvir.

Ele não tinha ideia de quantos minutos ou horas tinham se passado até sentir Francesca tocar seu ombro. Seus olhos encontraram os dela, que estavam cheios de lágrimas.

— Eu sinto muito.

Essas duas palavras eram tão simples, mas o mundo em torno dele desmoronou a seus pés.

— Não, — ele rugiu, puxando Serena contra seu peito.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Serena não queria ir para a luz que a chamava. Ela queria Drogan, embora não tivesse muito que pudesse fazer agora. A morte, ao que parecia, tinha escolhido a ela e ao seu bebê por nascer.

Todos os seus sonhos de uma família com Drogan desapareceram em uma nuvem de fumaça. Ela queria gritar e amaldiçoar, mas, em vez disso, só encontrou lágrimas disponíveis.

Em seguida, porém, ela ouviu uma voz tão, tão distante. E essa voz estava chamando o nome dela! Ela então reconheceu a voz de Drogan, e deu as costas à luz.

A voz de Drogan tornava-se cada vez mais insistente, chamando-a, gritando para que ela voltasse para ele. Lágrimas corriam pelo seu rosto enquanto ela ouvia seu apelo.

No entanto, a luz não queria libertá-la. Ela a puxava com força em sua direção. Serena quase cedeu, mas então pensou no bebê em seu ventre.

— Não, — ela disse entre dentes, correndo em direção a voz de Drogan.

— Serena!

Ela respirou fundo e sentiu dor por todo o corpo. — Ela está respirando, — Serena ouviu alguém dizer, uma voz feminina. Francesca?

— Volte para mim, — disse Drogan perto de sua orelha.



Ela queria lhe dizer que já tinha voltado, mas seus lábios não se abriram. Lentamente, porém, ela foi capaz de abrir os olhos, para ver a mais bela imagem que já tinha visto.

Drogan.

A cabeça dela descansava contra o peito dele enquanto ele a olhava com um sorriso brilhante, os olhos brilhando e o cabelo ruivo molhado e agarrando-se a sua cabeça. — Você voltou.

Serena assentiu, mas era difícil manter os olhos abertos. Havia tanta coisa que ela queria dizer, e perguntar, mas Drogan colocou um dedo sobre seus lábios.

— Eu estarei bem aqui, — prometeu. — Descanse.

Seus olhos se fecharam, e ela se entregou a um sono regenerador. Drogan a acomodou nos travesseiros, e ficou de pé sobre as pernas trêmulas.

Quando foi finalmente capaz de afastar seu olhar de sua amada Serena, encontrou Francesca e Grayson o observando.

— Como você fez isso? — Francesca perguntou. — Ela estava morta, Drogan.

Drogan deu de ombros. — Eu... eu não sei.

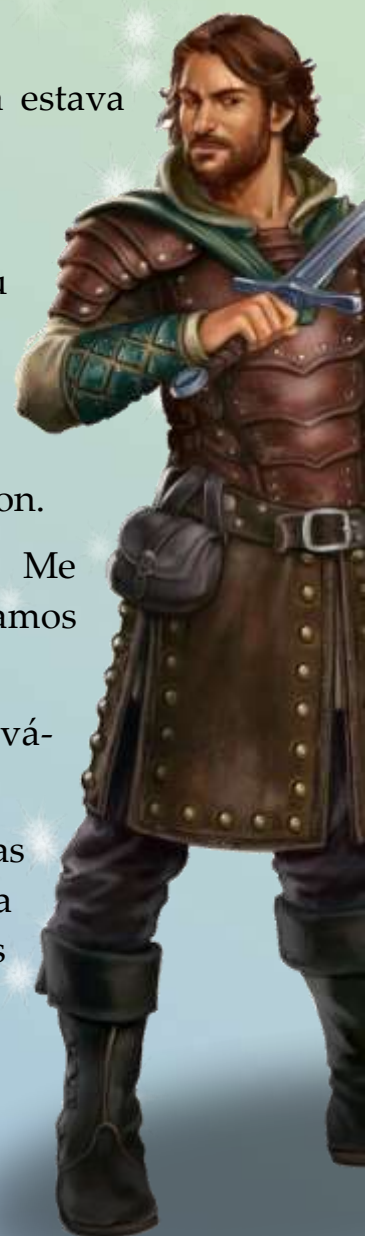
Ele estava tão cansado, por sua vez, que quando tentou caminhar até o banco, suas pernas cederam. Grayson o pegou quando ele caiu, pois agora que Serena estava bem, Drogan mal encontrava-se capaz de manter os olhos abertos.

— Você me deu sua palavra, — ele murmurou para Grayson.

Grayson teve a decência de parecer envergonhado. — Me repreenda mais tarde, meu Senhor. Neste momento, precisamos cuidar de você.

— Não, — Drogan disse quando percebeu que queriam levá-lo para longe de Serena. — Eu prometi a ela que não a deixaria.

Felizmente, depois de terem retirado suas roupas ensanguentadas, o puseram ao lado dela na cama. Ele estendeu a mão e tomou a de Serena na sua enquanto sentia as mãos gentis de Francesca lavarem o sangue de seu rosto.





— Você deixou isso acontecer, — Cade gritou.

Drogan obrigou-se a olhar para longe do corpo morto. Sim, ele era o culpado. Ele poderia ter evitado tudo isso com bastante facilidade. Ele deveria ter evitado. Como líder de seu grupo, ele deveria se certificar que, se alguém tivesse que matar, seria ele.

"Eu sinto muito."

Cade recuou, sacudindo a cabeça para o pedido de desculpas de Drogan.

— Nós vamos passar por isso, — Gerard disse, enquanto tentava se aproximar de Cade.

Mas Cade foi mais rápido. Ele simplesmente se afastou e pulou em seu cavalo.

— É tarde demais, — disse ele. — Já tomou conta de mim.

— Cade, — Drogan berrou quando seu amigo e irmão partiu.

E então, o único som que restou foi o riso de Nigel.

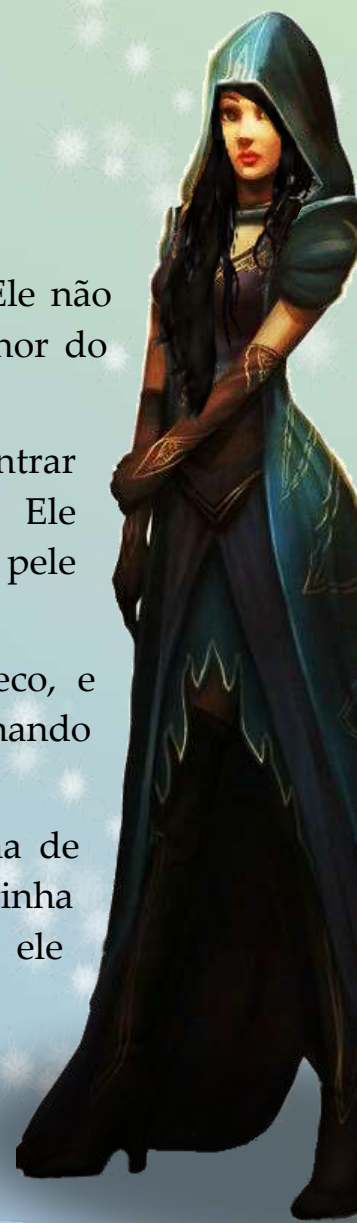


Drogan abriu os olhos e viu estrelas brilhando no céu. Ele não fazia ideia de quanto tempo tinha dormido, mas sentia-se melhor do que se sentiu em anos.

Algo se agitou ao seu lado, e ele virou a cabeça para encontrar Serena deitada ao seu lado, suas mãos ainda entrelaçadas. Ele estendeu a outra mão e acariciou o rosto dela, observando sua pele brilhante e saudável mais uma vez.

Seu vestido molhado tinha sido substituído por um seco, e Drogan notou que também usava roupas secas. Ele sorriu, imaginando como Francesca tinha conseguido realizar tal façanha sem ajuda.

Ele ainda não podia acreditar que tinha chamado Serena de volta. Porque Francesca tinha razão: a vida de Serena tinha abandonado seu corpo. Mas, de alguma forma, ela estava com ele



novamente agora. Ele tinha ganhado uma segunda chance com ela, e iria agarrá-la com ambas as mãos, sem olhar para trás.

A escuridão continuava a rondá-lo, convidando-o para suas profundezas agridoces. Cade tinha sucumbido a ela, assim como Drogan quase tinha feito.

Ele lamentou seu amigo perdido. Os olhos sem vida de Cade foram a primeira evidência de que a escuridão tinha tomado conta dele. Cade. Seu querido amigo, o irmão mais novo que Drogan nunca tinha tido. Tinha sido seu dever cuidar Cade, mantê-lo longe dos horrores com os quais Drogan tantas vezes se encontrou, e ele tinha falhado.

Miseravelmente.

Um suspiro suave escapou dos doces lábios de Serena, e Drogan observou como seus belos olhos azuis se abriam para olhar para ele.

— Olá.

Ela sorriu timidamente. — Olá.

— Como você se sente?

Ela respirou fundo. — Muito melhor. Você também parece melhor do que a última vez que te vi. Mais limpo.

Ele riu, pensando na lama e na chuva e no sangue sobre ele após sua batalha com...

— O que foi? — Perguntou Serena, a testa franzida em uma carranca.

— Eu pensei que estava lutando com Cade.

— Cade?

Drogan assentiu. — Cade estava comigo e Gerard na época em que estávamos a serviço do rei. Mas o que me atacou não era ele.

— Você tem certeza?

— Sim. Eu encontrei Cade quando voltei à floresta para procurar as ervas que Francesca precisava para curá-la. Ele me ajudou.

— Então com quem foi que você lutou?



Restava apenas uma opção. — Nigel.

— Pelo menos ele está morto agora, — disse ela, disfarçando um pequeno tremor. — Quem era esse Nigel?

Estava na hora de contar a ela. Drogan já deveria ter lhe contado há muito tempo, na verdade. — Um poderoso Senhor e amigo íntimo do Rei. Todos na corte o consideravam magnífico e gentil, e apenas alguns de nós sabíamos a verdade.

A pequena mão de Serena tocou em seu braço. — Drogan, você não precisa me contar.

— Eu sei, — disse ele, lhe dando um pequeno sorriso. — Mas eu quero.

Ela assentiu, e Drogan respirou fundo.

— Uma vez que Nigel era tão próximo do rei, muitas vezes recebíamos ordens dele. Você sabe, apenas os melhores espadachins eram chamados para missões especiais.

— Você e Gerard?

— E Cade, — Drogan disse com tristeza. — Cade era mais jovem que Gerard e eu, mas era magnífico com uma espada. Deus o abençoou com esse talento, e Nigel o usou para sua vantagem.

— Como ele fez com você. Que tipo de atribuições você tinha? Escotar a realeza?

Drogan riu secamente. — Não. Ironicamente, essa era a atribuição de espadachins menores. Gerard, Cade, e eu eramos enviados na calada da noite para cuidar de coisas que não eram resolvidas no tribunal.

Ele esperou que Serena compreendesse o que ele estava dizendo.

Ela engasgou, arregalando os olhos. — O rei os enviava para matar pessoas?

— Não. Nigel nos enviava para nos livrarmos de traidores. Nenhum de nós podia cometer assassinato, por isso os desafiávamos para uma luta, para pelo menos dar a pessoa chance.



Serena se inclinou e beijou seu ombro. — Isso foi bondoso da sua parte.

Drogan olhou para o dossel da cama, com medo de olhar nos olhos de Serena quando ela ouvisse o que estava por vir. — Isso não é nada em comparação ao dia que mudou a todos nós.

— Foi por causa disso que Nigel os perseguiu? — Ela sussurrou.

Drogan assentiu. — Naquele dia, fomos acordados no meio da noite, e nos ordenaram encontrar Nigel no coração das favelas de Londres. — Ele virou a cabeça e perguntou: — Você já esteve em Londres?

— Não.

Ele desviou o olhar. — Alguns lugares são magníficos. É uma cidade que está sempre crescendo, mas há uma parte dela que é horrível. Lá, as pessoas são tão pobres que muitas morrem de fome. O cheiro de comida podre e corpos é inimaginável e insuportável.

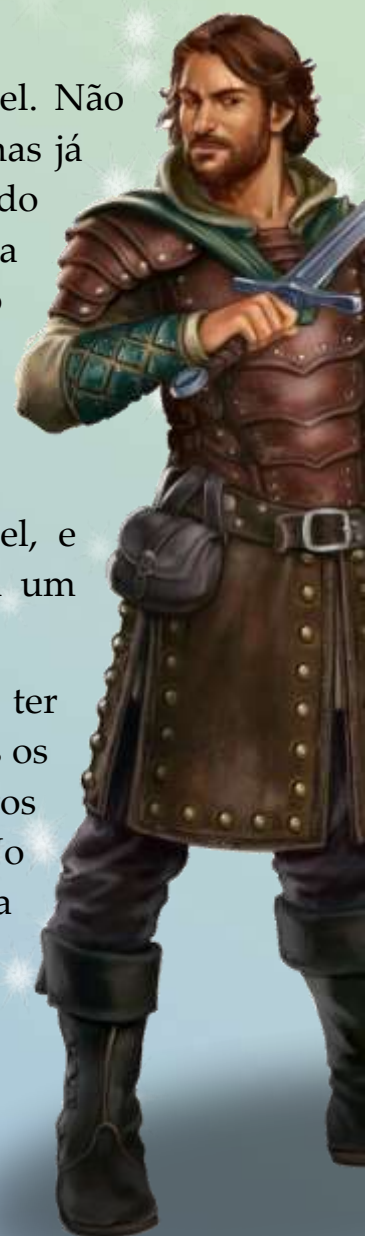
A voz de Drogan morreu enquanto ele revivia seu pesadelo. Mas ele precisava continuar, então engoliu em seco e recomeçou.

— Gerard, Cade, e eu chegamos lá muito antes de Nigel. Não fazíamos ideia do porque ele precisava de nós naquela noite, mas já havíamos percebido que nossas atribuições estavam se tornando cada vez mais cruéis. Cade queria sair. De qualquer forma, a escuridão já estava com ele àquele ponto, nós simplesmente não sabíamos ainda.

— Você não pode se culpar por isso, Drogan. Você não tinha ideia do que procurar.

E aqui estava ele, confessando seu pecado mais terrível, e mesmo assim ela estava confortando-o. Drogan sabia que era um homem de sorte, mas pode confirmar agora.

— Talvez, mas eu me culpo assim mesmo. Eu poderia ter parado tudo naquele dia. Nigel já tinha nos ameaçado com todos os tipos de coisas para nos manter na linha, mas estávamos prontos para ir para a força em vez de continuar como estávamos. No entanto, quando Nigel chegou com um menino pequeno a reboque, nós não fizemos nada além de olhar.



— O que aconteceu? — Perguntou ela depois de vários momentos.

— Nigel nos mandou matá-lo. Ele era um bastardo do rei, e Nigel não queria o menino ameaçando a coroa. A mãe do menino já havia sido morta ao mencionar a Nigel que queria contar ao rei sobre seu filho.

— Nigel a matou?

Drogan assentiu. — Ele se gabou disso.

— Pobre mulher.

Ele silenciosamente concordou com Serena. — No início, nós nos recusamos a matar a criança. Ele era tão pequeno, e estava tão assustado. Ele olhou para mim com seus olhos grandes e escuros, sem palavras me implorando para ajudá-lo.

Drogan ainda podia vê-lo em seus sonhos, seu pequeno corpo tremendo de medo enquanto as lágrimas corriam por seu rosto.

O silêncio no quarto era ensurdecedor. Drogan estava com medo de olhar para Serena e ver seu rosto cheio de repulsa. Ele já tinha chegado tão longe, porém, então iria terminar com a narração.

— Gerard recusou-se a matar o rapaz. Nigel ameaçou tirar Hawthorne dele, mas Gerard não se importou. Mas, Gerard sendo Gerard, ele não nos deixou. Ele permaneceu ali por mim e Cade.

— Em algum momento durante nossas muitas aventuras, eu tinha me tornado o líder do nosso trio, e Nigel sabia disso. Ele então olhou para mim, me ameaçando contar ao rei ter me matado por traição, e prometendo que faria Phineas ser executado também.

— Phineas? — Repetiu Serena.

— Sim. Era isso que ele sempre usava contra mim. Phineas era toda a família que eu tinha, e eu fiz muitas coisas para mantê-lo vivo. Eu não queria perder Wolfglynn, mas teria aberto mão do castelo naquela ocasião, e Nigel sabia disso. Por isso ele usou Phineas.

— Por todos os Santos, — ela sussurrou.

— Mas, mesmo após ter cometido tantos pecados, eu não poderia adicionar o assassinato de uma criança a minha lista. Eu sabia que podia ultrapassar a todos e chegar a Phineas a tempo de avisá-lo,



se fosse necessário, então me recusei a matar aquele garoto. Cade, porém, era outra história. Nigel tinha algo para usar contra ele, algo que o fez cumprir toda e qualquer ordem que Nigel emitia. E quando Gerard e eu nos recusamos, Nigel olhou para Cade.

Drogan levantou-se e colocou a cabeça entre as mãos. — Cade me pediu para acabar com aquilo, mas eu pensei que tudo que Cade tinha que fazer era se recusar a cumprir a ordem, e então todos nós poderíamos ir embora. Eu levaria o menino, se fosse necessário. Ninguém pensou que o que Nigel tinha como barganha fosse poderoso o suficiente para levar Cade ao limite.

— Ele nem sequer teve que mandar. Ele apenas sorriu para Cade. Gerard e eu não entendíamos por que Cade não recusava, ou por que não tinha compartilhado conosco o que Nigel sabia. E antes que pudéssemos piscar, Cade tirou a espada da bainha e matou o menino.

— Meu Deus.

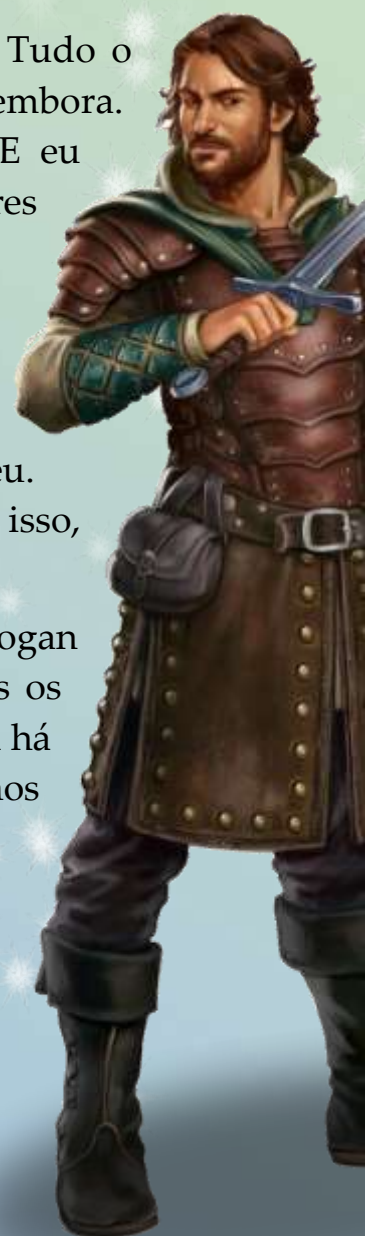
— Eu poderia tê-lo parado. Eu deveria tê-lo impedido. Tudo o que eu tinha que fazer era arrancar o menino de Nigel e ir embora. Wolfglynn é impenetrável. Nigel não teria a menor chance. E eu deveria ter visto pelo que Cade estava passando. Éramos melhores amigos, nós três. Tão próximos quanto irmãos.

Os braços delgados de Serena o abraçaram quando ela deitou a cabeça em suas costas. — É fácil olhar para trás agora e pensar sobre o que você deveria ter feito ou poderia ter feito. No entanto, nada disso apaga o fato de que algo terrível aconteceu. Você não fez isso, Drogan. Cade fez. Cade tem que viver com isso, não você.

— A escuridão o reivindicou naquele dia, Serena, — Drogan disse quando se virou para ela. — Gerard e eu cortamos todos os laços com Nigel depois daquilo. Nós já estávamos à serviço ao rei há muito tempo, então decidimos nos afastar. Mas não conseguimos encontrar Cade. Aquela foi a última vez que o vi, até hoje à noite.

— Há quanto tempo foi isso?

— Quase seis anos.



Ela suspirou. — Obrigada por me contar. Você manteve isso com você durante todos estes anos, apesar do fato de Cade ser um homem adulto e capaz de tomar suas próprias decisões?

— Eu deveria ter percebido.

— Você não é onisciente, Drogan, — argumentou. — Isso está no passado, e o passado está morto.

Drogan não queria mais falar do passado. Ele queria pensar no futuro. Com suas mãos em volta da cintura dela, ele puxou Serena para ele, até apoiá-la em seu peito.

— Você não pensa em mais nada? — Ela brincou com ele.

— Não quando você está por perto, — ele respondeu de forma honesta antes de reivindicar seus lábios.

A paixão entre eles disparou, mas sua forma de fazer amor foi lenta e sem pressa. Eles exploraram um ao outro, beijando cada polegada de pele e saboreando essa segunda chance.

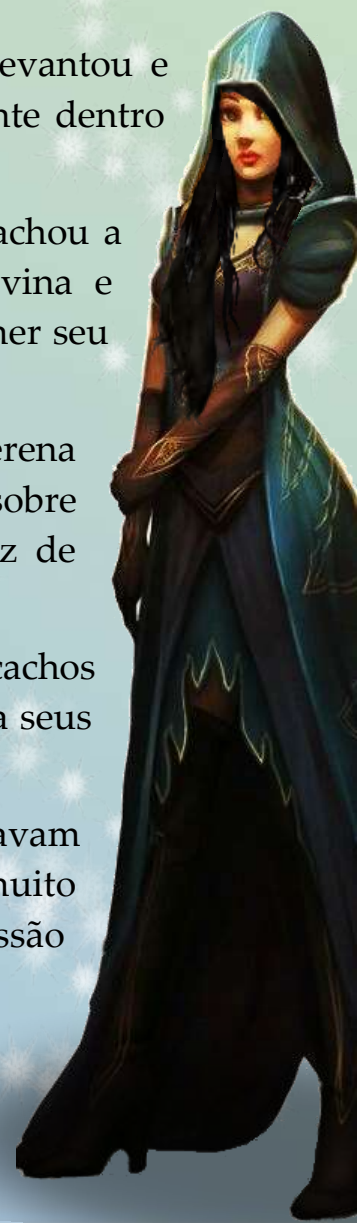
Drogan foi cuidadoso com seu braço ferido quando a levantou e deslizou sobre seu pênis dolorido. Ele enterrou-se profundamente dentro dela, sentindo-a expandir para acomodá-lo.

Ela suspirou e deixou a cabeça cair para trás, e Drogan achou a sensação de seus cabelos negros de seda contra as coxas divina e excitante. Ele então começou a mover seus quadris, e ouvi-a gemer seu nome.

Não demorou muito antes que ela assumisse o controle. Serena rebolou seus quadris, e, em seguida, se levantou e abaixou-se sobre seu pênis. Prazer o consumiu, e ele soube que não seria capaz de durar muito mais tempo, embora não quisesse gozar antes dela.

Seu polegar então encontrou o cerne macio entre seus cachos sedosos, enquanto sua outra mão acariciava seus seios e apertava seus mamilos tensos.

Os suspiros dela aceleraram, e seus gemidos agora ficavam presos em sua garganta. Drogan sabia que ela estava perto, muito perto. Ele moveu o polegar, mal a tocando, mas aumentou a pressão sobre o mamilo, fazendo-a gritar enquanto seu corpo estremecia.



Ele sentiu os espasmos de Serena em torno de seu pênis, e essa sensação foi tão maravilhosa que fê-lo chegar ao limite. Seu clímax foi rápido e tão intenso, ele se esqueceu de tempo e lugar quando ele agarrou seus quadris e enterrou-se profundamente dentro dela.

Ela desmoronou sobre dele, sua respiração irregular. Ele afastou as mechas de cabelo úmidas de seu rosto quando ela levantou o rosto para observá-lo.

— Eu te amo. — Ele admitiu.

Os olhos se arregalaram, e uma única lágrima correu por sua bochecha.
— E eu amo você.

Isso era o suficiente por agora, Drogan disse a si mesmo enquanto puxava as cobertas sobre eles. Eles conversariam mais no dia seguinte.



Mas o amanhã não foi muito melhor.

O dia amanheceu brilhante e bonito, como sempre fazia depois de uma tempestade violenta.

De repente, a porta do quarto foi aberta, e Francesca olhou para dentro. — Você nunca mais vai sair dessa cama?

Drogan estendeu a mão para certificar-se que Serena estava coberta, que foi quando ele percebeu que estava sozinho na cama. — Onde ela está?

— Na praia.

Drogan pulou da cama, não se importando que estava nu e que Francesca ainda estava no quarto. Ela saiu rapidamente, e ele a ouviu murmurar algo enquanto batia a porta atrás de si.

Ele então abriu a tampa de seu baú e vestiu a primeira coisa que encontrou. Ele também calçou suas botas em um segundo, e correu para o corredor.

Pessoas o chamaram enquanto ele corria pelo castelo, mas ele as ignorou, descendo rapidamente as escadas até a porta que



o levaria ao túnel secreto. Terror tinha criado raízes em seu coração quando ele se deu conta que Serena tinha saído. Ele abriu a porta do túnel num rompante quando chegou, e foi cegado pelo sol.

Seu braço se ergueu para proteger os olhos enquanto ele procurava por Serena. Encontrou-a um pouco mais à frente na praia, andando muito perto das ondas, mas nunca deixando a água tocar seus pés.

Ele se acalmou um pouco quando a encontrou, mas sabia, pelo jeito que ela mantinha as mãos na frente do corpo e girava seus polegares, que algo estava errado. Ele suspirou. Era hora de colocar as cartas na mesa.

Ela continuou a andar, de costas para ele, mas não demorou muito para alcançá-la, já que ela caminhava devagar.

— Serena.

Ela se virou para encará-lo, e um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. Ele se agarrou ao fato de que ela sorriu ao vê-lo. Isso tinha que significar alguma coisa, não é? — Você deveria ter me acordado.

Ela encolheu os ombros e olhou para as ondas. — Eu precisava de um tempo para pensar.

— Sobre o quê? — Ele perguntou, ficando ao lado dela enquanto observavam a água.

— Você.

Ele já imaginava, então olhou para ela e perguntou: — O que te preocupa? A maldição?

— Claro! Depois de tudo que viu, ainda não acredita?

— Sim, acredito.

— Então o que você não está entendendo? — Ela perguntou, jogando as mãos para cima em frustração.

— Por que você não luta contra isso?

— Meu povo tem tentado quebrar essa maldição há anos. Toda mulher que já entregou seu coração a um homem lutou contra ela, mas sempre perdeu. Eu não posso suportar isso.

Drogan pegou a mão dela e correu o polegar sobre os nós de seus dedos. — Nós não temos que nos preocupar com isso até a



chegada de uma criança. Existem maneiras de fazer amor sem que você engravide.

Serena fez uma careta. Era hora de contar a ele. — Eu gostaria de ter pensado nisso antes.

As narinas de Drogan se alargaram e ele arregalou os olhos antes de um enorme sorriso aparecer em seu rosto. — Você está carregando meu filho? — Perguntou ele, esperança brilhando em seus olhos.

Serena estaria feliz também, se não soubesse que ia perdê-lo uma vez que a criança nascesse. Ela assentiu com a cabeça quando sua garganta se fechou, impedindo-a de falar.

Drogan passou os braços em volta dela e pegou-a. Ele então a girou ao redor, gritando alegremente. Até o momento em que ele finalmente a colocou no chão, ela estava rindo também.

Ela deu um passo atrás e disse. — Isso não muda nada.

— Eu não vou te deixar, — ele prometeu antes de tomar seus lábios em um beijo escaldante.

Mas ela interrompeu o beijo, e deu mais um passo para longe dele. — Eu sei que você vai.

— Tudo bem, — ele disse, pegando a mão dela. — Então case-se comigo.

Ela riu. — Não.

— Admita que você ama este lugar, que Wolfglynn está na sua alma.

— Admito livremente. Eu amo esse lugar.

— Assim como eu, — disse ele. — Essa é a minha casa, Serena. Eu nunca irei deixá-la, nem te mandar embora.

Ela queria acreditar nele, mas era mais sábia que isso. Muitos homens tinham prometido todos os tipos de coisas para as mulheres de seu tipo, e sempre tinham partido, de uma forma ou de outra.



— Não tire a alegria que eu encontrei, — ele implorou enquanto segurava seus ombros. — Você me trouxe de volta da escuridão.

Como ela podia dizer não a isso? Era difícil negar a felicidade que sentia quando estava com Droган, e embora soubesse que deveria sair, ela queria que ele conhecesse seu filho. Se ele escolhesse abandoná-la ou enviá-la para longe algum dia, então que assim seja. Ela assentiu com a cabeça e permitiu que ele a levasse de volta ao castelo.

Sua alegria se espalhou por seu corpo quando eles entraram no grande salão. Ela decidiu, então, que iria ficar pelo tempo em que ele a quisesse. Droган iria quebrar seu coração quando esse dia chegasse, mas não havia nenhuma maneira dela sair agora; ela também o amava desesperadamente.

Sua risada morreu, no entanto, quando eles entraram no salão e encontraram Grayson esperando por eles.

— O que foi? — Perguntou Droган.

— Reunimos os corpos de todos os cavaleiros que foram mortos.

— Bom, — disse Droган. — Nós vamos enterrá-los imediatamente.

Grayson desviou o olhar e se remexeu.

— Fale de uma vez, — Droган disse, dando-lhe um sorriso.

Mas Serena não pode devolver a gentileza. Ela sabia o que perturbava Grayson.

— Você não o encontrou, não é? — Ela perguntou ao cavaleiro.

Grayson balançou a cabeça.

— Do que você está falando? — Perguntou Droган.

Serena olhou para ele e disse: — Nigel. Ele não estava mais na floresta.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

O sorriso desapareceu do rosto de Drogan, e ele pôs-se a caminhar para fora do castelo. Serena teve que correr para acompanhá-lo. Quando chegaram à floresta, ela estava sem fôlego, e sua ferida doía pelo esforço.

Ela ficou muito agradecida quando Drogan finalmente parou para olhar em volta, como se estivesse ouvindo algo. Ela inclinou-se contra uma árvore e engoliu em seco o ar tão necessário enquanto ele circulava a pequena área em que ela e Grayson o esperavam.

— Meu senhor? — Disse Grayson. — O que é que você vê?

Drogan levantou a mão e ficou imóvel como uma estátua por vários momentos antes de suspirar. — Eu pensei... pensei que alguém estivesse próximo.

Grayson puxou sua espada. — Quem?

— Abaixе a espada. Você não vai precisar dela, — disse Drogan.

Serena endireitou a coluna e virou-se para o castelo quando ouviu o soar de uma trombeta. — O que é isso?

— Phineas, — Drogan respondeu. — Ele está voltando com Gerard e Maris.

Serena desejou que eles não tivessem retornado tão cedo, pelo menos não até que as coisas fossem inteiramente resolvidas.

— Vai dar tudo certo, — disse Drogan, segurando sua mão.



Ela seguiu atrás dele quando ele começou a caminhar para a clareira. Grayson foi atrás dela, sua espada ainda na mão, apesar da advertência de Droган. Eles logo chegaram à clareira, e ela ouviu Droган murmurar uma maldição enquanto caminhava entre as árvores.

Serena se abaixou e pegou um fragmento de prata. — O que é isso?

— Um pedaço da espada dele, — Droган disse quando se virou para ela. — Foi isso que cortou o seu braço.

Ela levantou o olhar para ele. — Como você conseguiu quebrar essa espada?

O sorriso que ele lhe deu derreteu o coração de Serena. — Não fui eu, minha Serena. Foi você quem fez isso.

— Eu? — Ela ficou impressionada por suas palavras.

Ele mostrou-lhe o amuleto que ela lhe dera. O medalhão bonito agora tinha um grande amassado no centro.

— Eu não entendo, — ela disse quando tocou o amuleto.

— Quando ele me atacou, sua espada bateu no amuleto, e não em mim.

Ela balançou a cabeça, tentando entender como um amuleto tão simples pode ter salvo a vida de Droган.

— Isso é porque foi abençoado numa igreja.

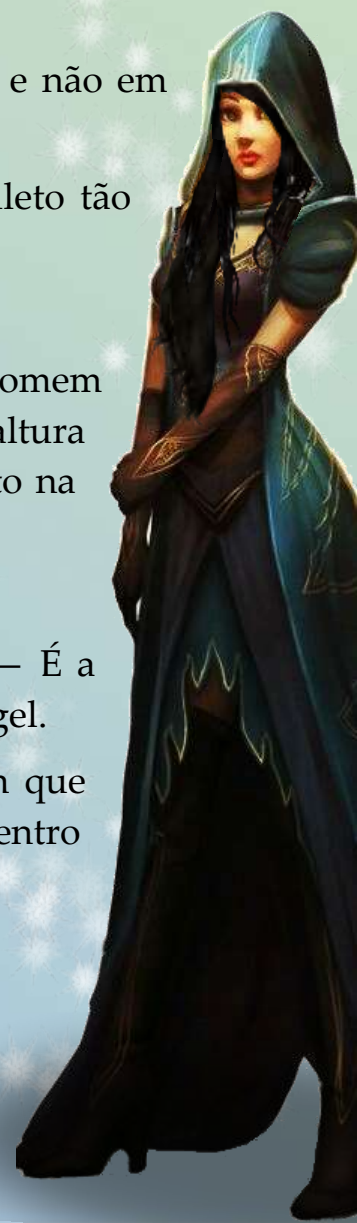
Serena e Droган levantaram a cabeça para encontrar um homem entrando na clareira, seu cabelo loiro dourado bem passado da altura dos ombros. Ela o conhecia: era o mesmo homem que tinha visto na floresta na noite anterior.

— Eu não sei se foi abençoado ou não, — disse ela.

Sua cabeça dourada baixou um pouco antes dele dizer: — É a única explicação, já que é a única coisa que poderia ter parado Nigel.

Droган olhou para o amigo, não reconhecendo o homem que estava à sua frente. O corpo era de Cade, mas por dentro... dentro havia algo escuro, perigoso e temível.

— Por que você está aqui? — Perguntou Droган.



Cade deu um encolher de ombros. — Eu conhecia os planos dele, e sabia que você não iria me ouvir, então fui para Hawthorne e esperei.

— Pelo quê? — Perguntou Serena. — Foi você que atacou Gerard?

— Não, — Cade respondeu quando olhou na direção dela. — Eu sabia que Drogan eventualmente iria embora, então o segui para tentar mantê-lo seguro.

Drogan estreitou os olhos e recordou as muitas vezes de ter a sensação de que alguém o observava. — Foi você que eu vi no rio com os lobos.

Cade mal acenou com a cabeça. — Eu consegui mantê-lo longe de Gerard e Maris, mas ele pegou seu rastro antes que eu pudesse evitar.

— Obrigado por ajudar, — disse Drogan. — E pela noite passada. Eu gostaria que você tivesse me dito que estava aqui. Eu pensei que estava lutando contra você.

Para surpresa de Drogan, Cade não disse uma palavra. Serena, porém, se aproximou mais dele, e ele colocou o braço em volta dela.

— Por que você levou o corpo de Nigel? — Perguntou Drogan.

Cade sacudiu a cabeça. — Eu não levei.

Drogan passou a mão pelo rosto. — Cade, não minta. Não há necessidade. Eu só quero acabar logo com isso.

— Mas não vai, — disse Serena. — Longe disso, Drogan.

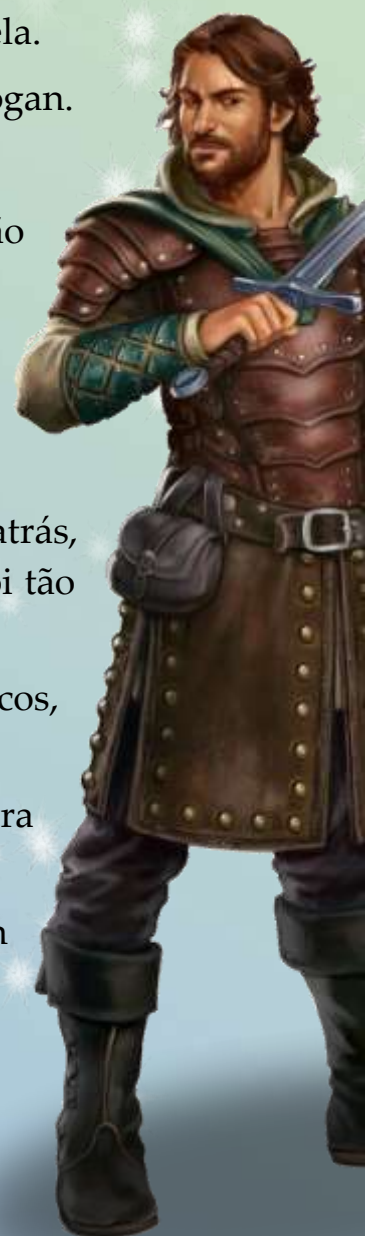
Drogan olhou de Serena para Cade. — O que está acontecendo?

— Eu sei o quão bem você luta, — disse Cade. — Anos atrás, você poderia tê-lo vencido facilmente. Não quer saber porque foi tão difícil acabar com ele na noite passada?

Drogan deu de ombros. — Ele acertou alguns bons socos, embora eu nunca imaginei que ele fosse tão forte.

— Porque ele não é, — disse Serena. — Aquela coisa contra a qual você lutou não era humana, Drogan.

Houve um gemido atrás dele, e Drogan viu Grayson encostado a uma árvore, os braços cruzados sobre o peito.



— Desdenhe tudo que quiser, Grayson, — disse Serena. — Chegará a hora em que você terá que acreditar.

— Duvido, — disse Grayson.

— Eu também não acreditava, — disse Drogan. — Não até que conheci minha primeira bruxa.

Grayson se afastou da árvore. — Bruxa? Não existem bruxas.

Drogan decidiu deixar isso de lado por enquanto. — Tudo certo. Então, o que ele era?

— Alguém que vendeu sua alma.

— Para o Demônio, — ela confirmou. — Como você pode não perceber isso enquanto estava lutando com ele?

Drogan encolheu os ombros e conteve o desejo de revirar os olhos. — Isso não é algo que eu normalmente considero num oponente.

— De qualquer forma, ele se foi, — disse Cade, virando-se para voltar para a floresta.

— Espere, — Drogan o chamou, parando-o. — O que quer dizer com ele se foi?

— Ele não está morto, — Cade explicou. — Mas vai esperar por outra oportunidade para atacar. Só que desta vez, vai ser sem aviso prévio.

— E Gerard e Maris?

Cade olhou para o castelo. — Ele virá atrás de você e de mim primeiro. Ele pensa que Gerard será um alvo fácil, e vai deixá-lo por último.

— Como você sabe?

Cade respirou profundamente e voltou seus gelados olhos azuis para Drogan.

— Você não quer saber a resposta.

Talvez realmente não quisesse, Drogan decidiu, depois de ver o olhar nos olhos do Cade. Porém, ele disse: — Agora que você está aqui, volte para Wolfglynn conosco. Faz um longo tempo desde que



te vi. Muito tempo, na verdade.

Cade mais uma vez olhou para o castelo. — Eu não posso, — foi a única coisa que ele disse antes de caminhar para as árvores.

Drogan correu atrás dele, mas, como a sombra que sempre foi, Cade pareceu desaparecer entre a folhagem espessa.

— Você vai encontrá-lo novamente, — Serena disse enquanto caminhava até ele e pegava sua mão.

— Ele mudou.

— Todo mundo muda, — Grayson disse quando se juntou a eles.

Drogan assentiu, e eles caminharam em direção ao castelo. Pouco antes de deixarem a floresta, porém, Drogan ouviu algo à sua direita, e se virou para ver um lobo trotando em sua direção. Ele sorriu e acenou para o animal caminhar com eles, mas quando chegaram à beira da floresta, o lobo parou.

Quando eles avistaram o castelo, Drogan encontrou Serena olhando para ele com um sorriso no rosto.

— Você vai ficar? — Ele perguntou.

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que ele estava com medo que ela não fosse responder.

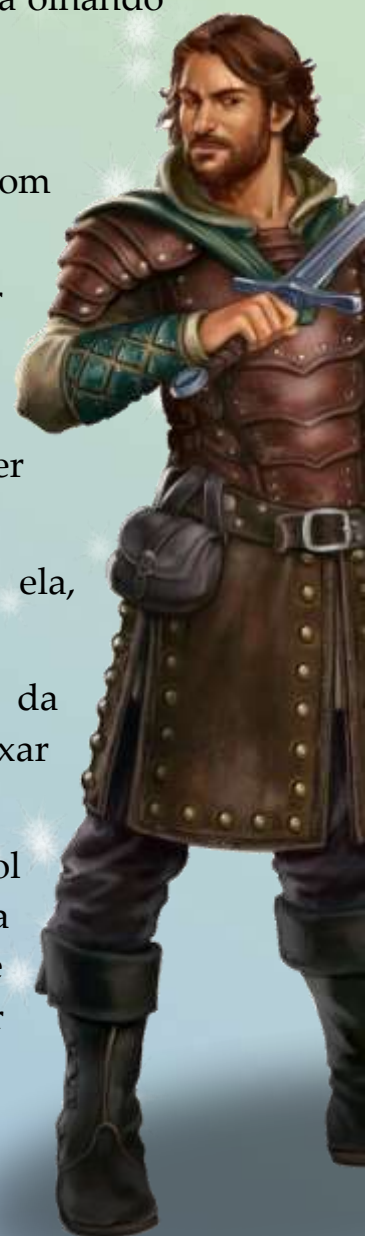
Mas então ela disse: — Eu não acho que conseguiria sair nem se quisesse. — Ela parou e virou-se para ele. — Eu lhe dei meu coração, Drogan, mesmo após jurar que não faria isso.

Ele segurou seu rosto e beijou-a. — E você vai aceitar ser minha esposa?

— Eu não acho que poderia suportar isso, — disse ela, tentando se afastar.

Ele a abraçou mais apertado. — Por quê? Por causa da maldição? — Ela assentiu. — E se eu jurar que nunca vou deixar você?

Serena sacudiu a cabeça e olhou para Wolfglynn, o sol brilhando lá no alto. Ela amava este lugar, e adoraria ficar ali para sempre, mas também sabia que todas as coisas tinham que chegar a um fim. A única maneira que ela encontrou para ficar



com ele, desde o início, foi saber que iria perdê-lo um dia.

— Um juramento não fará nenhum bem, — ela respondeu. — Não há nada que você possa fazer para me convencer.

— Então não há nenhuma maneira de você aceitar ser minha esposa?

Ela ponderou por um momento. Ela não queria que seu filho crescesse como um bastardo. Se ela iria ficar em Wolfglynn e ter seu filho, por que não ter tudo, mesmo que por um breve período? Ser sua esposa aos olhos de Deus e da igreja não faria doer mais.

Ela decidiu responder a chamada do amor. Com a decisão tomada, ela inclinou-se na ponta dos pés e beijou-o. — Sim, Drogan, vou ser sua esposa.



EpÍLOGO

— Tem certeza? — Gerard perguntou a Serena pela centésima vez enquanto estavam nos degraus da igreja.

Ela sorriu e acenou com a cabeça. — Eu nunca tive mais certeza de nada em minha vida. Não importa quanto tempo vai durar, isso é tudo o que eu sonhei.

— Você sabe que sempre terá um lugar em Hawthorne.

— Eu sei, e agradeço por isso.

— Tudo bem, então, — Gerard disse, estendendo o braço. — Seu futuro marido a espera, minha senhora.

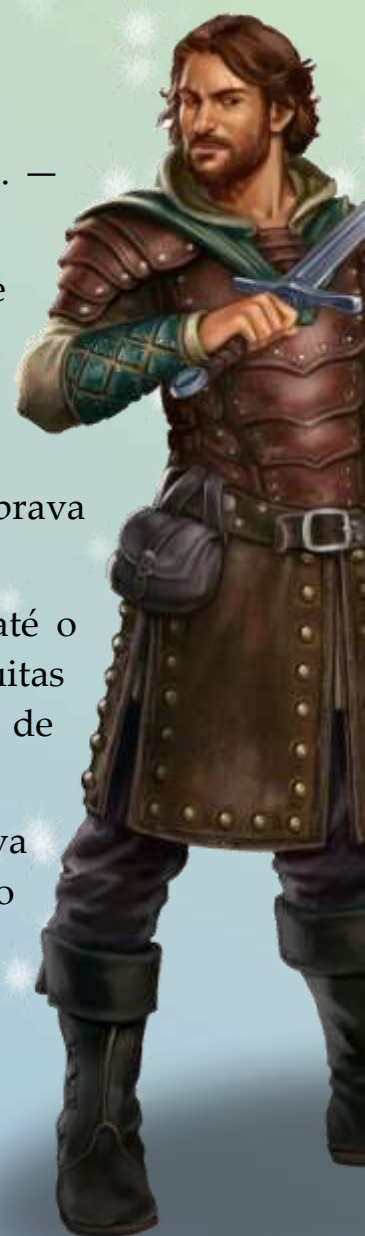
Serena prendeu a respiração quando as portas da igreja se abriram e ela viu Drogan de pé próximo ao padre. Ela não pode deixar de sorrir ao ver Grayson na igreja. O comandante de Drogan parecia tudo menos confortável.

A cerimônia acabou tão rápido que Serena mal se lembrava dela, mas isso não importava. Ela era de Drogan é agora.

Eles caminharam para fora da igreja de braços dados até o grande salão, onde uma festa foi preparada. Depois de muitas felicitações, Drogan a puxou de lado, buscando um momento de paz.

Ele caminhou com ela para as ameias quando o sol estava se pondo sobre a água. Ela se aninhou em seus braços, um suspiro escapando de seus lábios.

— Feliz? — Drogan perguntou.



— Muito.

— E você ainda não acredita que eu vou ficar?

Ela gemeu e saiu dos seus braços. — Não importa. Por favor, deixe isso em paz.

Mas Drogan não estava disposto a esquecer. Ele iria questioná-la todos os dias pelo resto de suas vidas se fosse preciso, mas eventualmente iria fazê-la entender que ele não iria embora.

— Eles estão nos chamando, — disse Serena. — Nós temos que voltar.

Drogan a seguiu de volta para o castelo, mas teve uma irreprimível vontade de se voltar para a floresta. Lá, ele viu um homem olhando para Wolfglynn.



— Você tem certeza, meu amor?

Serena queria bater a cabeça. — Sou eu que estou carregando o bebê. Acho que sei quando estou prestes a dar à luz, — ela gritou.

— Tudo bem, — disse Drogan, erguendo as mãos. — Do que você precisa?

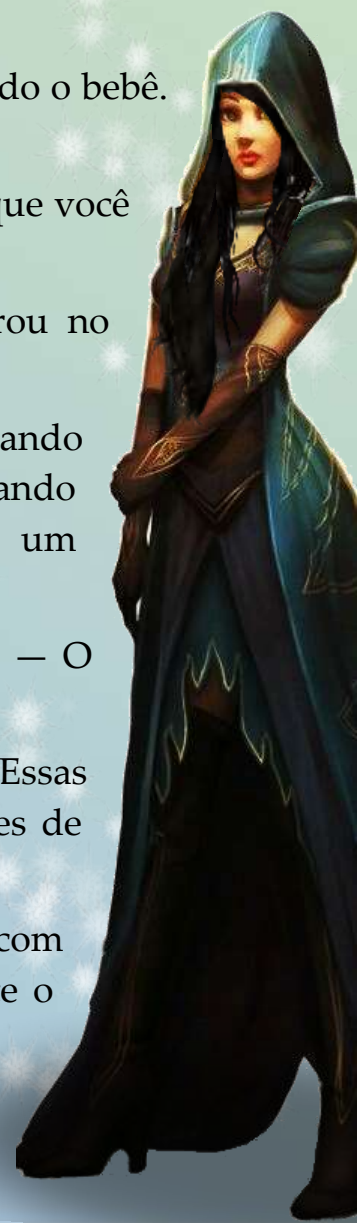
— Ela precisa de mim, — Francesca disse quando entrou no grande salão.

Serena ficou aliviada ao vê-la, e quando viu Drogan revirando os olhos, o chutou por baixo da mesa. Mal ela tinha feito isso quando uma contração apareceu, dobrando-a pela dor. Ela reprimiu um gemido e lutou para respirar.

— Temos que levá-la para um quarto, — disse Francesca. — O bebê vai nascer a qualquer momento.

Com o canto do olho, ela viu Drogan sacudir a cabeça. — Essas coisas levam tempo, Francesca. Vão se passar muitas horas antes de nossa criança nascer.

Serena riu, então. Ela não sabia o que estava acontecendo com ela. Alterações de humor terríveis estavam torturando-a durante o



último par de semanas. Mas Drogan, bendito seja, tinha sido tão paciente e tão gentil com ela, mesmo quando ela sabia que ele queria estrangulá-la.

— O que é tão engraçado? — Drogan perguntou enquanto a ajudava a subir as escadas.

— Eu estive em trabalho de parto durante todo o dia.

— O quê? — Ele trovejou.

Serena deu de ombros. — Eu não queria ficar sentada na cama durante horas, pelo menos não até que fosse mesmo necessário.

Drogan murmurou algo baixinho, mas ela não conseguiu prestar atenção. As contrações estavam vindo mais rápido e mais doloridas. Ela nem percebeu quando chegou à cama; só sabia que quando abriu os olhos estava lá.

Lágrimas estavam fluindo pelo seu rosto, e todo mundo achava que era por causa da dor, embora não fosse nada disso. Serena chorava porque sabia que o sonho que tinha vivido durante os últimos nove meses estava prestes a acabar.

— Força, Serena, — Francesca gritou para ela.

Serena se concentrou e empurrou, sentindo uma contração tão feroz que a fez gritar. Segurando sua mão estava Drogan, dando-lhe força o tempo todo.

— Eu vejo a cabeça, — disse Francesca.

Serena caiu contra os travesseiros antes de outra contração acertá-la.

— Eu te amo, — disse Drogan, então. — Lembre-se disso. Sempre.

Momentos depois, Francesca deu um grito de alegria e levantou o bebê.

Serena sorriu enquanto Drogan segurava seu bebê, que chorava com toda a força de seus pulmões, seus pequenos braços tremendo. Para sua surpresa, Drogan o limpou e envolveu-o em um cobertor antes de lhe entregar a criança.

Ela sorriu para o rosto de seu filho, e seu coração inchou de alegria.



A vida era maravilhosa. Pelo menos por esse momento no tempo.

— Ele é perfeito, — Drogan disse antes de se inclinar para beijá-la.

— Obrigada. — Disse ela.

— Bem, qual vai ser o nome dele? — Francesca perguntou.

Ela e Drogan trocaram olhares, pois já haviam conversado longamente sobre isso.

— Conrad.



Um Ano Depois....

— Você vai acreditar em mim? — Perguntou Drogan. — A maldição foi quebrado.

Serena sorriu e observou seu jovem filho dar seus primeiros passos ao redor do pátio. Até onde ela sabia, nenhuma de suas irmãs tinha mantido um marido por mais de um mês depois de uma criança ter nascido.

— Talvez sim. — Ela concordou.

Drogan virou-a para encará-la antes de dizer: — Você é minha vida, Serena.

— E você é a minha. — Ela respondeu.

Eles então observaram Grayson ajudar Conrad a ficar outra vez sobre seus pequenos pés.

— La vai você, pequeno. — Grayson disse a Conrad antes de caminhar para Serena e Drogan. — Estou indo embora.

— Embora? — Drogan repetiu. — Para onde?

— Não tenho certeza. Mas já esperei o bastante. Está na hora.

— Obrigada por tudo. — Serena disse, tentando espreitar seu futuro. Ele a bloqueou facilmente, entretanto. — Sentiremos sua falta.



Grayson olhou em volta. — Sentirei falta de Wolfglynn e de seu povo. — Então seu olhar voltou-se para Drogan. — Obrigado por me permitir treinar aqui.

— Eu não fiz nada além de perceber o grande cavaleiro que você é. — Drogan estendeu o braço para Grayson. — Você pode retornar a qualquer momento. — Grayson abraçou Drogan.

— Eu vou voltar. Algum dia. — Depois de um breve aceno para Serena, Grayson montou seu cavalo e cavalgou para fora dos portões de Wolfglynn.

— Eu vou sentir falta dele. — Drogan disse enquanto Grayson se afastava. Serena virou o olhar para a ilha — a Ilha de Phineas — e pensou em Francesca e na outra bruxa que tinha conhecido. Sim a maldição tinha sido quebrada.

Para ela.

FIM



ENTÃO POISONCATS, GOSTARAM DO LIVRO?

COMO DE COSTUME, A PRIMEIRA PESSOA QUE COMENTAR A
RESPOSTA CORRETA DAS PERGUNTAS ABAIXO NO POST DE
LANÇAMENTO DESSE LIVRO LÁ NO POISON GANHARÁ NOSSO
PRÓXIMO LANÇAMENTO ANTECIPADO!

*Em que página Merlin Cat perdeu sua
adaga mágica?*

Qual é o nome do castelo do Drogan?

IMPORTANTE: NÃO SE ESQUEÇA DE MARCAR O
[MERLIN CAT](#) PARA VALIDAR SUA RESPOSTA!

BOA SORTE!

